

PORÉTICA EDITORA

SILVA CARVALHO
A IMPERFEIÇÃO



PORÉTICA EDITORA

SILVA CARVALHO
A IMPERFEIÇÃO

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *A IMPERFEIÇÃO*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© *Porética Editora*

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <https://www.silvacarvalho.com>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor
MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora
CANÇÕES (1978) Edição do Autor
ASSIM (1979) Brasília Editora
ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores
ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores
75 SONETOS (1985) Solcris Editora
AO ACASO (1986) Brasília Editora
SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora
NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora
EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora
O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário
CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL (2004) Edições Aquário
CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário
SONETOS PORTUGUESES (2012 – <https://silvacarvalho.com>) Edições Aquário
4328 (2015 – <https://silvacarvalho.com>) Edições Aquário
ISLA VISTA (2015 – <https://silvacarvalho.com>)
A DOENÇA (2015 – <https://silvacarvalho.com>) Edições Aquário
ESCRAVIDÃO II (2015 – <https://silvacarvalho.com>) Edições Aquário
ESCRAVIDÃO I (2015 – <https://silvacarvalho.com>) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA:

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário
DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário
ELAÇÕES DO PEJORATIVO (2012 – <https://silvacarvalho.com>)
Edições Aquário
LOGO (2013 – <https://silvacarvalho.com>) Edições Aquário
TALVEZ (2014 – <https://silvacarvalho.com>) Edições Aquário
MUITOS ANOS DEPOIS (2015 – <https://silvacarvalho.com>)
Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIÁCO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

À MINHA FILHA

In turn, perfection – whatever its positive properties – necessarily involves the cessation of dynamism (life). Anything which is dynamic remains fundamentally in *statu nascendi*, i.e., has not attained its terminal point. Perfection can only be conceived as an end point, that beyond which there is nothing (better). On this analysis, in other words, there is the necessary involvement of some element of death in perfection, specifically the absence of dynamism.

Michael and Marianne Shapiro

LIVRO I

FAZER PELA VIDA

SAUDAÇÃO AOS FUTUROS LEITORES

Acordo na mais profunda ignorância. Nos olhos
abstrusos refleto as formas divergentes da realidade.
Quarto acinoso ou ampla paisagem. Liberto-me do sono
que espalha e louvo o estranho corpo que sou. Soam
palavras profeticamente divididas em sons solares,
raios da outra vida que espero suculento.
Reconheço a terra. Os seus vales velosos,
os recantos cenosos da animalidade reinante,
as águas coesas que sulcam cantos. Ouço
a música do século, estranho ruído de corpos
que se odeiam e amam e ignoram. Vivo.
Levanto-me do calor passadamente nocturno
e cirando através da casa. Nada é verdade.
Sonho real. Um passo mitológico cercado de passos,
arbitrários vizinhos do desassossego.
Depois tudo. Um clímax no imo da existência.
Esta necessidade. Este desejo de achar quem sou
no insertido revelado. Hoje não é a morte
quem dita os acasos casuísticos do caos. Outra é a lei.

Penso, quantas vezes dorido e só, que tive outra origem.
Sinto que não nasci homem nem contemporâneo
dos conterrâneos. Adivinho no meu sofrimento
uma queda no seio dos homens. Um exílio permanente.
Não sei o amor. Sou incapaz de compreender
as várias políticas do actual nas várias sociedades.
A história abre-se-me uma corrente improfícua
de constante miséria. Vim de um outro lugar.
E sofro aturar este quotidiano sem esperança,
triturado pelo logro mecânico, pela cegueira perspicua,
pela odiosa indiferença dos escravos que se aceitam.

Silenciosamente bebo a água. Lanço olhos puros
sobre o enigma da terra. Não sei amá-la ou querê-la.
Gozo-a no que tem de bom, a transparência multívia

própria do sonho que me engravidou. Apareci com um sexo saliente e febril, másculo. São aparências. Quem sou é mais do que o corpo pretende, um universo oculto, uma chama bruxuleante sem fogo nem imagens aquáticas, um puro nada. Por isso leio com os sentidos fendidos as vozes e sinais do mutável. Tudo me sugere a dor, a náusea, a morte. Brilha o sol no alto. Acto de espanto. E no silêncio feito de fereza e encanto dissolvo-me, uma amostra da disponibilidade.

Sabem tão bem como eu. Infelizmente que escrevo a austeridade de uma nodosa sensibilidade órfã. Digo o imenso vazio que me faz medo. A passagem do tempo.

Abeiro-me da mulher. Humanizo-me no abraço adusto que aperto e estreito. A fome não tem limites, a dádiva não é mais um incesto. Tomado de um fervor carnal deito-me sobre o outro corpo e raivo o cio sedento. Assim confesso que caminhei trilhos imaginários do prazer. Dono e servo do vaivém subi altas montanhas sabedoras, desci ao desfiladeiro miraculado da estética moderna, sorvi a mais icástica inspiração do espasmo eterno. Assim me perco horas a fio, sob ou sobre, até ao cansaço. Ardendo e ardente como uma tensão, depois apaziguado como o cair memorável do vento. Amo a saída de mim. Desminto o oco. A vida é um espelho de irrazoáveis mimitismos que só empobrecem a vontade e o desejo de ser. Daí esta inviolável fome, sobre ti, leitor.

Saúdo aqueles que virão. Deixo-lhes as migalhas ferozes da experiência devastadora. A destruição do putrefacto que me legaram aquando da explosão, da eclosão. Saúdo-vos como meus inatos filhos do prazer desgovernado. As portas da casa foram arrancadas, as relações humanas desvinculadas, os fogos da inteligência falsa apontados, para que puros e quentes possais viver sobre esta terra. Muito há que fazer. Labirintos lábeis ousam ainda

deturpar a essência do mistério. Exigem de mim o sono
cadavérico da indiferença, a resignação da escravatura.
Cada dia que passa e fica luto. Com as armas invisíveis
do exemplo simples e anônimo. Com a própria minha vida.
Saúdo aqueles que saberão reinventar a harmonia
sem caquexias, o fulgor do caos habitado, o silêncio
ciciado aos ouvidos dos únicos poetas, os homens livres
de amanhã, sobre esta terra, dentro da dimensão humana.

9/11/77

PAULATINAMENTE ENTRO

Paulatinamente entro nessa toldada atmosfera de hoje.
Insetido como o universo ao qual dubiamente pertenço,
incapaz de um juízo ou de uma outra difícil leveza.
Sei indistintamente as palavras humanas corroídas
pela história, com elas estabeleço nós e estradas.
Queria dizer simplesmente que mais uma vez estou irreconhecível,
os sentidos desmedidamente despertos e vazios,
vagidos augurais de um não sei quê. Sem dúvida
acontece-me. E tomado no turbilhão onde se instala
a atmosfera, fico-me disperso e imenso na busca da só
palavra. Nada tenho a revelar. Ninguém me é voz.
Mas sinto, sinto uma faca de luz fendendo a transparência
da membrana. A ignorância possui outros nomes, outras normas.

Não acredito que seja o materializável êxtase descrito
nos falhados dicionários contemporâneos. Nem sequer vivo
o arrepi. Mas sou sólido como uma pedra. A consciência
apodera-se do real para desmerecer-ló com leis rituais,
não ouso dizer o desconhecido. Passa, algures passa no voo
aracnídeo, um outro tempo sem fezes nem metafísica.
Mas que homem pode sustentar tal discurso? Por isso suspeito

da humanidade que me aplicaram com educações e conceitos,
insisto na pergunta que desflora meus lábios sinuosos:
quem sou eu? Que sou eu? Homem ou coisa ou enigma aberto?
Fecho os olhos, coração represo, lanço-me numa correria louca
através dos alçapões palavras do irrazoável, atinjo surpreso
a estagnação do brilho que me impede violentamente de avançar.
Subitamente quero dizer a minha vida. Os meus anos. Os dias e as noites.
A máscara madefica-se em contacto com o real da escrita pesquisadora.
Debaixo disso sou o corpo ancho, a calvície feia, a miopia ardente.
Mais para o centro a inquietação engendrando respostas e sonhos.
Cansaço tentacular imiscuindo-se na total discrepância ocidental.
Cada verso hipotético é um verdadeiro poema. Ponto de partida
para devaneios progressistas e incursões no inimigo apelo.
Embora são acho em mim a ferida. Qualquer coisa. Um mal-estar
contínuo, uma sucessão diabólica de tédios insanáveis, o caos
da mediocridade afectiva e efectiva, o desprezo pela hora.
Dou passos suados sobre as pedras intelectuais das sociedades.
Leio insuportáveis livros ao imediato esplendor da vaidade.
Nem um só brilho na corrupção da vida! Nem um só sopro de ar fresco!

Quis escrever a outra coisa. Diariamente implantar na estrumeira
as bases floridas ao futuro ameno. Uma terra despida de sóis
envenenados com a ganância do lucro e do último conforto.
Não no papel timorato de novos livros esquecidos no armazém pobre,
mas na própria substância do real, nas suas manifestações humanas.
Cada dia tropeço. A tarefa é árdua e não tenho muitos exemplos.
Homens e mulheres observam-me com olhos tisnados pela preguiça
e duvidam ou sorriem das palavras que profiro, acham-me louco
como uma impossibilidade, uma farsa da utopia escrava,
um engano exigindo sangue para a carnificina do fogo.
Só eu caminho a imprecisão de um destino que se ignora.
Cada noite nasce mais longínqua e solitária, um espelho acerbo
onde a velhice instala as rugas ao meu sóbrio e próprio desassossego.

A PROCURA

Sacrifico ao silêncio o sinal palpável da palavra contemporânea.
Assim abro a consciência mantida pelo mundo, disposto a ser
uma negação ablutora, ou a própria tábua rasa.
Acredito sinceramente na aventura. Como respiro,
assim vivo. Afago e ofegante percorrer de passos
quotidianamente cegos. A procura é-me tão essencial
como a aniquilação da fome física. Daí que escreva
a imponderável fulgurância de uma fenda anímica,
saboreando cada simples palavra patética, sopesando
o estilo das frases ignóbeis que tecem os textos meus.
Não tenho a ilusão: deixar de ser. No âmago da noite,
quando a lei é sono, desassossegado labuto na forma
da aprendizagem, o corpo dorido e o espírito maduro.
Sei instinctivamente o que evito no que faço. Espelho
a limitação humana. Ilha fixa na deriva vou vigoroso
através das constelações grávidas do paroxismo,
invento sedosas manifestações da hora que vivo.
Ah! possivelmente tudo inútil! O som como a ideia,
a raiz sensual de um descontentamento inexcedível.
Profiro com ardor o verbo querer. Contenho-o nas entranhas
como um indiscutível filho. E mil vezes na perplexidade da vida
repto as suas variações icásticas e felizes. Quero, queremos.
Um dia serei o mesmo. Sem a ajuda febricitante das filosofias,
só como um insondável esgoto da agonia ocidental.
Quero contudo que saibas onde pus os meus pés isentos,
que palavras disse diante do frontão imerecido da miséria,
com que mulher aprendi a esvaziar-me da ficção pessoal.

Não saber é destino. Sem conexões antigas com os deuses.
Almejo o fim do castigo humano. Sobre as ruínas deixadas
pela ironia da história leio as vozes da tragédia. Aqui grécia,
ali româ, em toda a parte a ambição e o vício, o quinhão.
Mas escrevo. Forçado e invicto dito-me a alegria só possível
num amanhã mítico. A ausência da frustração. O amor.
E cada verso vem juntar-se ao meu corpo como uma panóplia

estranhamente vinculada ao exílio. Eu próprio concedo a vida e a morte em cada gesto prematuro que evidencio. Ser carrasco e vítima é o supremo privilégio da ambiguidade teratológica. Mas sorrio. Contudo arvoro-me ao intumescimento do discurso para provisoriamente revelar a transparência do véu. A substância é um sonho mal acordado. A verdade um fim a atingir em si. Velharias que não suporto, estase lívida. Fertilizo com raiva o deserto carunchoso dos ideais humanísticos. Nele levanto a casa, o único sítio onde se pode habitar: este poema, ainda vagido, simulacro irreverente, falso vislumbre. Aqui tu poderás descansar do ódio diário que se incrusta na tua pele, fecharás os olhos para esquecer o inolvidável e ouvirás a outra harmonia. Sem sons nem narrativas. Mas o silêncio no seu estado mais puro. Aí sentirás o regresso como um subitâneo nascimento. Sei que a loucura espreita. Diviso o orgulho inumano dos ossos que pedem carne. Compreendo a dificuldade de uma acção imprópria da razão. Mas a vida exige um preço, um risco. E como poder senti-la ao vivo sem o percalço sempre aterrador do fogo execrável? E como vivê-la sem perder na distância o caminho da morte?

14/11/77

A NECESSIDADE

É quando o sol ressurge por entre nuvens de leite que sinto o ábdito desejo de me dizer. Sexo da natureza, penso. Depois inclino-me suavemente sobre o dorso do papel e com maldade e salutar vício escrevo as mais ardilosas palavras. Refrigério rebelde, o poema. Meia dúzia de passos pessoalmente anímicos sobre um chão caloso. Digam o que disserem, o homem teme. O vazio histórico do desapaixonado destino, as horas falsas, as ideologias ideais.

Claro que insisto na necessidade. A vida, que por acaso é minha, dita-me icásticas frases ínsitas num estranho e furioso delírio. Todas elas impregnadas de suasivos verbos, tauxiadas dos mais variegados adjetivos. Mereço-as? Algumas vezes dessinto-me. Olho aterrorizado esse já mítico papel percorrido de caminhos, olho e não vejo a vida. Mas sim a icorosa fuligem, esporra entenebrecida dos dias inassimilados, verborreia gasta num efémero brilho contemporâneo da sensibilidade hoje. Sofrer foi e tem sido uma razão. Até quando, porém? Dilato-me como um forçado até atingir o alcance poético da clivagem, estouro a argila e o barro, ponho luz nos olhos cegos do poema.

Crio através do cansaço a outra forma. O desejo. Alimento-o quotidianamente com um tesão irreverente, a angústia acode, recorta sobre o espírito um medo e um desassossego. Vou como o vento. Suporto em mim o desastre e o terramoto, cubro de paz a pirética intumescência de um sentido novo. Ignoro as leis e as faltas da civilização. Entrevejo o sol irrompendo o obscuro domínio da falsa modéstia. No âmago da revolta grito a palavra desesperada que me consola: amor! Mas não é fácil a sua concretização. Possuo um corpo de homem que obedece a severas regras. Exaurido o léxico do prazer possível esboroa-se no imo o fogo eucrásico. Então digo outras palavras, exorcismos proféticos, desvairos da apetência que esmorece: outra ilusão. Mas como possivelmente sobreviver? Como desmerecer a loucura que não é só lucidez mas trevas e tréguas na paz amorfa? Lanço-me sobre os discursos contemporâneos que anotam elucidações e preconceitos, sigo-os com os ouvidos atentos e olhos despertos, todos me dizem que não há solução. Uns minimizam os poderes humanos, outros entronizam o lugar do homem no universo. Saio de todos eles esquartejado e confuso, mais dorido do que quando era ingênuo.

Abraço-me então à mulher e aos amigos. Comemos e dormimos, compartilhamos tempo. As vozes cristalizam-se na memória medular e ficam sinos da expectativa gorada. Surde a solidão silenciosa. A casa vaga onde vagueio profano e descomunal, os objectos petrificados em caricaturas do moderno, o soalho rangendo peso. Sem dúvida sou. Mas que faço aqui? Sei, mil vezes repensei sisudo

o nascimento onde eclodi. As voltas que dei. Os pais que tive.
As ruas da infância no acaso do ocaso. Lembro-me do mar e do vento.
Da jovem mulher de cu palpante e seios seculares. É isso viver?
Que faço agora? Tenho alguns anos. Envelheço sem remédios.
Umas vezes alegria, euforia, ribombar de humores insurrectos,
outras vezes a armadilha sorumbática de uma tristeza catalogada.
Eu que oculto em mim um mistério. Uma vontade. Eu que anseio
a liberdade emancipada dos povos e dos corpos, aqui e agora,
meticulosamente contando os grãos de areia da efemeridade.

16/11/77

A CULTURA POUCA

Há sem dúvida uma hora no dia em que o cansaço cerra
e circula como uma melancolia sem nome. Só e pleno abro
os olhos e consciência narro-me as vicissitudes da memória.
Não da minha, que a tenho jovem, mas do mundo, da terra,
da história. Perpassam em mim os acontecimentos decisivos
que se fizeram civilização ocidental, assisto-os estarrecido
e emblemático, soma da cultura pouca que soube assimilar.
Nem suor nem sangue. Mas uma fachada inerte, a minha, incapaz
de traduzir, transmitir, testemunhar o que me vai na alma.
Estou casualmente num destes cafés dos arredores doridos
da cidade, as pessoas passam passivas, apressadas, efémeras.
Eu olho-as sem as ver. Vivo então certas datas rebeldes
onde homens escravos como eu tentaram a outra via, assaltando
o poder, a autoridade, a estupidez. Triste e só invento
a ousadia de querer um desconhecido onde possa exercitar
o verdadeiro desejo, o único prazer. Mas a emancipação
é talvez uma palavra demasiado nova e perigosa. Eles preferem
sempre que se digam vivas à liberdade, o costume alivia e consente.

Pior ainda é que não sei acabar este poema! É noite, novo dia,
dormem os demais sobre camas apetecidas, o silêncio seduz,
a luz do candeeiro é uma imagem comovente das esperanças passadas.
Estamos nos fins do ano setenta e sete do século vinte.
E nada ainda resolvido. A mesma canseira, as mesmas lutas,
outras derrotas. Os mestres abortivos do mundo comandam a escumalha,
os criminosos, os desgraçados. Somos nós, sou eu. Que agora escrevo
estes versos vadios sobre folhas de um livro com entranhas.

19/11/77

ESTE DESASSOSSEGO

Há momentos em que a materialidade quotidiana da vida
nos afasta da escrita. Insuperáveis dias derramados entre
o levantar real e o fictício deitar. Corre a azáfama
contemporânea. São muitas as tarefas. É sempre o mesmo tédio.
Chega a noite, o cansaço; os olhos fechados reclamam
toda a paz. Cresce dentro daquele que escreve um remorso.
O tempo tem que ser fixado na forma do poema. É
uma exigência, uma necessidade. Homens há que dizem
com outras palavras as mesmas angústias. Invejo-os.
Não me perguntam porquê. Seria demasiado difícil e fácil.

Queria dizer. Absoluto. O lugar. As casas que habito.
Passam passageiros os dias sem memória, onde a filosofia?
Amigos sussurram velhos temas sociais. A vingança.
Outros perdem-se na foz feliz das estéticas estéreis.
Só eu vou só. Leio as notícias do real político,
as internacionais bebedeiras dos governos democráticos,
os truismos agriodoces que pululam nas polpas dos dedos.
É este o meu tempo? Somos assim tão mesquinhos?
Mas sobretudo cresce este desassossego: preciso
de escrever. Urgentemente. Qualquer coisa. Até

que chega sorrateira a hora desfalcada. Aqui estou,
aqui sou. Um homem no tumulto execrando do séc. XX,
saído da família, incapaz de se aceitar um elo
na cadeia terrível que ajouja as gerações sucessivas.
Sim, dizer. Silenciosamente perfilhando o grito
de uma vida quimérica, a que não deixam nascer.

29/11/77

ACONTECE QUE ESTOU VIVO

Acontece que estou vivo. Não é uma terrível revelação.
Constatto todos os dias o progressivo deslize do efémero,
no espelho em frente olho a face mítica da única máscara.
Sibilinas rugas contorcem-se de dor, um demorado segundo
de contemplação mostra o tempo coisificado. Possuo
quase, talvez, trinta anos. Não me lembro de ter nascido,
sei que vou morrer. Que colhi? E porquê esse verbo?
Acontece porém que estou vivo. A confusa apetência
inominada. Desejo detruso. A consciência clivada do logro.

Vivo no meio do ramerrão, alvo certo de todas as ideias
veiculadas pelo tempo. Cada passo dado é mais um esforço
para receber da totalidade o sentido improcurado.
Escassamente tenho ilusões. E mesmo o sonho, como o sinto,
é uma outra matéria dificilmente catalogável.
Creio que nada merece o meu sofrido amor. Se é essa
a palavra a ser empregue. Às vezes suspeito malévolos
do ocidente como me foi instigado. Não lhe pertenço.
Tenho mesmo a subtil impressão que eu não existe.
Vago centrado no corpo móvel preenchido de nulidades.
Por isso confesso que não vislumbro a razão exígua
deste desassossego que nasce dos dias desapossados.
O prazer é medíocre. Intervalos são as alegrias e dores.

Que me resta? Subo os degraus degradantes do ódio
e da indiferença, o que fiz não importa, o que digo
não resiste à futura análise da história humana.

Acontece contudo que sou vivo. Na rua transporto os olhos
e dispersos sentidos enclavinados. Dão-me a sinfonia
do grotesco quotidiano. Para quê sair de casa? Porquê ficar?
De antemão sabe-se que nada acontecerá. As mesmas faces
iludindo outros tantos corpos, masculinos ou femininos,
as mesmas indesejáveis perguntas positivamente mal formuladas.
De quem a culpa? A queda na guerra fria entre o bem e o mal.
Mas eu, infelizmente ou não, estou longe. Navego o barco
impossível de uma consciência isolada e sem irmãos. Amigos
tocam-me com sopros visíveis na superfície do ser.
Dizem a amizade quando a há. No fundo, cerne cedo
da loucura, o caos, o inefável. E repito: Que fazer?
Como resolver o meu problema? O espectro da casa insana
mete medo. Da baba irracional que coroou homens
que talvez como eu não souberam viver dentro dos limites
da harmonia normal. Mas a mediocridade é tão pobre!

Carrego em mim o inviolável de um destino destituído de deuses.
A cultura por vezes alivia o peso da morte com jactos
de alegria, a maior parte das vezes é um fardo fecundo
que nos curva a espinha. Não que deteste comer terra.
Mas a confusão, de valores, de datas, de acontecimentos,
espalha-se sobre o ser como uma mão tentacular da asfixia.
E depois surgem os medos nocturnos, as afasias.
O silêncio rodeado de insinuações assassinas.
A sombra pérvida do suicídio que embalsama o sopro.
O trivial da morte. Mas acontece que ainda estou vivo. Porquê?

29/11/77

CADA POSSÍVEL PALAVRA

Agora, mais do que nunca, surpreendo-me a perguntar
até que ponto a substância dos meus poemas não traduz mais
que erísticas furtivas, esgares modernos da mediocridade.
Confuso e árido repenso todos os passos da minha poética
que me marcaram, os desvelos puramente estéticos
onde pus toda a inteligência que me coube ou soube forjar.
Então um terrível medo sacode-me até aos alicerces do ser.
Ter-me-ia enganado? Nada do que disse ou escrevi pertence
por direito próprio ao génio do século esventrado?
A dúvida corrói-me a sensibilidade. Mas porquê então
esta inestimável necessidade? Porquê o recurso ao papel?
À arte? As modalidades do imprevisível conhecem-me,
mesmo se ignoro de que hoje se colmatará o amanhã.

Daí, leitor, a dificuldade. Cada possível palavra não é
uma pedra do edifício paulatino que não construo. Também
o absurdo faz parte do quotidiano assimétrico da poesia.
Que faço então? Que significam estes pedaços de cerebração?
Só a escuma? Só a dimensão do vento? Só a escumalha?
Daí, amigo, que cada palavra junta ao resto das palavras
seja a mais difícil tarefa, uma cegueira incalculável.
Penso às vezes nos desastres naturais. Com raiva pressinto
certas afinidades com os instintos da destruição predadora.
Aliviado confio na música que desobedece às leis mortas.
Mas o espectro do valor rodeia-me. Quem sou eu para exigir
da história uma paragem? Uma confirmação tempestuosa?
Eu que cada vez mais sinto as garras gritantes da escrita nova.

29/11/77

MAS A VIDA CONTINUA

Mas a vida continua, enigmática e suasiva, sonegando
aqui e ali, com uma impávida serenidade. Passa pelos corpos
humanos, sopro e dor, deixa-os exangues e exinanidos.
Dá-lhes certos vulníficos prazeres, o orgasmo estrénuo,
o gozo do palato, a bebedeira apocalíptica do espírito.
Traz consigo um cansaço irredutível que não se traduz.

Escrevo. Alugo esta longínqua felicidade guiada pela mão
do visível e do perecível. Coloco palavra sobre palavra
no frontão febricitante do delírio. Sei sofrer sáfaros
desígnios do acaso intempestivo, aguento os meandros
da história nas suas modalidades sociais e outras.
Cavo a eira sem beira, o pano de fundo sem fímbria.
Trata-se aqui do lugar. Da existência. Da alegria.
Correm velozes as vozes do ocidente ocluso no nada.
Transmitem a náusea de uma morte sem substituto.
Alguns de entre nós escolhem o caroço cálido do som
doce que suaviza. Outros, estarrecidos, abrem os olhos.
Espanto não é um nome. Velha palavra recente
como o súbito clarão do século que não acha espelho.
Estamos sós. No clamor dos caminhos severos, no auge
da arte sem estéticas ou compromissos, abandonados
de nós próprios, filhos espúrios de pais insubstanciais.
Sem país. Sem o sentimento primevo ou viril de pátria.
Algo aconteceu. Não só a invasão das máquinas mártires,
não só a decadênciade ideias felizes como o futuro.
Mas o quê? O capital é um crime e um castigo.

29/11/77

DEVORADOR MECANISMO DO INSENTIDO

Provavelmente não conheci outras vidas. Sim, algures no casulo irreal do espaço vivi ou sonhei viver a dimensão cósmica da perfeição. Soprei génio. Gerei em mim uma casa onde receberia os amigos. Algures no tempo fui solicitando as metamorfoses que me distinguiram com processos e cansaços. Um longo caminho. No suor e na febre. Com loucura. Mas possivelmente não conheci a essência radical de outra vida. O meu querer isola-se da experiência. Monstruoso como um presságio dá-me vagos sinais que se repercutem somente através da sensibilidade. Daí não saber falar do inexistente. E o que passou, o que resta podre e avaro em volta é um resíduo das cinzas apregoadas pela fogueira da história triste.

Sinto que vivo a fronteira. Ladeado de angústia e de tédio. Inseguro como a profusão da riqueza injusta que privilegia os senhores deste mole mundo. E sofro. Não ter estáveis limites, não possuir o ritmo do equilíbrio. Por isso escrevo em páginas furibundas o odioso milagre da meditação insulada, indiferente ao modo de hoje ser moda, incapaz de repetir os truismos edificantes das inteligências entronizadas. Devo ser ignorante. Mas os livros largam a peste, o dogma, a convicção salutar. Poucos vivem da dúvida e da inquietação. Foram escritos para seduzir o homem com motivos de esperança, ou do mais negro pessimismo.

Finalmente encontro na escrita o prazer. Devorador mecanismo do insertido. Com palavras teço o sol, as águas percorridas de frémitos, os primeiros primaveris vagidos. Acaricio a tenebrosa pacacidade do vazio deixado na margem. Tudo chama, tudo reclama uma voz capaz de mistério, e sobretudo de presença. Eis o sangue, a ideia, a emoção. Como um lavrador fiel à terra lanço

grão após grão as sementeiras do que será futuro.
Um trabalho milenar, imemorial. Depois, cansado
e cumprido, desfeita a amargura, vou indesculpável
pelo voo do vento, pássaro perigoso, incompreensível.

Tu que me lês adivinhas o jogo e os limites.
Do verbo, da alquimia. E na leitura atenta consentes
o estranho brilho do indizível, a outra face do real.
Sabes que não te quero útil. Nem culpado.
Melhor do que eu podes medir, pesar, o que não está dito.
Cabe-te a ti uma outra necessidade, um outro desejo.
Escritos ou não. E com outros signos indicarás
sobre a carta do gratuito a silenciosa odisseia
do sentido. A terra espera esperma e fecundação.
Não que o tempo seja dos mais propícios. Guerra
é uma das palavras mais pacíficas, tendo atingido o fim.
Mas a luta existe. Subterrânea e paulatina abre fendas
nas muralhas lutulentas da história que nos coube.
É o homem que periclitá. É a vida. Daí que a vitória,
tal como a persistência, seja certa. Um atractivo.

29/11/77

DEPOIS, O CAOS

Depois, o caos. Depois de tudo, do escrito e do vivido, o caos.
Que dizer? Um silêncio não responde. Uma pausa significa
apenas o desespero. Não a paz. Sim, caro leitor, que escrever?
Insinuo-me na meditação insubstancial. Terrível é o vagido
do vazio. Vozes afónicas sulcam na carne feridas irreais.
Os olhos da sensibilidade, abertos, protuberantes e estarrecidos
enfrentam as vicissitudes do real, material ou anímico.
Há a terra. O espaço do céu beijando a placidez da relva
que se alastrá verde e hiemal. A casa quente ode moderna.

Aí estou. Sobre a mesa velhos livros de suaves séculos.
Alguns autores trespassados pela idade. Discursos sujeitos.
Sim, mas a vida? A minha e a dos outros? Como dizê-la?
Sem dúvida saí da outra casa onde dormi entre lençóis frios.
Misturei-me às correntes humanas sobre as avenidas secas,
vi os carros que passavam e os prédios desfilando estático,
falei com colegas do eventual a rotina suada dum destino.
Trabalho o intelecto em escolas estuários, apreendo com
severidade conceitos alheios, digo que sim ao esplendor morto.
Longe, numa outra casa, sei que está a filha. No emprego,
uma mulher. Era altura de debuxar com precisão e método
o sentimento moderno. O racional irrazoável. O mundo interior.
Mas a palavra amor deixa-me indiferente. Não traduz nada
do que sinto, quando sinto, se realmente sinto. A família
é mito. Claro que existe, ferrea e fera, a ordem policiada
das sociedades em que vivo, as ideologias dominadas pelo poder.
Mas quem sou eu? Sim, um homem. Mas que homem? O mesmo outro
de ontem, o de agora, ou a crisálida ferida de um dúvida amanhã?
Serei ainda memória? De quê? Da infância, do aprendido?
Lembro-me de certas mãos, certos objectos permanecem materiais
na imaterialidade da invocação. Ouço ralhos de mãe e gritos
de choros injustos como a educação. Sinto o areal amarelo
em dia eléctrico de tempestade. A revelação. A graça. A desgraça.
Revivo os ardores, fragores da súbita apaixonada vocação.
O riso malévolos de alguém. A carícia pouca do membro feminino.
Sim, tenho vivido. Suportado e acastelado experiências triviais.
Que ficou de mim nas coisas? Nada. Deixo livros, testemunhos avaros
da tragédia que ainda é para mim a criação. E depois?

Depois, inadvertido, inopinado, o caos no fulcro do ser. Esta dor.
Este confuso tumulto cavo no sublime espelho da consciência nua.
O vazio de um turbilhão, porquê, porquê? Agora que envelheço
suavemente como uma ideia que se faz do homem, pletórico
das rugas dissabores e alegrias, sim, porquê agora a angústia?
Sou drama. Desfaço-me na plenitude oca do eu, a metamorfose
dilacera-me os nervos, a carne torce-se em efusões de dor.

E o medo. Se fico aqui espeçado para sempre? Fulminado na demência?
Quem me socorrerá? As imagens desgarradas, figuras suspeitas
sobreando o silêncio de morte de uma impalpável realidade.
Porquê a mim? Que fiz eu? De quem nasci? Com quem convivi?
Mas as chamas chamam. Sussurros mussitados nos ouvidos sensíveis,
insinuando mais do que dizendo um fim de desastre e trevas.
Sem morte, sem reverso. E tudo o mais que pertence ao indizível,
logro poético ou mentira apocalíptica, que sei eu quando ignoro?

Em lances sucessivos, contudo, a monstruosa alegria. Infrene
desbravar da consciência. Corre já o sangue em carreiros
paralelos como num campo desejado semente. Cada palavra
escrita passa por mim mecanismos. E quando passa do escuro
anímico à luz do papel inocente sinto um prazer maior
que o impróprio desmaio sensual do orgasmo. Ou equivalente.
Por isso teimosamente escrevo. Desconhecendo o quê, como.
Possesso de um processo ainda não descrito, raivando o suor
e a terrível posse do destino, desumano até às raízes do ser.

Depois a inapetência. A queda do caos. O ressurgimento dos sentidos
capazes de dialogarem com o fora. Agora tenho pais, uma história,
conheço a casa onde vivo e desvinculo-me do obtuso mercísmo.
Sou o mesmo, aquele que foi outro. Apagado e aparente como um corpo,
fazendo pela vida no duplo papel da contradição consequente.
Sem mistérios. Colhido de tédio e de ira. Cabalmente insatisfeito
com a realidade como ela se processa diante dos meus olhos vadios.
Suspeito de um acordo. Não quero estabelecer razões entre premissas
de um vago e sintomático raciocínio. Dizia que depois do caos
a ordem. Mitigada. Rasteira. Infeliz. Verdade é que não posso dizer
até que ponto desmereço a poesia. Em mim esfarelam-se as grandezas
legadas pelo passado antigo e recente, os verbos são-me adiáforos,
a sensibilidade coagente. Violento-me na vontade explícita de viver
a mediocridade quotidiana sem ataques nem agressividades. A prisão
é ser humano. Daí o sofrimento quase contínuo e sem interregnos.
Mas que fazer? Deixar definitivamente de ser? A vida fala
uma atracção que nem a própria morte comprehende: o sonho feliz.

AS MARCAS POSSÍVEIS DA ESSÊNCIA

Na arbitrariedade do casamento entre a emoção e o sentido
há a procura do fundamental. Na ctónica contingência
do verbo despovoado subsiste o desejo ou a necessidade
de reiterar as marcas possíveis da essência. Daí o desgosto
emergindo nas palpitantes palavras, o esquema escumoso
da confusão. Vozes terríveis proferem o tempo. O passado
e o futuro. No silêncio saciado de trevas surge a angústia.
Somos vivos e sofremos. A dor do caos, da procura infeliz
da felicidade. As estrelas evitam-nos, patéticas estéticas
de hoje. Universo fluímos à deriva numa imensidão de nada.
Medo é a chave. A outra face, o êxtase. Singulto ou clivagem.
Uma amostra telúrica e intemporal do absoluto humano.
Mas às vezes desconheço o que digo. Uma força existe no seio
sistêmático das palavras. É ela que me arremessa sentidos
insuspeitos, descarnados. Sofro-os como um homem desgovernado.

Ir mais longe. Longe dentro. Atingir o cerne vivo da carne.
No remoinho do real. Na truculência das acções ardentes,
quando o fogo é mais forte que a cobardia da rotina.
Há sem dúvida momentos de apaziguamento. O mar beija a terra.
O sol solidifica o ar. Aparição. Revelação. A sombra do mistério
pairando como uma asa sem ave. A fruição negativa da ausência.
Dizia que. Sim, sob o encanto da morte, a vida insolúvel.
E todas as ideias ou impressões que nos deixa. Estes versos
vitoriosos na complacência criminosa de todos os séculos.
Quero a imagem fundamental. O grito da posse na perda presente.
Um deserto de palavras revoltando-se contra o sinuoso silêncio.

8/12/77

EU AQUI, SEMPRE AQUI, SEM LUGAR

Com ou sem música transfigura-se o real, a razão, o rumor.
Deitado periférico numa cama terrestre assim permaneço.
Escrevo o tumulto interior do dentro, a clivagem do fora.
Sou um estranho espelho. Já sei. E quando leio o lar lúrido
das impressões de hoje revolvo-me no terror da náusea.
A prisão não é um mito. Sinto o quotidiano no sangue
que harmoniosamente passa. Gentes! Nações inteiras vão.
Bombardeado pelo tempo o sentido. Sem olhos grávidos nem amor.
Mas que fazer? Perfila-se diante a só interrogação. Escrever,
percebo difusamente, não basta. Sexo sacrificado seduz a luz.
No âmago. O alicerce possível do poder putrefacto. Este jogo.

Mas o real realiza-se no osso da modernidade inventada.
Quero revelar a minha cegueira. Apalpo os horizontes níveos.
Profiro o devasso sacrilégio do riso e do sarcasmo.
A morte mexe, mede o alcance do caos, muda a vida gasta.
Esbegalhado um destino de sofrimento e de chagas.
Quem sou? grita a loucura. Ávidos requebros na queda
da perfeição amaldiçoada. E o mito do génio. A aurora.
Aí estamos. Decadência e ressaca. Brotam palavras.
Balas de armas gémeas. Simulacro de família: solidão.
Um erro engendra a sorte. Mas os dados não são lançados.
Há um outro clima. Uma página em perpétuo branco.
Dissimulo a ignorância. Onde estou? Em que mundo habito?
E suave chega a música do século. Uma casa. Um hábito.
Sim, o corpo penetra em riste o gemido feminino. Depois,
nada. Sucedem-se os dias, eu aqui, sempre aqui, sem lugar.

9/12/77

VIVER A VIDA

Estou perante o papel, silencioso e ávido, sofrendo o desejo de não mais escrever. Subordinado a outra linguagem desconfio da perfídia, da sonora palavra que é hoje objecto. Sei naturalmente a liberdade. Dizer. O rumor das trevas ainda ontem fictícias ou só sonhadas, agora o esplendor do desconhecido. A realidade é humana. Colhe escaninhos das peripécias activas e intelectuais, escreve livros na trama da consciência ferida. O mistério é uma voz ctónica sussurrando as linhas de força da história anárquica. Perco-me no desconsolo. Sem saber se sou feliz ou triste. Introduzo na loucura as regras sociais do pensamento e revigoro com gritos e lamentos a odisseia da utopia. Sem dicionários saber-me-ão ler. Aqueles que anelam por um novo clima, aqueles incapazes de realização aqui, neste planeta votado à mediocridade destruidora. Quis dizer o espanto no século vazio. Marcar o espírito com o estrume fétido dos dias corrompidos. Tentei ardilosamente odiar os mitos ocidentais. A salvação. O logro. Mas como viver o presente sem futuro? Como? Daí que teime testar a solidez das línguas vivas, que nelas se reflecte complexamente o redemoinho turbulento da totalidade humana. Invento assim o modo moderno de estar no mundo, cercado de negatividade e de afirmação, confuso, contuso, profuso como uma chama. E o papel enche-se de signos, sinais navegantes na aridez primeira da página, sulcos de labor forte sobre a terra infecunda da imaginação humana. Os grandes problemas, esquemáticos, assaltam-me. A origem e o fim. Ou a sua negação. O homem. O destino proscrito. Leio nos outros os mais diversos tipos de história. Aponto as contradições, os deslizes, as opiniões contrárias. Por vezes, a pergunta: quem sou? A resposta: um homem. E não fico contente. Espero de mim próprio um indício. distraio-me no e com o quotidiano. As horas fugitivas que cortam a consciência, o dia e a noite, todos os dias,

acompanhados dos gestos mais ou menos funcionais,
de palavras que se dizem em conversas com os outros,
da impressão indelével de um oco que cresce na alma.
Sim, não tenho pais. Um fosso alarga-se entre mim
e o resto, instituições e humanos. Resta-me a língua
na qual proliferó a girândola de sentidos insinceros,
o apoio galvanizado de uma matéria inexpugnável.
Mas o essencial? Uma só frase libertadora! Nada.
O mesquinho poético caminho da ignorância selvagem.
Aquilo que procuro dia após dia, ingloriamente, o alvo
do meu mais sublime e íntimo desejo: viver a vida.
Mas são tantas as barreiras, os obstáculos! Tudo ressuma
o perfume icoroso de escravidão ressalvada. Nada
concita o olhar a ver virgem o primeiro espectáculo:
o do homem feliz nas sociedades, na natureza, na morte.
A incompreensão e o interesse, o medo, a ferocidade,
eis os grandes planos estratégicos da subida ao poder.
Sim, que fazer diante da secura do século improfícuo?
Se soubesse responder outra seria a escrita do prazer.

13/12/77

SALTO E SAL

E depois não atinjo a força da realidade. O vigor do ser.
Algo me impede de tecer uma malha com outras novas palavras.
Não sei o quê. Sinto-me estranhamente futuro. Ou demasiado.
Vou voraz através da nebulosa metafórica. A linguagem
é um sinuoso corpo. De mulher. Amo achadamente os nervos
ocasionais do pensamento em que afloro. Estou em casa
e vou na rua. Tudo é possível. Até, e sobretudo, o nada.
Disse mil vezes não à loucura. Debalde! Penetro ávido
as membranas dos sentidos e precursor estigmatizo a área
da lucidez. Sangue sulca sofrimento. Mesmo quando a dor

não é humana. E depois chego revoluto ao clímax
do fogo, ouço o vento sibilino da memória tauxiada
e vejo as formas ondulantes da realidade revelada.
Não quero mais sentir nem pressentir o outro lado.
Não, prefiro a materialidade tosca e nobre dos enganos
onde se alicerça a verdade quotidiana, não sou poeta.
Ponho silêncio nas impróprias palavras. Uma certa ironia.
De que me vale? O passo foi dado. Tarde demais. Só.
Simplesmente escrevo o ardor da vida no simulacro.
Da morte. Do parto. Dificilmente alinhavo o conceito
capaz de abrir horizontes sãos. Ar! Quero respirar!
É então que me sinto terrivelmente preso. Atado ao som.
Ocluso na impotência. Incluído na fúria e ruído
do destino falhado. E grito. Arranco febre e raiva
ao corpo cansado dos infortúnios e vicissitudes e pesares.
E o grito explode, cliva, morre. Espreita a loucura ígnea
o momento favorável. Salto e sal. Sim, tenho medo. Atroz.

13/12/77

OS VERBOS DA INCOMPLETITUDE

Incapaz de começar assisto espantado ao vazio da vontade,
da memória. Sem palavras. Aflito como um naufrago isento.
Repentinamente um aceno, o afluxo de sangue intelectual, a dor.
Brota a primeira palavra, incapaz. Logo seguida de outras, ligadas
por invisíveis liames da imaginação consciente. E eu calo-me.
Deixo o discurso ser eu. Súbito apaziguado e alegre, união
das forças que me rodeiam com apelos inarticulados, acusmáticos.
E assim, ou de outra maneira, escrevo o vulcão poema, o espasmo
que leva a lava ao desconsolo de uma vertente vertiginosa.

Mas não basta. Preciso de captar e conter a dimensão do real.
De dizer com as mesmas suadas palavras a diferença instalada.

E assim me perco, longe do sentido educado, por ínvios destroços
que fumegam o passado e os vícios medíocres do conforto vesgo.
Elaboro com amor o vazio, a clareira, o oco. Aí deposito
signos imemoriais nascidos na hora, sem contradição aparente.
Aí instigo a revolução, a única saída para a morte serena.

Tenho feito a feliz fealdade dum compasso inculto e sem mestre.
Com a idade atinjo o desassossego da recompensa furtiva. Avalio
mal a extensão da fuga. A desmedida do sentido. Vou na transparência
como um sorriso nos lábios da esfinge. E odeio a cultura
que enche de riqueza a miséria que me cabe. Sim, a ironia,
o logro essencial da compreensão inteligente ou intuitiva
do universo e dos homens. Mas que fazer? Como possivelmente
viver a felicidade sem interrupção? E sobretudo o querer,
irracional e feroz dita-me os verbos da incompletude básica.

14/12/77

TALVEZ SEM POESIA

E a miséria de alguns, neste país, todos os dias, arremessada
aos olhos cansados. Hospitais sujos da antecâmara da morte.
Corpos de gente, homens e mulheres, desfeitos pela indigência,
pela doença pobre e sem remédio. Bolsas da esmola impiedosa.
Ei-los que passam e pedem, quem são? Meus irmãos? Rostos roídos
pelo sebo, negros da ausência diária da água, roupas velhas,
desmanteladas e pacíficas como palhaços sem profissão de fé.

Dizem-me contudo que no calendário atrevido rege o séc. XX.
A idade do progresso e da tecnologia. Da permanência do conforto.
Sim, que devo fazer, hoje? Não no hipotético dealbar da mudança,
mas agora, neste país, nesta cidade? E a miséria das relações
ditas humanas? A anódina esperança sexual da revolução.
Cá vamos lamentando e chorando, debaixo das máscaras flexíveis.

E todos os dias nos levantamos, deitamos, indiferentes ao tempo ou diferentes como um presságio maldito. Frustrados no reino da falta, da oferta, do medo. E alguns chegam mesmo a votar as regras do degredo, da privação, do desgaste assumido lógico. Sob a frondosa capa da esperança. E outros escrevem polidos poemas, no âmago do que se pensa que é a arte, onde a desumanidade vil aflora como um cristal frio e demente. São os materialistas, reflectem. O mundo, as relações de produção, os erros e as catástrofes periódicas. Só eu não uso a revolta como um substantivo simpático. Vivo-a no desassossego, na angústia de ver os dias e os anos passarem sem remissão. Só eu sou triste por não obedecer à corrupção. Talvez fosse mais leve a minha existência no seio da injustiça. Talvez sem poesia, se isso me fosse possível, eu vivesse de outra maneira.

14/12/77

DA TOTAL TRANSPARÊNCIA

Mais do que tudo, a infatigável procura dos sentidos, das palavras ágeis capazes de um sopro inteligível, de uma revelação do real. Ligado pela sexualidade ao trabalho do sonho inscrevo na história a viagem aventura imperfeita do humano. Vou ainda mais longe, mais fundo. Recito meticulosamente as épocas filológicas da revolta solitária, aprendo no verbo incoativo a frescura das origens mitológicas. Armo o quotidiano de armadilhas e luz, estrangulo com raiva o tédio oferecido pela civilização emasculada. Enfim, resisto. Rasgo ruas sobre a monotonia da mediocridade, ponho olhos nos sinais lúridos que persistem na presença. Luto e batalho. Desde o brotar do dia até ao reencontro do sono. E aí, vívido como uma estrela vibrante, continuo o caminho da total transparência. Escolho outra sintaxe, emprego novos vocábulos irrealizáveis à consciência diurna, sintonizo o ritmo ritual da felicidade. Longos anos permaneci assim, labutando e resistindo, asperamente, incredulamente, intemporal.

Mas eis que o real obceca, instiga a dor, exige da sensibilidade
um cunho hoje pessoal que com o tempo se transformará em história.
Só o que sinto e penso e sonho conta. Só eu trago a existência
à flor da pele, tauxiada no turbilhão nitescente do caos colérico.
Tudo o mais, jornais efémeros e ideologias reinantes, reproduz máscara
e logro e ilusão. Há um laço muito forte entre o meu destino desdito
e o meu sexo. É uma lei que nasce do mais profundo vislumbre
da imaginação meditada. Algo que diz a dureza do ser ao serviço da dor.
Impressão indelével ou fugaz, sussurro e vento, carícia de mãos
atentamente tépidas, eclosão ao nível humano da realidade nada.

Mas escrevo. Sintomaticamente a ausência. A possibilidade aquém
do impossível alvo ou rastro ou fonte. Luz. E nas palavras unidas
desaparece subtilmente o puro desassossego que as invocou.
O tecido que cobre o âmago, alma ou vazio, o espelho reflectindo
a essência clivada do real irrealizado pela hibridez do mundo.
Nunca o disse para que tu o saibas. Para que adivinhes
no inócuo desfibrar da leitura a fenda, a fantástica odisseia
do espírito sem casa. Daí, ou talvez daqui, a loucura que salva.

Daí também que eu me perca ou ache no simulacro dos olhos
que atestam a frugalidade de vida contemporânea. Mas não te enganes!
Labirintos são todos os sinais disponíveis. Cada rosto humano possui
o mistério insondável aos ouvidos, aos sentidos plenos de ignorância.
Cada indivíduo que passa é um minúsculo estilhaço da nebulosa explodida.
Somos esse espaço, divorciados dos mecanismos limítrofes do tempo.
Vamos tais bandeiras sobre as ruínas do passado, em nós contidos
os gérmens do perpétuo presente, o filosófico futuro da esperança.

Por isso não consigo evitar o mal de me pensar de fora,
incompetente para agradar às estéticas que agora vingam e ditam
a visão que deveríamos possuir do cosmos na sua clivagem total.
Cresce criminosa a angústia. Que vão fazer de mim, texto e plinto humano,
aqueles que assinalam as quedas e as apoteoses da arte possível?
Só a leitura, boa ou má, dá vida. Só o convívio de dois contrários
elimina o impensável e cria o real. De que acaso vou ser vítima?

Que vicissitudes engendrarão a centelha da compreensão amigável?
Mas mais importante do que isso, génio ou falhanço, a procura do inefável.

16/12/77

INDESTRUTÍVEL PRESENÇA

Talvez o facto de ser noite e de estar só, talvez a chuva,
talvez o rotineiro hábito me façam conjugadamente escrever.
Ignoro o quê. A vida sugere a eclosão de ideias, cicia anátemas
através das horas abertas à consciência. Hoje nada me disse. Esperei
maiúsculo e homem a voz sibilina: nada. Vazio não permaneço. Ser
é talvez o âmago da respiração. Outro mistério. Outra linguagem.
Acordado rimei os passos no decalque do quotidiano. Afazeres
impreteríveis levaram-me ao desconsolo da aprendizagem forçada.
Li em livros lamentáveis o conteúdo indecente da história humana.

Todo o dia, se ainda for possível dizer-se assim, choveu. Dezembro
é mais um mês despropositado. Não me concita a reflexão aturada
nem me instiga ao sopro do eterno. Existe como tudo o menos.
Sem sorrisos nem negaças. Matemático desfibrilar cílico do mesmo.
Nele evoluo sem pretensões nem preconceitos, comendo a fome diária
e defecando alguns dias de atraso. Nele consinto a presença
irrefutável dos outros. São-me caros os erros. Ainda ontem
escrevi certas cartas condizendo com o tempo. A quadra
reveste-se de luz, nos canteiros odiosos da cidade jazem
jovens árvores arrancadas ao sossego. Festeja-se o nascimento.
Da ilusão. Da esperança. Todo o ocidente vibra, menos o gato
vizinho que mia insultuosas insinuações. Sem sol gême gelo.
E eu? Eu estou aqui. Dizia que me levantei prosaicamente e fui
metodicamente à vida. A ironia dos truismos! Qual vida, estupor?
Continuo suavemente a viver. A fingir. A persuadir o universo
da utilidade comprovada da minha presença. Por isso escrevo
teimosos versos da inclemência, sisudos arpejos da demência.

Algumas vezes sinto mais que a necessidade. Um olvidado desejo sobe e reaparece à superfície da consciência. Digo então nomes de outras coisas ainda hoje inexistentes, casualmente, como se tivesse possivelmente vivido numa outra dimensão do tempo. Palavras insonoras, despossuídas de léxico, irreais como a loucura que as fomenta. Outras vezes viajo os meandros legíveis da história e recomeço as antiquíssimas línguas que já povoaram a terra. E descubro insoposáveis crimes nunca averbados nos compêndios, falas de figuras desconhecidas, fogos que queimaram os incêndios.

Sou homem estrangeiro pelo facto difícil de ter nascido aqui. As ciências não me reconhecem, a filosofia despreza-me, a arte desarticula-me ao ponto de não me saber. Digo coisas profundas como o nada. E no silêncio da casa, abeirado aos abismos do sono, inscrevo sobre a monstruosidade ocidental a voz ferida, a chave incapaz de sortilégio ou de mistério. A mentira seduz a luz. Daí justamente a injustiça de festas repercutidas no quotidiano. Deveres mal assimilados da endémica necessidade de esquecimento. Daí também a negação aflita do cosmos, do caos, do vazio vadio. Quando nada resta sobre as ruínas do tempo, e o mito perece, nasce de novo o velho cataclismo instaurador do homem perpétuo. Ciclos, estações. Só eu vou rectilíneo ou sinuoso através do espaço e do tempo, sem vindas atrás, sem voos premonitórios, directo e direito como um olhar que se espraia no horizonte dos limites e das servidões. E que vê esse olhar? A plenitude absurda de uma totalidade constituída por tudo o que existe como indestrutível presença. Vazio e único, só eu, no sitiado centro.

20/12/77

PARTIR, PARTIR SEMPRE

Só mais um minuto. Tempo para dizer silêncio e dor.
Sou prisioneiro deste país pobre. Não aguento mais o sol
pestanudo que brilha um clima invejável. Mas o povo, os homens,
que pensar deles?, senão esse sentimento ambíguo de tristeza.
Sinto que quero sair. Isto mata-me. Horror desfila sombrio
pelas ruas porcas da cidade privilegiada. Dizem-me que sou
daqui. Que devo ficar. Mas como? Como?, se não consigo abrir
a fala? Fala-se outra língua, há outros costumes, não comprehendo.
Como pude outrora viver tanto tempo cercado de miséria anímica?
Esses rostos rotos, compostos de imbecilidade e servidão,
não os posso suportar. O povo. Discutem em cafés tesos, gesticulam
a força que não vendem, deitam saliva sobre o olhar atónito da história.
E saúdam os erros cometidos há milhares de anos, compram
convictos os jornais caros, esperam que outros resolvam a vida.

Tudo, menos ser português! Pequeno homem minúsculo parodiando
a vida coetânea, caseira, organizada pelo hábito fedorento
da segurança sem surpresas. Que faço aqui? Respirar, preciso
urgentemente de respirar! Abram as janelas, os sorrisos, o ar!
Sim, mais uma vez, o exílio. A única solução. Partir, partir sempre.
Mal reconheço os meus pais. Porquê a vida tão mesquinha, tão pobre?
E depois um orgulho injustificado. Acham-se o povo mais hábil
da europa, o trabalhador mais engenhoso, o homem mais inteligente.
Assim, com um trejeito maroto nos lábios. Descendente da demência
herdada de antepassados que souberam roer os ossos do génio.
A impressão às vezes de que a estupidez também tem o seu reino:
esta terra calcinada pela inacção, pelo vício, pela indigência esmerada.

21/12/77

SOMOS TODOS MAIS OU MENOS HOMENS

Irrazoavelmente esta súbita alegria, como se a vida fosse leveza ou icástica aparição. Estou situado no silêncio, a casa é grande e alta. Apaixonadamente escrevo as rimas irregulares da sensibilidade coeva no coração inócuo do festejado poema. E digo mentalmente desperto a baixeza da imaginação, ou talvez a sua ausência. Aqui fica pois o pedaço da existência entregue aos futuros, a imagem infeliz do caos edificado pela ociosa membrana do tempo. Clarifico o meu passado pus, acho diferente a ferida. Quem sou desgoverna-se e abandona o barco. Pairo no ar da noite como a petrificação do dia, voo velozmente através das correntes anímicas e dos ventos venenosos, assisto novo ao desenrolar doloroso da revelação do real. Outros passam pássaros do visível e do palpável, saúdo-os com ódio ou amor ou indiferença, que importam as sensações, os mares moleculares, os sentimentos senis? Está velho tudo. E estrebucbo, bracejo, carcomido pelo crime catártico de uma arte que arde aos olhos olvidados da história histérica: poesia foi um nome e uma coisa, outrora, no esconderijo da memória do tempo. É agora o nojo, a ruína ruminante da intelectualidade dessangrada. Por isso finjo que escrevo as severas palavras sérias da inspiração, casualmente disposto e deposto, vítima dos ideais juvenis que mancharam a educação ecológica do ocidente. Restos, eis o que resta. Poeiras antiquíssimas do desgaste e da perda, a ilusão do homem homicida, o desejo do jovem suicida, o prazer prático das gerações moribundas. Mas há sol. Consolo triste! A água faz-se ribeiro no poluído deslizar do seu leito, a terra recebe cadáveres com um sorriso de hebetismo. Sobretudo não comprehendo. E animal rio-me do grotesco mecanismo que é o destino destituído de grandeza ou de esperança. Saio e entro.

Roubo quando posso as posses suculentas do social. Perfilho doutrinas destruidoras como o desassossego e o sonho. Mato em mim o fundo da ideologia dominadora, berro e canto o sinuoso declive da morte. Não tenhas temores – sussurro ao ouvido outro. Colhe as alegrias que se abatem sobre ti, estupidamente ou não, e aceita a incerteza. Mas a loucura lambe já as partes patéticas. Um falo erecto na fala desmedida do momento. Seja o que for, é. Mas mais grave a greve. Na noite o cansaço, o castigo, a culpa. Horror não é um filme televisivo.

Mas a dimensão genérica do quotidiano, a sua quota-parte, o seu delírio. E todos, mais ou menos sãos, testemunham o âmago do século tecnocrático. Escrevem-se obras primas e últimas, simulacros de epopeias episódicas, versos verdes como a ideia que se faz dos filhos engendrados continuamente. Autores nascem e dizem que vivem e morrem, com datas de permeio, o dia didáctico da primeira masturbação, a hora exacta e indesculpável da perda dos três, a morte frutuosa dos pais, o nascimento dos rebentos, a sucessão bem ou mal sucedida das publicações que empestam as mentes. Leitores perversos gramam. Em leituras obrigatórias ignoram. As escolhidas permitem-lhes pensar que compreendem. Mas o quê? Que somos escravos? Que dia a dia nos esquecemos em assassinatos organizados pelos estados, de sítio ou de nenhures? Que hora a hora perdemos o essencial da vida? Que é viver. E logo alguém se levanta e peremptório diz: Que é viver? De confusão em contusão navegamos herdeiros de um estranho mal. A fome fornicava fedorentas fêmeas felizes. Que importa? A morte modifica medidas másculas. Que interessa? Eu vou aqui e tu passas perdido ali. Somos todos mais ou menos homens. De uma maneira ou de outra vivemos. Deixamos merda como manifestação mais pura da nossa perpétua passagem. Milagrosamente as etapas futuras verão nela monumentos magníficos, frontões elípticos de uma sabedoria que nunca infelizmente valeu nada.

23/12/77

O MAIS PURO VOCÁBULO

Criação é talvez o mais puro vocábulo. Sugere tudo. Nada explica. Existe misturada na comichão dos dicionários, guerra fechada. Passam-lhe por cima os séculos sequiosos de inovação e de vingança, sofre a malcriadez e os tratos maus, insultam-na de misticismo e conspurcam-na na fábrica febril da produção de mitos.

Não sei se é isso. Sei as poucas palavras capazes de fenderem o tédio quando me acho vítima da incompreensão do mundo. As ideologias idiotas não me bastam. Dominantes ou dominadas. O real é todos os dias.

Esta forma no total amorfismo das regras e contra-ordens,
esta lucidez guerreira no emaranhado labiríntico da contemporaneidade.
Sigo sinais supostamente libertos da canga histórica. Vou onde?
Subsumo uma estranha sintaxe da dualidade, da ambiguidade.
Ligo os verbos mais díspares e no distale descubro o gérmen genial.
Pressinto o perímetro do ser. Aqui estou. A quem me dirijo?
Há homens e mulheres e animais desditos inferiores e vegetais verdes.
As pedras escalonam os antigos caminhos. A poeira eleva-se no ar.
Longe, na relatividade do tempo e do espaço, as estrelas, outros planetas.
E depois? Haver significa alguma coisa? Em que escala de valores?
Tenho um corpo e uso mal as palavras. Temos os dias acorrentados
ao absurdo: ontem, hoje, amanhã. A memória de casuais poemas.
O conhecimento sedoso e selvagem de várias línguas. E depois?
Haver e ter consumam o divórcio com o ser. A mentira é verdade.
A ideia esboroa-se. As filosofias perecem na monotonia dos gritos exangues.
As ciências trabalham para a opressão. Inventam as armas do capital.
E mesmo assim escrevo. Diariamente respirando o veneno do século,
purifico-me roçando o tecido das palavras que exigem criação.

23/12/77

O PRIVILÉGIO E A PRIVAÇÃO

A dois passos da fronteira do sono, devastado pelo cansaço,
possuindo o silêncio exterior, tento ainda meditar a vida.
Olhos grávidos de ter visto esguardam a brancura tentacular
do pensamento devoluto. Mais além o enigma. Essa palavra ágil
que concitará o discurso até ao seu profundo paroxismo.
A noite navega soturnas frases premeditadas como um crime.
Em casa dormem. Na vizinhança o espasmo de um destino colectivo.
A cama calmamente espera. Áspera no começo dissolve-se calor
com a presença palpítante do corpo. Banalidades do único declínio.
E no entanto preciso com minuciosidade o desejo contemporâneo.
A vida está presa. Não flutua como a jangada. Não sopra vento.

Calcinada pelo tédio quotidiano e pela irrealização do real
que surge e se insurge contra o sonho de uma outra coisa.
Pobres na essência somos. Agora que perdemos o contacto maravilhoso
com as forças da natureza. O sol nada nos diz. A água aguenta-se
nos limites do suportável. A terra arqueja como um moribundo.
Desplacentados e derrelictos, eis-nos órfãos e sem família.
E no abismo da inconcebível ausência cresce o verbo querer.
Soletrá-lo é dar os primeiros primitivos passos do recém-nascido:
quero todas as mulheres que possuem sensualmente um sexo ávido,
todos os abraços que espremem o espírito da liberdade emancipada,
os coitos capazes de significarem um simulacro de morte reparável.
Vou na vida cego e surdo e mudo, desfeitos os meus dons iniciais,
banidas as esperanças acalentadas nos cinismos da adolescência.
O mundo que habito habituou-se ao hábito pestilento da injustiça.
Os homens com quem não convivo resignam-se diante da sorte.
Igrejas ignoras proporcionam ao rebanho bálsamos enganadores.

Queria todos os dias construir e inventar dias diferentes.
Criar com perseverança e carinho um clima de harmonia
partilhado com todos os outros, homens e animais e natureza.
Queria deslizar mãos pelos sexos rachados das mulheres mornas
e pousar a cabeça no seio sedoso de todas as mães da última terra.
Queria viver o ócio bastante para sonhar o futuro real de amanhã
e mastigar com lentidão a frugal refeição contida na água e no pão.

Insatisfeito e insaciável acelero a imaginação descontrolada:
assisto boquiaberto ao cerco das imagens alucinantes e fortes,
fontes de delírio brotam na monotonia miserável do quotidiano,
berro a vazios pulmões a odisseia impossível que estrangulamos.
Somos os próprios inimigos de nós próprios. Elegemos os irresponsáveis
que ditarão deleitados e temerosos as regras que vilipendiamos,
consentimos a opressão, a exploração, o mecanismo da imbecilidade.
Continuamos a fazer facilmente filhos desnaturados. Ousamos
ensinar-lhes a mediocridade e a meia medida, o zelo burocrático
e o sonho solúvel da tecnocracia reinante. Envelhecemos
fora do espelho na mentira e no opróbrio. Uns lentamente,
outros mais rápidos que a juventude. Morremos já mortos.

E o mundo calca maciamente a revolta e a possível revolução.
Sociedades inteiras sofrem cataclismos sociais, bandeiras leves
lambem o vento em momentos de euforia e de sincero amor.
Depois tudo volta ao mesmo. Desnivelam-se as classes e os ofícios
para que a ordem ordene e instaure o privilégio e a privação.
A história ensina truismos que não abrem a clivagem definitiva.
Todas as vezes e em toda a parte o erro, as boas vontades.

23/12/77

UMA MANEIRA DE EVITAR O SILENCIO

Silenciado pelo começo da noite estremeço um visceral medo.
Só nos olhos a luz artificial e as altas paredes da súbita biblioteca.
Aqui coalizado ao mito vivo o breve desencontro do sangue intelectual.
Mediocridade é uma cegueira, uma incapacidade criadora de distração.
Paulatinamente aqueço no contacto com o discurso outrora poético.
Escrevo a leitura dos estigmas que anavalham o dorso do século.
Humanamente reflectindo na extensão do perigo e no terror da queda.
Como por ambição cada verso é um dedo que aponta as possíveis direcções.
São muitas as luzes mas só uma é sol na dimensão total do homem.
Lavro livros como quem recebe chuva num rosto esventrado pela dor.
Simulacro e febre fabrico ferozes palavras na selvagem odisseia hodierna.
Mas o silêncio silva soturnas saliências de um espaço livre de desejos.
Por isso sinto o madeficado medo do suor que alaga a consciência.
Em redor eu, interior transparente, casulo e matrimónio esporádico.
Com palavras a aranha tece a teia temida e a imagem ignora caos.
Mais talvez do que um sentimento o sentido terso da real aparição.
Não se enganem aqueles que pescam com olhos o erro salvador.
Há no mistério sensual da vida um sexo e uma inapetência desmistificadora.
Uno como uma peça só o preço do engano tingido de razões rudes.
Pelo contrário, a dualidade vigente, vidente, contraria os contrários.
Difícil é dizer o que não se sente nem se pode honestamente imaginar.
Mas as conexões verbais uma vez iniciadas prefiguram o destino gratuito.

Como ventos viciosos varrem as vozes humanas do rotineiro sigilo.
Acredito que querer é o mais detestável dos sinónimos da ambiguidade.
E no entanto aufero agora de um calor prenhe de povoações anímicas. Fazer
efemeridade ao compasso da eternidade é uma maneira de evitar o silêncio.
Fique ou não esta página nos rodeios roídos da frondosa antologia.

27/12/77

A RAIVA E A VIOLENCIA

Poucos sabem contudo a raiva e a violência. Na música rock atinjo
por vezes o mais profundo de mim mesmo. Decalco a verdadeira poesia
do gesto e do corpo. Dança é a expressão pré-histórica do verbo.
Em certas vozes a frase mais banal transfigura-se e eleva-se ao sublime
de um estranho e abissal acordo. São momentos de iniciática identificação.
Daí que povoe os meus lazeres de canções icásticas como o nosso tempo.
Deitado sobre uma amiga cama ou convulsionando suor e animalidade
pontuo o mais puro dos prazeres: a saída para o inominável nada.

Como agora que ouço mais atento que o real o ritmo tenso
de um piano acasalado com uma trompeta entre dilúvios de guitarra
eléctrica. E insensivelmente sinto-me outro. Fibras em mim desprendem-se.
O garoto que fui, morto. O adolescente negado. O jovem homem fora.
Agora subsumo a inamissível juventude perpétua, a força dos corpos
em amplexos de amor, a revolta contra as ideias ideológicas
que conspurcam a pureza do instinto e a ingenuidade da amizade.
Sou homem de música. Daquela que exprime a negação do conforto imbecil,
das metrópoles monstruosas e com leis lívidas como cadáveres caros.
Amo mais que o transporte da senil sensibilidade estes sons selvagens
que me dizem heterodoxamente a vida na sua pujança dramática.
Com eles mantendo um diálogo que dura desde o exílio precipitado.
Foi em noites nulas de solidão estrangeira que aprendi a conhecer
o grito dos meus contemporâneos, em discos que perdi em andanças
mais ou menos forçadas, nesta longa caminhada à procura de uma solução.

E agora aqui estamos, ligados inexoravelmente pela inquietação iníqua,
soltos como o vento no arrepi de um sonho que se transforma
incansavelmente na matéria reconhecível de um real humanizado.

27/12/77

O MAIOR DOS MITOS

Abro decididamente um dicionário feliz e encontro linguagem.
Vocábulos dispostos segundo inocentes regras alfabéticas.
Aí me inspiro para trazer ao cimo outros signos que já possuo.
Ensanguentados pela experiência e encurralados nas entranhas.
Com eles crio um outro sinuoso dicionário baseado nas leis livres
do pensamento que se quer humano. Sem efusivas explicações.
Palpitante como o acaso e a metodologia. Obra da necessidade
que sobe das planícies inconscientes até ao sopro da forma.

Acuso o berço onde sobrevivi ao engano e ao dilettantismo do verbo.
Sinto o desejo doloroso de apostrofar com raiva a inacção ocidental.
E de dizer que o amor, o maior dos mitos, fenece sob as patas sociais.
Agora que aquário começa era uma outra palavra florirá lábios:
amizade é o nome da demanda e das preocupações ditas filosóficas.
Séculos discutirão o brilho do efémero e a brevidade do suspiro suado
tendo em mente o laço que ligará os cidadãos da cidade futura.
Sou talvez o primeiro a revelá-lo. Nasci no âmago do grão grávido,
no fundo furibundo do inverno, quando o sol se exilava errante.
Li o horóscopo que não engana. Aí assisti a outra linguagem.
As estrelas marchetadas no oceano anímico possuem a origem orgíaca.
Disseram-me a velhice e as privações. O génio talvez da confusão.
A ortografia estranha da língua somente existencialmente poética.
Depois apaguei o quadro azul e vi o quotidiano de ser todos os dias,
espalhado em mim sofri a desilusão de um mundo mumificado no tédio.
Gritei a força e o prazer, a tensão entre o nada e o tudo. Ninguém
me ouviu. A azáfama tolhe a inteligência e instiga o mecanismo.

Homem infeliz rodeado de civilização e de acidentes faço-me tesouro triste.

28/12/77

PERDA É UM NOME SEM COISA

Largo velas no seio da imaginação infrene. Feliz subo a possibilidade.
Aqui um obstáculo irrecusável, ali um vazio soprando vozes velozes.
Eu no meio. Média de todas as sensações e sentimentos. Ponto rítmico
como coração. Por mim passam os sangues despovoados dos povos,
as aspirações inspiradas, os avisos ávidos de destino. Sou suave
como a dispersão difícil da loucura lúcida. Profiro com amizade
os versos vertidos nos sulcos do universo cognoscível. Areias
desérticas sobem como poeiras ao frontão do sinuoso dédalo arrependido.
Aí lê-se o turbilhão dos sentidos e dos sinais e dos dilúvios.
Mas o conhecimento ao enriquecer-se empobrece o homem amargurado.
Chuva poluída cai sublime sobre as calçadas da cidade cibernética.
Computadores medem com exactidão o desgaste da sensibilidade colectiva.
As horas armam-se contra o sossego e batalham a necessidade de paz.
Roídos no cerne saímos das casas caíadas de pus e vamos febris
ao alcance da dimensão nunca achada. Perda é um nome sem coisa.
Daí que o oco siga os trâmites casuais das doutrinas incestuosas.
E leves no fardo de uma vida miserável voamos velhos truismos trágicos.
A família é um ocaso. Encargo de fezes fictas nos deveres humanos.
O emprego explora o sonho subtil como uma máquina exigindo mártires.
A semana articula-se com a ausência do prazer. Rasga o tempo os tímpanos.
Surdos ouvimos os conselhos dos maiores, dos governantes coisificados.
E um cansaço abate-se soturno sobre os ombros orgulhosos de ontem.
O espelho diz a verdade: são rugas e brancas e é tez tumular.
Assim se vê como a mais livre imaginação saca ao real as asas formais
do poema possível. E como da feliz introdução se cai no pessimismo
que a meditação sobre a vida nos faculta. Mas o sol ainda brilha.
Consolação ou ilusão é preferível um sorriso ao mutismo do choro turvo.

28/12/77

NOMES SÃO AUSÊNCIAS

Abismado na truculência das palavras fito o vazio além. Ouço o silêncio que crepita inolvidáveis canções. Nem desespero nem excessiva alegria. Estou sinuosamente calmo, fingido sobre a cama passiva que arde os apetites e as cartas que predizem o futuro. Sou eu que vivo agora o espasmo colectivo do antiquíssimo arrepi. Só como uma corda metálica ao vento. No simulacro de oráculos funcionais que revelam a inutilidade precoce da procura e do encontro. Sinto que quero humanizar outras palavras. Com os olhos ardilosamente fechados subo e levito minutos de centímetros que fogem correctamente às escalaras lógicas do pensamento organizado. Soletro então os dramas da música sem harmonia. Fixo no limite poético sei que experimento um súbito outro delírio. Nomes são ausências. Desaparecem os marcos referenciais dos ancilosados sentidos, a matéria modifica a própria estrutura das ideias que se insurgem contra o espírito. Não há correias nem grades, mas estou preso. Pregado ao horizonte côncavo do oco onde nebuloso pairo amálgama de vozes e luzes e tactos febris. Suor em toda a parte. O gume do ódio corta paulatinamente a carne rica de sofrimentos e desgaste. A interrogação curva-se como uma chave essencial. Percebo todos os símbolos, os sinceros como os serôdios, mas não sinto vida na fronteira da sensibilidade sedutora e seduzida. Frio nas convulsões visiono a imaginação. Manchas de fogo roubado ao sol. Riachos ridículos onde a água anda com pés pustulentos. Vou através e venho donde o medo é mais sensível. Humano, escreve-se nos livros. Esse olhar vago dirigido ao universo. É noite. Lembro. Tudo é agora. Mesmo o grito suspenso na boca da demência irmã. Agarro-me e arranco-me ao sortilégio, onde estou? Aqui a cama, a viagem, o périplo. Em redor as coisas ditas quotidianas e sem história: móveis imóveis, a janela, o tecto. Saído do esquecimento abandono as palavras à guerra dos sentidos.

29/12/77

MAS A HISTÓRIA NÃO É OUTRA COISA

Por vezes a dor é tão abstracta e pervagante que não suporto a vida.
Estar acordado transforma-se na lâmina que corta as redes da carne,
o olhar deixa de ver para se sentir a dimensão patética do vazio.
As palavras desfilam correntes simultâneas de apoio e desesperança.
Apresso-me a vir escrever. O pulso friamente febril e o sangue
subido ao paroxismo da vaga marítima. Dizer é depois o acaso feliz
da coordenação simbiótica entre os sentidos e a razão rival.
Sofro então a osmose orgíaca com o real, visão imediata do redor
ou sopro da memória que se situa no lugar inesquecível do tesouro.
A maioria das vezes testemunho o quotidiano sacrificado à ordem mesquinha
das leis sociais: levantar na manhã, ida para o emprego ou escola,
refeição colectiva, retoma do trabalho esqueleto de frustrações fatais,
vinda para casa em comboios superlotados onde a humanidade civil
é gado para a matança, abraços ou azedume dos familiares, cama.
Se o sono não é estrangulador e se o outro sexo está ao lado e livre,
uma foda simbolizada na satisfação animal do instinto de sobrevivência.
Outras vezes são as palavras palpitantes que comandam o outro discurso.
Um verbo exige uma pessoa e o sujeito prevê um complemento feliz
para que a gramática não seja completamente aviltada pelo desejo.
Quando leio o resultado de tal prática receio a desrazão mítica
que povoa esses esgares da existência poética: absurdo e sonho.
Salienta-se a dialéctica do eu esviscerado na exulcerante mentira
ou ignorância. Todos os erros e falhanços emergem como cadáveres
que o mar rejeita. Aqui um lapso imperdoável, ali uma mancha ignava
da ideologia dominante, no todo a expressão medíocre do universo
filtrado pela inteligência de um homem. Mas a história não é outra coisa.
Daí a tristeza de permanecer tauxiado no engodo oferecido ao futuro.

30/12/77

O SOL ESTÁ LONGE

É possível que a vida não necessite de palavras. Mas a solidão exige-me esta hora dividida pelo prazer e pela dor. O momento em que um absoluto vazio se abre diante da minha capacidade de ser. Então apego-me ao sentido do começo e perpétuo com calma ou violência a música que corrói o silêncio. Sei que em mim se alimentam revoluções. Espreito assim através do além a realidade próxima. Casulo e espelho represento da melhor ou pior maneira a essência humana da presença. Não me interessa a leitura escrita nos olhos cegos das máquinas pensantes: paulatinamente inscrevo com sangue e fezes o sulco da existência nesta desflorada terra da sorte que me coube. O sol está longe. Cada dia que passa na indiferença da eternidade que é o fim do tempo grito a aventura e o arrojo, as faltas e os sonhos, o tédio e o suor. Para que eu próprio saiba que vivo. Na história das sociedades ocasionais. No destino ignoto que traduz a ignorância de marcos tutelares.

Com as palavras vivifico a efemeridade estrangeira da vida quotidiana. Transformo o sopro em permanência. Talho na substância amorfa do real os estigmas, errados ou certos, do sentido. Não disponho de outros. E que as gerações futuras se enganem ou não, não me importa. Eu, mais do que visões por vir, sou o meu próprio ou impróprio tempo. No carinho com que ponho palavra após palavra, na raiva com que desperto o ódio pela mediocridade presente, no sóbrio orgulho de pertencer à raça daqueles que não aceitam as prisões estáticas do súbito nascimento. Cresci no meio dos instrumentos contemporâneos, ouvi a superstição, vi o esquema esquelético do sistema social, disse com horror não. Nas palavras encontro uma jangada ou os fundamentos do edifício. Casa é quente como um dia de verão. Aí a felicidade e o grão.

VIDA É UMA PALAVRA SEM ORIGEM

De repente, como um assalto, o sentimento da estranheza. Tudo em volta é-me desconhecido. Coisas, matéria, obstáculos rudes. Seres mais ou menos parecidos no corpo: mulheres e homens. O dia transforma-se em noite. O rumor em silêncio. A batalha. No vazio vogo estático e de pé, o espírito nas garras do medo. Insubstancial repito-me: Sou um homem! Habito a terra! Ouço as minhas palavras como ecos de inusitadas vozes longínquas. Olho o espaço moderno de hoje, vejo o sangue que corre carregado de manchas sobre as calçadas do pensamento devoluto. Assisto no espanto à eclosão do eu. Essa transparência psíquica que tudo absorve e rejeita, impalpável odisseia do sentido. Arfo e transpiro, a parede lisa e branca em frente. Sonâmbulo escrevo aí signos ilegíveis. Um único poema. Este poema de todos os dias, esta folha arbitrária, o tempo. Nele voo como uma ausência insopessável, olhos dardejando testemunho e cegueira sobre as casas despovoadas do sonho. Depois surge a música: lábios de punhais roçando harmonia pelas feridas casuais efeitos da invisível guerra assassina. Vozes de sereia chamam-me para o ilímite sem fronteiras, não resisto ao apelo e solene vou através das membranas da consciência corda. Aí revivo o vagido do nascimento cósmico e prevejo a suavidade da morte. Um passo que dei no exílio elementar, uma acção futura que honrarei com o meu sofrimento. Suor é a lava negra do vulcão anímico. Lentamente subo as águas e rompo o cerco do fogo: vida é uma palavra sem origem. Cresce na sensibilidade como um peso e uma reflexão. Dá ao enigma a força do delírio e exige do homem a alegria sem sentido da contingência aceite.

QUE FAZER?

Sem pensar transmito o reflexo da dança sensual que torna a vida uma moeda melhor. Calmos na essência sem nomes estamos humanos sobre cada passo dado na terra. Colhemos os olhos das trevas triviais e apalpamos com suor as guelras da guerra. Ódio e amor são iguais. Subsiste a única ligação. O sentido sagrado da verdade realmente nova. O caminho degradado do corpo nascido do nada e apodrecido sob a humidade última da terra. Vamos todos toldados pela miséria. Percorremos os paços insinceros da solúvel história e tememos o medo. Na noite canta o relógio animal. Sussurra as carícias da mudança do tempo. Por isso finjo a força da juventude e a sabedoria do velho sorriso consolador. Mas nada vence a vertigem vigorosa. Um livro escrito no sublime substrato da memória representa talvez a incongruência da vitória ou da derrota. Nele núbios traumas demonstram a matemática erradamente cosmopolita. Nascer e morrer não são mais mistérios alimentados na religião. Nem tão-pouco fases discursivas da ciência socialmente prática. Mas sim o horror da ausência e do vácuo. Como preencher a alma? Como instaurar no silêncio a ordem capaz de prazer e de trabalho? São as perguntas que desmerecem a armadilha razoável das respostas. Uma letra e um espírito – dizem-nos com sofisticação as escolas ágeis. E depois? Eis que flutua a vagina imaterial da ideia contemporânea. Que fazer? Levantamo-nos, deitamo-nos. Acasos no ocaso deixamos as cinzas verdes da subtil esperança. Em quê? No futuro feliz? Falhamos a sede e a dor e a doença. Libertos da canga homicida suicidamo-nos entre flores patéticas de um absurdo monumento. É o parco pensamento que discorre os minutos malévolos da sorte. Em folhas artificiais escrevemos a ilusão de um mundo maldito.

4/1/78

TERRA É UM BERÇO INFELIZ

Rastejo suave e servil sobre a mediocridade mártir deste tempo triste.
Abro com um pénis perigoso a porta pútrida do saber e da sensibilidade
acasalados. Dentro arfo a arrogância de não sentir a náusea e o medo
e a miséria. Sou soldado preso no insondável mimetismo da vida que foge
furibunda. Fecho o olho profano do século e rio-me das tecidas membranas
puras que investem na vagina a solidão. O sol reveste-se de mito no cimo
inexpugnável dos sonhos humanos. Corpos curvados outrora, hoje
em certas casas curiosas um pau desfigurado e cânticos catalogáveis.
A minha força está na consciência de pertencer a uma outra história.
São-me iguais aqueles que viveram o arrepião da descoberta dupla
nos meandros selos da intelectualidade pétreia. Um só tempo para muitos ocos.
Mas a imagem sobe icástica no remoinho redondo da cultura culpada.
Ousam dizer os profetas as provas reais do crime cometido na família.
Pedem aos dessemelhantes o castigo e a punição, só sinônimos agora.
Mas que importa o amálgama de febre e pedras no pulso cansado?
Luz no palco a palmada obrigatória que dá vida ao recém-nascido.
Já o estertor envaginado sulca os peitos periféricos da morte.
Um esgar e um sorriso coroam o sentido sórdido do estar e do ser.
Como eu homens lançam-se sobre o inexistente e chamam a si
as mais profundas feridas da memória humana. Terra é um berço infeliz.
Na cama, desfeita a luminosidade artificial, o casal calcula o instinto
que leva a gota de esperma a subir até ao lago: ovo, ave, uva.
Em devastadas regiões a fome fomenta o declínio e a queda solar.
Como um verme rasgo a terra, ventre ventosa sugando húmus
com que nutro a natureza poética de um trabalho trágico.
Nem mais rico nem mais pobre. Ponto limite da osmose e da simbiose
escolho no real o símbolo salutar da confusão contestadora.

DO INESSENCIAL COMO FORMA FELIZ DA POESIA

Cada vez me capacito mais do inessencial como forma feliz da poesia.
Da impossibilidade de se erigir génio no malogro conflituoso da época.
Estou fendido na ofensa que a mim mesmo me dirijo quando alcanço
os limites humanos da dúvida e da suspeita. Ser escreve-se no vazio
contemporâneo à esperança. Mas o futuro furtá-se ao diálogo dâdiva.
Só aufigo a incompreensão do mundo como um dado da inteligência.
Não mais os avisos casuais do destino: mas a fereza quotidiana do ódio.
E tudo tão mesquinho! Uma sociedade baseada na injustiça legalizada,
povos ordeiros no mecanismo transposto de gestos espúrios, o amor
ficção legada pelos séculos menores da religião de promessas celestiais.
Homens que nascem e morrem nos intervalos de poemas inacabados,
mulheres sofridas na arrogância do masoquismo inconsciente,
a casa alugada, o transporte comprado, o sono vendido, amarras
da existência alagada pelo traumatismo físico da última aurora.
Nos sibilinos meandros da cultura chata arautos do impossível
berram a memória tumefacta das ideias ainda ontem virgens,
hoje truismos salvadores do nada que se avoluma dentro e fundo.
Fazer é um verbo insetido. Querer passou à história. Viver
traduz-se pela queda horizontal e sem som nem sombra. Estar
como a pedra sobre o lado esquerdo ou direito do caminho político
foi a sorte social que coube. Raros cospem nas ventas paternais
a herança ou o verniz. Quando o fazem escolhem o povo submerso
como um filho. E sofrem, se sinceros, o castigo das leis preexistentes.
Daí o medo. A covardia. O mal-estar. Dilema é o nosso tempo triste.
Saída só a ilusão ou o estourar da clivagem subterrânea.
Mas os dias, insopáveis ou árduos, passam. Ontem será amanhã.
Como se a oportunidade tivesse caído nas mãos estrangeiras.

Eu teimo. Necessidade do prazer busco paulatinamente os dons
das vozes que retenho. Insuflo-me de ardor e arremesso o olhar
sobre o horizonte conceptual do nada como folha branca. Cada vez
é a ruptura, o estremeço, o auge. Sublime soluço daquilo que chamo
a eternidade. Nem sequer um êxtase, que os conheço. Mas o pacto
com este além aquém. Um momento máximo na mínima fracção de tempo.
Depois a real truculência das coisas a fazer. A consciência desperta

e o corpo actuante: passos e passos que se oferecem no holocausto do desgaste e da usura. Para quê? Obrigados ao mimetismo da obra ordenamos o imprevisível: a minha vida. Dados e datas, eventos que sumiram no desenlace da memória caprichosa, fotografias frias onde no estático se imagina a cor dolorosa do movimento.

Não fui quem sou. Sou o que me resta da invenção do que fui. Livro biológico pertenço à terra, à galáxia, ao universo. Tive pais casuais na dimensão do acaso. Deles permanece em mim o corpo e certos traços temperamentais, disposições arbitrárias do quadro milenar. E depois? Fiz filhos para perpetuar o estigma do sangue. A ilusão da outra carne estar contida na famosa gota de esperma. Mas a morte marca os seres indelevelmente. No rosto rodeado de rugas vejo o acento prolixo da decadência. Saúdo o espelho com a imagem. Que importa? Já tive medo, outrora, adolescente tamisado na angústia diante das estrelas e do efémero. Hoje sei que a vida só vale vivida no simulacro da revelação: olhos fitos na fixidez do nada sentem a voz nocturna proferir os segredos intransmissíveis. Um breve, orgástico segundo. Estático o mundo. Sem sopro. Mudo. Cada vez me sinto mais fora da orgânica contemporânea da arte poética. Sem palavras digo o que com palavras fica aquém da indizível presença.

10/1/78

DIZER É O ÚNICO CRIME

A tentação, tantas vezes enérgica, de enterrar aqui a minha vida! Quando o cansaço e o abandono doem deitados sobre a cama indiferente. Sou eu que finjo palavras em papéis pobres, o mesmo que sucumbe aos desejos da saída sem preço nem regra. Mantenho a solidão sábia, o sacrilégio imperfeito de um tempo sem deuses. Tramo a rede onde busco para lá das aparências, ficam-me os detritos ocos das sensaborias. Dizer é o único crime. Proferir alto a loucura como um aceno do inexistente, a armadilha, o alvo, o alçapão. Mas a ambiguidade tem sexos. Serve a história do mito humano

com uma perfeição própria do desprezo. Daí que me convença aflito
do possível equilíbrio das coisas. Mesmo diante do sofrimento
e da miséria, essas formas quase eternas da companhia terrestre.
E então, apagado no fôlego, sofro a terrível revelação do nada.
Como uma inutilidade compartilhada pela odisseia trânsfuga do verbo.
Miragem no frontão da fronteira com o inefável. Som de água
invisível que corre sobre leitos limitados à ideia descarnada.

Já tudo se disse sobre a vida e o homem porque nada se sabe.
Colhe-se aqui e ali as imprecisões de uma presença, o brilho
certo de uma voz matinal, o afago sensual de um corpo quente.
Lê-se a pedra rabiscada de signos que tocaram as entranhas,
aprecia-se o corte de um sentimento fugaz, acredita-se na razão
para que o jogo não se altere, assiste-se ao vagido e ao estertor.
E no entanto sentimos que a palavra está ou veio de longe,
que só edificamos construções capazes de corresponderem ao desejo
de ordem e de harmonia, sem nada que ver com a palpitação imediata
da vida que se furta à análise e à vontade de catalogar morte.

10/1/78

ESSE ACORDO SECRETO

A leitura do poético é o mais paciente dos tempos. Exige olhos
capazes de silêncio e de se suspenderem na fixação corajosa
de cada palavra que transmite a chama e a corrente do pensamento.
Exige ouvidos sensibilizados ao ponto de distinguirem o ritmo
lento de uma voz ctónica como o sussurro sibilino do vento.
Exige o gosto de soletrar liquidamente os sons de sílabas
que sobem e descem como perfumes delicados de pratos anímicos.
Exige a disponibilidade daqueles que tudo viveram num ápice
e chegaram à conclusão da inutilidade como figura do destino.
Exige curiosidade em saber por que formas o homem tenta captar
a totalidade polimórfica do momento. E sobretudo, muita ignorância.

É conhecendo a história de cada palavra, e juntando-as uma a uma,
que se consegue roçar a superficialidade do tecido forjado de sentidos.
É tentando a síntese das linhas de força que talvez se penetre
no mundo profundo da possível significação. Do último brilho.
Cada poema, escrito ou ouvido, exige do leitor a tábua rasa,
o primevo balbuciamento, os passos frágeis da temeridade.
Depois, possuído no caos tentacular dos mil estilhaços livres,
a humildade sabedora sem tréguas de que o fim está no começo:
ignorância! Mas é o percurso que interessa, não o inacabado oco.
Cada passo que se dá, cada desvio, cada paragem transfigurada.
Daí a dificuldade hoje em ler, habituados como estamos
ao tempo empacotado e vendido sobre o balcão da pressa,
gesto após gesto num rodopio sem sentido nem humanidade,
corrida atrás de corrida para se apanhar a vida que nos foge.
Porém, só a verdadeira leitura nos pode restituir o sopro da vida:
esse acordo secreto do ser com o tempo que se realiza no poético.

10/1/78

O TEMPO DE UMA PERGUNTA

A poesia tornou-se-me uma prisão libertadora, onde convivem lado a lado
a graça e a peste, o silêncio e a confusão, o terror e a paz, em guerra.
Perpétua ameaça cai sobre mim e pulveriza-me, ruína de um passado
herdado, esforço constante em levantar a casa do equilíbrio e do calor.
Antes e depois o choque da angústia, o hirto esperar e o cansaço.
Só agora, depois de trabalhado por dez anos de revolta linguística,
me apercebo do abismo que suscitei com a minha ignorante ousadia.
Agora sinto o flagelo real da outra loucura, a explosão caótica
de sentidos entranhados na essência visceral da plena vida.
Como um medo e um suor na rua nocturna onde deambulo passos
e relembro a ingenuidade das primeiras tentativas sempre infelizes.
Só hoje conheço o alcance do crime diariamente cometido e isento:
diante o incêndio mítico, as labaredas sibilinas que se escrevem

na consciência ferida pelas experiências do quotidiano doente
dizem-me: Afasta-te! Entre a luz e a escuridão não há sombra!
Mas o apelo, como evitar a tentação do desconhecido? Da aurora?
Mesmo sabendo ou imaginando o perigo, a queda ou ascensão
ao fogo destruidor, o desmembramento dos sentidos situados no corpo.
Sorranteiro e febril ressumo e ressoo as palavras inscritas
do último poema. Não vejo o olhar. Não sinto. Não ouço nem toco.
Estou relendo o arrepi e o susto, o aparecimento selvagem
de cada palavra que abre e fecha o ciclo da poética existência.
Silencioso como a respiração inconsciente. Alheio ao desfibrar da hora,
absorto na disponibilidade que faz revigorar o vagido indeciso.
Pouco a pouco saio. A terra é redonda, dizem, e o sol é uma estrela.
Confirmo o real com a minha presença. Mas onde estou, onde sou?
Quem consegue viver nesta excitação o tempo de uma pergunta?

10/1/78

UM ARAUTO DO NUNCA O MESMO

Já não falo de nenhum sítio. Ao silêncio pensante do século recalcado
contrapongo a fissura do canto. Milhares de vozes suam e soam o castigo.
Escravidão é um quotidiano de dor, ideia material do destino histórico
do ocidente. Acidente que emerge no texto tingido de raiva e angústia.
Sujeito é ambivalente. Traz no sexo o falo e a concha, o nome plural.
Daí que seja cada vez mais difícil ousar o verbo. O real mortalha, cinzas
opacas dos cadáveres embalsamados pelos donos amedrontados da política.
A vida enfastia-se na substância de leis e ordens antigas como o zelo.
Precários são os gritos de revolta: as faúlhas humanas das estéticas
que procuram cavar subterrâneos da liberdade. Mas o ar falta. Dizer
é mais que prefigurar imagens do limite e do concreto: traduz o som
do corpo no momento alegre e conspícuo do orgasmo orgiáco: arroubo
da quimérica sensualidade escondida nas entrelinhas da história.
Só com um passo louco a diferença se opera sobre a chateza do mundo.
Trabalho é um processo de perda no ganho da transformação sublime.

Como uma casa que sobe no suor daquele que sonha dormir paz.
Assim meus versos rasgando o solo impenetrável da odisseia moderna,
a mão que lança o grão, o pénis ejaculando esperma na vagina vizinha.
Mas a frustração existe na máscara do tédio, do cansaço sem fronteiras.
Como um azedo surto da memória que desobedece à inspiração pura.
Tentacular sopro da questionação que cresce como um vagido vidente
na consciência amarfanhada pelos golpes casuísticos da opressão.
O capital comanda a carne coisificada da humanidade que ignora o instrumento
da emancipação. Criar é o crime coligido nos livros pobres do pensamento.
Um arauto do nunca o mesmo. Daí o medo, a insegurança, contrabalançando
a miséria da esmola, o hebetismo da máquina. É o que diz o discurso.
Com um mínimo de palavras na totalidade significante do poema todo.

17/1/78

ASSIM APÓS ASSIM

Sei sentir a súmula provisória do engano e do fastio. Com pausas
desmedidas arrepio o próprio silêncio. Lapso de tensão entre.
Mesmo quando é difícil organizar os olhos que cantarão a leitura
dos símbolos escorreitos. Porque um só socalco redime a dimensão
da perda espiritual e outra. A água funciona como um flagelo.
Voa no leito como um pensamento vazio de ideais. Sobe e desce
como a febre que retém no animal o calor ancestral da abundância.
Parece pois mentira que seja dito assim. Fazer e desfazer. Os verbos
circulam nos grandes átrios da mediocridade sexual, apoderam-se
da fome da forma e engravidam estéticas virgens como a masturbação.
Dizia que sei saudar o novo como um filho entranhado de dor.
De gozo. Da guerra surda e material que são os dias desumanizados.
Fogueiras calçam o contemporâneo delírio da prisão. Ouvem-se vozes
rituais textualizando o diverso comércio da corrupção consciente.
E choros ávidos de crianças criadas nos bairros baptizados de lata
crescem e transformam-se nos roubos delinquentes que assanham
as forças da ordem. Fazem de conta que não percebem o surto nem o gesto.
Vão à hereditariedade colher os dados e alvos. Depois cercam com grades

o crime querido espontâneo. Assim após assim. Anotando o privilégio.
Mas sei que só a solução traz remédio. Essa palavra que queima
os lábios será existente no redemoinho dos acontecimentos libertadores.
Para quê pois designar hoje o possível de amanhã? Fica aberto
o vazio da expectativa e sobram as ideias da caminhada purificadora.
Registo apenas a luta, diária e ctónica, a queda da monstruosidade
reinante e o sinuoso e sibilino furar da consciência operante.
Para que eu saiba quanto a história é uma parcela particular
da visão que faço e tenho do desejo de mudança e de plena realização.

17/1/78

HOMEM DO SÉCULO NO SÉCULO IMERECIDO

Estranho o meu tempo que só me dá gozo com o movimento da ruptura,
esse beijo sedoso entregue à amplidão dos sentidos totais. Uma sintaxe
imperfeita arvora-se no espaço milenar dos olhos, a saída saudável
do torpor canino que fecha a faculdade emancipadora do homem árduo.
Frases felizes feitas da matéria maldita que sobe no pensamento ocluso
do quotidiano acidental. Pedaços de dádivas e de recolhas, halo
maior do sofrimento transformador que ctonicamente sapa a morte.
Brilho é a sinfonia e o canto. A riqueza humana empobrecida na moeda
que se ganha com burocráticos trabalhos da repetição ensurcedora.
Que apego pois à escrita esfarelada no convívio com o capital?
Só horror e náusea, a cobertura assexuada do mundo que tem medo.
E o próprio sentir se corrompe. Amar é mentir quando o corpo enche
as bolsas e o tecido esponjoso. O grito gemido na escuridão gratuita
do quarto caro como a perda do destino. Conhecer outros, o crime.
Prende-se a família ao televisivo mericismo sem ideias. Há-os que ignoram
o mecanismo suado do domínio. Ídolos em toda a parte, astros
no sorumbático firmamento da ausência da afirmação criadora.
Sim, escrevo sempre. O acto falhado e a poluição nocturna, os erros avaros
do ser em permanente desconforto. E quero abrir, fender, clivar a luz.
Homem do século no século imerecido. Mas a história arde hoje papéis pobres.

E passam fantasmaticamente os dias, as sucessões, os rostos espelhados no aumento insubstancial da velhice. Fazer o quê quando tudo cai no malogro da despedida? Os sentidos guerreiam-se, as falas descomunicam. A confusão está em todos os níveis. O beco. O bico. Na palavra, na vida. Mas teimo. Dizer é mais do que escrever o insulso e o doloroso. Cada pedra que levanto traz o calor de um sol intransmissível. Não sei se é casa ou asilo: mas as janelas rompem com o silêncio sísmico .

18/1/78

NÃO ACHAS QUE VALE A PENA?

Abarco com uma mão diáfana a brevidade simbólica do êxtase ao contrário: não haver palavra é sinal do fracasso da meditação. Mas subsiste a impressão de uma entrada no lugar ontem privilegiado da saída, e que a vida exprime e fala através dos parágrafos inconsequentes do maltratado inconsciente. Não sei se percebem: quanto mais para fora me lanço mais desperto o dentro, as folhas voláteis do pensamento que se quer plasmar ao contorno da realidade. Mas nada disso tem importância. O que modernamente interessa é o convívio vivido com o desejo de mudança e de incontrolável juventude, mesmo na chaga velha. Daí que cada palavra sofra o contacto material do mundo em que se encerra: e que o poema brilhe na opacidade algo transparente de uma contradição criadora. É hoje o fluxo da dispersão, o magnético desfibrilar das horas carnais. Amanhã talvez tudo seja outra coisa, uma face incógnita do cubo subtraído à imaginação. Quero contudo que compreendas o mecanismo, o reflexo, o embrulhado da história. Com olhos abertos sacudirás da memória o aprendido nas mamas do sacrifício familiar, enfrentando o sacrilégio de desvendares sob o clarão de fáceis fácies o medo, essa constante filosófica que povoou os cérebros ardentes da servidão ocidental. Grandes são os perigos salmodiados pelos órgãos da incapacidade dominante: não temas! A vida que te deram só será tua na nua verdade do dia que a conquistares. E mesmo no sangue vejo ralhos e superstições, vontades virulentas do mesmo tédio. Um só sublime trabalho: o das consciências sujas de dramas e visões apologéticas

que sofrerão e gozarão a limpeza dialéctica para se desvincularem da opressão. Inimigos há-os na raiz do sentimento como nas pétalas solares da língua ingénua. Cuidado pois com as aparências! Nem confies cegamente na poética querida sapadora: a sombra de mestres é a temperatura salaz da escravidão e da dependência. Sei que ser sozinho dói quando apetece o extravasamento dos sentidos corporais ou o entrelaçamento de falas íntimas com todos os sexos. Mas o laço só ganha futuro com a consciência plena do único e do insubstituível. Não achas que vale a pena?

18/1/78

A ACTUAL INFECUNDIDADE DO PASSADO

Lidos esporadicamente os jornais inactuais fica esta sensação solta de um presente aparente na confusão de gestos e vícios cronológicos, sobretudo o passado revisto e amortalhado no clangor indecente da rotina. Que querem os homens ditos contemporâneos é um sacrilégio do mistério. Não chego a compreender a resignação de corpos ajoujados ao espelho do medo, da possibilidade ainda futura de um conforto sem paz nem portas. Meditometiculosamente cada acontecimento, cada fala policiada, cada rajada de nervos que sacode a folha mística de um livro quotidianamente falso. Sei hoje o porquê da solidão. O alcance e os limites do afastamento frágil. Que esperar? Visiono como meu o futuro rodeado do mesmo obtuso engano? Felizmente que só o verdadeiro presente me consente a importância e o desejo. Eu vou por aqui como um homem dissolvido no solitário empreendimento da terra sempre jovem e arfante nos seus milagres facetados em estações e novos partos. Partir – eis a palavra. Viver a virgindade de um sempre sem fronteiras nem catálogos, cada gesto o primeiro, cada palavra a própria possível materialidade que lhe é própria. Amo sentir a língua como um corpo sensual de uma fêmea aberta ao prazer perda. Que me importa o estouro ou a saída do esperma? Logo serei pleno e forte como sangue que passa de geração em geração através dos cataclismos, das pestes, das desgraças. Amo, mais até do que o dito, comer e ejacular cada palavra que culmino ao ser. Sei que nada está preparado para me receber. Daí o roubo, o silencioso crime,

a deriva. Dia no espírito reconheço a estranha condição do poeta aéreo
como uma flecha. Alvo é o ilímite procurado ao jeito da respiração
que se anavalha ao corpo. Um grito insuportável a fome de milhões de irmãos
sem perspectiva nem fundo. Qual pois o fim? Por que caminho, senão este,
que é mais do que escrita no branco? Só a vida contém as soluções plausíveis
e os alimentos possíveis da sobrevivência. Nela fixo e movo-me como
um inconstante inconsciente que emerge à superfície das águas. Trago lume
e terra e encontro capazes de incendiar a actual infecundidade do passado.

20/1/78

DA SOBREVIVÊNCIA POIS A LOUCURA

Vivemos plasmados num turbilhão de ideias. Coube ao homem historiar
as diversas manifestações do medo. Assim, em livros abstrusos obscuros
segredos ditam a clarividência mentirosa do coração honesto e humano.
Com palavras quotidianas arrancam o sortilégio e o fogo, traduzem o domínio
doloroso do indizível decifrável. Leio-os sem olhos. Colho confusão e escárnio.
Mas o redor responde uma materialidade real. Como pois coincidir os dois
gumes? Vou sentado na rua e escrevo este poema. Em que tempo?
Trago na carne a carnificina moderna do desconforto, sinto no âmago
a superficialidade. Quem vejo? Homens passam. Mulheres passam.
Saí da família, outros inúmeros laços. Ouço as vozes descontínuas
que crepitam no palpite de uma visão autêntica. Dizem uns a negação,
outros afirmam a ordem, a grande maioria indiferentemente vive a cegueira
ou a ignorância. É que a boca pede pão. Da sobrevivência pois a loucura.
E estamos no caminho, papalvos orgulhosos do limite liminar, vítimas
das canseiras e dos deveres, da organização caquética do logro. Alastra
as políticas monogâmicas. Os partidos compartilhados. As escolas alarmes.
Descidos ao eu observamos a pobreza concreta no mendigo que não possui
mãos assim como a riqueza palpável nos vários ministros do capital governante.
Poucos dormem o pesadelo da vingança. A revolta estoura no desespero
individual. Mas as acções colectivas rareiam. Mudar é ou utopia ou o sangue
do medo. Daí que cresçam penduradas na civilização ocidental as caretas

carregadas de símbolos e preces, as sinfonias sofríveis do desgosto e da compaixão. Que faço eu aí dentro? Conflituosamente assisto e vivo a dúvida e o degredo, incapaz de levantar exércitos onde jazem os cadáveres da multímoda opressão. Tento ganhar um futuro mais ou menos perspectivado, ainda furioso de ilusões, onde o meu desejo possa saciar-se da miséria erótica e espiritual. Que hoje já nem sequer é palavra. Mas um escarro, um erro, um passado. A dor completa de quem quer realizar o instinto e só encontra as barreiras da castração.

24/1/78

APETECE-ME DIZER AMO

Através da vida vou colhendo os resíduos ridículos da experiência, atento olhar sobre as regras infligidas da aparência maldita do jogo fluxível. Sinais mais ou menos tutelares da subserviência, papéis repartidos e vistos pelas repartições, carimbos emblemáticos da pata férrea que calca o sopro. E assim se molham na inautenticidade os dias petrificados pelo hábito, sugere o vazio o horror, palavras emprenhadas pelos vícios maltratados do estado. É claro que tudo passa, hoje esta estúpida tristeza concreta como uma ambição, amanhã a possível e provável alegria, mesmo se expressa no cálice de outra língua. Estou vivo, eis o que importa. Apesar da banalidade de tudo. Respiro o ar ardente do coito intelectual assim como arvoro a meditação visceral sobre o tempo. Isto no espaço medular de alguns minutos onde o ínstase culmina no poema. Quero proferir pois a posse milenar do encanto que galvanizou a terra, abro olhos extremados no paroxismo e sinto o rumor de outra vida. Exclamo então a invisível invocação, ser e nada, armadilhas duma passada epistemologia. Caio crivado de ideias no acme da ciência civil. No clarão da noite escrevo o estrume do futuro, a caminhada larvar das vozes que cantam o crime e a libertação definitivamente posta em efeito e causa. Brincadeira e pesadelo, o verbo. Prazer auferido no clímax da humildade, nada saber, tudo curiosamente procurar, eis o segredo segregado no mundo. Não mais o divórcio, ou por isso mesmo, a solidão solidária da emancipação nova como um outro natural vagido. Sem fronteiras nem esmolas. Mas com riso.

Apetece-me dizer amo. Não explico as origens do fogo nem a frieza mítica da terra. Não metaforizo a ignorância com versos inteligentemente diminuídos. Ler-me, eis o alcance. Nem páginas simuladas nem alvos perecíveis. Mas a amizade ensimesmada em si mesma, um abraço material de dois corpos quando se oferecem os frutos quotidianos do espírito. Enfim, o mistério da sexualidade aviltada pelos possessos da impotência que não redime.

25/1/78

SEM SATISFAÇÃO

Com dúvida sou trivialmente vivo e passo horas febris ou álgidas no limite do tempo, concepção e mito. Digo mau dia aos possíveis amigos e tenho ainda uma filha. Com e sem poesia resisto ao sentido carcereiro e sao os fundamentos felizes da caquexia. Sou visceralmente infeliz porque não consigo realizar o apelo entranhado do sexo. As mulheres modificam a raiz e a utopia, lavram na vagina o truísmo da teia tépida. Mas não chega o desperdício. Nem a eventual efusão de dois medos. Quero sentir na feminilidade uma porta aberta onde possa labirinto saber perder-me. Cada minuto que finge passar estraga o mutismo ocasional da vida: um instrumento humano propaga a história febricitante do efémero no convexo de noticiários apressados, aqui não é paradoxalmente ali, nem a vertigem se coaduna com o tédio. Sei isso tudo. Mas não chega. Preciso de levantar-me: tenho deveres ou hábitos habilidosos como comer, o corpo continua na senda do segredo, a alma cada vez mais transparente revela-se pela ausência. Enganam-se se pensam que fui eu que o disse. Apenas transmito a ânsia dos falares mais ou menos contemporâneos, plagio mesmo uma originalidade que remonta ao século invisível da ignorância, leio mais do que escrevo estes já insuportáveis mimetismos do poema. A vida sofre-se diariamente. Sem satisfação. A própria sexualidade praticada não ascende ao aprofundamento e revelação lúcida do ser. Esvai-se o sol na rotineira coabitacão: um jacto de esperma, alguns gemidos da parceira. Saio dorido do logro. Alço olhos através do horizonte: limitação é o prémio. Apalpo com virtuosismo o vazio várido da criação insuspeita. Alegria e pena

são os sentimentos falazes que parodiam outras épocas da possibilidade.
Já o disse: os inimigos vivem connosco. Respiram as mesmas falíveis frases
da cultura e do sofrimento. E a luz que cai fere mais do que dilucida.
Na ida e volta de todos os dias os extranumerários encontros exigem real.

25/1/78

CAVO NA TERRA UMA SEMÂNTICA

Viver dia a dia esta aventura de homem no tempo é um flagelo
e uma alegria, uma maneira talvez ignóbil de despossuir, um acto
mil vezes folheado da esperança. Nasci cedo como a noite declinante,
escolhi no horóscopo as coordenadas que não serão determinantes.
Rimo no interior a falta e o fracasso do ritmo, espraio mãos
sobre memórias de mulheres que não toquei com o pénis sibilino,
e choro o insofismável delírio que irrompe na malha moderna
da normalidade. Cavo na terra uma semântica. Imprevisíveis são
os frutos, penso-os maduros como a história rebelde da emancipação.
Dizimo a algazarra e as torpezas actuais que grassam nas escolas
da moda, paulatinamente vou rejuvenescendo a velhice do verbo.
Afirmo sempre o contrário das palavras. Jogo com sentidos
até reconhecer o outro discurso. Venho-me. Depois recomeço
a sugestiva imagem no conluio dos percalços e dos sismos
e dos medos. Confundo a difusão comercial da confusão. Árbitro
do arbitrário deduzo a gratuitidade própria do processo. Cada página
sufoca de angústia e de gozo. Esse mar mítico refaz-se na mãe.
Mesmo na língua portuguesa. É um trabalho estranho e estrénuo,
o meu. Calcorrear raivosamente o meticoloso desfibrar das sensibilidades
reinantes no intuito criminoso de as desfigurar com ferros e fogo:
daí o parto e a fuga. Ou, se quiserem, o isolamento. O silêncio
que não instaura presença. A estupidez que pretende ler o passado
nos brilhos icásticos do verbo ensanguentado. Dói saber quanto custa
o monólogo. A arma dispara solúveis rebates da consciência.
Mas que importa? Ninguém nada pode contra a força do tempo.

Leiam a história árdua do humano e reconhecerão no vagido
a vitória virulenta do único encanto. Tal como outrora outros compilo
rebeldemente os sedimentos exauridos do gosto. Dita-me a vida
visões virtuais como o engano ou o erro, é a nossa única ração. Atraso-me
e adianto-me ao diapasão da leitura futura, não há deuses. Acredito
contudo no génio genital, no impulso quase físico do espírito alimentado
na seiva quotidiana que brota do confronto mitológico entre a morte e a vida.

25/1/78

ESTA MÃO NO ESCURO

Situado no nenhures sigo sinais selvagens do quotidiano real,
abro pálpebras sobre o tempo e digo virginalmente a confusão grávida
deste espaço carcomido pela inacção. Sou talvez um outro homem
quando sinto a ausência como um estigma, quando tento pensar
a queda do amor ou o arbitrário enfeite do obsceno raciocínio.
Armo-me de um apego que cresce no tesão como sombra diária
que se investe de sacrifício. Olho o lado visível das coisas pressentindo
o gozo da matéria no conluio com o espírito. Profiro consciências
abruptas e rupturas coesas, escrevo nas páginas do corpo
as rugas possíveis do estar sendo. Sei o pouco e estudo o muito.
Nos livros e nos homens aprendo a ambiguidade de tudo
e o indefinitivo. Refluxo passo perante os monumentos da escrava
história sem poupar a cabeça declinante nos ombros. Esses já foram,
enterrados pesam como as leis larvares do congelamento poético.
Ah, mas não se iludam, tenho pés e ando sobre a terra e o cimento,
convivo e isolo-me, arfo o encontro que traz de cada vez a mulher
como uma dádiva sem pais. Nela perco em mim o excesso
da energia, o salto solene que faz do homem uma espiral ou força
do desígnio nenhum. E apaziguado, enfrento o tecto metafórico
que vale todos os horizontes imaginados ou sentidos, a arte
é esta mão no escuro, acenando nadadas que prefiguram a própria
essência. Leiam-me pois como um verdadeiro intruso. Em cada poema

dois poemas, a criação paralela e filha da negação que sublima
as raízes reais das ruínas velhas. Façam como eu: sigam os impulsos
e os aiores nas convulsões palpitan tes do sentido, aprendam a ver
e a ouvir o novo metamorfoseado nas imagens sibilinas que sinuosa-
mente preenchem o vazio moderno daquilo que será só mais tarde
o cataclismo, a peste, o exílio. Que depois brotará a vida,
purificada dos purismos que obscurecem a visão e o paladar,
pletórica da animalidade assumida e gozada como um prémio,
privilégio supremo da inteligência que se sabe terra parida.

31/1/78

SELVA OU CIDADE É A MESMA LEI

Trinta anos trivialmente percorridos dia após dia no mecanismo
do destino que destila as surpresas e o ramerrão de alegrias
e tristezas compassadamente sentidas e vividas como acaso e absurdo.
Este corpo do tempo que sou, os primeiros insinuosos cabelos brancos
desfraldando ao vento interior, o peso em cada passo, um entorpecimento
desfigurando a clareira anímica onde recebo as sensações sabidas.
Lentamente emprego-me a observar o ritmo real da vida que exprimo
em cada respiração, sou um homem encalhado na medonha falsidade
que é haver história com opressores e oprimidos, ricos e pobres,
como se tudo fosse natural ou avidamente obedecendo a leis plausíveis.
Abrir os olhos e ver é a revelação monstruosa da aparente ordem
que vincula os seres aos fardos imemoriais, aquele sobe o dinheiro,
este desce ao labirinto azedo de uma miséria incomensurável. Assim
vamos vagarosos e avaros através das convulsões e estases, herdeiros
siderados do logro e sequências humanas da cadeia fatal que cospe
na cena última abortos e cadáveres. A sorte ainda tem uma grave mão.
Nem a inteligência, nem a vontade, nem a energia conseguiram ainda
organizar um universo capaz de conter a harmonia e a plena realização.
Vogamos vários e diferentes os crimes das legendas antigas que prevalecem
como traumas inconscientes que mal sabemos expungir. Selva ou cidade

é a mesma lei. O forte fornicia o fraco. Colhe os dividendos e os louros, dorme com as mil mulheres, faz copiosamente os filhos dos outros. Daí que nasça no sentimento moderno a sombra de uma desgraça cósmica. Entre furiosas batalhas e actos desesperados dos poucos que não querendo morrer morrem assassinados pelas balas da justiça cimeira. Não sou um país, muito menos um continente. Pai exíguo passo a luz e o sonho. Como possivelmente poderia transformar um mundo do qual sou tão pouco?

10/2/78

CHAMO-LHE ÍNSTASE

Quando se abre o grande vazio e as palavras não acorrem nem presentes perpetuam a ilusão de um espaço no tempo, fico-me no limite sensual do caos com olhos sublimados pelo espanto. E então digo o acaso da primeira pedra que lanço, instruído pelo medo a preencher as lacunas do ser. São minutos, são horas: chamo-lhe ínstase, para que o acontecido seja um nome. Depois alargo-me ao sensível realismo das três dimensões e comprehendo o corpo, o olhar, os ruídos materialmente dispersos. Bato no coração como animal acossado sem tréguas, corre o sangue genuíno através dos meandros poéticos do século. Mas antes, que vivi? Duplamente vi a única linguagem, o último gesto da vida nua? Sei que o terror modera e modela os sentidos sem objecto nem sujeito. A imagem magicamente suportável de um abismo sem fronteiras nem profundidade, sobretudo uma distância que traz ao eu um mim mítico como clivagem e clareira. Sei a imaginação palpítante do palpável grotesco que se esconde entre os seios da pobreza, mas não é isso. Representação, eis o contrário do enigma. A discrepante tenacidade ilógica do grito que espalha com evidência destruição. É um momento espacial, bolha ou bolsa no ar ou na terra, e depois um estouro acompanhado de dor visual. Digamos, como um oráculo às avessas. Uma ausência da voz nos interstícios do que não será nunca memória mas dádiva inconsciente do eterno. Sem pretensões metafísicas. Sem esmolas ideológicas. Quando surge premente e casual o vazio vagido do sentido sinto que não há

vida nem morte, nem matéria nem espírito, mas um palco pacífico onde luz a terrível odisseia escrita e meditada no outro lado dos livros prósperos. Não é loucura. Mais do que isso, se houver ainda um mais e um menos e isso, trata-se da revelação do ser do nada, ou, se preferirem, o que talvez não seja a mesma coisa, trata-se, sem verbo, da revelação do nada do ser.

10/2/78

A ÚNICA JUVENTUDE

Mas eis que sobe sublime no céu hiemal o sol. Salutar luz logo na manhã desprotegida. E sinto instinctivamente a alegria povoar os escaninhos mais recônditos do meu ser. É uma mão branda e quente que sabe percorrer como mãe a superfície dolorosa do desastre humano. Vejo através da luminosidade vaginal aqueles que passam, a janela é o grande mistério de um tempo sem verdadeiros enigmas. E pressinto estranhamente uma harmonia por detrás de cada gesto, de cada bafo, de cada sorriso. O sol limita e afasta a miséria para o outro lado da existência.

Compreendo então a lei dos contrários, a fereza dos antagonismos, a guerra que diariamente acalento como uma tarefa primordial. Estou supostamente aqui e finjo que escrevo. Digo: qual a poesia capaz de reflectir o sentimento ordinário de todas as coisas, que palavras saberão suspeitar do logro discursivo? Baila nos lábios uma indeterminação. Outrora foi o tempo dos génios. Que tempo é hoje? Estou terrivelmente acompanhado de história. Aquilo que fazes ou desfazes reveste uma importância essencial na prossecução do meu destino. O cataclismo político subverte o hábito e instaura outra regra. Mas falo de ti, do que ctonicamente vais cerzindo na tua consciência, uma vontade de emancipação. Sou só homem. Sem todas as possíveis ambiguidades com. Vivo os dias apafusado na malha horrível da expressão quotidiana do mundo. Uma ou mais casas, os entes prosaicamente queridos ou não, a canseira selvagem de obrigações e deveres, sobre tudo o tédio.

Dizer que dentro de mim há uma necessidade de levantar, de criar o novo, de me perder velhice para adquirir a única juventude capaz de enfrentar a morte como um porto de abrigo: em vão!

11/2/78

DO DESTINO DA DESTRUÇÃO

Aqueles que puderem ler descobrirão no âmago a subtil face da destruição. Cada pedra desce no peso do sonho até ao abismo outrora existencial. É que a casa fecha-se na porta e janelas do desassossego. Mesmo se colhes uma breve esperança. O que é lícito. Mas não se trata do essencial. Há sem dúvida verbos capazes de sugerir, mais do que dizer ou apontar, a grande encenação contemporânea. Vivem do sangue despovoado dos pobres que alicerçam as torres de vigia e os fúnebres altares do mundo. Com essa luz lavro na toalha do século uma abertura sem doutrinas nem regras. Digo simplesmente irmão. Lanço braços fortes sobre os corpos quentes de mulheres suspirando pelo livre equilíbrio da sua condição humana. Só o presente acumula os tesouros escondidos da ausência. Nem o passado nem o futuro conseguirão despertar a consciência da longa escravidão que acorrenta os homens à sombra servil dos deuses. Há-os que imitam a riqueza nos objectos. Vestem-se de finas sedas seduzindo a estreiteza do universo feminino. Compram as pragmáticas razões que evidenciam o corte do mundo com a plena realização de todos os indivíduos. Outros assistem invejosos ao desenrolar da cena, boquiabertos e tonitruantes, incapazes de um gesto mais largo que a curvatura do corpo dorido. Dentro, no silêncio, cometem todos os possíveis crimes para possuírem as dádivas impuras da exploração. Não sabem como ser país. E assim vai a girândola do descontentamento, fome para uns, esbanjamento para outros, numa difícil harmonia que dura desde tempos ancestrais. Daí que cada palavra escrita contenha,

em todos os poemas, uma carga indecifrável do destino da destruição.

11/2/78

A TRAIÇÃO DA LINGUAGEM

Assinalo dolorosamente a traição da linguagem. Quero ir mais longe, sair do lugar, voar o corpo e a tensão, dizer o grito pletórico, mas o limite verbal não me deixa. Asfixio a fronteira, ardem esquemas e imagens, a revolta cresce como um espaço isolado no oco imemorial da outra acção. Só o real me pode valer. Tempo da possibilidade onde a mudança desejada ganhará o brilho da dissolução. Agir para pisar perpétuo e trémulo o futuro: esse passo sempre em frente disfarçado no fardo da revolução. Mas como? A bomba ineficaz abre um buraco no seio da terra: mata plausíveis assassinos, não corrói por dentro a produção contemporânea. Como pois beber o líquido sem tédio nem suor? Como viver a pura pausa do movimento que constrói a única paz, o último sedutor amor? Sou um homem cada vez mais desgarrado da ideia fixa que se faz da vida. Suporto mal o jogo sedentário da família, anseio com explosões em todos os corpos alcançáveis das mulheres. Nem pai nem filho. Vou na rua e a sexualidade não exige um nome nem um corpo: cresce como sol o sexo saliente. Vejo aquela que passa, sei dizer interiormente amo. Quisera agora, no instante, lembrar-lhe com carinho os gemidos quentes e a fricção profunda do ser. Qual quê! Anónimo e escravo atravesso o silêncio como um naufrago e choro a cobardia e as barreiras. Todas as crianças participam do meu olhar. Não só aquela que se desvincula dos meus iniciais genes dedutivos e me chama papá. Que importa! A casa tem portas e a vizinhança são os outros. Saem e entram como eu, trabalham os horários horríveis da desparticipação, recebem o cansaço desfigurante que corta na pele as rugas anímicas da precoce velhice. Então volto cada vez mais rebelde ao amplexo da linguagem, escolho traumas e fantasmas, deploro o vazio do século e escrevo com raiva a odisseia por ausência de povos emancipantes.

15/2/78

FIM FELIZ

Para lá do cansaço do dia ser fim existe o burburinho invisível que grassa metódico através das fileiras coesas da panóplia anímica. Noite como máscara ou essência. Furtiva matéria do delírio drástico que envenena a opacidade casuística das coisas que evoluem em redor. Sublime ou apenas isento o solitário desfibrar da ausência arrítmica capaz de suscitar no meio o reflexo válido de uma analogia certa. Embora a folha respire e as palavras se incrustem no âmago do poema temo o suasivo temperamento da hora enigmática fereza do moderno. Aprendo o insertido no custo do cuspo que lanço irreverente ao vento traiçoeiro. Sobre mim caem cataclismos e desastres, ataques e alarmes engendrados no silencioso exercício do contrário do pensamento arguto. Sinto paralelamente que vou, percorrido pelas forças e pela energia, sinal subindo o tortuoso declive que outrora fora a imagem da maldição presa. Mas clamo no aranzel de todas as praças o preço pago pelo sofrimento, as voltas e correrias sangrentas ocorridas no zelo da inocência vã. Ler traz e traduz a lâmina que corta a carne pobre do passado sossego: levanta-se no muro em frente o sono fraco de quem evita a pergunta que a vida não pode nem quer responder. Sei que estou algures no acme do espaço acasalado com o tempo, bolsa ou barco, e que arfo cenas temidas pela história. Da civilização calculo os arrancos e os estremecimentos, estimo a largura da extensão e visualizo no paroxismo da cegueira a palavra última capaz de fazer brotar a fonte farta de água límpida. Nela, mesmo se acolhido pelo frio, banhar-me-ei, recém-nascido e intuitivo como uma aprendizagem feita no outro lado do inominável. Sigo o sulco sedento de semente e de solo. A terra abre-se como mãos manchadas de desejo. Aquém, soando na eclosão do dia que falta, largo a bomba que procria entre estilhaços de memória o fim feliz de uma época morta por fora.

18/2/78

VIVER VELHO CABE-ME

Lucreciamente sentado sobre um vulcão finjo que penso a paragem fictícia do tempo. Palingenesia é uma dimensão que tem que ver com a força fecunda da aurora. Luz hoje sobre mim o fluido magnético da ciência que estuda as variáveis formas do pessimismo. Trago a imensa nebulosa do contemporâneo mito. Um branco silvo no mericismo intelectual que apodrece nas gerações domesticadas. Gravo a súbita repleta palavra sem ouro ou glória no peito martirizado da história grave dos humildes. Uma carícia é mão e mãe. Compreendi confusamente o discurso delirante da lógica castradora, soletrei com raiva a raiz ilusória do único problema: desigualdade é o destino caótico das classificáveis mentiras sociais. Começar com um mas não me leva mais longe. Embora reconheça a necessidade do sigilo e da articulação sem mancha. Cresce orgânica e positiva a destruição. Assim como tu eu vou calcorreando o vazio tentacular das afectividades modernas. Assisto sensual ao clímax do sol e ao apogeu do parto pacto. Mais do que amor sinto na mulher a abertura húmida e quente que recebe o melhor do meu sublimado simbólico ser. O gosto sulcando sucessivo o pénis aflorado nos lábios lascivos da expectativa carnal. Aí ganhei um sentido. Morrer jovem foi outrora a máxima pueril das ilusões. Viver velho cabe-me. Sem pausadamente ter ou possuir medo. Capitalismo em toda a parte. A nossa sorte salivando a perda e a frustração. Bem certo que secos nadamos na esterilidade. Uma ideia não vale uma emoção. Embora seja a filosofia o meu preferido espelho. Digam que é contradição. Ouço apenas a clarividência ambígua dos meus olhos. Vivo a palpitação populosa do enigma: toda uma terra a ser removida. Homem aprendo a perícia e a acção. Fogos e fuligem não combatem o incêndio que é também sonho e futuro e real. Dou-vos. A arma nasce subterrânea na clivagem das vísceras. A asfixia sopra a desrazão e o conforto do objecto. Estou cada vez mais perto. Mesmo se minto ou finjo o deslize inexorável.

21/2/78

O GESTO ORIGINAL

Deve haver uma ligação qualquer entre o sono que me governa e a angústia crepitante que rói os fundamentos da disponibilidade. Deitado em casuais camas câmaras do desespero volto-me para dentro e desligo a luz que me cerca com castigos e obrigações da mediocridade. Horas e horas na viagem impessoal onde esqueço o norte e o sul, como anémona recolhida ao monstruoso casulo da ignorância calculada. Sobretudo o calor, rastejante e mais do que humano, subvertendo as leis ignóbeis dos horários e dos prazos e colhendo um corpo cansado. No dia e na noite fecho os olhos para os abrir na outra imagem que é a dimensão do caos dito interior, vozes viperinas contam-me a odisseia clivada do grito que sai da miséria concreta e amarga para emergir na tonalidade calcária da consciência emancipada. Apercebo-me confusamente do alcance da batalha. Vejo aberto de encanto as cenas furtivas do sonho, rio e choro apavorado com a possibilidade de conter em mim as ruínas sublimes de um passado já sem efectiva memória. Seja a grécia ou o amor ao contrário lá estão as insígnias insignificantes que significaram civilização no espasmo das guerras ou no trabalho rural da paz cimentada. Leio ávido a mentira de poetas que sofreram a ausência do sentido como uma constante dor sem derivados nem especiais erudições ramificadas. Sim, esconde um insuportável tesouro sem ouro nem trocas de mercado. Vou na lista como uma pegada de gigante acordado na madrugada e recolho os dados nados da explosão pacífica da realidade toda. Ninguém mais escreve autenticidade. Pobre daquele que teima em afirmar o gesto original. Podre a sociedade incapaz de novo. No antagonismo que traduz o sangue e o fel evola-se o destino irreverente do sopro e da procura sem limites nem entraves.

21/2/78

ESTA PÁGINA VIRTUALMENTE MANCHADA

Suavemente quero destilar a corrente contínua de pensamentos que assaltam o papel pacificado pela arrogância da mecânica moderna. Imagino uma mão marca imponderável do segredo e do desejo que se alastrá sobre o corpo nu da mulher que arfa de prazer. Sinto terrivelmente pena do peso das palavras sobre a minha vida: cada poema é um músculo ou um nervo do cortejo de sentimentos que afloram na membrana indelével da consciência inexorável. Porque há também o lugar do inefável, a clareira corda onde a luz cai como uma sombra para revelar as metamorfoses do nada. Sei sensualmente os domínios do espírito vedados. Percorro selvaticamente a música que se arvora ao sublime e desço paulatino os meandros redondos da meditação insulada. Sim, digo e repito. Não sabendo porquê. A vida exige e pede um minuto de calma, os olhos fora, a força galvanizada na desmedida do sofrimento quase quotidiano. Vale quanto dizer a razão? Soçobram no baixo mar as imagens metáforas do porvir, para quê pois possuir o ritmo do cinzel sedento? Mas o enigma não tem cornos. Confesso até que uma vez libertos difícil se torna o movimento. Sussurros e arquejos na noite notificada em registos sem farda nem fardos, uma ironia sôfrega como a solidão servil dos escravos estreitos e codificados. Amam sombriamente aqueles que ousam viver o além do chamamento, fugitivos estremecimentos que a carne não consegue catalogar. Daí que se fale tanto do tanto que desmerecemos e é morte. Mas eu sorrio. Não desanimo. Vivo povoado de reais presenças no cerco das casas ocidentais. Eloquent recito o sítio louco do único ainda possível discurso: esta página virtualmente manchada.

21/2/78

SIM, A LOUCURA

Para dizer fervoroso e paulatino o icoroso desabar das semânticas atidas ao poder, da opressão e dos negócios corruptamente enjaulados nos costumes incoerentes e ocidentais, sim, para fixar de vez o papel da escrita no povoado branco do papel que apela para a soma sensual de todos os sentidos espiritualizados. Abro a suave janela do pensamento e deixo passar as misérias marcadas pela doença e pela lógica pele da desgraça. Um poema capaz de sofrer como a carne a maravilha fedorenta do nascimento, assim como o declínio severo das esperanças amaldiçoadas. Trago fora de mim a fereza selvagem de um escoadouro universal, grito na apatia plácida do mundo dividido em classes a luta quotidiana contra os salários com horários que fazem quebrar as rédeas da humanidade. Choro quando a noite vem velha de cansaços sobre os tectos toldados de delírios e delícias e pousa com um suspiro sobre o ombro da impotência. Sim, a loucura. Sim, o arremesso através do espaço no frio tentacular do tempo que sobe e desce e traz carregado o estremecimento da memória molecular. Sou a força dos escravos que perecem nos fins dos monumentos míimos que escalonam com esmero a baixeza das políticas alicerçadas na diferença. Vou criminoso pelos interstícios das chamas clamar a clarividência moderna. Onde estou culmino como uma bomba justiceira. Não arvoro o sorriso apolíneo nem a cicuta socraticamente falsa, digo a odisseia individual dos povos que guerreiam no caos improfícuo da história. Real como a resma pobre sobre a mesa desgovernada exijo a única liberdade: não pertencer ao sofrimento do capital, não esconder o sonho que fende as muralhas do opróbrio e do envilecimento. Amo paroxisticamente o paradoxo plausível da imagem que se fecha sobre a luz inocente. Aí sou a leitura nobre que vislumbra a presença do amplexo. Preciso urgentemente do fogo para aplacar a raiva que desobedece aos juízos capados do nosso século.

22/2/78

A ORDEM, A LEI, A AUTORIDADE

Talhado a cansaço vou através das horas contando e cantando os dias que se evolam na poeira mítica da memória sem arcabouço de génio. Reflito a condição frustrada, o tédio tardio que empobrece o homem, a fome do custo de vida, as súbitas calculadas altas de preços parcos . A cidade cede silenciosa e febril diante das promessas que são futuras sempre que o olho eterno evangeliza a ordem social dos cadáveres. Passam os automóveis sem gasolina carregados de gente dita trabalhadora nas avenidas emporcalhadas pela inacção e pelo sublime desemprego. Grupos reúnem-se na discussão acalorada sobre a essência serôdia do pão que não se perde nem se ganha, avançam vagos panfletos exortando as populações ao ataque frontal com as mentalidades magras. Arrastam-se voando os anos, surgem convulsões, cataclismos catalisadores, perdas nas linhas inimigas, tudo permanece: a ordem, a lei, a autoridade. Pela noite simbólica vamos vagos como sombras salientes no medo, uns metidos no pavor que é o amanhã sem horários previsíveis, outros gozando como um fumo paraísos que se concretizam na doença árdua. Insultam-se os rivais do alcance real do poder, hermeticamente livres na escolha da palavra capaz de atrair a multidão de basbaques. O cimo exige uma sólida base de estrume e de estupidez militante: todos sabemos a imagem televisiva que mostra no círculo da morte jovens e velhos baralhando as consciências podres dos votos válidos. Nasci para quê? Para dizer quanto sou fenda, ruptura, longe. Tristeza! No pináculo da manhã levanto-me e lavo-me para a redacção vida fodida e não florida que é o meu quotidiano: escrevo: o homem coetâneo é sem dúvidas um animal doméstico. Tem dois cornos, um político, outro polícia, uma pele grassa capaz do chicote perpétuo, e um par de escarros. Serve para a voragem existencial da história e também dá peidos efémeros. Chamam-lhes revolução, estranho vocábulo para o esquecimento de livros velhos.

22/2/78

SEI SABIAMENTE A SOLIDÃO

Sademente incluso nas garras leptológicas da prisão contemporânea
sonho entre intervalos intelectuais de masturbação a fuga e o ar,
esquartejado simbolicamente pelas agudas barras que projectam em mim
um ser vitriolado no mais baixo sentido da imaginação infrene.

Claro que subo e rodeio as paredes asfixiantes da ideologia velha
com obscenidades salvadoras do gérmão que esconde nas entranhas.
No chão, a maior parte das vezes negadas, uma estrénuia gota de esperma
reluzindo milhares de possibilidades que se estiolam na morte lenta.
Olho o reflexo dos suspiros que lanço sobre a agudeza aracnídea do texto
em que labuto sistematicamente tanto quanto o permite a preguiça
festejada. Cada dia que passa traz-me a novidade interior do mundo
que se espalha nos meus sentimentos e na amplitude mítica do pensar.
Sei sabiamente a solidão. Homem desprezível no tumulto das revoluções
profiro ctonicamente os discursos apelantes da origem e do sopro.
A palpitação ustulada governa cada passo que ofereço ao tempo,
e no espaço cinzelado a dor releio as arbitrariedades da história.
Dócil soletro a raiva. O espasmo do único incesto que não convence.
Leis apodrecem sobre a mesa de gozo e a ausência vaginal vaticina
sombras que apertam sadiamente a intumescência solitária do pénis.
Cavo na terra os periódicos cataclismos, as insuportáveis pestes sulfurosas
que engravidam almas e destroem corpos cerzidos do velhaco medo.
Assim aufiro por entre clareiras de hebetismo isomorfo a luz que cai
como poalhas do imemorial sobre a matéria renovada do meu desassossego.
Instauro no silêncio a prova humana com ínstases e êxtases
que tocam a harmonia translúcida do destino dolorosamente apagado.
Sou anonimato nos corredores heteróclitos da civilização ocidental
para que a chama permaneça virgem como um prazer vivido eterno.

24/2/78

HOMEM DA DIFERENÇA

Trespassado existencialmente pelo insulto insulso do dogmatismo
raivo com armas febris a novidade vaginal de um canto quente,
digo em tom profético a mentira do real que vence as etapas
como manifestações sem máscara da história. Homem da diferença
queimo os verbos pobres da modernidade que se pensa revolucionária
e deito zeloso as cinzas leves sobre os campos grávidos de ardor.
A seiva percorre-me até ao limite da intuição e do intelecto,
traça meandros da ambiguidade, fonética soletrada a medo.
Poucos lêem emancipação. A palavra proletária vencerá aniquilando-se.
Eis que sinto o apelo, harpa da memória futura que projecta
no espaço humano os siderais caminhos da idade adulta.
Não quero mais escrever mas. Possuo veneno e garras
para a hora do incêndio e do saque, risos e matracas
afiados no sofrimento que tem sido quotidiano. Viver
será então definir na acção a tábu a rasa do empreendimento.
Ah sim, cada dia que morre dilacera-me as entranhas. Vejo sangue
na leitura que faço das sociedades capitalizadas no crime,
abraço-me ao utópico beijo e grito o suicídio sádico.
Poucos acompanham a ousadia. Têm álgidas famílias presas
aos testículos, obrigações entre o perfil do pão e do vinho,
um cansaço que cai direito sobre a cadeira eléctrica
do apregoador conforto. A revolução está sempre em frente.
Quantos a sentem? Não só nas narinas acasaladas à razão,
mas também no desejo. Quantos somos? Apátridas comungando
o ctónico esplendor que respira sob mantos de repressão.
Nem foice nem martelo, símbolos da escravidão. Mas um horizonte
aberto como o voo da ave que sulca a suavidade do amor.

TEMPO AQUÁRIO

Cravado de balas ergo-me no chão mítico da possível palavra
para criar com a presença um espaço de harmonia e de caos.
São duas as faces felizes que fecundam o turbilhão da história:
uma virada para o sol como filho aberto no simulacro eterno,
outra sombria como a voz pesada que sobe os mares subterrâneos.
Há um limite: fronteira onde o gládio moderno dispõe destinos
como folhas faúlhas do livro livremente feito por todos os homens.
Nos escombros da poética milenária arranco o movimento
que instaura na secura da época um discurso sedoso
como o gume metálico da ruptura capaz de futuro passo.
Sei difusamente os modos que me separam do cadáver hoje
enfeitado com as proposições partidárias dos mestres máximos.
Cavo bem fundo o ódio entre o ontem que não pôde sobreviver
e o sopro vagido vário da eclosão da vida sobre a terra.
Escrevo no diário a música musculada dos olhos alarmantes
que soporam os avanços e recuos das frotas respeitantes
à humanidade convulsionada. A matéria marca a era oclusa
no desgaste das potencialidades assim como na poluição severa
que alastrá sobre os domínios sexuais camuflados na arte.
Anonimato reza o redemoinho louco da sensibilidade
capaz de captar o mais leve sussurro do litígio longânime
estabelecido com as forças ditas do mal pelo bem. Sátiras
e súplicas que descem e sobem como ventos viciados no medo
de enfrentar a clarividência da desordem na ordem
mecânica e policiada que gravita à volta do desânimo.
Sim, uma mão húmida e clara espreita e espera a outra mão:
amizade será o grande brilho que eclipsará o tempo aquário.

CRIMINOSO E BÁRBARO

Ir ervado de fogos por entre os clímaxes coisificados nos orgasmos organizados pelos homens da plena noite vivida no dia seco.
Ir irmão da clivagem e do novo através do rio e do sono como barco que colhe e conhece a desrazão dos instintos.
Ir ilícito sobre a terra firme do desencanto para roubar a riqueza acumulada nos lagares que vomitam ódio santo.
Seta e alvo, amor, o coito cálido saído do desejo rubro que empalidece as ruas tolhidas da cidade civilmente morta.
A última humidade capaz de criar no sangue uma revolta sem fantasmas ou inibições, mas acções actuais dispersas nos mais remotos cantos que a poesia poderá conter.
Depois subir pelo ardor aos escaninhos mais profundos dos guias que objectivam os passos dados na realidade.
Para que a alma cresça sem preconceitos ou armadilhas, segura como um pensamento pedalando na planície paz.
Riso redondo que reduz a precariedade da vida solta ao tumulto palpitante de um tesão sem catálogos.
Abre-se a malha feminina no arquejo e no desejo, diz a força perpétua do suor escravo que luta no luto.
Sim, afirmativa a cabeça que cai no simulacro sédulo do logro tecido pelas vozearias ideológicas hodiernas.
Necessidades empatadas no malogro e na obsessão, um clima propício para a doença que come médicos na sugestão icástica de uma saúde sabiamente futura.
Ir pois sensualmente apalpando os percalços relevantes que escalonam a preguiça do caminho feito de impossíveis.
Ir criminoso e bárbaro implantar a vida da igualdade.

ÓDIO

Nunca ninguém possivelmente saberá o ódio que sinto pelas sociedades ocidentais. Um ódio que me destrói o verbo da razão e corre paralelo ao sangue que lambe as entranhas. De tal maneira dentro e fundo que acabo por sofrer vítima a destruição ao nível dos tecidos anímicos. Um ódio que clama louco as armas do crime que libertará. A pobreza é um desmentido de qualquer ideia de progresso: ei-la disforme nas ruas rudes da cidade que evita o olhar. Odeio mais do que a poesia o permite esses filhos da puta que dizem que governam com papéis e notas os escravos atados. E mais ainda, mas de maneira diferente, odeio todos aqueles que suportam a fome e se deixam roubar como homens medrosos ou ingênuos. Não comprehendo tanto masoquismo historicamente ilustrado com sangue e prisão e morte! Perdido na cegueira dos outros sofro diariamente a sombra da irrealização, compasso dolente de um país que permanece no sentido pior. Há-os que comem nos teatros da elegância com convivas da abundância privilegiada, passam nos carros conduzidos pelo sofrido empregado no eufemismo do séc. XX. Ardo exércitos de revolta e raivo a inaccção planetária dos que se resignam às migalhas menores do bolo eterno. Que devo fazer? Pegar a metralhadora vingadora e assassinar metodicamente aqueles que se pensam os eleitos dos deuses mortos? Viver clandestino o sol? E com que ajuda? Onde pernoitar facas nos meandros dos acasos políticos? Cobarde e inessencial limito o raio da acção ao casulo poético onde desfiro fogos e bombas com um prazer só igualado pelo sonho daquilo que o futuro será!

A PRÁTICA ACTUAL DA ESCRITA

Dias há em que uma vaga impressão pressiona todo o leque da consciência e surge sóbria uma melancolia que se espalha espelho sobre o olhar. Elevado ao cúmulo de mim mesmo sinto nuamente o notável brilho de uma força que ignora a energia e diz directos direitos da lei larvar. Então passo a passo silencio o universo no seu imo imaginário: vejo sem o auxílio das três dimensões a eclosão caótica do sopro sensual. E do fundo hipotético de onde subo e sou nasce fonte um choro claro como o selvagem grito da pausa no peso milenário que conhece a desgraça. Assisto comovido ao movimento arbitrário do pensamento real que se articula com o zelo febril da emoção capaz de fecundar o sonho. Destruído e reconstruído recebo a sucessiva ressaca sem mãe nem mar: a questionação cósmica lê no silêncio o corpo diáfano da dor. Um silvo terrível saído do nada, nado na fímbria do espaço novo que lambe casualmente o mistério material do tempo que coisifica. Perplexo e precipitado sem palavras escrevo a memória invisível elo que culmina no canto e na casa, sítio solene do profano morrer. Soam os clamores calores de cores divididas em espasmos de odores que não correspondem ironicamente ao sentido e simulacro da verdade. Além é mais longe. Um braço estendido que toca vazio o eterno beijo da procura sem alcance humano. Sinal do declínio no âmago do ser. Embora pense que tudo vive do veio veloz que produz sangue nos meandros e planícies do sentimento ainda hoje martirizado. Assim sedoso saio sublime do gume que corta a barreira da luz que explicita a prática actual da escrita nos escaninhos revelados. Perde-se o prazer e arde o desejo: é outra a coisa, o caso é jovem. Algures aqui sua a suave voz vertical na vibratilidade do homem. Explosão atómica do verbo primitivo no clima simbólico capaz de futuro.

A VARIÁVEL RIQUEZA

Lançado ao logro pela inclemência do sentido ocidental tento viver
a variável riqueza que subsiste nos interstícios caóticos da memória
aviltada aqui e ali pelo poder putrefacto da compra e venda espiritual.
Longos caminhos levam a idade do autor à estupidez da autoridade:
são as ciladas erguidas pela inimiga mão que chamam os homens eleitos.
Daí que sofra a ambiguidade como um solo fértil de razões e imagens.
Nela nado arcaicamente ingênuo e revigoro o meu coração alado.
Sou a roda que gira no vento que vocifera os passos maleáveis
do enigma do tempo, vou possuído de sofrimento até ao limite do amor.
Só que abri os olhos. A terra trama tréguas trágicas. Manchada de ocos
sinónimos de lucro empesta com raiva os pulmões pobres dos animais.
O mundo no seu cheio abstracto é tudo. Sobretudo as rodelas sociais
que se exprimem no primado da desrazão e no desconselo das guerras.
Depois, insofismavelmente só e acompanhado, eu. Aquele que diz
o silêncio simultâneo da palavra, ficção ou ritmo, música corporal.
E no espaço estático do imo da vida componho putativos festins
que significam com teimosia a saliência e o horror: arte poética.
Não é claro o desejo, simples instrumento do mecanismo heterodoxo
que anima as roldanas da alma. Nem tão seguro o prazer patético.
Para lá do vago, preciso, paradoxal sentimento surge a saga rude
da língua sem possível alfabeto histórico. Inexistente como o facto feliz
de dizé-la não concita ao conforto colegial do sentido palpável.
Daí que a matéria se revolte em lutas e batalhas assinaladas livres
em livros desconhecidos da moda moderna. E que a novidade do homem
se encontre no casulo cáustico da miséria, na infelicidade coesa do tédio
oferecido pelo progresso paliativo das sociedades insaciáveis. Indico assim
o vagido percorrido de caminhos que levam a idade livre à liberdade.

7/3/78

A REALIDADE DO MOMENTO

Às vezes, numa paragem de autocarros, estático e em pé, rodeado de pessoas que passam, cores furtivas do real, e diante de viaturas percorridas pelo nervosismo da velocidade, sinto, subitamente e lentamente, não a estranheza própria da presença das coisas, nem a convulsão anímica de um casamento assexuado e puramente imaginado na esfera do possível com a natureza, mas o olhar em mim de um ser vindo casualmente de outro planeta, ou melhor, a impressão avassaladora de ter vivido já num tempo futuro, e de agora, por motivos incompreensíveis e irrevelados, reviver a memória maravilhosa de um século muitos séculos passados.

Como se me resumisse ao espião que aponta no seu inconsciente a consciência daquilo que se perderá no oco irónico da história humana, ou o contrário. De tal maneira que me acho novo e inexistente no clarão verbal que dissimula a realidade do momento, uma rua eufórica de sons e cores e brisas tentacularmente despertas. Eis-me pois patético e aventureiro no século XX, vivendo um passado rudimentar onde não só constato a imperfeição e erros humanos como também ignoro os laços concretos e psíquicos que me ligam ou me afastam das coisas.

Daí que sentimentos usuais e contemporâneos desta minha fuga ao tempo presente me deixem indiferente: o amor tão proclamado em fotonovelas existenciais, as lutas de classes rivais que pontuam os jornais de efémeros apelos, o ódio que culmina no coração cansado dos pobres alarmados de escravidão. Só, esguardo com uma certa dose de benevolência e muita sombra de horror as vicissitudes em que se escoraram estes povos, os relâmpagos das leis frustes que alimentam a desigualdade, os hábitos ordeiros do sofrimento sofrível. São momentos de uma total diferença com o universo. Logo a pungente arma do real me chama para o dever de ser atento com a chegada do autocarro, para que a importância de tudo, mesmo do que parece ridículo e mesquinho, se instale como um peso e uma desgraça sobre tais momentos, máximos às vezes.

9/3/78

DO MECANISMO SALUTAR DA POSSIBILIDADE

Vorazmente alinho em paralelas poéticas o susto suspenso da graça profana que icástica diz a aparição. Quando calado o universo une o verso ao reverso da realidade humana. Único sem dúvida o caminho. Apropriação disjuntiva da alegria que soçobra na dor. Uma ideia temperada no sangue daqueles que não sabem viver mal o bem que poderia possivelmente existir se todos os exércitos fossem um só homem. Quero pois explodir no cubículo escravo para depois propagar as horas de emoção capaz de liberdade. Da total, isto é, da inteira e assumida responsabilidade sem autor. Claro que nem a meditação vota nem o sofrimento ganha eleições na praça pacífica das viciosas contradições do sistema capital. Mas há a esperança. De que um sibilino dia, ganho no simulacro e na inteligência, homem e mulher, pluralmente concebidos, saberão construir a casa colmeia exacta do desejo cumprido na lei. Para que o prazer pratique as mais fecundas acções da imaginação ligada ao cio da terra, sementeira e colheita, na pureza sem conceitos. Contudo não ignoro que agora é talvez cedo e imaturo querer. Se o pronuncio mil vezes na consciência grávida do dia é porque espero assim desbravar a cegueira contemporânea com halos de frescura mansa, não como uma lição ressequida pela exposição mórbida das feridas, mas como um hino ou canto ou irreverêncio no domínio estético. Possam os leitores viver na leitura a distância que nos separa desse dia emancipador, e se possível, possam os escritores, que são os mesmos, cultivar no desejo a força de uma vontade capaz de destruição prévia para que o solo nivelado veja a planta do futuro homem desmistificador. E do gozo verbal que exige a substância ruinosa dos dias de hoje clarifico as ideias jovens do mecanismo salutar da possibilidade.

9/3/78

HUMANO SÓ O VAGIDO HIPOTÉTICO DA NEGAÇÃO

Nesta desdita era tecnológica sobrevivem ainda olhos translúcidos que trespassam a distância mítica e luminosa entre os objectos reais e a clareira núcleo amorfo e sensível onde se realiza a vida do ser. Cada palavra é assim ou de outra maneira sopesada na balança do sangue que conhece o calor animal das entranhas como a faísca da ideia nova. Unida numa povoação de sinais regida por misteriosas leis do universo diz a fulgêncio e o ritmo cardíaco que desbravam a memória invisível dos rituais, acontecimentos erigidos na estagnação rotineira, da história. Este singular poema permite e concita a viagem sem sintaxe opressora nos remoinhos quentes e húmidos da semântica desflorada do presente. Escrever a luz do dia no clima bizarro de uma manhã é o primeiro passo perdido e achado na selva escatológica de um sentido que se escapa. Sofrem hoje, como outrora nasciam e morriam serenamente convulsas, as poéticas incapazes da furtiva ousadia: querer com acções humanas romper o cerco. Lê-se em livros apregoados pelo comércio do medo o balbuciamento senil de vocações que se fingem como portadoras de outras palavras não contaminadas. Mas a peste está sorrateira e horrível em toda a parte. Na pele impenetrável da mulher aberta como uma ferida vermelha, na alegria alarmante que sobe por vezes do descuido e da inconsciência, na miséria pálida que desfila fechada nas imagens materiais e vivas dos pobres engravidados pelo capital, na insuportável melancolia que sapa os fundamentos felizes do engano ignobil. Ninguém sabe o amanhã. Mas vendem-se claras doutrinas corroborando o erro grácil que permite aos governantes lapidarem o património futuro. Humano só o vagido hipotético da negação. Lugar por excelência da morte anímica. Daí que cada sim colabore, para poder respirar, com a ordem tumefacta das coisas. Dilema: vaivém de sentimentos celebrados no livro sem páginas da contemporaneidade que vomita e come fogos como a podridão do fruto colhido pela terra.

10/3/78

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

Domino imperceptivelmente o delírio incendiário que nasce selvagem na carne injustiçada do presente. Mastigo as palavras com a sensualidade mesma com que penetro ávido o porto jucundo da mulher. Não basta dizer mal ou bem. É a vida que determina o sentido nebuloso e oco da história. No homem perpassam maravilhosos traumatismos, marcas médias da contundência material que define a realidade. Todo um campo cósmico virgem a seu modo e pronto para a semementeira realizadora. Desejo é sem dúvida a outra face da frustração. Um ímpeto e um arremesso para o espaço vaginal do incógnito, para o sílex feliz do tempo pénis.

Porquê pois a estagnação? A conivência lúrida com a desigualdade exigida? Que necessidade terá a desgraça de se perpetuar? Claro que a riqueza incompleta dos poucos usa armas sub-reptícias como igrejas aradas e montes de palavras propagados pelos canais do progresso científico: dizem que a balança da sorte só vive de diferentes pesos para ser simbólica. Que qualquer um pode subir como um golpe de vento ou descer vertiginoso as escadas escamas do degredo. Escondem o estado de camadas contendo prisões e laços entorpecedores ou facilidades abertas como um aperto de mão entre industriais civilizadamente amigos. Mas o sofrimento! Como conseguem suportá-lo de geração em geração? Pais herdados do vinho virtualmente desfeitos pela máquina maciça do lucro passando aos filhos a capacidade destruidora do sub-humano e enérgico esforço para nada. Lembro-me, infelizmente como uma faca na carne, o suor escravo que despertei nos mais humildes e aterradores dos ofícios, a fome introduzida luz na consciência, a solidão esboroadas que me acompanhou como um flagelo. Dor é o caminho plausível para o suicídio. Raras vezes decidi acabar na foz. Mas de cada vez o medo ou outra coisa impedia-me do acto mortal. Transfigurado comprehendi que a violência deveria ser dirigida para a origem do mal: o capital.

10/3/78

UMA PERGUNTA IRRESPONSÁVEL

Sou apanhado de improviso no lazer que pontua severamente
as grandes correntes metafóricas do meu quotidiano, penso áugure
o mistério da vida e o saber secreto que o homem escolhe como alvo.
Há um fundo fecundo no sono que alarga as visões da periferia
excêntrica. Um espelho súbito na água fértil da imaginação real.
Concordo benevolamente com o sismo e com a semântica. Possuo parte
do fogo que queimou e brilhou unido ao esplendor do espírito.
Na noite soa a voz selvagem dos começos arquitectados. Um frémito
que percorre as idades daquilo a que chamamos história humana.
Sem febre vivo aberto o domínio de ideias, a eclosão de modas,
a aprendizagem infeliz da artificialidade escrava. Olho descarnado
a viagem perigosa do engano. Um cansaço milenário. Um crime
catalogado nos registos do medo. Mádido suspiro da consciência.
Mas brota o dia. Ruídos ruinosos rasgam redes da sensualidade.
Desperto o corpo redescubro os assinaláveis mesmos gestos,
os mesmos passos, os dizeres cristalizados na rotina miserável.
Abro simbolicamente a janela. Eis diante as ruas risíveis
pisadas pelas gentes genuinamente iguais ao ontem clássico.
A cidade arde velhas fachadas fedorentas, assiste comovida ao oco
da velocidade que não pára, fere-se como uma putrescência pálida.
Não é uma visão. Vários são os longes e os abraços no corpo outro,
mas permanece ritualizada a sagrada do sacrifício contemporâneo.
Assim entro em mim silêncio perscrutador e carícia mascavada, alheio-me
perifrasticamente do real e reconheço o mundo vazio do sonho.
Aí visto-me das cores caras ao movimento essencial, sopro faúlhas
que se esmagam contra o sangue solidificado da carnificina alma.
E digo extremamente o vagido tépido do clima personificado.
É uma teia, areia traumatizada pelo delírio na sua ausência,
um clangor volúvel como a febre que arrasta multidões
do espaço significativo das trevas futuras. Existencial estação
estacionada no âmago fingido ou criativo do apelo plausível.
Crepitam as temerosas gargalhadas sem suporte carnal, conversas
cariadas coincidem com o simulacro da inconsciência despovoada.
Palpita o sexo, seduzido pela dúvida mitridática, afeito ao sabor
da palavra que emprega a força feliz do cataclismo animal.

Alguém ergue o véu vermelho da transparência. Uma boca breve bebe o líquido ejaculado, lambe com beiços amorosos o prato onde será servido o auge e o clímax do esplasmo. Longe aqui. Semivivo surge suave o som secular do canto material. Nívea linguagem ligada à amplidão paradoxal das vicissitudes eróticas. E embora dissessem da pobreza o enigma e o estilo, esqueceram-se de mencionar a medida máxima do sofrimento. Somos tão vivos, ó cruel destino finito, tão despropositados! Fechamos exangues a clareira cadavérica do pensamento ocidental, todos irmanados na cegueira séria que nos evita o sinuoso declive do sol.

Tais são as palavras capazes. Inventadas do próprio desprezo que desune e avulta, colhidas como benesses do único apostador. Mas a malha estreita-se. O sentido sacode e sapa a língua larvar. Outros olhos destroçam o que fica das ruínas alicerçadas com um ódio digno de outro nome: paixão em toda a parte. Subida ao cimo das águas do grito ouvido no redemoinho sem oráculos. Na passagem como na tentativa de sedução, o tempo tenaz teima dizer a virtual razão de um absoluto vomitado nobre pela presença do desassossego que exige uma pergunta irresponsável.

13/3/78

NA PERIFERIA DA POESIA

Arranho a rede sensível do pensamento que me é exterior, arranco palavras da peneira que filtra os movimentos do real emaranhado. Não pretendo definir nem catalogar as áreas do desastre. Suporto até com humor esse longo longâmico desabar. Escrevo convicto a carta que traduz a essência sensual da origem: geografia fria onde assento as movimentações inimigas que a imaginação ama. Aqui está o tronco decepado. Imagem feliz e fértil da infecundidade. Além corre o rio rico de palpitações. Obstáculo ritual do crime que corta rente o alor de um voo emancipado. Assim, entre duas sensações paródio o sublime desacordo que amamenta

e sugere a criação: esse vicioso vazio pedindo guerras.
Tão simples como o galo. Sol e canto despertam a aurora.
Sem temor da lógica. Reconhecendo plausivelmente o erro
como uma fonte possível de encanto e de pesar. De tal maneira
que deixo de ser eu para revestir a acalmia turbilhonante
duma foz feita de secura sem final. Trágico destino farto
de enredos que remedeiam ao sortilégio risível do menor.
O tempo esfarela-se. Fabricado pelas convenções e ideologias
significa apenas o pénis perfurando sem alma a carne quente.
Do espaço testemunho mais do que tarde. Um amontoado mesclado
do sofrimento heteróclito que gravita em torno da expressão.
Artística como humana. Irónico ícaro caro ao tradicional esquema
da cultura curta e aturada. E já agora manchego febril
fecundando com ingenuidade a génesis do mundo ocidental.
Tudo centrado na periferia da poesia. Um esgar atordoado
daquele que quer ler a todo o custo o cuspo salvador
nos atalhos sedosos da semântica que a paixão atraiçoa.

13/3/78

CERTA RESPIRAÇÃO

Nimbado de medo, austero como um silêncio de noite, trágico no espelho,
olho-me a dor que paulatinamente escolhe o caminho indesejável da loucura.
Tortura sublime na aparente finalidade da paz provecta que inaugura
com ardor o sufrágio individual do grito insonoro. Sinto a cabeça vazia
como a antecâmara de uma bomba que palpita invisível sangue. Entre mim
e a imagem do homem envelhecido pelo poder arbitrário da vida
e dos astros nasce a distância absoluta. Um olhar magnético recitando
soltas palavras parodiando a realidade quotidiana e se possível concreta.
Estou talvez no limite acerado do estilhaço que soletra o destino
como um hino falhado pela constante ausência de uma força desumana.
Sóbrio e solitário repenso marginalmente a origem na velha casa,
as pessoas adultas que conheci, o espaço mitológico da juventude

onde propus um sinal como fogo perpétuo da essência. Memória não pesa.
Esvazia o conteúdo do sonho com mãos aflitas e ofegantes. Mas
no reflexo limítrofe do espelho espio a convulsão interior
onde soçobro. Ouço um hipotético relógio cortando a carne leve.
Apalpo o rosto que me fixa literalmente. Frio o lago no cimo.
Como uma imagem outrora poética incapaz de quebrar o encantamento.
Não se trata de amor ou de ódio. Nem sequer de algum sentimento.
Mas do ritmo cósmico que coincide com a visão que tenho em frente.
Lentamente respiro, apago com ironia o sortilégio do desassossego,
esprairo um outro olhar sobre a fereza das coisas, dos objectos.
Então culmino na lágrima que brota e veloz corre abrindo
um sulco húmido como o húmus aterrador. Cabe-me dizer diariamente
a terra e a dor. Em textos tutelares como a revolta rasteira.
Espezinhar com humildade o medo do voo. Não me esqueço: sou homem
e percorro pacífico a adiposidade cadavérica do tumulto contemporâneo.
Hoje, insensibilizado pela noite no seu apogeu de cansaço, escrevo o gesto
putativo da pureza, escolho sem arte o contrário do artifício, quero viver
na hora o périplo anímico que consiga introduzir amor no nada eterno.
Sei intuitivamente que acerto o mal. Desfeita a visão atiro-me alvo
sobre a cama antiquíssima e revejo o tecto. Que fiz? Que tenho dito?
Medito pausadamente. Um dia destes, amanhã ou depois, a morte sem dúvida.
Antes o problema. Como humanamente sobreviver? Lembro-me das guerras
no seio da sociedade, do que já sofri nas camadas mais pobres do globo,
da dimensão que cataloga os mitos modernos: progresso tecnológico,
lazer futuro, possibilidade irremediável de igualdade dos cidadãos.
Entretanto, e ao compasso do tédio, as obrigações e os deveres,
ganhar a vida com o estuporado suor bíblico no vazio de acções gastas,
papéis que se escrevem e contas que se dão aos emissários do poder.
É nesta horrível cidade que vivo: o planeta. Cercado de línguas
que não se entendem, de credos que se ignoram, de políticas descarnadas
como o lucro e o investimento. Apunhalado pela informação gratuita
que apela para o trivial consumo de mim mesmo. Onde o canto, o coito?
A paz para a realização do melhor que cresce nos veios anímicos?
Apetece-me pois reviver todos os truismos que foram nos séculos revolutos
a máxima clareza da invenção. O dito espirituoso que galvanizou atónita
certa geração, a forma de arte que moldou no caos o sentido obscuro
do desejo mais ou menos colectivo. Depois, cauteloso e nuamente aberto

como uma profecia cerzida de ambiguidade, escrevo eu próprio o prazer do diminuto privilégio: estar sinceramente de fora no acme do dentro.

Este sibilino vaivém entre a dispersão devastadora e a concentração contundente: certa respiração. E despossuído pelo sofrimento quotidiano elevo-me como uma transparência no redemoinho selvagem da matéria.

14/3/78

FEROZ A FOME

É-me impossível descrever como acontece em mim o alvorecer ctónico do desejo. Com que mecanismos me apercebo de um arrepi lento alastrado pela totalidade do ser. A carne nervosamente quente e flexível, consciente de uma vontade vitoriosa de saída e de perda. O espírito aflito por saber que lhe está vedado a posse e o prazer. Cresce contínua e feroz a fome. Então alargo o olhar pelo redor e comprehendo contundentemente que estou só. Lanço passos febris pela história rotineira da casa. Desce contígua uma música vindia da esfera superior do prédio, reconheço-a como antiga companheira da solidão exilada, suspenso recorro à memória para que o sinal me faculte uma outra dimensão. Sinto o súbito frio do pensamento. Correntes de imagens ou ideias povoam como gritos fugazes os interstícios do meu inolvidável eu. Dizem-me desumanamente o clangor do processo que levou o corpo ao estado actual, trinta insuportáveis anos pesando nas rugas e nas brancas de uma velhice precocemente ejaculada jovem. Evito cuidadosamente o espelho. Mas eu sei. Socorro-me de verbos vadios como a apoteose do dicionário inculto e propalo um falo imaginário que repete jucundamente a dor do sexo pletórico. Ah! a mulher capaz de substituir o oráculo está ausente. Outras passam indiferentes e desconhecidas sob a janela branca da visão. Não tenho coragem de lhes pedir fusão. Convenções medíocres e sociais impedem-me do deslize julgado possivelmente louco. Que faço aqui? Em que lei me reconheço? Que seres plurais amam o acaso e o encontro? Velho mundo inchado de insatisfação

coarctando a real necessidade de entrar no âmago da vida.
Uma vagina para um tesão. Mas onde esse luxo e esse estouro?
Passam as pessoas possuídas de ideologias acomodatícias
como a arrogância de uma convicção que não resistiria a um beijo.
Ideais de pureza empobrecem os horizontes anímicos do homem
que quer como eu colher o plausível do possível com armas e mãos.
De tal maneira pressinto a solidão, o limite, que dessinto-me
como uma auréola de um castigo perpetrado pela odiosa opressão.
Então, incapaz de culminar no fora que seria voz sonora exigindo
uma forma do amor, viro-me assustadamente para dentro e grito
a raiva que não consegue ler o fogo dos incêndios simbólicos.
E o pénis penetrado de influxos sanguíneos arfa um animal seco
que espreita através da espera o indício da chuva fecundante.
Pobre de mim que sou tão exigente! Suspiro entre lágrimas
sem água, absorto como uma abertura, impávido no sentido lato.
Nem dinheiro tenho para viver a ousadia de uma compra feminina.
Escravo acorrentado ao suceder inócuo dos desejos irrealizados
tentando pensar profundamente a superficialidade da ordem estabelecida.
Só encontro horror e náusea, um sibilino desgosto por tudo e todos.
Todos consentem e acham bem o sacrifício do que há de mais íntimo
em nós. Talvez perdidos nas convulsões de uma fé fedorenta
que escreve com linhas tortas a lisura capadora da lei universal.
Surge como um clarão a morte suicida. Se tivesse coragem, desaparecer!
Não mais vincular o meu destino ao estreitamento e corte das relações
queridas ironicamente humanas pelo hábito gramatical do sentido oco.
Assim, incompletos e sofridos no mais quente das vísceras infelizes
percorremos mentalmente as etapas que desaguarão na morte.
Tauxiada nos nossos anseios a estupidez e o peso da ordem obesa
sentido como uma fatalidade sem progressos. Pobres despojos do sonho
que vingador surge nas almas como escárnio e vilipêndio patéticos.

15/3/78

SÓ UMA SOLUÇÃO

Textualmente liberto da lógica contemporânea da escravidão moderna
modelo arduamente a origem material de uma sensibilidade capaz
de erguer o pensamento até à reflexão visceralmente filosófica,
com ritmos e gritos de palavras tecendo a realidade humana
onde se filtra e concretiza uma visão transparente do universo.

Amo corromper com subtileza a fortaleza da ordem cadavérica
que limita a humanidade do homem ao estrito serviço infantil
da energia que irrompe nos corpos organizados de milhares
de células. Com futura arte desarticulo as regras e as leis,
viro de avesso o sentido mais próximo do poder e revigoro
com nocturna raiva o espasmo da rebelião: digo que a vida
vale um risco supremo e o alvoroco álacre do vazio repentino.

Que só na satisfação do desejo natural o homem alcançará
a paz do espírito. Que a comida terá que ser repartida com
o justo labor sem chefias nem lucros aplicáveis no desnível.

Cada dia que fica ileso na vacuidade memorável do desencanto
traz os factores reais da possibilidade. Basta saber ler.

A onda subterrânea que arrasta os temerosos desleixos
daqueles que ardem de medo pela hipotética insegurança.
Habituados ao seio maternal e à sombra paterna não ousam
um passo uníloquo e sem requebros, desfigurados pela castração
como essência psicológica da educação ocidental suspeitam
da possibilidade de uma outra organização baseada no amor.

É que as palavras foram empobrecidas e saturaram-se de receio.
Designaram por vezes o contrário da origem para beneficiarem assim
os detentores possessos de dons miraculados no engano breve.

Terrivelmente desperto comprehendo a maldição do estático.
Mas clamo na noite diurna a fenda, a ruptura, o horizonte novo
duma vontade mais forte que o desânimo ou as armas opressoras.

Criminoso como um incêndio sapo o casulo sentido sentido agora
que o poder pontua o quotidiano com trabalhos e engodos.

Abro clareiras no simulacro de discursos que pretendem esconder
a realidade obscura e oculta dos passos sem pais nem país.

Animo o sangue capaz das gerações que detestam a servidão
da arte aos desígnios comuns de uma revolta apenas literal.

É a vida que tem de mudar. Não a visão que dela se poderá forjar em livros pretensamente paralelos ao movimento das consciências. Por isso vou em cada momento da respiração afirmar o meu sonho por entre gentes que cotovelos com mais ou menos afectividade. Mostro com azedume a incapacidade do sistema situado na imagem que certos cérebros fazem do homem, abstracção e comodidade. Aponto a incompletude como consequência da falta e do corte, invento a hipótese que traduz uma possível saída do labirinto. E cada acto grita a negação ao esquema, denuncia a mentira projectada no mais fundo do inconsciente desprotegido: ingenuidade é uma noção a ser revista. Demasiada confiança beija os mestres e aceita como um dado eterno a presença de patrões putrefactos. Quantos destinos falhados nos escombros da história humana? Quanta irrealização no medo injustificado do futuro incognoscível? Aproveitando a interiorização do próprio aviltamento social aqueles que governam mentem o equilíbrio às faces ultrajadas. E sugerem que o voto prevaleça como prática mais civilizada. Contra a inteligência do mal só uma solução: o querer visceral que destrói as regras do jogo para fecundar o direito à vida.

15/3/78

VERSOS SÃO RASGOS NA CARNE DO TEMPO

Levemente assimilo a superficialidade das coisas para criar o amplexo capaz de aprofundar as palavras ao clímax da transparência poética. Escrevo simplesmente embriagado pelo casual ritmo do real intangível que se furtá ao consolo doméstico de um sentido total do diverso. Lavo na memória o que fui, vejo homens que deixam na sensibilidade impressões concretas da fuga, insisto no olhar como um recém-nascido. Não sei dizer a visitação. Sobe na atmosfera a manhã de sol lúdico e parece-me sentir na cidade um desejo diferente da rotina ritual. Desaprendo talvez o mistério no acme do sonho virtual que desobedece às leis petrificadas do homem social. Castigo ou recompensa escolho mal

o reverbero do verbo. Ironia bate de novo como flagelo fastidioso. Derrotado almejo um lugar sensível ao degelo. Quem sou dilui-se como um concentrado de harmonias especificadas no catálogo eterno, profano a luz, o tesão, a fome absoluta. Teimo no intento desatento satisfazer um caos tolhido de frio. A ceifa seduz. Recolho no espírito o bem dos dias malcriados e austero e cauteloso afirmo convicto uma odisseia sem heróis. Versos são rasgos na carne do tempo. Uma outra indissolúvel maneira de perecer. Plácido desfibrar actual do que pensamos moderno. Iludido o mas sem consequências apressadas. Finjo que penso. Palmo a palmo venço o horror do tédio esventrado com hinos sedosos como a dimensão intemporal do génio saturado. Rico apêndice a pobre limitação do poema. Página fendida do cataclismo que socobra no medo futuro: um universo plural onde se instala a beleza material dos passos sinuosos como sons proféticos do mesmo. Mesmo que a contradição grite. Ou sobretudo por isso a atracção lambendo os rins sensuais da história hoje estrangeira e nova. Claros são os direitos da palavra paladina: dizer a intocável fronteira. Assim como elos esticados até ao suportável do sofrimento sofrível. Raras vezes o ódio ordena chacinas nos engulhos da animalidade coesa: cabe sempre ao amor as cruzadas assassinas que elevam o sangue inimigo ao altar sacrílego do sublime. Mas. Sim, rodeado de realidade, desperto, vivo vagamente o tumulto só capaz de prever uma etapa invicta. Deslizam as rimas ao cavo som do desperdício, sobem como vícios leves certas configurações da consciência contemporânea, tudo o que fala sussurra um estranho entranhado medo. Sob os risos ablutores de mulheres que se penteariam frente ao espelho sem problemas, palmas de mãos modificadas pelo hábito da carícia cansada. Que fazer? As horas são as mesmas. Ontem será sem dúvida um amanhã. A velhice existe como o único segredo revelado do acerto. Corrói levemente a pele e os órgãos do poder, salienta-se no regaço da mãe mártir, cava profusos sentidos no espiritual desmembramento do século. O que de mais caro emerge dispensa alegorias ou símbolos. Lavas imaginam larvas no âmago só exemplificado pela bondade humana. Lembrem-se: somos homens. Estamos puramente aqui, sobre a terra dos truismos contestatórios e nebulosos, emparelhados ao degredo. Alagados de suor isento de sudário. Houve mas desapareceu. Outrora no simulacro daquilo a que chamamos tempo. Em espaços do desejo feliz

caracterizado pela explosão no prazer aprazível. Jogo jugulado pela tensão e pelo sortilégio. Sim, mais uma vez o oculto oco troca da vida que se perde. Este acumular paulatino de experiências significativas no roldão da memória. Máxima do deserto. Abstruso complexo. Revisitado pela impotência em mudar. Voltar ao começo a partir do fim. Como no sonho idealizado da criança que não fui. Fatal fecundidade destinada às goelas impiedosas do monumento mítico.

4/4/78

OS CRIMES LIBERTADORES

Impossível usurpação do delírio tento acalmar com estático brilho o ímpeto impiedoso das imagens salazes que desgovernam o leme longamente absorto do sentido. Casas e nebulosas redopiam através do vazio visitado pelo terrível frio que gela em forma a inspiração. Vaginas tépidas como a antecâmara do nascimento vagueiam futuros partos e sublimes vagidos da estética sóbria. Um mar de estrelas na desova dos ocos afilitivos como esponjas maiusculadas pelo tirocínio do verbo. Assim se tece a clareira ridente do altruísmo acateléptico, uma leitura buscada nua no simulacro sério da floração. Creio que age o silêncio no sinuoso declive do prático paroxismo, arte altiva como a sédula membrana do desespero. Esforço patético a inteligência. Cumeadas de sombras reais contornando o adiposo substituto da emoção. E porquê? Parte da pergunta pertence ao perigo. Esse insuportável clarão no singelo arquejar da inocência que quer a todo o custo catalogar o palpável real. Sim, reflexo e retoma do vozear anfigamo a folha lavrada de palavras ávidas como beijos sem sopro. A carne presente. Pressente o árduo caminho da memória eviscerada com ódio. Cada passo traz a selva e o tormento. Alinhadas pela história as acções tornam-se obsoletas ou periféricas. Foge o intenso clamor da angústia exacerbada pela frustração quotidiana.

Armas escondidas explodem no sepulcro intelectual da época petrificada em políticas passageiras como a mediocridade eterna. Nem já absoluto nem sequer luto. Mas luta como experiência do máximo consolo e trivial perseverança. Dizem os jornais a janela fictícia dos casamentos entre ideais e ideias forçadas. Choram as crianças a aprendizagem do mesmo dia atrás de dia como única solução de continuidade interpretativa do homem. Amigos amassam com tédio e baço desamor a amargura de destinos isentos de criatividade ou de simples e amável intensidade. O sexo verte as mais icásticas perorações da queda. Claro que nascem filhos fingidos como morrem velhos acenos daquilo que foi a mobilidade perfuntória da estadia terrestre. Anseia-se pelo total ressurgimento do incógnito. Atónitos olhos afirmam a presença de outros seres. A solidão delira ou adivinha o universo no seu recesso incontroverso e amplo. Mas a vida, como poeticamente revivê-la, senão com palavras mágicas? Próximas do aguilhão da realidade que se inventa diariamente como uma oferta ou esmola às sensibilidades devastadoras. Destruir não chega. Lucidamente arvoramos o limite acre do desassossego. Além é um fosso no vazio anímico. Proibido o incesto insulta-se a irmã do sonho: vida, quero-te forte como um tornado, imensa como o horizonte, palpitarmente tesa como um pénis poderoso que conhece a gentileza feminina do vaivém. Que a imagem sentida única é pobre e sofredora. Colhem raízes e frutos a esterilidade e a incompletude: obrigados a comer os ralhos infantis e as ordens adultas esquecemos que não possuímos missão alguma nem tarefa desejável: trabalho é o carisma de hoje. Milhões de células engordando os grandes cataclismos da história tumefacta: tréguas e trevas: o sopro. Não genesíaco nem fecundo, mas mortal como a peste prática. Daí que a dor emirja e sussurre os crimes libertadores.

SEM PORQUÊ NEM COMO

Tão vívido e brutal que me levanto para escrever freneticamente
a passagem do obscuro ao som, o corte sincero e simbólico instaurador
da tensão que me faz mover sobre hipotéticas folhas de um livro único.
Apreendo instintivamente a dimensão do vento interior, vozes ctónicas
calmamente proferem os traços característicos da tragédia. Isolado
no calor protector da casa calcorreio os riachos da imaginação
que alaga fervorosamente a consciência urdida de novas e de enganos.
Sei então que sou puramente um homem. Que vivi doidamente um erro
como primavera ou adolescência, que resisto ainda à atracção universal.
Suspiro na inclemência feérica dos objectos estáticos. Atrás das costas
o sol sonhador que beneficia o arpejo do arco esticado até à flecha.
Sozinho repito o último inacabado poema. Escrevo-o com liberdade
no sítio mais recôndito da memória, amasso-o com suor e desesperança,
suspeito do filão indecente roubado ao esplendor de que é feita a mediocridade.
Sei que vou, voo vulnífico transfigurado pela obsessão e pelo grito nocturno
da ausência. Fendo feliz as águas, espumas do insubstancial e relâmpagos
pegajosos como o fim do orgasmo. Amo. Sem porquê nem como. Estrada aberta
ao inopinado revérbero da felicidade humana e minúscula. Sem sentimento.
Novo ser assediado de temores e lamentoso passado busco parir a pátria
sem ideologias ou profecias barradas de doutrinas histéricas. Clamo
bem fundo o segredo: não ser! Mas vegetar no papel e na parede o abrigo
do conforto conspurcado oferecido pela civilização obumbrada. Ocaso
sobre uma ideia que se teve no âmago da sorte e do delírio branco.
Travo. A palavra perigosa perfeita máscara do real esviscerado. Fedor.
Uma faculdade perdida nos trambolhões cognoscíveis do pensamento
que constrói sobre alicerces de pusilanimidade o esgar do moderno brilho.
Respirar é o fito: malha do ciclo ancestral que nos amortalha com ódio.
Entro onde outros mais leves e sucedidos saem. Afugento a fogueira eterna
que timidamente teima corromper o sangue da sensibilidade inadiável.
Venho possesso e vou dorido através dos recantos onde a ideia pecaminosa
floriu como um abrolho no altar. Digo, simplesmente digo. O silêncio.
A origem do cio no corpo tresmalhado. A ordeira intumescência do delírio
mesmo quando se pensa que é doutra coisa. Misterioso só o curioso.
Nada mais se eleva no clima do desejo. A fábrica fecunda a máquina
que irá substituir a alma, os beiços mortais beliscam o beijo imortal

da ambição sem garras: poder, sempre a fome ou o sexo aviltado. Terno
sigilo o coração. Hipotético aceno de mão numa fabulosa manhã amarga.
Como num filme as imagens madeficam-se de sonoridade balofa: significar
quer dizer esterilizar? Onde pois a acção sóbria e a sua vitória plástica?
Caninos lambemos as sobras do passado putativo que não souberam dar.
Temos o verbo enclausurado na rotina dos séculos subtilmente apagados.
Fechamos a porta com um olho mitológico capaz de se esvair em fraude.
Sim, solidamente impregnados de violência apodamos a paz de pomba nívea
e sofremos a guerra com televisivas opiniões da mediocridade assassina.
A vida orgulha-se da morte. Todos mais ou menos sugerem o alcance estilístico
do sublime desacordo entre a terra e o céu. Ninguém comprehende o nada.
Que passou, vítima dos encontros em todas as latitudes e em todos os graus,
página manchada de rabiscos sérios como o riso apolítico do vinho cego.
E quando saio saúdo com raiva o mundo dos outros. Não sou talvez irmão.
Nunca efigiarei o pai. Consinto o papel de filho para que a verdade
se torne ilógica e pedante. À minha maneira transformo o universo.
Esta fáscia farta de selos e de desemprego, um clamor classicamente
podre como o aviso temerário dos destinos falhados. Agora cansado acho
o assento e pouso na calmaria perspectivada. E mais uma vez, tudo e nada.

4/4/78

AS ESFERAS DO FOGO

Porque é a vida que exige o diálogo transparente do eu com o real.
Uma necessidade saída da força que cresce iniludível com os dias
até ao volume máximo da explosão. Vontade de tudo dizer. Inclusive
o esforço e a tentativa quantas vezes gorados de abarcar
com mãos visíveis a complexidade ritual do diapasão circundante.
Refaço pois as mesmas inolvidáveis perguntas. Acho respostas
que com a distância ganham matizes diferentes e pesos diversos.
Ontem ainda um outro clima, a infância esquecida nos sinais
perplexos que insistem como balas do perene, uma adolescência
carcomida pelo sublime cinismo corruptor das escolas emasculadas,

a idade adulta crismada pelo exílio e pela fome. Houve uma guerra evitada. Nasceram em contrapartida salários medrosos e o sono sábio alertou o cansaço infiltrado nas fibras mais escondidas do corpo. Do espírito não falo. Basta recordar-me o zelo no suicídio falhado ou a noite solitária da mansarda estrangeira. Mas depois regressei. Revi as plagas ancestrais do pensamento, pus passos no local da casa perdida como um negócio de transacção, olhei vertiginosamente o mar. Trazia em mim um animal. Depois, visitado pelo brilho da privação, fui heterodoxamente pai. Abri a boca recém-nascida e dei-lhe leite. No surto da noite acordava ao berro molhado da novidade. Com carinho historicamente maternal limpava o corpo cagado: cumpria a sorte. Agora sinto o peso da pátria. A outra asfixia. O desconsolo. Abeiro-me das palavras e sussurro-lhes um crispado desejo: fugir, ir mais longe! Homens e mulheres vivem no planeta dividido em nacos de pão. Uns são ricos e comandam, outros sofrem a ritmada exploração. Ardem como ervas secas as esperanças no futuro. Século vinte desmente a dor. Continua com garras capitais a ronda rotineira dos destinos sociais. Mas a vida pede-me uma imagem da convulsão, do desassossego. Quer um sopro que cristalize os contrários, as insuperáveis contradições. Para que, no sonho inviolável, os homens possam sentir o frémito humano que vai na luta quotidiana que trará a emancipação dos povos. Truísmos, sei. Também o ar opresso persiste no clima moderno. Armas anímicas destroem o domínio do poder. Paulatinamente, hoje, sempre. Nem sequer é uma esperança. A poesia vive de certezas. História do olhar sobre o mundo nunca essencialmente poderá enganar ou mentir. Está condenada a ser real. Miserável ou não. Por isso pego no feitiço que atiça o fogo e ejaculo com uma espécie de amor as chaves prematuras. Crescerão no amplexo entre o sofrimento e o desejo. Basta escrever para que o passado não seja mais. Agora sonho. O inexistente. Sentimental e material. Vejo estranhas construções levantarem-se sob um céu carregado de azul, ouço oaristas nunca encenados entre os humanos enlevos, sinto um calor vindo da transparência que atravessa a luz. Gozo a perda quotidiana transposto para outro sistema onde o sol seduz e a terra debita estrénuos cantos de paz. Mas há sempre um sobressalto. Queda. Sim, aqui estou. Outra vez. Rodeado de cidade até aos ossos, homem de trinta anos, desconhecido

poeta. Um secreto palhaço num insondável circo vicioso. Lar da guerra verbal e do manejo corporal de uma outra estética. Que diz a confusão tamisada pelo remorso da inteligência curtida no espaço da sensibilidade trágica. Um atroz mecanismo sincero. Que a vida sabe escolher. Confio plenamente. Arte ou simulacro traça no chão tutelar as esferas do fogo. Um sentido novo para o mericismo cadavérico das ideias que não suportam morrer.

4/4/78

CHAMAMENTO SEM ORIGEM

É pois o desejo que me arrasta rutilando a preguiça e o hábito com chicotes de medo. Uma via profana onde paralelo ao movimento assisto como espelho humano aos gritos facundos das acções. Vivo cercado de horas e de apelos, gravito insuportáveis deveres como a aprendizagem moderada do pão. Sinto longe os laços leves de todas as conjunturas familiares. Vou só no segredo como um olhar que busca o verdadeiro espírito para o corpo. O social instala-se nos títulos e nas ordens, a carestia anímica segue passos cordatos no alcance das regras ditas económicas. Fala-se de cataclismo e de fome, como outrora se prediziam as pestes. Só o truísmo se julga paradoxalmente verdade. Esquecido no meio mal tenho tempo para ler. A caça exaspera-me os sentidos. Dia e noite medito com horror o sentimento mais actual: loucura. Lavo-me simbolicamente no prazer deste trabalho verbal. Criança sem relógios finjo conhecer os ralhos pretéritos e amigos que anavalham a sinuosa memória. Marcas do degredo cantam no sangue as peripécias do sonho, o fulcro visceral da esperança, a arte gélida. Cada fim de semana relembra-me a filha que cresce na encruzilhada caprichosa de uma educação afinal sem planos prévios. Choro e rio a ousadia, ser vivo significa mais que o passeio efémero, a sombra da fala que se faz inopinadamente voz. Vagueio vário e difuso o feitio casual da imaginação despovoada pela privação e pelo ódio,

deitado sobre a cama abro-me ao sabor da sociedade de consumo.
Triste flagelo o nosso! Comprar a venda imposta pela cabeça capital!
Depois, adeus, digo. Outros liames me esperam. Sobretudo o sono. Dormir
no paroxismo da angústia, a maneira mais benéfica de amarfanhá
o desgosto pelo quotidiano como este se dá a viver. Falhanço.
Mas o que penso realmente? Dito em páginas sexuais repito branco
a visão do mundo à flor do poema. Estes carnais traços do desejo,
estou sobriamente acastelado na ilusão de mim capacidade total
em sentir o alor transparente do universo. Homens e coisas calam
a harmonia suspeita que vibrou em festas passadas da filosofia.
Sei que os livros libertam o futuro. Nem todos contudo acedem ao tempo.
O trabalho torna espessa a sensibilidade virgem do começo. A boca
exige o contributo devido à fornalha para que a energia saia
quando o esforço assim o requer. Construção de mitos a salsugem
diária onde se perdem as mãos e dói a consciência. Séculos tantos
e tamanhos aviltados pela dor da opressão. Classes inclassificáveis
peroram a moral do sacrifício. A fornicação faz medo. Alastra o prazer
até à raiz do atelier. Sofre com isso a acumulação. Riqueza
espúria, a dos mestres e governantes que dirigem o diálogo com
o acaso do mundo. Ontem, lembro, fui criança. Tudo confirmava tudo.
Hoje não posso deixar de ser homem. Estrangulado pela demência
arbitraria que reina como a última ordem, espezinhado pelo ébrio
catálogo do sempre o mesmo. Terrível, haver tantas palavras proibidas!
Que só terão futuro quando acharem correspondentes materializados
na realidade. Amo-as como a mais ninguém. São o melhor da minha vida.
Representam em embrião um outro clima e uma sólida força vigíl
como o tesão que não teme o desgaste do movimento. Aspiram ao novo.
Mas não tenhamos ilusões. Estou aqui. Entre grupos de mil interesses
cerzidos pela impotência e pelo lucro vadio. Tolhido e colhido
pela solidão. Seguro de que a humanidade não existe nem tão-pouco
está para nascer. Ardendo como um chamamento sem origem.
Sim, amigo leitor, este poema, esta maneira de não te dizer adeus.

ARMA-TE!

Larga a manhã seus eflúvios costumeiros. A luz balança adiposamente entre o clímax do sol e a presença da nuvem nimbadora. Ritmo lento como uma experiência vivamente erótica. No café da cidade assisto aberto ao nascer selvagem do poema. Uma subtil história. Ruídos rápidos sobem como o fulcro metafórico da comparação, a imagem é prenhe e baça.

Falam e lêem jornais os clientes ciosos da ociosidade lusitana. Mesas medusas do empobrecimento anímico discutem as possibilidades tecnológicas da guerra futura. Um assombro nos rostos. A mítica alavanca, dizem, pode acabar com tudo num suspiro alado. Ah, mas dormir é tão bom! Aqueles que governam, saídos da escola maiúscula, devem saber o que fazem: estudaram para isso, não é? Talvez esteja verdadeiramente num outro dia. Há a impressão de sentir uma sensação desconhecida. Os nomes são nitidamente insuficientes. Acredito como aquele casal risonho que o sexo libertará o homem e a mulher. De uma maneira mesmo sibilina, a-histórica. Hoje estou disposto a aceitar benevolamente todos os disparates. Penso que a vida é feita da muita inépcia que alimenta os fogos inúteis do anonimato. Assim, reflectido por dentro, continuo a absorver fragmentos do real. Parece que a fome ameaça.

O país padece convulsivamente de uma doença que alastrá pelo mundo fora. Fundos mortuários internacionais interessam-se capciosamente pelo grave problema que é a construção de uma família harmoniosa. Um sorriso triste espelha-se na viscosidade deste povo. Ignoram onde buscar a paz e a alegria. Verdade que pesadelos cíclicos cerram fileiras para a passagem paternal da opressão. Rebanho é um belo nome. Sem legendas. Para que noite e dia se sofra a mesquinhez da pobreza que floresce nestes corpos atavicamente esventrados pela fome branca.

Que fazer? As leis, ao que parece, existem. Foram aceites em conciliábulos mais ou menos democráticos. E o futebol fascina. Arrasta multidões de lugares comuns. Daí que não consiga escrever a verdade deste momento. Antes verifico a confusão de gestos singulares na colectividade amarfanhada pela rotina da inacção produtiva. Criar está longe. Elevar no dia a diferença como um prestígio sem medalhas ou recompensas: a solução para quem? Diz-me o trabalhador vizinho: estou cansado. Os transportes sugam-nos o sangue. A fábrica esmaga-nos os sonhos. As ordens de cima tornam-nos estúpidos. A mulher queixa-se do mesmo. Os filhos choram sem carinho nem convívio. Uns vão à escola aprenderem que representam

a escumalha da terra, os outros saídos há pouco do útero materno bebem um inchado biberão. Que fazer? Contudo há dias em que sinto o paraíso nesta terra. Certas manhãs de primavera no seio do sol, o calor primevo diluindo-se como carícias de mulheres sensualmente dispostas ao prazer. Os objectos nítidos como esquinas do tempo, uma cadeira e uma mesa no café, um copo de água pedido com amizade e trazido sem remorsos: aí o mar, a fuga pirética para aquilo que a lembrança esquece, uma juventude com raízes diversamente terrestres, falas de seres que povoaram outras conflituosas sociedades, olhares cendrados pela morte justa. Irremedável sopro o nosso. O tempo poupa-nos a ilusão da pedra inscrita. Daí a teimosia. Tentar a sorte. No seu duplo sentimental sentido. Fazer o máximo pela vida no mínimo de possibilidades consentidas. Provocar o verbo para que se faça faísca e depois luz ou carne e história. Paulatinamente construo sobre o vazio contemporâneo uma voz. Material como a eclosão do sonho quando se está perdido na dor e na privação. Roda tudo ao diapasão matemático da sensibilidade. Ontem a grande esperança no homem livre, hoje o crispado desejo da emancipação, amanhã talvez o real humanizado. Ninguém poderá desmentir esta energia. Esta força. Lembra-te: vivo. Amealho e queimo os mitos, os símbolos extáticos. É cedo para desistir do argumento. Ágeis palavras prefiguram com avanço a definitiva clivagem. Fomos e seremos. Sofremos agora, sempre agora, em qualquer época que seja, a condenada. Mistério o medo encafado no limite dos nervos. Truísmo a constatação do haver. Vagas vorazes suspendemo-nos no voo. Um só minuto. Toda uma música trazendo o olhar caprichoso do mais profundo silêncio. Através das vicissitudes viciadas entrevemos a imagem fluxível da outra estadia. Felicidade. Efusão. Verdade do corpo no sublime acordo com o espírito. Não mais os entraves, os deveres mal assimilados, as responsabilidades canhestras, os sociais cataclismos que castram. Mas um levantar certo como o desejo público e o deitar arquejante como o orgasmo. Ali ponho a minha ousadia. A essência catapultada ao paroxismo de existências cheias como o ar. Ninguém possivelmente pensou na liberdade. Escravos com outros nomes cá vamos vagueantes como um parto mal cumprido. Dizemos esporadicamente amar. Obedecemos ao mitológico desfibrar da mentira. Deitamo-nos fora para depois adquirirmos com a esmola ideológica uma carapaça desprotegida. Obcecados pela imagem do pai. Suspirando pelo leito da mãe. Pobres canalhas! Sem um grito, quantas vezes de revolta! Presos no medo

mártir. Tergiversando a náusea e mesmo a poesia. Que faço aqui? Que venço ou alcanço? Cada dia que trespassa traz-me mais jovem. Estranha odisseia a do malogro insatisfeito! Ir mais longe! Sempre! Abrir com másculas garras os olhos cegos da provecta desistência: eis a ferida. Eis a cura. Uma luta sobre as ruínas rasgos da história. Uma guerra sem alavancas nem botões, mas subterrânea, tomando posse das almas assim como dos corpos que arfam. A memória, sintoma do desejo, diz-me a vitória do empreendimento sublime. Leitor, abre-te como uma flor atingida pelos raios do sol. Pensa e sente e vive a única saída do labirinto nocturno onde estrebuchas. E sobretudo, arma-te!

7/4/78

LIVRO ESCRITO EM LISBOA

LIVRO II

ÊXTASES E ÍNSTASES

REFLEXÕES

BELO DO AR

I

Entre correspondências e a suspeita
original do símbolo
deflagrou no século como uma língua
em revolução. Leu a viagem do sono
através da consciência florida, dorida,
e escreveu em páginas ilícitas o crime veloz.
Amou o silêncio preto no corpo suado
e rouco da mulher. Depois, paralelamente,
sofreu os dias plácidos e plúmbeos
com um ódio sem igual.

Despojado pelo que a modernidade caduca
chamou o vício, viu as estrelas reflectidas
nas lágrimas naturais do rocio,
e clamou contra a ideia idealista do progresso.
Soube esperar as palavras maduras e sem
nódoas, noite após noite, discurso e tempo.
Crítica pressentiu a força vingadora
dos povos espezinhados. Um breve luar
no corpo quando a doença foi venérea
e possivelmente tratada. Depois conheceu
o riso e a angústia, quimeras heróicas do passado,
o pessimismo do trabalho sem dinheiro,
o gozo de se sentir incompreendido.
Morreu como um desastre: vitimado de injúrias
alertou a posteridade com flores e mal.

II

Transgredindo a imagem ábdita do solene sepulto
busco no contínuo contacto das palavras
o silêncio sorte e salto. Processo
dito heterogéneo arranha as raízes do ocidente
com a energia galvanizadora de um espasmo.
Assim tamanho desejo impossibilita o prazer.
Para quem comprehenda: desgaste o sentido
salutar que depaupera e razoável colhe
as línguas tumefactas das instituições
castradoras. Daí talvez que um sorriso mau
alargue a importância do verbo
na leitura mais que imperfeita. Saibamos
ao menos não respeitar a vida. Homens
vertebrados entre a demência e a prisão,
sulcamos sorrateiros a pele pacífica
de toda a mulher maleável. Dizemos amor
quando a noite anula o encanto. Solidão
a outra face hoje real do simulacro. Embora
uma esperança estreme estremeça no acme
do coração colectivo do humano. Lembremo-nos
das garras ideológicas do bem e do mal,
da luta outrora querida das classes,
a estase vence o paradoxo do actual.
Mais um brilho baixo ao nível do sopro:
carga de dinamite ou poema, sofre o leitor
o significado insignificante da obscura necessidade.

20/9/78

EM DIRECÇÃO DA LÃ

I

Na música marcou a palavra. Feita de desejo homossexual liberto dos entraves sociais a poesia que escreveu retinu aos ouvidos embotados como um cascalhar de mentiras. Sofrido pelo prazer da ausência do vício vociferou pobre o seu tempo. Londres viu-o de braços fechados com o amigo. Ópio e hotéis miseráveis diziam a hora. Mas a mulher espera. Depois, vagos tiros de desespero levam-no à prisão. São os anos frente à parede, em terra estrangeira. Marcado pelo sossego regressa e toca com sédulas palavras a magia de um outro verbo. A ideia torna-se vagarosa como uma impressão. São os contornos vagos de salas crepusculares anunciando o que a civilização perde. Mais tarde vai pelas ruas rumorosas da cidade e pensa naquele que amou. Então, velho, escreve o pecado do remorso, sublimes pernas onde nasce a ambiguidade ambiciosa e franca. Foi o primeiro a dizer bem do anátema: Cioso do seu desconsolo vai possivelmente morrer como qualquer homem do sentido. Ouvindo febril e feliz a música que fez nos versos vazios de substância anímica.

II

Agora, possesso pela impossibilidade
de ficar ou permanecer aqui, repenso repetidas
variações da ideia que foi século dezanove.
Nasce o sol no alto. Um clamor de nada
abeira-se do suporte frágil do suplício
e as palavras pasmam de intruso espanto.
Elíctico do incógnito, o grito da carne afónica,
quando os impulsos guerreavam as estases,
e a mãe marcava o compasso do coração.
Pouco a pouco a música. Agora um gesto,
logo um som. Era a palavra que comovida
se movia através do paroxismo da língua.
Ensino e prática, passavam os dias soltos,
como mãos molhadas no leite que não engravidia.
Depois, um sexo incha e sobe sublime
até ao horizonte do desejo. Outra mulher
para o ritual do medo e da saída. Esta
dupla, no esguicho do esperma, perda
e delírio, no silêncio simultâneo da ausência
do calor primeiro. Assim, energia ou música,
a vida fende a razão e o incremento
da intuição. Assim, passo decalcando outros passos
estritamente históricos, o social simbolizado
na comunicação exige um esforço suplementar.
Como ser interrogação? Afirma a voz o vazio:
por preencher o sonho do futuro, novo ser.

20/9/78

RIM BELO

I

Sobretudo a viagem. Mania ou necessidade
calcorreou o espaço que separa a família
do amor sentido historicamente crime.
Era jovem e a frança vivia lutas
cuja importância só a poesia pode
testemunhar. Aberto pela fantasia quis
na revolta impulsiva igualar a visão
antiga que a nova era suscitava.
Escreveu impune e breve folgos rítmicos
nunca igualados pela posteridade.
Desceu e subiu à ideia infantil
mas consolável do inferno, estase
e movimento. Por caridade, disse-se
mulher e sofreu aquilo que seria
na altura o amor do homem. Fingido
ou autêntico, cheio da europa vazia de alma,
escolheu sumário partir. Outro continente
atraía, o comércio e a riqueza, ao preço
ignóbil do maior dos crimes. Mas a lei
é humana. Tolhido pelo mal regressa ao lar.
Tem na irmã o último válido interlocutor
e diz nos momentos da agonia o brilho
da arte que tinha possivelmente abandonado.
Cercado de ouro e camas fétidas de hospital
expirou profano, ambíguo como um fim tredo.

II

Horríssono sibilo, frente à braquilogia do real,
aberto no espanto figulino, eu homem moderno
tanto quanto dura o tempo obsceno que vai
do vagido fusalvo ao estertor trasvisto. Aqui
a casa despede-se de todas as ideias, empíricas
ou filosóficas, e torna-se mar. Imagem fluxível
que subsiste e paira como uma pintura apócrifa
de uma época sem data. Fluctígero soluço viajo
através da sensibilidade passada de certos homens
que pensaram sentir o impulso da graça ou do verbo.
Mas a distância que nos separa é profana. Medo
é o sísmico silêncio no redor orgânico.
Suspicaz palavra agora que remedeia e modela
sobre o vazio uma presença simbólica de sentidos.
Mas o espaço, outrora maternal, instaura a lei:
ladeado de trevas e de fulgências exfiltradas
cada passo oferecido sobre a terra é um som ignaro
roubado ao ritmo do eterno. Nuto ou desaprovação
equivalem-se no lugar sem reino. Mas somos homens,
diz-me a canção catalogável. Sim, verticais sombras
de corpos impróprios buscamos a essência na ideia
capaz de conter a totalidade indelével do tumulto
que é a experiência. Travo infrangível, a morte.
A sorte onde não cabemos e que nos cabe. Sortilégio
de uma poesia sem leis nem simulacros. A transparência
trespassa os alicerces do novo que o homem alcança.

25/9/78

MAL ARMADO

I

Incapaz da prévia acção, mas saído da revolta,
vai brutalizar a sintaxe e na língua social
introduzir um arrepio: esterilidade ou gestação
os anos passam e o dicionário apodera-se
da importância que os factos políticos perdem.
Assim, escreve cartas felizes aos amigos onde
diz o compromisso com a feminilidade estranha
e o projecto futuro. Instaurar na malha
prosódica da comunicação uma significância
ainda sem nome. Lido em hegel sonha
com a ideia, ou com o livro. Sente o diálogo
introvertido que a dialéctica impõe,
sintoniza o ritmo do indizível e perora
esdrúxulo a nova língua. Claro que recebe
os amigos, de pé e contra o fictício fogão,
não faltando sequer o arguto gato mítico.
Símbolo, clama a escolha. Mas ele avança pelo século
fora até ao seu possível limite. E escreve
túmulos capazes de testemunharem uma amizade
intelectual ou uma dor sentimental. Colhe
da bela mulher pintada pelo amigo favores
misteriosos, mas a família espera-o. Retratos
atestam o homem na sua mesa de ócio. Olhar
carregado de sonho pede no momento da morte
o fogo como inevitável fim para os escritos.

II

Diferentemente não limei a ordem nem corrompi
as categorias da lógica mais suasiva.
No livro busquei certos signos calmos
como o sossego da podridão nidorosa. Pu-los
impávidos na textura do sensível moderno
e arquitectei a memória do presente.
Aí transpus para o papel histórico a importância
dos fantasmas infantis e da soberba
adolescente. Morte. Máxima dor então possível
de dizer. Hiulco cataclismo para a idade adulta.
Não sei se compreenderam. Interessa apenas saber
que existe, sem armas, a materialidade onde
olhos sempre jovens poderão pressentir
o cisma. Do ideal colhi apenas a lição severa.
Depois fui à terra e sintomático previ
o desgaste político da época, as drogas sociais
da sofreguidão frustrada que limita o génio.
Sem filoneísmo compreendi a enciclia: pedra
caída no sangue, mar intelectual, procurei dizer
outra riqueza. Sem exploração nem economias.
Desfigurei a imagem mártir da mãe. Mas o peso
do semiótico tinha raízes na própria gramática.
Aqui sou para reviver a luta entre um amor
pérfido e o ódio libertador. Da consciência,
da dor. Mas só a leitura dará o definitivo passo.
Possa ao menos sugerir o calor animal do abraço.

25/9/78

O OUTRO ESTÁ A MONTE

I

Sem dúvida nasceu e viveu até culminar morto na idade da revolução. Pouco se sabe. Conheceu o mar feminino na travessia do atlântico e foi para a escola aprender o discurso simbólico. Horrorizado pelos métodos dos mestres infelizes inventou no futuro toda uma cosmogonia da negação. Dialogou com os livros apenas científicos e leu nos dicionários da língua a corrupção. Foi mais longe. Atraído pelo material existente sobre a antiga poesia materialista trouxe-a ao palco e fê-la vibrar de contradições. Não contente com os obtidos resultados, misturou o profano com o sagrado, as superstições babélicas com os dados juvenilmente científicos. Depois, virou-se para o eterno. E reformulou historicamente a necessidade dos primitivos princípios. Alguns afirmam que a essência é homossexual. Outros vêem na contradição desgastante o sinal maior de uma aventura no século. Parece que, homem afinal como todos os outros, morreu no quarto de hotel da cidade formigante. Jovem como a incompletude, e no entanto, já tão longe dos miasmas e marasmos que diziam a época. Descobriram-no anos depois. Tomaram-no por um outro. E assim, de ambiguidade em confusão, vive de logro.

II

Percorrê-lo palavra a palavra é sentir
um arrepio tuitivo e ponderoso, como um conhecimento
só agora moderno. Amo mais que o desejo
a leitura escrita nos olhos que viram na cultura
ocidental o engano e a mentira melhor
que uma tese sempre infeliz, em poesia a história
estreita e englobante do homem adquire um peso
que nem os factos desmentem. A transparência
sibila e fala. Transmite aos ouvidos efémeros
o gosto da carne, os mistérios da consciência.
Aprendo os planos fundos da revolta. Distingo
os sons capitosos dos ruídos afónicos que galvanizam
cada gesto hipotético e anónimo. Do silêncio
argivo ao estrépito industrial divago, irrazoável
abertura que significa tentativa de dar sentido.
Mas o quotidiano arfa. Irrompe no suborno
da inteligência e escolhe o perecível como prémio.
Difícil arvorar uma bandeira, quando de classe
em classe a teoria, ingénua e social, soçobra
pelos corredores heterogéneos do tempo. Mais
línguas dizem: fogo! Morte à ruptura infeliz!
Não sabem qual foi o começo, nem o leite amamentado
no cimo da invenção. Pedras rolantes deslizam
sobre a poeira como balas infrutíferas sem pão.
Mas ler traz liberdade. Da vista e da acção. Assim
comunica o inefável com as raízes do conhecimento.

26/9/78

ARTE CEDO

I

Atravessou as práticas significantes mais modernas do seu tempo. Jovem emprestou a sua figura em filmes onde a história desdobrava vários papéis. Amigo da palavra dita bem alto em recintos fechados, procurou uma saída para a estagnação. Viajou para viver o primitivo. Leu para embeber o espírito de oriente. Depois elaborou a crueldade como máxima maleável do não ideológico. Quando viu os amigos descerem a ladeira para o totalitarismo, separou-se com carta explicativa e tudo. Mas a sua aventura seria mais longa e profunda. O verbo, saído da social manifestação humana, exigia ataque do sangue. Daí a proximidade da loucura. Depois a franca cama onde dez anos durante adormeceu no choque que era o tratamento. Escreveu as vicissitudes do ovo, da origem, do gesto holofrástico: vagido regressou ao seio materno. Saiu do asilo vivo como um morto. Tinha clarividência capaz de fazer da página a total luz da consciência moderna. Praguejou em poemas onde forças ocultas dardejavam a ordem da gramática necessária. Sofreu o entendimento no que este possui de mais caquéctico. Arte cedo demais para a época deixou o agora que obceca. Assim no acme, exterioridade intrínseca, alma percorrida pela energia anal da madura idade.

II

Luz acinosa certa palavra. Saída do sofrimento percorre com duplo esmero a revolta abstrusa do sentido e a ausência do lugar. Medo e morte perfilam-se num hipotético frontão: conhecer vincula-se ao excídio da ilusão, passos pacíficos que inundam de trevas a odisseia da aprendizagem. Mas alarme é estar aqui. E ver como se diz uma esperança capaz de revolução e de alegria. Há quem afirme a solúvel desprotecção do caos. Eu reitero a força da carne e o desejo. Puro reflexo que atravessa como um meteoro a ordem social da escravidão. E então, o homem já devorado pelos anos, frente à branca parede da realidade, recomeça os vagidos reintegrando-os no espasmo do eterno. Quer pai, quer mãe. Se possível uma história diferente e sem eclusas ou barros de permeio. Como a arte arde, também o sujeito sofre as horas e os impulsos, os agravos do fora, numa tensão onde o espaço se dilui em tempo. Aumento e decréscimo, ritmo do mar, coração batendo relógio da própria vida corpo e espírito. Um grito fendendo a insuportável barreira do som: espalhados diante do espelho, soubemos dizer: eu. Agora, diferenciados na cidade dos homens e das mulheres, queremos a harmonia sem patrões nem escravos. Tudo como num sonho: deslocamento e condensação.

26/9/78

BATALHA

I

Provou com complacência histórica o rumo da igreja. Solicitado pelos impulsos cósmicos da fusão carne espírito desgarra-se da imagem autoritária e começa a sentir o espaço da solidão. Mas outros já tinham colhido a vida como uma revolução. Assim, vai trazer no plano da morte o erotismo e o absurdo com lucidez.

Pacífico polemou com aqueles que a publicidade filosófica elegeu: antes e depois da guerra leu o suficiente do mundo e do arrepio para se aperceber do jogo e da perda: disse o horror da poesia depois de cumprida e feita. Mas também o brilho do arremesso que leva o homem sem palavras a senti-las como um estádio já avançado do destino humano.

Suponho que suspeitou das forças ocultas e oclusas que desmembraram o século. Seus livros lavram na caquéctica seriedade do moderno um mal que é sem origem nem remissão. Nome de guerra ilustrou o compasso e o movimento, aquilo que faz do pensamento um ritmo que alcança o mito sem feitiço nem negação.

Soube como poucos o desgaste dos dias materiais e escreveu no simulacro a transparência do limite como centro sublime da energia ávida. Restam agora as palavras, outras libertas práticas.

II

Obsidiado pela desrazão do movimento tento
compulsivamente deixar lastro na leveza
arbitrária das palavras. Poesia dói. Dá
profundidade à distância que separa o signo
do real. Socavo o teratológico mericismo
contemporâneo, sinto palpitar o corpo
feminino que exige perpétua penetração.
Vaga vagina abre-se no escopo da morte:
mas sorrio. Outros laureados pelo espaço milenário
do medíocre ditam os ritos e os ritmos
podres de um uso ancestral. Escolhem-se génios
na casa do pai, confundem a vida, ajoujam
o voo vazio da teoria prática. Mas outro
é o caminho, por vezes solitário, outras vezes
liberto dos entraves e entregue sempre
à destruição. Momento revolucionário. Elucidado
o clima, não sei se do fogo, as palavras advogam
a mutação. Viagem ou construção, sempre ritmo
no socalco quantas vezes mítico da opção crua.
Salto salificado quer vingança. Uma hora propícia
ou um abandono. Embora a sintaxe se rebele
e queira estadia, ordem, segurança. Mas a vida
imperceptível e obscura vareja. Clama ctónica
a ausência da origem. Propaga como batalhas
anímicas a dissolução capaz de transformar
o homem e o mundo. Sem esperar, sem esperança.

29/9/78

COM EFEITO VAI A ÁGUA

I

De dentro. Comido pela mediocridade pátria
e assaltado pela guerra opressora, parte
pálido reflexo de fenómeno mais vasto
para a ilusão de outro país. Aí conhece
o trabalho sem resguardos. O salário pobre
que solidifica apenas a miséria e a solidão.

Enraivecido pela dor, imperioso como um desejo,
traz às palavras estranhas e heterogéneas
significações. Perpassam na armadura e na teia
fantasmas de uma origem masoquista e social
que nunca a poesia estrangeira vira igual.

Mas a morte espreita. Ou o suicídio quase banal
de alguém que não suporta o peso da fome,
ou a miragem de uma luta sem quartel.

Convulsivo dormia a aprendizagem do novo:
nas ruas a cidade explodia em vários crimes
que diziam a dor ou a dádiva. De fora.

Martirizado, apoderou-se das palavras sem dono
e fê-las reviver o mistério de um caos.

Sem sentido. Mas culminando no ritmo corpóreo
da novidade material. Dir-se-ia que vingativo
buscava a perda da civilização. Conseguiu
somente o delírio e a raiva. Selvagem ignora
os modelos que fazem fortuna. Hoje existe
camouflado no esquecimento com memória: passado.

II

Hélice e separação, eis a escolha quando dói
o mericismo civil da estagnação. Um halo
falo, um ânus coagulado nos interstícios
da memória. Dos povos práticas pacíficas e
guerreiras mostram o salto, a sorte breve
da esperança. Nua realidade. Rasgos fluviais
na pele podre do século burguês. Subo
e desço, entro e saio, perpétuo movimento
na orgânica inteligência da matéria toda.
Culmino no prazer. Este negativo desejo novo
abrindo caminhos nunca trilhados, soterrados
na aparência disforme do discurso poético.
Arma a arte – diz o provérbio. Sei a vigília
no medo, as conflituosas necessidades da ordem sádica
que grassa pelas cidades modernas, sofro o alto
deslize do corpo que não obedece. Guerra
impossível de traduzir tréguas, quotidiano arrojo
da invenção, mas a imaginação que cria mata.
Entre o nojo e a prática vou fluindo como
um espaço de respiração, assimilando e rejeitando,
vertical viagem de agora. Dentro e fora perdem-se
no redemoinho de todas as coisas, a imagem
solidifica-se na aspereza da matéria, a relação
introduz nos olhos a verdade de uma rodelas
social: símbolo, sístole e diástole, o coração.
Lugar provisório do vazio: eis a essência.

29/9/78

ALEGRIA SE

I

Também exilado compôs dramaticamente o lugar
translúcido da epifania, com olhos aquários
julgou visualizar a cidade mítica onde
soubera ser homem na revolta. Depois, passo
a passo disse a feminilidade como fenómeno
novo no ocidente. Abriu os diques da mulher
mãe orgasmo e cantou esse afirmativo sim
incapaz de solução. Não contente, atacou-se
à palavra, fundindo-a em mil práticas do tipo
fortuito que fez nascer as línguas europeias.
De certa maneira imitou os sons selvagens
dos começos aureolados de mistério da história
pensada e dita humana. Soube ser sexo.
Atravessou a palavra como um touro mitológico
sem reveses nem orações. Escandalizou o social
na época que não era possivelmente a sua.
Trouxe o ritmo, rio correndo através da
fala daquele que coexiste em todos nós.
Notificou a fereza do pensamento perigoso
quando se afasta do corpo, espólio dorido
da guerra. A pátria padecia de uma morte longínqua.
Traída pela soberana meretriz, nossa esperança
acastelada nos tumultos obsessivos
do desejo. Fechou na abertura o percurso.
Como um homem sem pejo acreditou na ausência.

II

Inulto o grito que surdiu do âmago cinzelador.
Matéria do vício varia as suas formas, fórmulas
usuais da armadilha sóbria. Falo sem dúvida.
Da certeza celebrada nas culturas mortas.
E afirmo feliz a foz, sem caveira ou esmero,
como um pôr-do-sol novamente poético. Assim
quero vaticinar o passado. Recordar o futuro
é tarefa mais difícil que respirar: um tesão
concentra-se no promontório da imaginação,
essa mulher mítica mata, modifica, engendra
novos nossos gritos de perpétua revolução.
Aprendi-o contigo, asperamente isolado da moda
que é todos os dias noites de folga intelectual,
no sofrimento estúpido da escravidão do homem
colhido de dor, dador do essencial penetrar
do pensamento. Sorvo em haustos polímates
a angústia moderna. Esse trágico caminho perfilhado
pela explosão dos sentidos, armas deflagradas
entre o centro e a periferia, que a cidade ou
o campo penitenciam-se com cansaço e desamor.
Mas há o canto. Nele recolho-me, desfeito acção
do verosímil no possível de hoje. Um grama
da gramática que obedece ao poder tragado
pela loucura do ódio e do ócio, um espasmo
vertical inserido no mimetismo suado do tempo
sem história nem escrita do orgasmo purificador.

10/11/78

SOL QUENTE

I

Abriu os olhos e reconheceu o rio. Margem
marcada da mãe, as suas águas fertilizadoras
sem comparação. Depois, como toda a gente,
cresceu, foi à escola, e decidiu estudar
no outro lado do mar o símbolo. Trazia
uma outra língua. E pouco a pouco começou
a escrever o antigo moderno brilho
das sociedades contemporâneas. Culminou
entre as duas guerras, classificou-se trágico
como uma ocidental tradição. Claro
que soube casar e viver. Parcamente,
decerto. Inventa com quatro longos poemas
o sumo que diz, sílaba a sílaba, o tempo
do desconforto: ser: o espaço do amor,
em cada esquina morrer, máscara maldosa
como o selvagem instinto da fome treda.
Mudou também de templo. Espírito claro
amou a poesia latina, a sua escrita porta
marcas de um desejo salutar de perfeição.
Soube ser televisivo. Muito sucedeu no social,
mas ficaram para serem lidos os seus livros,
peças maiores de um fim com começo, parafraseando
com génio a segurança grega de um dito
célebre. Agora jaz paz na terra escolhida alheia,
estrume capaz de fertilizar, como o rio, o moderno.

II

Confesso a atracção analítica dos seus versos. Cada palavra cai silenciosa e pesada como uma pedra do edifício poeira. Pacifica assim a minha dispersão, dá-lhe um alvo sereno como a carícia cálida de certas mãos. Depois, passo a passo lembra os mistérios da memória no tempo maiúsculo. Não brinco. E revive o espaço, parte integrante de um homem como eu. Lê-lo trouxe-me um espelho clássico para o suspiro velado do desassossego.

Longe na estética, embora indiferente, inimigo quase, lançou sobre mim a possibilidade do desastre. Desarticulou a lógica sem tropeços ou agravos da gramática castradora. Assim, palavra a palavra, simplesmente sincero com a construção da inautenticidade. Agora, quando o penetro, sinto sublime o selo do eterno na contemporaneidade. E invejo a voz vazia que dizia o túnel e o medo.

Como um sopro vindo da cultura nascida há tantos séculos no mesmo mirífico planeta.

Foi uma paragem, concordo, na viagem que trago dentro das escritas expostas ao insucesso de hoje. Aí bebi a força de uma transparência sacada ao mito e ao logro. Que importa? Aí aprendi que a poesia era tarefa de louco.

16/11/78

TRAVESSIAS

AVULSA CONTRADIÇÃO

Sonegadamente sinto a dor física. Multisciente estrela ferida no âmago da carne. E penso de uma maneira distante e já vaga a morte. Sem sentir. Como uma lúcida consciência renitente que paulatina escolhe percorrer todas as trevas dos caminhos. Estou poético. Hermético e ábdito, suspiro da plural palavra. Na dor. Que abre na aparência do corpo os horríveis dedos da queda, fisiológica e humana. Retrospecto sólito e salutar do não saber dizer. Como agora. Mas a carga explode, ode moderna, esvaecida no projecção olhar da única memória. Tudo porque desminto. Domestico o discurso consumpto, arvorando melodicamente o ritmo da árvore que sol e água na terra sobe para o céu. Sim, nego. Avulsa contradição. Mais uma vez, no mapa metafórico do poema que navego, em cordatos haustos respiro. Trágico insignificante movimento. Até que. Um dia, disse, levarei comigo o sentido do sortilégio: nascer, morrer. Balança como. Depois o ponto final corta e cliva, clareira microcósmica do átomo salto. Que o universo é mais. Mesmo se repito: dor. Dádiva do nada ao hemisfério intelectual do homem. Gozo como um perdido passo no baralho do eterno apelo. Mão dada nas mães que vivem o som salutar do elo que a música marca de maravilha e de sossego. Como se. Impossível. À parte isso, sou o ego híbrido da explosão que se assemelha ao núcleo do medo.

20/11/78

HOJE SEM TEMPO

Medonho opugno a vida contemporânea. As fábricas propaladas pela irrigão capitalista, os cercos políticos policiados nos átrios ordeiros da outra mendicidade. Cidade esta a tua, na hora sincrética em que sais de casa, agora aqui, clamor do sarro no silêncio tardívago que esmorece até ao culminar da noite. Porque te dizia. Erísticas eubióticas, necessito de dois para pelo menos marcar a minha ausência.

Claro que comprehendo. Não só música, sem e com verbo, mas também, segundo o autor morto, a emoção. Trivialidades de quem perece, merece tecer a táctica do coração mitridático. Daí se infere, dentro, imbuído em alor, o eflúvio comparativo da contratual enigmática contradição. Hoje sem tempo. Diflui no espaço eufónico a visão fácil de um zelo sem destino. Imagens margens do impossível no clangor de povos que sofrem safados a dor escrava. Escrita agravada de desdita. Artimanha difícil de quem? Salva-se a interrogação. Antálgico viático da história socialmente solene nos livros que guardam as letras ilegíveis da primeira lei. Lar. Do desassossego cego. Brincadeira breve e cadeira plausível de quem escreve. Sabes, eu, por vezes, trinta anos planos, arquitectados ou não, elaboro no cerne sádico do texto a estratégia do impoder, pacífico barco na grandeza derrotante da metáfora. E leio o lado doloroso do escarro semântico. Com tristeza desperto no meio. Heterogéneo.

20/11/78

COLECTIVA CULPA

Assisto quotidiano e ignoscente ao assassínio televisivo, um homem algures que cai lentamente desferido o tiro. A casa não treme. É mais uma notícia que entra pelos olhos dentro. Como um desvio no seio do truísmo. Um passo oco da história que não se vive. Espectáculo, a crítica foi feita nos anos sessenta, antes e depois de maio, o mês da praia sob os pés citadinos. Cai caligante e morto o corpo fotogénico, depois permanece instantâneo, como um abalo psíquico. Todos os dias a luta em qualquer parte, a porta fechada que teima impedir o futuro. E essa imagem nos interstícios sádicos dos gestos diários, no sonho quando é noite fria e a terra dorme. Jaz esse corpo lapidescente na calçada de orientais cidades, ou mesmo nos trópicos do ocidente: alguém, mão anónima e infeliz, lança petróleo: depois fogo: arde em chamas querubínicas o cadáver de um combatente. E aqui eu. Vanfloquo altissonante das misérias humanas, incapaz de pistola ou de acção. Rememorando a eclosão sonora de um branco na imagem oferecida pela comunicação cultural. Nossa o mundo – dizem. Uma ctónica raiva invadindo a água que alimenta as nossas lágrimas, o medo da piedade treda. Sim, ali, a alguns passos do assento, cai a notícia amena de uma revolta no ponto indeterminado do planeta, um tirano que mata, um exército que rasteja, civis híbridos que morrem como caça ou desporto: homens e mulheres e também crianças. Na sintaxe histórica da libertação. No elogio túrpido da emancipação. Um corpo no meio de muitos corpos cai violentamente na nossa colectiva culpa.

21/11/78

OBNUBILAÇÃO

Irrefragável luminosidade. Quando já inverno penetra nos escaninhos selvagens das naturezas. Caminho ao longo da senda, a serra surge difidente, sinto uma translúcida paz, como uma memória vazia do vivido, uma suspeita do inexistente no fulcro silente da consciência. Obnubilação. Interior. Um ramo quebrado pendente ao vento. Árvores. Húmus, musgo. Incapaz de recordar respiro suavemente a abertura hiante deste momento. Exinanido expunjo os traços da minha presença. Sou. Sei. Subo fixo no espaço, sinto o chão. Concutido pelo desgaste efémero do medo volto a marchar ao longo. Do largo sublime lago que a imaginação é. Sorvo o limite da humanidade. Aqui uma pedra pacífica, ali uma pessoa que passa. Luz assexual na tarde. Uma alegria. Leve navego através dos interditos, sociais manifestações falhadas pelas escolas dos preconceitos ocidentais. Liberto. Cortando o tecido do logro e do engano. Suporte do clamor que invadirá o mundo no dia do arrebol. Procurando certas palavras, atávica decisão da tradição, com elas intuindo o sentido explodido da máxima análise. Depois, já disse. Excídio celular, exílio. Tempo exórdio da outra fala, um conluio aleatório do génio do mal. Para que possa doravante caminhar possesso e sóbrio sob a luz solar, animal vertical, tesouro de linguagens onde se vive a vaga sonolência do prémio esmoler. Até que. Assim, respirando solene uma felicidade banal.

21/11/78

SINÓNIMO FELIZ

Assim gozo a possibilidade de ouvir música no acme das palavras adunadas, como se um sexo masculino percorresse as fímbrias fáceis de um prazer vaginal. Vai e vem (história trágica das vicissitudes da fruição) até ao hiato da explosão. Mas sobretudo vaivém semântico na ordem sintáctica. Uma multa, uma transgressão. No olho do leitor a vertigem. Letras legadas pela sensualidade escatológica, sei. Sílabas carcomidas pelo emprego do zero absoluto: comunicação árdua. Assim me transformo. Ora hora passada e sem remissão, ora clivagem de um futuro. No meio o delíquio. Esse espaço parlamentar do vício maternal. Um fogo fátuo toldando a memória com vagidos anteriores ao parto. Que partir é o verbo. Assim, como repito. Jogo também, se permitem ao chão reconduzir o céu. E trabalho, sopro genesíaco encerrado nas bolsas, energia e carne, nos testículos. Leiam apenas o proémio da aventura, o périplo será sangue galvanizado nas batalhas salvas. Mas é presente. Lembro-te a dor, o despautério, o frontispício: a vida, cautério que aviva a vontade de permanecer solto e leve sem comparações despropositadas. Há a mulher. Poço e osso, raiz e alicerce, às vezes mãe, outras vezes filha, sempre impossível, longe ou perto. Uma morte digna. Por isso chamo. Em poemas favónios desfaço o favor e a facilidade. Crio um halo capaz de me elevar ao sinónimo feliz de uma presença.

21/11/78

DO POETA QUE MORREU

Qual a aflição daquele que preenche a vacuidade
com palavras epidícticas, a tarde desliza canção fran-
cesa do poeta que morreu. Uma voz exotérica salien-
tando-se no silêncio autarco que pervaga.
Um compreendido grito, tentativa milenária de
sentido no senso comum do homem querido moderno.
Bulímico esgar, a troça e o blasonar voronófico,
passo obsessivo no abjecto adjecto compasso
que forma a música. Agora que partiu fica
suave e gasto na tarde cosmopolita da casa
que teima dizer lar. Eu ouço. E escrevo ignavo
o destino imarcescível da arte que tempera
as ignomínias políticas ou civis de hoje. Somos
parte e partículas do universo que preside
ignobil ao irromper do vagido sempre icástico,
embora provisório, ao estertor algor de quem
facilmente morre. A terra divide-se em países,
a pátria venéfica onde pensamos viver uma viagem
com começo e fim, no intervalo os dias que colmatam
a esterilidade sem inventiva do século. Que dizer?
Olhar luético do gozo porco na vulva vulgívaga
e pobrevê a vaga de crimes que incendeiam a mãe:
marca febril do desgosto, da desolação, zeugmático
e prisco discurso do babélico inconsciente inimigo.
Sim, umbrático zelo o nosso, irmão, tentando colher
da náusea sem nome o claro mecanismo vápido
da música que corrói o corpo difuso do espírito.

22/11/78

VERSÚCIA CANALHA

Importante é bombardear o texto dominante, com falhas, erros e balbuciamentos, instinto vivo capaz de traduzir a tareia do pobre ao rico. Assim lavro no corpo da beleza o estigma mádido do pénis que escreve a loucura de um cio cioso de preguiça e de explosão. Todo raciocínio lerdo sabe culminar no delírio. Basta um sopro da miséria que percorre feminina as nossas ruas desprotegidas. Ou do sofrimento que exorável se recolhe nos hospitais eversores.

Não dizer a tarefa quotidiana significa escolher a crueldade como plausibilidade histórica do crime. Adrede. Daí que, poema policresto, papel e sentido, sinta a soma desfigurante dos movimentos pávidos que sintonizam a máquina assassina. Capitoso capital acéfalo. Um novo torvo deus moribundo. Que a vida continua. Antuvizada e difícil para alguns, coberta de ministérios e partida para os outros. De tal maneira que, procacidade e pacacidade, exige dos escravos uma constante luta. Onde o sangue seduz a sáfara existência. Donde um correio corre veloz ao encontro do sublime ausente: sempre futuro. Necessário pois palmilhar sedoso a ortolexia privilegiada para melhor corrompê-la no grito. Uma cultura capaz de sentir-se viva como o aperto de mãos. Um testemunho tentacular da versúcia canalha. Paramnésia sem história do brilho: força que destrói o rastro do martírio.

22/11/78

ANTES REVIGORO

Sofre a tarde, malévola e lenta, este tempo
humanizado pela presença do meu corpo. Sonego
no olhar a heterogeneidade do redor, vejo apenas
o simulacro e o tédio. Opilado pelo ramerrão
insonoro do quotidiano social tento esquecer
a história para melhor poder gozar a imaginação.
Olvidar, criar, e assim sempre. Na parede descriptiva
da casa onde me recolho existe esse apodíctico retrato
de um passado meu. Encalhado numa moldura velha
comprada algures num sinuoso português antiquário.
Fixo-o por largos e estreitos momentos. Mancha escura
no nítido branco plissado do pano mitologicamente
de fundo. Dessorado pelo particípio como estilo novo
releio-me. Nem narcisismo fautível, nem desgosto.
Sou longe, parto e perto, no caminho alçado entre
o vago impreciso vagido e o futuro isento estertor.
Circunsona a ausência. Minha. Trágico e leve siar
como ave, nave, trave e entrave, a lógica lar.
E caio quente e agora, deturbando a acalmia lunar
estabelecida com o decorrer dos anos. Vivo vário
entre as maiores instigações do fora, furo farto
na teia, malha e aranha, rede rodeada de solidão.
Expulso, expludo, exclamo. Rejeito o corpo mole
do sonho onde se é um feto fatal fecundado
pelo vago histerismo do apelo da morte. Mas
não acabo. Antes revigoro. Circunvago a imagem
só poética do périplo: palavra adumbrada de ritmo.

24/11/78

PREDIZER, PREVIVER

Prazer é britar. Atravessar o medo, corromper a corrente entrosada da consciência, reflexo duro do movimento explícito que comanda as regras fictícias do quotidiano. No país pairo, vejo, ouso as vozes velhas da democracia anistórica, assedio a raiva que mulheres pobres lançam ao poder restrito daqueles que respiram o mando. E viajo entre o desconsolo alheio e a aparente indiferença pelas coisas políticas. Palhaços gafam em televisivas gradações da autoridade a inocência dos muitos que ainda acreditam. Ou sofrem sem saber o mecanismo erodente de um capital atroz. Opositores deblateram fora dos pulmões a doença que galvaniza. Espirituais andanças do isomorfo desejo. Que fazer? Sem retórica nem estética torna-se difícil predizer, previver o fasto fedorento da esperança. Somos pobres. Partes integrantes do apelo, amizade arquitectada ao sabor da sorte. Ditando e aditando continuo vulcão a escrever a fome na sua simplicidade sintáctica e morfética. O sofrimento sôfrego dos ignorantes da alma. Tento, tacteando, emundar o próprio mundo. Questão de um é, mas que complicado o sentido! Descubram-no. Não dizem os críticos que o algor equivale ao sopor, e que, quando assim não é, a arte desliza do verbo para o ritmo, riqueza iniludível de uma fonte mãe? Que o mármore retém o sopro, o gesto cinzelado leve, o convite e acampto movimento que a liberdade tem.

24/11/78

VOO VULNÍFICO

No xerófito e consueto lugar hoje da semântica
levanta-se raivoso um incompto canto. Prorrompe
silvo ou luz na matriz do sentimento dito moderno,
desfaz a lógica e em depascentes lanços diz ritmo
ao som solar de corpos. Deturpa a sintaxe lugente
com outras sinuosas regras isentas do proditório
gesto que assinala a gramática. Soa convício
aos mestres do sempre hoje, ri-se dos efúgios toscos
que o discurso poético tece em volta da real fome.
Traz em si o desgaste da ortolexia dominada pelo
medo da sombra, ora meramente paternal, ora fúlvida
e mãe. Mas também a respiração ofegante da orexia
que quer e exige o pão, cultura aletológica do povo.
Este despido dos véus da versúcia, mas não substituto
dos desígnios escondidos dos propensos para chefias.
A vanguarda sem traseiras é um mito. Capital,
sobretudo para aqueles que colhem em sintomias
estéticas os lucros da vida alçada. Cuidado pois
com a protérvia e a nequícia, só existe divícia
no munificente gesto que não posterga o futuro:
casa aberta a todos. No presente. Não na ausência
de uma vaga e temporária esperança. Agora o passo,
o olhar padreando o sigilo e a obra, sem paliar
o esforço no suor daqueles que vivem a morte
como herdeiros selvagens de destinos sem esmolas.
Mas salificados estão os campos contemporâneos:
esperam o voo vulnífico da semente que colmata o oco.

29/11/78

NA MATÉRIA DO TEMPO

Não obsecro com um baboso pranto a mão titónica.
Vivo na periferia dos dias a rotina facultada
pelo exterior, social mais ocidente, mas também
a fome de tudo, anelo e alor que traduzem
a vertigem de uma clivagem na matéria do tempo.
Abro e gizo um espaço novo. Nele vomito algoz
o mal de hoje, depois marcheto o amor humano
que nasce em mim como um estranho corpo.
Sei dizer sofrimento. Casas habitadas pelo medo,
filhos nus nas fileiras de portas sem casas, país
dito pacífico e sem vértebras. Dormem políticos
aqueles que governam o ouro. Emboitados pelo
esmero da civilização repartem o tesouro
pelos amigos: são sempre os mesmos. Outros
gramam as horas, ventres secos e sem memória,
escravos da informação e do desespero.
Percluso por ser só um, vejo, assisto, testemunho:
arde no lugar ontem do coração a revolta, o fogo
do incêndio capaz de purificar as bases podres
da ligação social. Que fazer? Europas deslizam
sem poderem ou saberem evitar os mesmos problemas.
Liberdade, prisão: dicotomia severa do século.
Em tudo o som icoroso do desmembramento áugure.
Sob capas de néons sublimes como luzes policromas
raspa o selvagem desejo de viver, ferindo a crosta,
a ideia do homem, da terra desmedida nos passos.
Vasco grito a epopeia daqueles que sabem dizer.

29/11/78

ATRAVÉS DOS GRITOS

Febriculoso anseio. Tarde em toda a parte.
Detruso sem razão observo no jornal cenoso
as voltas que o mundo dá. Um elivoso olhar
sobre a vida contemporânea. Exploração é facto.
Ideias nadam, porque nascem, nas cabeças chatas
dos que pensam governar. Alma ruvinhosa
a estética dita vanguarda. Não mais inútil
que o reflexo sem válido espelho. Que sentir
significa mais que chorar ou prever. Passo
defeso através dos gritos que sobem ao lar
irreal. Aqui sou. No texto gretado pelo alor
que respira uma mulher no coito. No canto.
Que o castigo lapidoso espreita toda a prática
que deseja e suspeita. O social sal da terra.
Caídos e perplexos saudamos o nada. Quem?
Aqueles que sofrem a ausência da umbrosa
liberdade. Discute-se o cargo e o peso. Ver
dilata a dor. Se pudéssemos ser todo o universo.
Mas os outros existem: pedras da lipofrenia
ávida do mesmo. Que o horizonte baixa, barra
sexual sem desejo nem odor. E depois, no âmago,
este diário escopelismo disfarçado no asteísmo
que altas vozes lançam do poder. Aguenta –
diz a canção popular. Como povoar a demência
sem um estilo ou um estigma? O prófugo onirogmo
substitui o amplexo de dois: a mania solitária
subscreve o domínio doloroso da arte salaz.

13/12/78

A MOLA DO REAL

Comento no periférico limite do eu o jussivo arremesso da sexualidade. Idade onde a voz deseja proferir a viagem do instinto, meandros que definem, melhor do que uma visão, a raiz necessária do problema. A vida de hoje. Ordem nas sociedades divididas entre aqueles que sabem comandar e esses outros que trabalham na hora a riqueza perdida. Mas mais. Uma corrente ctonica de febre que, em supetão, diz o grito assertivo capaz de destruir ao mesmo tempo que instaura um presente outro. Adiáforo é o trauma que a inteligência impinge. Os mapas do medo sugerem uma necessidade. Negam que o mundo possa ser vivido de modo diferente. Assim, arvoram a estase aqueles que no cimo inconcesso compreenderam a natureza sádica da cultura. Inconcusso fluir do tempo, querem, sem sobressaltos nem revoltas, dando aos escravos as imagens moleculares do logro. E alguns (quantos milhares!) aceitam. A soberba superfície. Um novo fato. Onde se esconde a chaga pútrida que nenhuma analepse conhecerá. Eu pertenço aos outros. Descobri com as andanças a mola do real. A força do meu corpo e o valor intrínseco do espírito que me alaga. Digo: quero. Não a riqueza que aprisiona. Mas uma igualdade infrangível.

13/12/78

REGRAS DE MORTE

Tuitivo arremesso, escrever com palavras céleres
o nuto febril. A chama capaz. O brilho precípite
que estraçalha, material, o muro severo do limite.
Fazer não tem sentido. Repetir cada gesto
fecundo serve apenas a lei do mais forte.
E mesmo pensar, fora do arco da acção,
reveste-se da queda infeliz na perda ágil
da masturbação. Um seguro caminho, porta
aberta para a loucura. Daí, verdadeiramente,
o problema: como fugir à alçada do medo?
Como permanecer no gume do espírito,
capaz de sentir o rude real como energia?
A hora dá-nos remissos vislumbres do social
amorfismo. Homens e mulheres acordam no dia,
com funções próprias e determinadas, minadas
pelo automatismo, pela fereza da náusea minaz.
Questionar não é praticável. Desporto, só
o do corpo. Nos corredores possíveis onde
a autoridade permite. Salvo conduto, viver
ocidente, quando o desejo cresce e rompe
as barreiras do silêncio. Então, gritos, grades,
guerras supérstites, ruas visitadas pelo
ruído da metralha. Um sopro. Sédulo esgar
no âmago da contradição. Mas a força tem
no tempo o seu pior inimigo. Ambígua, esmorece
no dealbar seco. E logo a mão assassina
se apodera do sonho. Assim, com regras de morte.

13/12/78

VAIVÉM

ALGUÉM ESTÁ ERRADO

Do colapso dos dias,
a morte.
Marca permanente
no olvido da consciência. Carne
colido com as leis do real
social. Vejo. Jovens mulheres
fruto do sonho. Seios adejantes
palpitando ao vento. Signo. Ar.
Vejo e encolho-me na possível cobardia.
Não possuo suficiente desejo para ir.
Buscar nelas a solidez quente do corpo.
Fico-me, áspero. E digo baixo: Quem
dera! E surge súbito um triângulo
aberto no seu complexo redemoinho.
Negro e veloso. Aí, para sempre per-
manecer, vaivém vagido voraz. Lar.
Mas, diz a obrigação social. E depois
há, sem esquecer, os homens codificados
em máquinas do esquema. A morte
é assim. Linear. Nem um só arrepio,
nem um tão pouco arquejo. Porque, dizem,
a vida é mais. Do que isso. Mas o quê?
Produzir – verbo traumatizado. Detentor,
aspiram, da felicidade. Alguém está errado.
Ou o meu desejo, ou a sua
estupidez. Deles, que vogam
e passam sem parar. Sem arfar.

16/1/79

GRITOS ANCESTRAIS

Querer ir mais longe
não é fisicamente viajar.
Mas antes viver no âmago ontológico
a guerra das idas e das vindas. É
sentir suado o selo do eterno
em cada gesto profano, em cada
acção sexual. É pulsar de medo
como um espelho que retirou ao exterior
a razão de ser real. É sobretudo
respirar lentamente a vida que não
nos cabe, plethora da contradição, saúde
ou doença. Daí que. Mas não. Nem
só da lonjura se escreve. Aqui,
que é como quem diz, da ausência do
lugar, do tempo, eclode a presença
prática dum bafo. Homem sou solto
pelo desejo de experiência. Quero.
Insaciável salto e seduzo a secura
secular da língua. Faço-a, úvida
e expectante, descobrir palmo a palmo
outro o corpo. Até. E depois, sobre os lábios,
ladeio o aconchego, subo até ao promontório.
Aí, ouço gritos ancestrais. Insisto,
para que o movimento desrazoável
se transforme em espaço de espasmos.
Uma, duas descargas. Estranho telúrico
poema. Feito de desgaste, descivilizacional.

16/1/79

SOBE E DESCE

Aberto ao insolúvel
dardejo olhares humanos.
Ver é civilização. Sentir fora os olhos
na carícia do real. Movimento e morte.
Estou. Vivo no desejo, arde a parede
dos incomunicáveis discursos. Parte
da poética. Pacífica e subterrânea
dualidade dos adjetivos. Hoje a casa
cai. Século é vinte. Algures na terra.
Mas cai, translúcida, a ideia que se teve,
que se faz da vida. Ora amor, rumor,
dilúvio. Sentado ou de pé, parado
ou andando, vou no tempo que me separa
do vagido e me atrai à agonia.
Coração: essa outra vulva. Boca em
esfíncter cu de galinha que sobe e desce,
sem lábios nem língua. Dizer: prazer,
assim, alagado em suspiros. Querendo
fugir da pele. Ser outro. Puro abuso
do movimento. Marca a mão. As mãos
que, na raiz, esfregam e acolhem
o corpo. Membro. Visão. Depois, soluçando
ao contrário, breve morte. Arfante.
Feliz momento. Música serena na teia
da consciência. Ainda ontem. Mas
agora, tudo bem. Dura minutos.
Depois, tudo de velho.

17/1/79

LUZ EM TODA A PARTE

Rijo, até que ponto? Plasmado sobre
sinto que afáveis mãos mexem. Indizível
existe. Formal sangue, ideológica
erecção. Eu próprio articulo o fluxo
do olhar com o beijo. Em baixo, na
parte felina da ponta, ei-la, humidade
quente. Suporte dos líquidos que
gravitam, desencadeados pelo desejo.
Larvarmente, entre o começo e a raiz,
entro. Espraio então o movimento.
Mas estou aí. Não já humano sentimento
do que circum-navega, mas psíquica
viagem do lodo. Sinto que a casa escura
tem outras janelas. Aqui um suspiro
da mulher, ali um repente abraço,
sempre o movimento: ida e vinda,
sem cansaço. Mas louca espera.
Até que, na mulher, soe o sinal
da perda. Uma vez. Outra vez. É
tempo de percorrer a distância
sem passos. Fecho os olhos, vejo.
Luz em toda a parte. Depois, carga
de dinamite, metáfora breve, expludo
como um engano. Soletro o embaraço.
Ter sido, sem solução. E choro.
Animal heráldica do medo. Até
quando? Saio. Murcho peço alimento.

17/1/79

REPLETA SUADA MEMÓRIA

Apaziguado, fixo aguardo, sem saber sequer. Foi bom. Essa distância percorre o corpo como espadas antigas do. Mas agora, tudo passou, arvora no todo que ficou uma repleta suada memória.

Fui outro. Elevado ao animal, selvagem hino do icástico holocausto sempre. Jaz ao lado a mulher. Levanta-se e carrega nos braços a clivagem, fibra e fenda.

Cai o esperma. Tecto branco. Sem aqui nem ali. Frio de inverno. Olho.

Estarrecido destino, vejo como martela o sossego no hemisfério do medo.

Quase morte. Sem coração. Amanhã, talvez. Meu corpo terso. Murcha a glande.

Não apetece ficar nem partir. Resistir é o verbo que sobe do fundo inconsciente.

Teimar. Quantas vezes com ódio, com amor.

Que o fora fere, social obrigado e coercivo.

Vem – digo mentalmente. Fecha a luz. Abre a cama para o sono. Solto desígnio, viver assim como uma anémona. Expelindo, retraindo-se. Movimento. Como há pouco.

Muito do que escrevi roubei-o ao corpo.

Traduzi a negação com o reflexo da força. Da energia que me penetra homem.

Agora, satisfeito o desejo, quero dizer: bem.

18/1/79

A SENSAÇÃO DE VIVER DIFERENTE

Escrever transforma-me.
Não porque diga o assalto do fundo
sexo. Nem porque antecipe a minha morte.
Mas ao revelar a palavra, paralisado
de terror, renasço do súbito sentido,
outro homem, ou, mais exacto, novo sujeito.
Escrever é como. Assim: retiro a pele
gasta do animal e crio, com substância,
uma superfície capaz de brilhar o sol.
Mesmo à custa da gramática, que é
como quem diz, da lei.
Escrever faz-me bem. Liberta-me do sono
quotidiano, abre-me certas portas,
chaves de tinta no branco do papel.
Daí que queira e venha feliz. Seja
poema, seja mulher, amo o que melhor
possuo em mim. A perda. Emissão sensual
do que fisicamente o espasmo resultou.
Catarse dupla, unicamente vivida no cimo
e no cume. Lembro. Sem mulher a escrita
não foi a mesma. Esvaziou-se de força,
desmentiu qualquer conteúdo. Livros
ficaram: como história. Ciciaram ao ouvido
dos leitores que virão, o passado do futuro,
como uma visão oca e eco da feliz vulva.
Escrever concentra-me. Dá-me do que retiro
a sensação de viver diferente.

18/1/79

ALEGRE POR SABER

Pressuroso elaboro na raiz do tempo
reminiscências de gestos, luz de actos
que percorri como arrepio ou emoção.
Para que a hora saiba encher-se de água,
fértil deslize do corpo. Carta sem geometria
arvoro no súbito expoente do poema
a elipse. Salvador. Sal. Vários os cantos
ecoando sobre as todas ruínas temerárias.
Vou trágico. Contorno o ofendículo,
eversora maneira de dizer: estou.
Mas o corpo da mulher. Como prevê-lo
maduro ou sáfar? Ponho a mão
na fenda quente. Carícia, a sempre húmida
origem, do verbo, da música, da canção.
Nos dedos sinto o rocio da manhã mítica,
viscoso desejo. Dentro, no complexo
disperso do eu, uma multímoda voz
sussurrando a história misteriosa
do homem. A revolta das estradas níveas
em gréias devastadas pelo vento.
Dos leitos e leites que abençoaram
a união. Esta força. Querer entrar
no cerne, matriz e mágoa, ovo.
Ave vislumbro o gemido ansioso.
Desgaste – pede-me o corpo. Energia alta
do desvelo. Um só minuto. Pronto. Saciado
retorno à compostura. Alegre por saber.

23/1/79

DA PALAVRA GERADORA

Estou aqui. Repetindo profeticamente os dias. Ora deitado no sono restaurador, ora na subtil vigília. Faço largos gestos e dou traduzidos passos. Fazer e dar dizem mal o quotidiano. Mas o verbo contemporâneo exige um logro. Assunto ou divagação, o poema parte sempre da palavra geradora. Espraigia-se corpo sobre o papel. Vagido no vazio, logo surgem os símbolos da estadia. Presença no silêncio, uma voz dita, desdita, o outro lado do holocausto. Afável aprendizagem da memória. Música tersa onde um evursor sentido sobressai.

Até. Aí permanece, rítmico pulsar e demorada respiração. Sem o ser, coração. Na desmedida do sexo. Saída para as horas. Quero dizer. Entrega total no estilicídio, história, política, arte. Como um coito. Preparado e executado para estarrecer a ordem, ou a estética. Com armas (gritos e gemidos, berros e insultos), sem revérbero. Nua odisseia do horizonte perto. Uma cama. Extensão do desmaio, prazer inominável, morte. Mais cultura. Equação da emoção patética, um certo segredo entre as coisas.

23/1/79

SÁBIO ESTREMECIMENTO

No ciclo deserto inscrevo
florescência. Horror ao definido.
Tento com cada palavra espalhar
no sentido o pulsar carnal do verbo.
Dizer alegria. Sem como. Mas calcorreando
o medo da poética sem pais. Nem pátrias.
Daí muitas vezes a sombra fervilhante
daquilo que não será nunca delírio.
Sei morrer paulatinamente. Viver é mais
difícil. Mesmo com a mulher. Claro que
o clarão, fulgêncio, existe. A perda.
O parto sem filhos. Mas queria experimentar
outra coisa. Uma alegria capaz de reter
o mundo em convulsão. Um sopro transfigurador
capaz de dizer no mundo a possível casa.
Escrevo agora. Talhado pelo tempo, tolhido
no espaço do século, história com homens,
sociedades, políticas: miséria. Esses gritos
que não ouço, invento-os como consciência
aberta ao malogro. Aborto do sinal
que se faz. Mas a acalmia entorpece.
Ligo-me ao movimento. Música, vaivém,
galope ou sussurro na noite, quero.
Dizer quanto sofri no enclave do amor.
Possuir o sábio estremecimento do agudo
estertor, sabendo que não é morte.

24/1/79

HÁ SEMPRE UM DEPOIS

Divido o aprendido pelo poema
algoz. Voz sem cordas diflui através
do tempo, esclarecendo as dúvidas do amor.
Mulher, em ti, subo quando me afundo,
barco és, sem velas nem vento, antes
abertura doce da humidade tépida. Lambo
com ardor a origem. Subterrâneo desvelo
de insecto. Arfo. Ruflo. Caminho aéreo
sem possível sonho. Mas viagem, vago deslize
do mesmo. Estou com o sexo teso, preso
ao movimento dos teus órgãos. Abraços
e gemidos pontuam a hora. Mais fundo,
ora mais leve, inscrevo no teu corpo
o suor magnânimo que escorre. Até
se transformar em jacto, febre, esperma.
Há sempre um depois. Desenlaçados dizemos.
Quanto gozámos. Quanto vivemos de eterno
no segundo meu estilhaçado, nos orgasmos
teus desdobrados como ondas da ressaca.
Abertos os olhos, cegos. A luz. A cama.
Lençóis amáveis desfeitos. Súbito frio.
Ainda um resquício: beijo. Amanhã será.
Que é noite. Sopra malévolos o vento.
Como a vida, penso. Ignoro a comparação.
Analiso sem verbo. Emoção. Ritmo.
Outra vez o desejo. Já, aqui, no corpo
cujo membro se levanta intrépido.

24/1/79

REMOINHOS

DO SENTIDO EU

Do sentido eu transponho na confusão
um olhar. Lago fonético, tido e ido, revérbero
ocidental. No tempo. Casa, cantam os mádidos
medos. Caos, zurzem os ímpetos. Memória.
Estar na hora e viver fenda o mergulho.
Absorção. Um narrado fulgor, mericismo
poético de ontem. Tábua querida rasa.
Rente ao silêncio, sem metáfora, escreve-se
história. Vanguarda, vã guarda do alor
libertário. Nos ossos, misto de. Carga, carne.
Assim há um meio. O seio. Na categoria verbal
da construção. Não ismo, não istmo, menos
ainda delírio ou apanágio testemunho
do sonho. Livre. Vivo. Como disse, digo agora,
dobrado pelo mimetismo do sentido escravo
sou. Sobe e soa a corda da arrogância humana.
Tempo para. Nunca, sem saber, escolho a margem.
Mas reflichto. Esse ainda hoje grito. Dor,
dolo e dádiva. Abro o senso comum. Arquitecto
no chão um ataque ao sensual desmaio. Aqui,
não posso dizer, vou. Que o lugar é tradutor
de imobilidade. Mas sinto, sento-me sobre.
Este corpo. Página azeda dos desvarios traumati-
zantes, imagem do suporte móvel. De contradição
em elo eu. Explosão ou cinzel, armo a flor
negativa do bem. Digo leito. Leitor. Ainda
leite sem possibilidade animal de mãe. A chave.

30/1/79

PARA A COMPREENSÃO DO IRRAZOÁVEL

Porque existe carnal e explosivo, o desejo.
Movimento filológico do corpo através do mar
maravilha e marca. Impresso em caracteres, o fogo.
Fátua membrana daquilo que não sendo viverá
na história sentido. Porque, ainda hoje, e mais
que nunca, a fome, não do saber nem da ciência,
mas de sentir, experimentar o ilímite, nem crime
nem arte. Antes prática, vida, vadia sonolência
do espírito. Não artificial paraíso. Mas renovo
no tempo do testemunho. Homem. Grito. A escrita
debita: duração, eis o castigo. Do negativo
estremecimento cai-se no cinzelado e cómodo
brilho: fixação das formas, não mais corte.
Mas trágico é o clima. A espera desnorteia. Arde
um subterrâneo prazer. Descrever seria fácil,
narrar é um mito. Como pois reverdecer o sítio?
Sei que de sigilo em sibilo caminhamos sem história.
Só mais tarde olhos outros dirão as datas
essenciais. Para a compreensão do irrazoável.
Do mimetismo. Interpretativo. Que a hora
não deixa, não dá esmola: antes exige do homem
o perpétuo confronto. Viver é mais que vir ver.
Traz ao acto o peso milenário da força responsável.
Quer se queira, quer não. Que só destino cresce
no âmago despótico dos anos. Algumas vezes penso.
Pasma. Peço a mim mesmo um outro caminho.
Mas a inércia diz: social. Só ou acompanhado: preso.

31/1/79

O FIO

Abolida a ideia de qualquer estética, resta-me,
no traumatismo da língua, explodir. Viver, mais que
dizer, a simples animal respiração. Movimento após dor
no acme, cerne isento e sem semântica. Um furo, árdua
herança esventrada pelo gozo, como pelo terror vazio.
Sinto que estou acorrentado: vejo o limite. Folha
histórica do texto, metamorfose hoje do ontem discurso,
poético ou não. Discernir é a apologia do infinitivo.
Tempo atemporal. Mais a fereza do particípio, ora presente,
ora passado. Amor pela palavra. Outra exigente revisão
do declínio. Não mais o ardor, sexo furibundo, teso,
encalhado nas pregas solúveis, dissolutas, da vagina.
Mas o corpo quer um contínuo frásico, um ritmo paralelo
ao vaivém, mas no espírito. Sem época. Sem datas.
Daí a transformação do verbo em música. Não luz
simbólica ou sintaxe preciosa, mas movimento
espraiado nos rigores políticos da nossa história.
Assim, dizer, mais que significado na auréola icástica
dos significantes, implica um movimento para futuro.
Com sobressaltos da gramática lesada, que o crime é
essa mão estendida ao roubo. Das imagens, das figuras.
Roer não é profissão. Nem alienar o medo do seu
único objecto. Negativa segurança, ambiguidade
capaz de. Não digo. Revelar é a outra forma mágica
de prender. Quero-vos livres. Abertos ao esplendor
que sabe a origem e não ignora a morte. Marcos
onde a vida tece, dissimula, vence ou perde. O fio.

31/1/79

A INTELIGÊNCIA SÓ

Será possível a inteligência só transmitir
o equivalente real – entranhas e destino – da ideia
que se faz teórica do heterogéneo, campo livre?
Mesmo quando emprego, se emprego fundo,
que digo? Que quero dizer? Mas experiência,
do vivido, figura não mito, nem minto se escrevo
a duração. Tempo sem descrição. Narrativa tida
por mentira, para alguns ficção, para outros
verdade humana e possível. Relação dialéctica,
mas no universo das coisas, dos sentidos, dos imos.
Questão fundamental: valor. Vislumbre histórico,
quantas vezes do engano, da interpretação.
Daí que. Basta pensar duas vezes, mais que uma,
o abismo entre a consciência civilizadora
e o sangue selvagem, com e sem delírio. In-
cesto. Bola, orgânica, explosiva, vulcânica
tensão que surge em qualquer parte o corpo.
Tropeção, desvio da gramática. Reflexiva crítica.
Aí tudo. O sexo, célula sedosa do mistério,
a sede, necessidade capitosa no mundo. Mar
sem coleção de metáforas. Rio. Chocalhar
sofrido do último medo. Quotidiano brilho.
Como um ritmo. Sensual equilíbrio entre o mal
e o bem, emprego sem adjetivo (s). Será assim
possível só com a língua poder transmentir
o espaço da intemperança, nunca clivagem
mas não ainda tiro? Desfiro mil a pergunta.

6/2/79

ENERGIA E MORTE

Levo a leitura ao ponto. Máximo ruclar
do ovo, voo coevo do desejo eu. Nada
como: delírio, azáfama intelectual do sentido
sem casa. Espaço vulnífico onde sem permanecer
fico. Mais pobre, mais rico. Que a ambiguidade
não tem lira. Antes escolhe a confusão que
sinto. Não saber. História roda, primeira des-
coberta. Não nudez, nem sacrifício. Tudo mais
que mito. Sofrimento no cimo, cabeça aberta
ao som da loucura. Que os passos ofertos
não vislumbram deuses. Tempo assimétrico,
ora horror pela configuração contemporânea
da poesia, ora refúgio nas pregas da língua.
Sei. Dessinto o significado no manejo inocente
do significante. Porquê a dualidade? Porquê
a diferença? Quando digo (na escrita) eu,
não pretendo sugerir um hipotético abrigo
do estilo. Quero dizer: aquele que sou agora,
o outro que fui durante anos de hoje memória.
O mesmo sujeito. Clivado ou não, explodido signo
da maldição, da má dicção, do caos teórico.
Daí ter dito: levo a leitura ao ponto. À parte
nobre do homem, cisura remodelada na tentativa
de esperança. Porque além das palavras, com elas,
talvez e através delas, há a outra coisa: este
influxo do mimetismo espontâneo mas anistórico:
onde o sexo (energia e morte) seduz o espírito.

6/2/79

ANCESTRAL COMO O FOGO

Nada me vale. Nem o olhar pretensamente erudito sobre o passado como obra, nem querer possesso sentir já o infinito do futuro. Preso ao desfibrar deste tempo, carne, destino e espírito sou. Reflito a confusão. Os níveis transversais do heterogénio. Teoria no antanho: um eu clássico tributário do racionalismo, ontem já ego transcendental, hoje ruptura, caos, processo. Ficções. Tentativas sentidas como sentidos do possível deslizar. Nascemos, morremos. Tentamos ser a ideia que o real delimita e pressupõe. Percorridas as civilizações, ao cheiro da guerra e do incesto, negamos o vígil selvagem que íncubo vocifera o medo.

Ancestral como o fogo. Ou a chama. Raio sulcando o céu, nos olhos espanto, pasmo e encanto. Tudo significa. Cada leitura um olhar. Elíptico desmembrar do desespero. Real. Aqui, em volta. Transparência da luz sobre os objectos. A política das nações. Os interesses, o mercado, a moeda. Grassa a fome, tal insecto devorador. Condenados, dizemos, liberdade. Sem consciência da idade que nos molda, marca, miséria do desejo sem prazer. Este quadro, esta música, o aceno. Mulher nua aberta na metáfora sem mestre nem dono. Social, colectivo desmaio: saber traz dor, outra dádiva do século. Mas como viver? Como humanamente esgotar a desídia e o excesso, senão com palavras, algumas fodas, muito novelo?

7/2/79

OS TECIDOS DA FOME HUMANA

Real: retórica histórica da sensibilidade contemporânea. Visão arquitectada do fora. Conúbio do sujeito com. A hora, o espaço, o humor. Espartilhado entre essências sem fundamento o texto teoriza um possível entre muitos e múltiplos caminhos. Revela o nó, súbito carisma!, da contra/dicção. Exige leito, leitura, metódico contemplar do ser. Ou clama acção, bomba no seio parlamentar do poder, ou ctónica passagem de armas nas mãos. Como um sinal: muda. Exprime movimento, cio e jacto no amorfismo da rotina. Queda bovina do mesmo. Assim trabalha, fora do contexto, o génio agora. Assimilando a palha com a brejeirice do fogo, luz no obscuro domínio do logro. Arte técnica capaz de puxar ao arremesso o silvo do novo. Como um signo desventrado. Modificado pelo terror que colhe noite e guerra. Mas sempre ainda real. Esta esfera do desejo, a fuga, a falha, a falta, clara tensão do inominável nascido com nome: uns dizem – liberdade. Outros asseguram: limite. Larva celular do pensamento que quer. Possuir o lado viticomado da história. O vulgo da vitória sobre os outros. Que poder é isso: império da reprimida sexualidade sobre os destinos dos outros: nós as amarras, os dardos, os tecidos da fome humana. Sempre contundente o mesmo problema. Como sair? Soltar o muro, saltar o gesto, suturar a fenda?

7/2/79

A TEORIA DA VIDA

Anos. Fazê-los todos os dias num dia,
simbólico marco do tempo. Memórias nadas
no simulacro do sujeito. Clivagem, parte
da total metamorfose. Injunção terrível
daquilo que será depois (da morte) destino.
A saída: olhar. Ver este fora, forânea
maneira de dizer sim. Passam. Siluetas
queridas humanas. Homens, crianças velhas,
mulheres. Meus companheiros do logro, ilusão
ideológica: a vida, a história. Estou aqui,
sentado no possível café, a cidade corta
avisos, carros, luzes. Burburinho. Sensações
do antiquíssimo cansaço. Sou homem. Sinto-me
mais natural que a ideia que fazemos
da natureza. Forte. Selvagem. Alor traço
do severo mimetismo sem reflexo. Sexo
vivo da fome, do desejo inviolável: querer
é hoje. Anos! Tantos quantas as convenções,
o sol, cerzido centro do sis/tema, a terra,
prática dos passos, sítio do erro, da queda.
Quanto mais, tanto menos. Sem enigma: soa
sem búzio nem horizonte a voz. Carne, corpo.
Movimentos, sair, entrar. Ir, vir. Dizer,
ouvir. Ver, ler. Ouço o realce do real. Se
for possível. Analiso a teoria da vida.
Penso nos outros. Amigos, conhecidos, família.
Sofro e gozo estar: aqui, simulacro poema.

9/2/79

MAS HOMEM É MAIS

Intraduzido pelo sentido espraiado a maré celular: pensamento. Acto do corpo sibilino no apogeu do canto. Gesto ora quotidiano ora inocente: dizer mais que vida o cerne que mente. Mira. Caos. Bolsa de ar. Natural dor, passo e subida, algumas vezes amor. Traz a tragédia o passado. Guerras catálogos desfilam na imagem apressada: memória. Esses testemunhos tecnológicos do tempo. Hoje grito. Como defender o ciclo do transe? Há palavras que circundam o sol, solidárias da tensão existente entre a aurora e o crepúsculo: mas homem é mais. Uma força, um corpo, um trabalho hora a hora sobre. Leio cenas. Seduzo com inteligência o horror da paz. Não sei sensualmente escrevendo compreender a origem. Nem o fim. Falho agora quando o sinal seria favorável. Encontro, mas já outra palavra, a procura. Arte: aceno tempestuoso da clivagem que fere a ordem. Um rito: amanhã. Esta esperança: suportar a clássica fereza do lodo. Mas em civilização. Que os ritmos rodeiam a roda da fortuna. Sim, desdito na margem sem alegria soa salubres arremessos da fecundidade. Arma negra do diurno delírio. Um suspiro. Uma verdade querida sem alicerces absolutos.

22/2/79

SENTIR UM IRMÃO

Sinto a escrita como uma viagem marginal.
Madefico o sopro da angústia, diária fome, faço
o desejo que gravita sempre. Em torno do
sexo. Estranho, porque ignorando no duplo
sentido as leis, emprego um sublime imaginário.
Sou o elo da contradição. Vomito a carne,
colho o chão, rimo textualmente a prática
que só a teoria aborrece. Abro os diques
metafóricos, ei-la. A água, sem símbolos gratos
nem especiarias do intelecto. Fria como líquida.
Um espanto. Quando dizia o verbo, veneno cedo,
não podia escrever. Hiato, a produtividade
moderna coincide com o erro: pensar-se história
não é crime. Mas isenção. Ou medo. Da marca
que não surge, não emerge magnífica
do centro sem terra. Uma luta tenaz, leitor.
Um hálito que detesta o hábito: proferir
de cada vez amor. Sem braços, sem barreiras.
As tanto sociais como inconscientes: tabu.
Tabuleiro onde se joga a vida, hoje como ontem
o mesmo. Que sentir significa mais. Evoluir
através dos inter/ditos, navegar corte as coisas
que deter/minam o real. Reflexo e amplexo.
Capa cobrindo a cama. Aí a sorte, o trauma,
a tremulina luz do segredo. Incesto. Sabedoria
morta no longo declinar das opções: o salto.
A profunda solidão. Sentir um irmão. Homem.

22/2/79

NO ECLIPSE

No sossego deixado mexo com palavras certa ordem: tempo. Na tarde o inverno do sol: e eu. A casa na música. Outro silêncio surgindo como apelo do inexistente. Pensei estar longe. Mas a rotina possui armas. Ouço. As horas coisificadas, raras edições do absoluto. Agora outra guerra, invasão de políticas, povos ou comandos, no povo sem remissão. Dizer que significa? Aqui nada. Flutua vaga a ambiguidade da idade. Que época? Cavernas são história. Homens no eclipse. Hoje. Natureza, compromisso, vida a nossa que corre, vai, recai insalubre ogre. Explode assim o sossego. Reptícia revolta, a inconsciente análise. Do desvelo. Da loucura. Mas passam os dias. Olhos. Qual sentido? Sirvo sensual este deíctico sofrimento. Lavro altas memórias incapazes de pensamento. Felizmente há a música. Retorno ao começo, fissura no arremesso do caos diurno. Movo a morte. Recapítulo a leitura. Sobre o papel não escrevo, actuo solícito do crime que almejo e vivifício. Saber ler. Quando a libertação? No ritmo. Na leveza secular do orgasmo. Perguntas. Perdas. Dádivas quiméricas ao tempo futuro. Nomeio: tu. Leitor: essa vulva. Ave sem seio. Presença.

26/2/79

O DESAFIO

Perpétuo assumo o desafio. Filtrado pelo movimento da confusão arvoro uma semântica capaz de ilustrar o casual revérbero mar. Deixo a palavra ser ora substância, cio, ora adjectivada ausência: sem cumplicidades com o espírito. Rito sexual hoje deriva ávida de poder. Pulcro o salto. Artigo, medo. Mas o plano fabrica desígnios primários como comparar o sol com o sexo. Porque, sabem, a civilização invalida toda a memória. Como escrever sem nunca atingir. Desânimo sublime: aliança do plúmbeo deserto com a saliência do signo. Voz. Voraz ar que prediz declínio. De quem? Filosofias esventradas fragmentam o hospital oco das letras. Houve as guerras. Cada manhã a chuva de morte sobre. Ano após ano. Como, pois, possível este viver? Resistência, a urgência do castigo. Explicar o quê? Como a noite, mulher nua, vaga vagina, assim se deita aquele que homem apetece viajar até ao logro da perda. Paixão: substituir as leis e os órgãos. Concomitantes atropelos do desejo. Fundo, quer dizer, mudo. Sem riso a rara efemeridade do atributo. Sujeito ao predicado plágio do mesmo. Mesmo assim o veio. Verbo ou coisa? Que saber vive?

26/2/79

PALPITA, CREPITA, ARFA

Como um obscuro, tenebroso encontro, encanto
a página: inquietação bate sobre o silêncio
do canto. Essa a terrível possibilidade da solidão.
A perda que lança ao olhar cansado do homem
a presa, o maldito rito do medo. Sim, como alvo
no âmago da poesia jaz levantado o selo eterno
da voz. Esse objecto eu, trabalho do tempo
entre o clássico desejo de ordem e o altivo
deflagrar do selvagem. Soletro a dor. Moinho
sem vento nem vinho, a meta fora, metáfora
louca do porvir. Jogo, jugo. Uma arma pací-
fica no remoinho do século. Sede de diferença
como subjectiva lei do delírio. Ofensa e contra.
Sim, apagada a alma, sofrida a calma, caro
desvelo que se diz hoje, explode heterogénea
a ilusão. Onde estamos? Quem são? Sabemos
ao menos o mais que palpita, crepita, arfa
sem possível dever ou desejo? Como um puro
declive, clivagem e vulva, a mitologia agora
desenvolve os verbos da incompletude. Símbolo
rói onde? Mas qual representação, que fantasma
navega ou arde no sem simulacro da negação?
Tempo. A quotidiana filha no colo, os braços arcos
do desespero: mulher, corpo e fuga, queda saliente,
saída. Outra música. Mas qual o centro, o fulcro?
Como um claro desmembramento minto a verdade de
não haver. Só o sopro, quente e ávido, na história.

7/3/79

LI VERDADE

Há icónico e visceral o silêncio. Cio cibernetico da saliência, gosto pirético do sal na cona. Sol. Há o turvo arpejo do pensamento: nem lógica, mas grito. Assim: uivo velado vogando no vento. Corte. Carta e sorte do aventureiro eu. Eutanásia. Descobertos os continentes, remoinho em hélice, tu, corpo feminino que arfa. Debaixo: mar, marca, merca/dor/ia: movimento verbal do puro alcance. Coice semântico contra. A lei. A larva leve/dando sob os auspícios férreos do poder. Esse. Castigo castrante da voz que apetece o canto. O coito. Ora ouvido imemorial, ora olhar sedutor. Há final o silêncio. A saída capaz hoje de morte sem loucura. Quem escrevo. Átomo aracnídeo do medo. Mádido arquejo: vulva. Voga vagina sulcada pelo fio da lâmina: um anfígam o vaivém. Não sem. E mais que isso. Fonte ou origem: conhecimento. Cimenta a análise, a clivagem entre. Qual voz, que olhar? Que corpo? Cargo de reflexões, eis o intumescimento no deslize: há. Anarquia: li verdade. No real e na ficção a liberdade. Dizer desgaste no gozo. Passar pelo tempo humano um vagido sem estertor.

13/3/79

INFLEXÕES

ARDOR

Ar. Ar/dor. Sinto dentro sem espaço a dor.
Luz por mim aquilo que não sendo chamam real.
Estre/meço. Posse do homem. Fuga da cultura,
este signo. Verbo sem verdade. Estou onde.
Nem aqui nem ali. Possivel/mente agora, sente
quem o pre/sente? Ar. Fluo aquário: a matéria.
Do riso. Da inocência necessária ao crime. Cargo
sem absoluto, ainda uma negativa. Auge do orgasmo.
Vazio do sentido. Des/maio. Mês vero do parentesco
querido. As coisas. Catálogos. Esquemas humanos
no movimento. Mó.

Nó. Vagido feminino. Cloaca
com sangue. Cor, corpo. Po/pular poder. Esse vaivém
orgíaco entre. O obs/curo, o claro. Ovo sem clara.
No olho, alho. Gosto grotesco, tosco. Toca ani/mal
varrida de querer. Es/pasco. Saída. Saia. Salto leve
na treva, nas tréguas, éguas de água. Firo: fogo!
Folha onde de/lírio arde e ateia. Desgaste aracnídeo
como força. Falta. Farta nebulosa, angústia acerada
na cera das idades. Volubil/idade. Marca, teia séria
contendo o com. Ida, vinda. Um seguido segundo: dois.
Corpos na cama. Abre, fecha. Boca, vaca. Línguas
terrenas no cérebro sem memória. Ar. Dá/diva
presente no agora, ágora futura da civil/ização.
Acção de todos. Tumulto. Multa. Castigo caro. Aro
da roda que traz tenaz a guerra. Ao brilho azedo.
Conúbio, biológica mani/festa/ção. Festa. Mão. No ar.

21/3/79

MEDO

Pássaro ou luz passa o medo. De/ver. Plural
mecanismo das forças: ordem. Ter. Que pisar
carne/iro os esquemas. Do mítico outro. Papel
pai. Teatro do sus/surro, composto. Arfa silêncio
dia a dia. Res/pira/ção. Um fundo sem essência.
Medo. Soletrar paroxístico. Medo a vida hoje.
Obrigações: repetir mil gestos do degredo.
Ganhar a perda. Escor/rega, vitupera, arqueja.
Que faço aqui? Civilização da vil, civil, lisa
acção: morrer ou matar. Subir sobre corpos,
no sangue, na merda. Só um fito. Poder. Eis.

Parte poema, parto, teorema. Uma criança vage
ultraje, diz ovalmente chama: mãe. Não sabe
quanto medo. Depois cresce, carrega fardos, fados
da educação. Peixe fora: água. Aguenta os ralhos
domésticos, esco/lares. Sofre a pequenez do meio.
Sem começo nem fim. Re/volta. Lê no simul/acro
o quadro: tens que. Ouvir a lição. Aprender
ignaro a ideologia. A lógica da ordem. A luz
da lei. Nasce assim o medo. Como fugir? A malha
espreita, estreita. Dizer sim quando não? Trabalho
de sapa. Sapo mitológico canta o mimetismo:
todos iguais. Mas o medo. Planta. Como perder
o pão? Qual futuro? Então, escorraçado es/carro,
repete-se o mestre. Diz-se. Pro/fere-se. Aceita-se.
Responsável: a vida. Nesta social idade. Do não.

21/3/79

RISO

Tacitífluo riso: roda girando no in/sentido. Festa.
Ctónico clamor clivado. Longe a sú/mula: ruído rápido.
Palavra, pala, lavra: de composição leda o grito.
Ferida: ida fera, fora. Hora curvilínea na alínea
do des razoável. Este barco que navega frase.
Fase ora época ora era. Mas sempre esp/aço:
dor. Alfabeto miserável. Des/graça solene ontem,
como dizê-la? Sentir não basta. Até ao véu vai
todo o caminho. Gozo: este perfume, rio, húmus.
Recordo o cordo olhar. Invento o vento.
Reintroduzo o uso da troca. Que valor? Vale.
Geo/grafia humana. Século vinte. Selo, vínculo.
Nossa a vida aviada. Jogo cego: quer dizer.
Um vazio. Um apelo. Um oco icoroso. Clangor alma.
Regresso egresso ao riso: incêndio. Flâ/mula
escrita na cripta, ficta folha. Livro livre. Sem
querer nem dizer signi/fica: matéria. Nas/cimento.
Movimento. Morte. Sopro. Olhar. Nem espelho fiel.
Mas cama. Ama. Um passo daquela que: ausência.
Ci/cio. Afago. Fogo. Beijo, vejo. A única arte.
A última página: história. Tragédia da isenção
no clima clínico do cinismo. Istmo, cisma: pedra.
Que a ins/pira/ção exige êxtase. Entrada na saída.
Estrada, tratado de guerra. Erro na paz. Capaz
de pus, de po/ética. Esse inolvidável riso. Dado.
Oferta doce. Queda sobre joelhos. O rosto certo
no lago. Água. Lágrimas. Reflexo. Voz á/vida.

21/3/79

CANÇÃO

Quando música tensão, declive vedado ao som.
Voz na raiva. Experiência dor. Relâmpago.
Ouço. Na manhã familiar. E sinto. Mais que amor
um choro tão sinuoso, puro sen/ti/mental. Também
eu vivi desespero no buraco ocidental. Assisti
jovem ao re/moinho: capital. Talvez incapaz de fazer.
Frente. Face ao degredo. De/gelo semáforo: paz.
Quando pa/lavra queda. Cada verso um aceno
predizendo nada. Pois que verbo é. Vasos comunic/antes
resso/ando através do fogo. Oco. Árvore voraz
cujas folhas falham: brancos níveis do desam/paro.
Mas. Feito parte do homem. Membro fátuo da viril
idade. Gozo, gás. Horror subjacente. Outra guerra.
Des/feito o auge. Mesmo quando silêncio sai
sublime. Corpo: estas entranhas. Entradas
do perecível. Aqui. Doença ou saúde, a tese
substitui a tísica: antítese anterior ao malogro,
espanto. Pranto. Antro terrível sem essência.
Quando canção comunhão. Essa deíctica lágrima
esgrimida na metáfora, fora como meta, iludindo
o dentro. Assim corrupção, corte na accão revolta.
Lúcida cidade: onde gentes agem. Na pro/cura
do pão. Da feli/cidade: idade feliz da uto/pia.
Lugar invisível de substância. Estância pó.
Que período o nosso! Forânea e sangrenta
abertura. Vagina. Inata teia do segredo. Ha-
ver. Movimento no plasma. Intensidade no fim.

25/3/79

BARRO

Dizes: da humana natureza. Barro oco. Fazes lembrar-me: primeiro, algures, tempo da história: renascimento. Esperança. Harmonia. Sor/risos nus lábios. Depois, man/eira. O péss/imo istmo: crise. Acme na dispersão. Tarde: barroco. Procura da unidade. Pletora: o sentido. Polvilhado de guerra, de garras. Então autoridade: idade sem autor: havia as regras no absoluto luto. Teatro. Do recalcado. A peste. Sexos no escuro escrevendo: vendo como escapar ao sol. Solidão. Logo a revolta. Acção do sé/cu/lo. Vida como romance. Primeiro a aventura. Depois catálogo da ascensão burguesa. Trauma. Nojo. Símbolo arco. Até que idade moderna. Ismo. Guerras. Existência. Antropo/lógica necessidade: estudos. Sobre. Cultura, corte, carta: família. In/cesto. Entre/tanto, já sade, já outro a monte. Negaças do negativo. Estigmas. Hoje, ventos con/fusos: estruturas, esquemas, gritos. Onde ani/mal? Onde liberdade? Dizes: na natureza o prémio. O prumo. Rio. Sem saque. Sem saber. Ouço ovo vozes con/tempo/râneas. Fogo. Ilhas na deriva. Evo desmembrar do sossego nocturno. Turno diário: existir com e sem. Mas há: como dizer? A cli/vagem: êxtase e ínstase: a saída é a entrada. Vaivém. Estar. Nunca sempre. Duração. Acção dura. Doida. Querer mais que excesso. Ser. No heterogéneo âmago da teor/ia: imagem. Um consolo. Enquanto vida voga entre. Não mais. Ironia: caber. Até quando – dizes.

25/3/79

VOZ

Como dizer esta febre – voz de mulher cantando –,
este arre/pio? Como se. Uma lá/mina cortando prazer.
O corpo teso. Fundo dentro, súbita, equânime alegria.
Como? Tudo. Nasce e vinga e explode: esta força!
Estou possesso. Raso de razão. Seguindo música: som.
Através dos meandros: alma, nada. Nado alguns metros
pairando. Sem palavras. Remoto. In/temporal no tempo.
Êxtase. Como fazer sentir este estremecimento? Onde
estou? Em que casa ou lar? Parte atómica: uni/verso sou.
Inun/dado de sinais. Mãos quentes, vaginas húmidas.
Corta a voz o silêncio: é manhã. Longe, tiros. Na guerra
hoje. Depois diz. Inglesa maneira. Ameri/cano continente.
Qual conteúdo? Soletro cada ritmo. Arvoro um feliz hino.
Revivo todos os gestos, os passos, os olhares: sem passado.
Ape/tece gritar. Como? Previno a noite. Des/figuro espaço.
Onde a arma? O real? Aqui nada signi/fica dor. Mas
sus/surra outra origem. Fonte, água, im/pulso, jacto.
Dizer não chega. Basta. Não, não. Mais. Quero as-
sim provar. Que gosto? Que mel? Marca, esta rima
sonora que me penetra. Choro ou riso? Sei. Sinto. Sou.
Faúlhas, afagos. Dá-me! Conti/nua! Só mais um mi/nuto.
Ai!...Ofegante deslize, onde vou? Qual o caminho?
A/cal/mia. Olhar vazio sobre o horizonte do fecho.
Facho. Luz interior. Onde? Como? Cal/correio passo
a passo a inexistência do trilho. Caos. Pletora.
Desabafo. Bafo antigo na modernidade da dor só.
Mais uma vez. Devastado ouço. Quanto tempo sem voz?

26/3/79

MARGEM

Teimo insur/recto. Faço: queimo. In/tento acto
qualquer força. Desejo. Ensejo. Armo objecto
todo su/jeito. Quero. Elo. Tumulto de mãos: ar.
Sem sangue segue. A vida. Cortejo doido: pejo.
Sinto. Saio do texto. Ali. Aqui. Esvoaçar an/elo.
Estou no ciclo: seio. Coro: vozes mescladas:
outras tantas máscaras. Oci/dente do/ente.
Traço: eis o laço, a ponte. Parto para finito.
Lugar sem. Qual gramática? Que en/canto?
Teimoso delibero: trabalho. Um sussurro cavo
cava o canto. Poética her/ética. Onde o trilho?
Subo no brilho, desço no pranto: assim, osmose.
Porosa mendi/cidade. Prosa. Pose. Mãe histórica
sem idade. Um grunhido. Vagido. Gemido. Horrível.
Suor sublime. Fenda no céu. Fogo tute/lar.
Tenho. Sou. Há. Filosofia: ver sem olhos. Su-
jeito devir: virá. Irá. Ira. Esta raiva laivo
da contingência. Des/fale/cimento. Falo. Halo
túrbido da ausência. Sou ritmo. Sem catálogo.
Logo: possibilidade. Um tecto, uma cama: prazer
positivo: prazo: azo: asa. Voo mole/cu/lar: sexo
tempestivo no clímax. Orgasmo. Saída da vinda.
Ironia. Ir mais. Perto. Cerco. Longe. Matriz
máxima: boca ou vulva. Curaaccão: motor.
Donde o sangue. Teimoso. Passa através. Quente
membrana: membro ou oco? Saber. Raio diurno.
Tramo. Tela: esta areia. Volátil margem: faço.

27/3/79

FICÇÃO

Sei: longe ou perto a tortura. Ficção mundo
esta bola. Mas que sociedade? Dizem: classes:
guerra. Gume da história. Povos. Cadeias cárceres
sem sedas nem cereais. Mas com gelhas, peitos queimados.
Vozes trituradas: pedindo paz. Pão. Depois mortos nascem
da terra. Aparecem. Mulheres esv/entradas. Homens tesos.
Vejo. Todos os dias, algures, uma ou mais quedas: pó
no televisivo en/quadrado/mento. Câmara lenta: rápida
folha virada. Casos. Feitos di/versos. Como se nada fosse.
Sei, vi e vivo. Durmo, sonho. Falo de tudo com pessoas.
Disto e daquilo. Penso. Pranto. Como? Lembro: exílio.
Assim vai. Dizem: o mundo. Sem invocação, que su/jeito
ca/paz de tragédia? Chorar não vale de nada. De tudo
o que vale? Lutar – digo. Contra. A lou/cura ágil
da tortura: ser hoje. Armado até aos olhos: ver
qual sangue, que corpo, em que morte. Quem manda.
Depois: que sei? Organizar. Sem sombra, nem
chefes. Leve/dar. Homens indevidos, indivíduos: saída
futura. A única. Que repetir erros não traz, mas
leva ao mesmo. Ab/surdo: cal/car passo a traço o nó.
Para quando? Agora surge física mentira. Desvão.
Mas vejo. Ouço mesmo: memória é castigo. A cena fixa
o gatilho: morto, assassinado, tem assinatura: tua.
Porque: agir custa. Obriga a contra/dição a decidir
qual o lado do fio. Balanço. Melhor ficar no ma/logro
da rotina. Tanto que fazer! Levantar, sair, entrar,
dormir. Que cansaço! Os outros? Só como lúdica ficção.

27/3/79

ANGÚSTIA

Do social: roubo. Imagem que/brada: crime
ao meio dia. Foge. Dis/para. Atroa. Quem corre?
Quem explora? Patrão, papão. Cada dia a boca.
Exige comer. Cospe no mandamento, não mente.
Vida é um traço. Obsceno. Na ordem gramatical.
Do poder. Esses alguns. Batoteiros, com eira,
com beira. Dizem-se ou políticos (salva/dores)
ou bandidos (sinceros). Sabem que querem. Com
que armas possuem: cons/ciências, mulheres, cargos.
Descobrem: nos folhos do vazio: eis as leis. Demo-
cráticas. Sem povo. Que grosseiro – pensam: es/cola
dá qu/ando t/ira. Uma imagem postiça do delírio.
Injustiça. Assim a escada. Estupro, violação.

Ctónico: alguns braços sabem. Qual o relógio.
Que mecanismo. Sabem e sofrem. São poucos.
Parcos na possibilidade. Capazes de acção. Mas
cons/cientes do sacrifício. Crime: castigo: serem
poucos. Olhos lavados, dificilmente levados pelo con-
forto. Esse forte onde a opressão se esconde. Es-
carro: escudo. Angústia: que fazer? Como viver
no crime? Então: queda. Es/boroa-se o balão mundo.
Imundo interior: peças, vísceras, sangue. Discursos:
cinzas lançadas. Aos olhos ignorantes. Que pedem,
oram, ora a força, ora o pai. Uma ben/gala: mãe.
Esse esp/aço mítico: dentro. Quando é no fora: ba/talha.
Espelho terrível: da essência. Ausência ou presença?

BOMBA

Eclipsado pelo desassossego. Nervos. País onde
 assisto sismo. Ninguém. Nada. Esse peixe apátrida.
 Só rio. Elementos míticos: cosmos. Cardos. Odor
 sensual do desânimo. Grato fluir. Fugir. Ferrar
 no novo o âmago: dia/pasão ce/leste do sem número.
 Cargo. Alho. Essência do sentir. Sedoso estremeço.
 Um silêncio. Uma aliança. Esse pénis des/flor/ado.
 Essa vagina ausência. Claro. Sintoma. Sintonia.
 Poli/mór/fica necessidade. Nesta cidade onde. Chama.
 Sou noite. Nota. Nuto. Trago. Devora/dor mecanismo
 o sentimento algoz. Voz. Canto. Iterado pelo arado.
 Ontem. Quem? Surdo doloroso. Cego tenebroso.
 Muda música. Um arrítmico arremesso. Im/pulso.
 Sangue cada mi/nuto. Nem sonho. Nem choro. Neve
 em bola roendo: voando: bom/ba. Explosão: icto.
 Acto de fé. De falo. Criar um grito, um apelo.
 Adversativa maneira. Que escre/ver? Sem casa calo.
 Disponho o redor em perspectiva. Activa perspicácia.
 Ardo. Sou história. No século trans/figurado. Furto
 solene ao medo. Aedo, desem/pregado. Cruz. Mar.
 Mártir ferido. Hoje vituperado. Clamor flexível.
 Estilhaço: estilo aço. Assim. A peste máxima.
 Qual leme? Estou, est/amos. Não mais. Chega
 de mestres. De cães. Encanecido gravo: cravo.
 Essa flor fácil. Sem sol. Emurchecida: que água?
 Sal ou insipidez? Polícia de estado. No olhar coevo.
 Catálogo do crime possível. Sujeito. Sujo leito. Travô.

27/3/79

HERANÇA

Dis/corro: ar/de ser: mas o quê? Vivo es/cravo
a rota rotina. Mascavado deslize da consciência.
Que o saber tem malhas. Ins/tinto. Um certo vinho.
Sim, car/rego a raiz. Talvez um dia a luz. O largo
olhar com horizonte. Ponte sobre. A paz. Prática
teoria: esse deus feminino, rio. Racha. Circuns-
crevo o halo. Santidade. Ainda ontem o clima.
Que hoje o relógio matriz, tacteando o tempo.
Estrago. Rés/tia de lar. Alarme. Possessivo
des/velo. Medo. Coração rectilíneo: a desmedida
ultra/passa o aceno: sentido. Sem tino. Dor sóbria
neste simulacro: corpo. Ínsito desejo. Um verbo
desconhecido. Descolonizado. Sem tradução. Des-
fibrar da emoção. Moção sobre a col/ectiva mesa.
Irrisão. Arre/medo do sortilégio: léxico capaz
de su/gerir gestão. Susto. Sagrado. Mas onde?
Que só vejo: ei-los: homens, mulheres, crianças.
Herança: no passado essa oferta estrangeira,
agora peso. Salto barreiras. Milho: infância.
Estrutura psico/lógica. Enervaçāo da folha.
Falhanço. Lançado ao rosto do. Avanço.
Socorrido. Só corro através dos ritmos lentos.
Atento ao engano. Estranha palavra: alado.
Dis/pensa o voo. A vaga. Mas exige imaginacção:
Imagen acção do tumulto. Eu. Tu. Multa febril
a ordem. Orla do sonho. Nesse espaço evo/luo.
Leio. Largo chamas. Escritas. Apelos. Sou: soo.

27/3/79

SANGUE

Explode novo dia. Casas. Cidade desperta, eco substituível. A cabeça arde. Re/médio: essa pastilha que desce o jejum. Com água. Mas a ânsia. Escrever é o alvo. Trazer ao cimo o limo, a rima. O ramo. Quando se é árvore. Tantas folhas esquecidas. Aquecidas no esquálido limite: gaveta. Espaço íntimo da queda. Edacidade esdrúxula. Que palavras lavro? Terra. Estilhaçado desperdício: sempre húmus. Morte no seio. Sádico esperar. Enquanto desliza, lisa, a material/idade do tempo. Acidentes. Incidentes. Cíndido olhar através: social, individual – tensão, luta, guerra. No simulacro do momento agua/ardo. Nada esperança. Apenas o sigilo: pesada, funda vigília. Vezes tais que penso: assistir ao sortilégio. Viver in/tenso outra história. Outro. Caminho sem tropeções. Ar. Nesse voo desço. Através da carne. Levado pelo sangue. A/prendo antiquíssimos ritmos. Práticas desaparecidas. Selvagem sol. Solto na intemperança. Corte/jado pelo caótico brilho da ignorância. Custa subir. Animal cruzado resfolego. Sinto: fogo. Nunca aparência. Depois: pouco a pouco: paz. Pací/fico res/pira/r. Sou o troço da viagem. Troco do efémero. Mero adjuvante dessa energia. Abro. Fecho. Transpiro o pior mal. Querer. Uma medida visceral. Capaz de me conter. Arfar. Mistério: nasce o desejo. A vontade de caber sexo e sopro. No clima propício. Sim, rodeado de horizonte, roído de presságios.

28/3/79

SOPRO

Invicto pelo dizer amarro. Tragédia. Tarefa milen/ária: saber este limite. Nó da corda: sexo sim/bólico. Luz a manha. Com sangue nav/ego as possíveis palavras. Insurjo-me contra o silêncio. Berro. Barro dorido: no sofrimento, no tempo. Grito: carne estar/recida sob o im/pulso do vento. Qual quotidi/ano? Que sociedade? Que futuro? Trago inquietação. Espaço a dor em intervalos. Posso? Passo. Perigo ou miragem, a idade vence. Traído pelas coisas – tolice. Sentimento amar/go: este. Estar aqui sozinho, sem diminutivo. Intuitivo. Arfando velhos cataclismos, sopesando peste aní/mica. A terra erra. O mundo inunda. Invocação: esse vazio. Que fazer? Perda herda do corpo o desgaste. Sim. Algumas vezes o brilho. A energia agindo por conta imprópria: orgasmo. Mas sempre isto. Rotina, irre/ali/zação, cabeça baixa. Que o poder manda. Marca. Um des/tino. Uma acha. Assim deslizo. Negativa activa. Sendo hoje outro. Fluindo furibundo: sem fundo. Mago. Capaz de sofrer a faca ou o rito. Que vai ser de nós? Penso fixo o ilimito. Nebulosa. Caos. Dinâmica mais: excesso. Ex/cisão. Mas aperto. Longe do olhar ideo/lógico cavo: uma casa. Um sopro. Tentativa tacteada no corpo, depois no espírito. Estrada. Alarme: esse grito que corta, encurta, crava: reflecte em abismo o solo possível. A dimensão: humana.

30/3/79

PASSAGEM

Imerso na música. Respiro velas. Sal sol durante. Essa luz. Esta água. Vento quente no deslize. Corpo. Tesão. Folhas aves caindo sobre a terra. Tudo. Abro. Universo terno: ágil lar. Tempo espaço. Abraço. Doida sensação. Talvez alegria. Apesar de nada. Pesar: este mundo rádio/activo, passivo olhar do cidadão. Esta morte pela cadeira tecnológica, ou este laço, o nó da corda. Guerra – estranha palavra. Estou isento. Sofro mas. Agora: sons de órgão, de piano, vozes em coro: antigo. Argivo. Mais longínquo. Tão possivelmente perto. Como um quadro ob/longo. Tintas acres sobre o ocre do planeta. Azul céu. Saliência do gozo, do gosto, do prazo. Viver. Vim ver. Beijo. Um imenso mar interior. Anterior ao desejado começo. Animais. Arfando crinas. Peixes. Pátrias apolíticas. Partes heterogéneas do todo. Algo subsiste. Esta pre/dispo/sição. Vazio, alma. Trans/bordo. Passagem. Dardo ou margem do ab/so/luto. Risos. Cabras saltitantes. Arte da história. Dizer. Largo logro. Também silêncio. Um erro. Um arado. Uma mendi/cidade hoje car/comida pelo brilho maquinal. Mas música soa su/ave sobre o fora. Faro. Feliz memória. Rio ávido do sublime despertar. Aperto de mão. Qual fraternidade? Que estremeção? Ouço e ardo: assim, sempre ser. Sensual subir sem medo.

6/4/79

VÁRIO

Encosto ao fictício o facto. Vivo vário. Modi/fico mágico a en/costa. Esta paisagem. Ouro outro. Inclusão de ti. Cada verso seduz, deduz, exige. Luz. Como e/vidência do logro lógico. Agora amarro num hipo/tético nó as antíteses. Visceras ferozes: crueldade. Levanto o olhar. Quem diz? Que fala? Aberto suo o trabalho da semente. Mesmo se mente esta ilusão. O que há de mais pro/fundo. Mito da pessoa. Ara/gem antiquíssima. Deixo. Largo-me ao mar. Grito, infantil: mãe! Lágrimas sentimento. Cimento. Quero edi/ficar a casa. Lugar ou sítio, nunca cerco, mas periferia do encontro. Com a tangente. Onde gente vive o quotidi/ano. Eu e tu. Possível leitor. Nascido do desconforto. Criado na ctónica dor. Que exige. Mu/dança. Veloz voo sobre e através. Corte com. Curto espaço: re-volta. Cíclico cicio da esperança. Aliança. Acordo de corações. Acções celebradas no mesmo fim. Fazer. Elevar o horizonte. Eclipsar o ódio no gesto vivo da ceifa, do amor. Ramo terrestre – este en/canto. Aqui te abraço. Sê a sede. O traço de união com o passado. Que de futuro armo. Esta paz. Parte integrante do planeta. Cometa corte. Furibundo deslize da consciência. Ciente do desejo e da força. Que sol. Vida ao meio dia. Dádiva. Dois corpos capazes de apelo. Quando o sanguevê. Exige camas. Cor/rompe o equilí/brio e se trans/forma em sémen.

6/4/79

TERROR

Construído pelo terror arranco ao selo
a prática diária. Abro os olhos. Sinto na pele.
Parto do pensamento. Que fazer? Sociedades
pelejam, arautos uns da liberdade, carr/ascos outros.
Vejo e leio. Jornais eno/doados de crimes, a
justiça desossada. Discuto. Amigos opinam.
Com/fusão em toda a parte. Pontos de vista desiguais.
Regresso. Ouço os queixumes transportados. Sub-
urbanos. Banidos da riqueza, milhões. Labutando,
lutando. São, somos a es/cu/malha. Teia e areia.
Incapazes de figuras. Muito menos de metáfora.
Vamos átomos cinzel/ando nada. Sofrendo a oferta
do capital. Como ani/mais. Digitais im/pressões. Mãos
calejadas pelo insucesso. Uns apregoam: fatalidade.
Outros viram-se para dentro. Sabem. Que é possível.
Mudar. Dar ao mundo a marca. Do fazer libertário.
Do dizer comunicável. Do ser fra/terno. Mas a repressão
tem todas as artes. Atrai com sonhos. Ilumina a noite
com promessas mártires. Promove a resignação. Foto-
noveliza o âmago. Dispara e dis/puta cataclismos
premonitórios. E assim e tramados vamos. Vou. Fluindo
sem substância, enganando a ânsia. Deixando agora
a chama, o eixo, a acha. Perdido, esquecido cal/corre/ar
do quotidiano. Enquanto a velhice mata. Sorrateira
surra do marasmo. Cobre o impulso com gelhas. Rugas
rasgadas no corpo teso, outrora selvagem. Terra: dor:
terror. Sentir que tudo se es/vai. Até a arte: nada.

6/4/79

CÚMULO

Através da música abro. Sons salários hoje
da alegria. Passa, lambe, desliza. Macia água ou
canto. Órgão voando válido sobre os planos.
Que pais/agem? Agem sobre mim, claros-escuros
da emoção. Acção social. Certo brilho sonoro
cai como um espasmo. Bomba do metodológico
achado. Descobrimento. Quem sou. Sorte ou lodo
ladeio o meio: máximo esplen/dor. Outra respiração.
Assim faço eclodir. O halo e o subir. Espaço
perto. Depois colho a viola. Misturo ao rotineiro
viver as palmas. Plaino. Pacífica luz. Sobras
do excesso. Uma linguagem carnal. Um acento
cedido ao tumulto. Alento. Corpo culto. Terra.
Tensão entre. Antro. Co/movido ouço. Alço
ao vazio a pletora. Hora. Situada no sereno
âmago humano. Embora. Atómico riso aflora.
A fauna podre. Perigo. Essa fábrica farta
do desejo que não se cumpre. Mas compra
orgasmos inactivados. Exige ao vertical amor
uma energia do ódio. Para que. Ópio: outrora.
Era após era este imperfeito do ser. Sabedoria
milenária – dizem. Deduzem as análises. Que povo
capaz de viagem? Não na história. Mas na célula.
No selo. Sortilégio apelo. Sim, música envolvente
contradiz descoberta. Só zelo. Ou arte maior
de su/gerir o medo. Modo inútil de sobreviver.
Que é o pão diário. De todos. Homens sem cúmulo.

12/4/79

AVENTURA

Periódicas festas ocidentais caem no calendário.
Tentam recuperar o perdido. Da área do mito. Ou
do con/solo ontem religião. Enquanto turistas
da idade tecnológica procuram a morte. Fotografias
felizes da passagem: a única aventura. Paisagem
desolada do medo. Que a vida varre barreiras ocas
quando. Não agora. Eis o logro. Este conforto
parcial alijado sobre escombros do crime: exploração.
Meios de comunicação. Fins ou começos. Sempre troca.
Do engano vamos (eu fico, im/pávido aroma) taciturnos
em turnos cadavéricos. Sorrimos. Ao lado o monumento.
Minto. Monólito espaço do desespero. Arte mitridática.
Qual o desejo? Onde o prazer? Que festa? Esta sombra
passando pelo presente. Faúlhas estéreis da fossilização.
Porque, dizem, um homem veio e foi. Falou do pai.
Comoveu multidões. Padeceu. Prometeu. Um vago céu
sem substância. Não roubou o fogo. Que arde, fere
a força do inimigo. Antes disse resig/nação. E assim
vemos templos televisivos. Esta europa. Outros mundos
sem herança. Que a viagem foge, afasta-se do cerne.
Num papel pacífico penso. Sem profecia. Com a magia
de certas palavras ávidas de real. Que nos asfixia
até. Paroxismo, paradoxo. Osso. Para ser roído
por aqueles que apostam no ma/logro. Ou cínicos
sabem como obter. Ouro. Vaginas. Lambidelas abso/lutas.
Dos que sofrem ignorância e trabalho. Armazenam
desejo sem fruição. Es/cravos das festas de outrora.

14/4/79

ESFORÇO

Simples e convexo: olhar ou respiração: ser.
Mais fundo a força, farsa epidérmica, arrepio sonho.
Tarde luz. Outro vento. Reduzido à casa. Ouço, vejo,
penso, sinto. Ano qual? Quanto espaço a per/correr?
Rare/feito das obrigações diárias confesso o ócio:
estou leve, livre, livro aberto. Aperto de mãos entre
ocasionais amigos. Como evitar a opressão? Pois
trata-se disso. Disse pelo menos alguém. Se tramo
sentidos quero dignificar a possibilidade. Quanto
do novo no apego? Essa virtual mão. Carícia cara
paga com zelo. Notícias todos os dias. Noites
tres/passadas pelo posse/sso segredo. Viver hoje.
Consciente do perigo e do horror. Da forma fácil
que a arte veicula. Mas a memória esmorece. Pre-
valecem esses segundos captados sem escolha: devir.
Nem uma só folha. Quando deixo cair palavras tarda já
o mistério. Esforço sobre o tempo. Tentativa errada
de dizer o silêncio. Esse tumulto de tudo. Clivagens
e carcomas: como col/matar? Então um papel branco
existe. Brada. Sensual e escorreito surjo palavra
e começo. Sempre estremeço, nunca profissão. Sopra
um zéfiro espiritual. Clima transparente. Súbito
sinto toda a alegria. Expressão. Saída do eu,
hipótese dum logro. Deslize: gozo. Através. Música
marcada de inflexões. Reflexos interinos da hora.
Cada passo um traço. Esta areia. Casa tol/dada pelo
simples amor. Sem ninguém. Mas a palavra cresce.

15/4/79

DEVIR

Saciado pelo devir. Desfeito em imagens. Olhos.
Certos corredores. Cargas explosivas. Diáfano ardor
arquejo. Suor sobre. Tento sentir a vida. Passado
ou futuro, acho. Uma erosão. Sopeso as palavras.
Conheço o preço. Ali/mentei-as com sangue. Soube
pisar pés sobre o caminho. Cidade ou campo. Carta
da nublosa geo/grafia. Fio feliz entre. Porque labirinto.
Daí o medo. Loucura: hospital miserável: choque.
Seio da família. Aborrecimento. Quantas outras mulheres
para descobrir? Cobri-las de sémen, sem religião.
Região de/vasta/da pelo moderno crime. Ambiguidade
da idade. Esconso o brilho. Feito cidadão calcorreio
as leis. Riso e desprezo. Assisto ao político esgar.
Detenho a sublime falta. Oco, vazio. Nunca poder.
Porque penso longe. Julgo que. Alinhavo frases
contemporâneas. Teatro. Máscara. Só que a guerra
grassa, uma malha de gor/dura. Onde morrem moscas. Onde
o destino? Máquina. E quando a voz vacila jaz servil
a emoção. Casulo. Sem luz tento respirar o súbito
subterrâneo. Talvez um dia. Não agora. Homens, mulheres
marcham: parados ou móveis, sem êxtase. Incapazes de.
Acordam, vão, trabalham, regressam, dormem: não são.
No remoinho tentaculare. Armad/ilhas. Obstáculos.
Que fazer? Mas os dias passam, pasmam: história escória
impreg/nada de corrupção e de crimes. Nasce uma criança.
Para quê? Amanhã escravo. Peça útil. Amorfa tensão
entre um desconhecido e um limite. Mas sobretudo, que dizer?

15/4/79

LISBOA – CASAIS DE MEM MARTINS

LIVRO III

EXPLOSÕES

MÚSICA ROCK

Através desta música marco máximo a respiração animal. Elevo-me entre. Sons denunciam a guitarra, o órgão. Voz humana. Cantando o dia a dia, eventos do perecível eternizados pelo largo gesto. Gasto de tão pouco viver asfixio. Suspenso. Alguém diz: armas e requebros, outra a língua. Amo, sem dentro nem fundo, a física que é meta. Sou. Salto destino através. Fica o movimento. Esse impulso. Essa dor. Como ave ou aranha arranha o verbo: corpo. Corte vertical no horizonte quotidiano. Eis o ocidente.

Música rock: esse balanço, essa pedra: deslizando ano após ano. História. De uma noite num quarto. De um dia num canto. Da idade que avança, vence. Estar aqui agora. Encanto. Na memória o som, a voz do mítico ali. Por lá passei. Pedi em vão. Viver era o fito. Quantos mitos na cabeça? Adolescente sonhei um outro começo. Um outro mundo. Vi através da canção o conceito. Senti o sentimento. Respirei a força. Cósmico soluço. E quando vazio, alma extrema, estremeci de espanto. Estar: ver e viver. Um gozo.

Homens e mulheres: passam. Longe largam horas altas. Noite a noite espraio o ritmo do século. Sentado no sossego ouço. Vou por caminhos de vento até saber quem sou. *Man* – diz o cantor negro. Soletra cada letra. Tão perto. Se houver qualquer coisa. Tão cedo. No blues revejo-me: revivo: reforço a contingência. Estar e ser. Hoje como ontem como amanhã. No tempo alargo-me espaço da esperança. Sei: ouvi. Transmitem o calor. Elo entre muitos fogos incendeio a noite.

21/9/79

AQUI

Passa o tempo. Absorto pelo nada fazer
penso que medito. Sem quê. Música
agora no remoinho da sala. Estou mai-
usculado em casa. Essa língua. Lambo.
Passo ruído através. VIVO. Dias e noites
e eu. Solto arremesso de um não sei o
quê. Lá fora outono. Tom e sol e luz. Nu-
vens brancas. Apetece voar. Mas o sexo
seduz-se alto numa irresponsabili-dade:
sonhos. Mulher nua perfil de de-sejo.
Que a noite nula nasce da raiz ignorada.
Quanto zelo na mediocridade do des-
tino? Aqui, a sábia voz amaldiço-ando a
queda na carne boa. Estremecimento ou
castigo, estar preso fixo no horizonte da
terra. Percorrer passo a passo o rebordo
húmido dos lábios. O sal, margem mag-
nífica diversa do tredo medo. Um dedo
seguindo o sulco. Longe a gemida espe-
rança do orgasmo. Morte eva do ociden-
tal trabalho. Que o semi-cúpio abre
perspectivas: limpeza. Corpo sorvo para
o faminto do real. Nem abso-luto o dizer.
Porque viver é simultane-amente: vir
ver. Sentir o silvo percorrer alma até ao
logro forâneo. Da junção: do elo brota
pela física a meta: respirar nas pregas do
nascimento: essa vagina medular como
um sopro quente de mãe. Mãos mais hu-
manas que o prazer. Respeitando sede de
mais. Não consumo ou desperdício. As
razões obedecem obscuras ao ódio arte.
Artimanhas do possível no simulacro da
beleza. A nova imagem para o mesmo.
Crime aberto como um certo sedoso
tempo sem memória. Aqui.

23/10/79

PODER ESCREVER

Para poder escrever finjo que a luz
está aqui. Vazio eco da transparência.
Homem como sou não me lembro. Deixo
a hora percorrer o corpo. Vejo. Essas nuvens
níveis. Azul. Uma brisa morna. Outono é
assim. Folha selvagem determina o belo
destemor. Quando consciênciā do presente.
Agora, se não minto, específico o espaço
da vida. Palavra. Marca sem fogo. Faca
cruzada no paradoxo da invenção. Língua
húmida. Dissipada pelo desejo. Mulher.
Como um ruído na raiz do corpo. Pénis
desflorando a ausência. Penso em ti.
Tu que és toda. Todas as humanas formas
de um corpo feminino. Luz. Mas quente.
Outra cama capaz de conter o tesão
que nasce. Água ctónica. Espremida
a alma. Ilusão ou sonho: traição da trágica
tradição. Qual saber? Aqui. Um pequeno
passo perdido no apelo do encontro.
Só. Subido até ao âmago do desespero.
Que a canção diz metade do segredo:
viver de palavras. Quando o sentimento
seduzido pela civilização não sabe
mais como enfrentar o real. Daí que
amarra, amostra ou catálogo, não quero.
Voz mais pura, mas sem castração, cicia
último leito: rio. Armo a luz: êxtase.
Sem poder escrever vagueio através
da música. Uma materialidade sincera.
Onde o vazio da liberdade se faz som.
Saúde sedosa e selvagem: porquê? Aqui
não deposito nem levo: largo ou abro
único o significado: sempre viver. Ler
escrita a inocênciā imoral da existênciā.

24/10/79

CAOS

Caos.
Que estupidez!
Só dizer quanto custa
permanecer suave ou árido
no tempo. Homens passam. Alguém
os espera. Trabalho ou lar. Ocidente
é assim. Assassina selvagem o gozo.
Ter que é verbo punitivo. Bocas
pedem pão. Filhos e pais amam.
Mas eu? Como saber dizer
o que se passa comigo?
Estou aqui. Na casa
jovem como.
Caos.

Sei quem sou. Mas não é isso, não chega.
Queria ir tão longe como este perto.
Nem psicologia nem metafísica.
Outra coisa. Outra realidade.
Um espaço pacífico: tempo.
Margem da felicidade.
Buraco isento. Ar.
Arte aberta.
Caos.
Corte de tudo.
Neste nada ter.
E possuir, sem saber,
uma carne quente e feliz.
Quem me fiz. Força ou erro.
Tredo deslizar da consciência.
Ânsia insensata: como prever o ser.
Essa chaga sem pus nem metáfora séria.

24/10/79

DIZER DESTRÓI

A pena que sinto por não saber dizer
nem poder viver pássaro. Mais que a palavra.
Há-os capazes. Escrevem poesia. Ditam génio
com o hábito da fraqueza. Fazem versos,
gaiolas do imemorial para o lixo do eterno.
Quanta maldade sinto em mim! Quanto crime
não me espera! Louco na ineficácia da noite
acordo. Suado. Aquele que mato todos os dias.
Pobre despojo sem caridade. Sem claridade.
E contudo. Dizer viveu-me dentro. Espiei
zeloso a inexistência do mistério. Século
vinte – há quem diga. Suspire. Só eu artigo
pessoal. Contra a violência da totalidade.
Aberto no espasmo do dia deito fogo. Afago
o fumo que respira a ruína. Morte. Medo. Mito.

Sinto-me no bem que aufiro tão mal. Destino
não pode ser isto. Tem que haver outra coisa.
Um clima, um meridiano, uma mulher. Diferenças
capazes de nos vivificar. De trazer até nós
o apelo vago da história humana. Não papéis
amarelecidos dos acontecimentos políticos.
Vida é outra coisa: outra vida. Um raio, luz,
calor, seio, vulva: sem palavras. Música e dança.

Larga o dia um homem como eu. Sim, estou aqui.
Frente ao mundo na janela da casa. Ouço sons
que me protegem da aridez quotidiana: canção.
Quanta alegria! Como dizer? Como se. Possível
só transferir para o corpo. Tesão satisfeito.
Vai e vem sentido como a essencial viagem.
O nó da antiquíssima ilusão ocidental. Referênc-
cia despropositada. Saber gasta. Mas a ignara
visão empobrece. Melhor pois confessar o aro
do limite. Dizer destrói. Mas como viver pulsão?

24/10/79

SÚBITO

Mais importante só respirar. Vir até aqui
diz quanto do amor desperdiço. Mas a cegueira
oblitera toda a possibilidade de raciocínio.
Tendo olhos verbalizo em duas linguagens
a distância do real à escrita. Parece necessário
calcorrear o sol. Outono traz-me insegurança.
Assim passeio. Vagarosamente perco e ganho
o passo. Natureza. Que profecia? Leio a árvore
sem muita convicção. Não sou mágico. Nem poeta.
Despossuo negativa a tragédia da tautologia.
Informo-me, escrevendo, do que se passa algures.
Luz. Lar. Par de olhos argivos. Ouvidos acesos.

Ia na rua quando, súbito, deixei de pensar.
Branco, incapaz de acção, parei. Onde estou?
pergunto agora nesse momento. Pessoas, casas,
nuvens zelosas num céu límpido. Não é assim.
Fracturado na imaginação ouvi-me, torrente
subterrânea. Vi-me caminhar em frente, pálido
deslize da opacidade vulnífica. Quem sou?
Tento a memória. Já nasci, já atravessei alto
os anos da vida, em que peripécias fui? Algo
está errado. Não sinto sequer. Que conhecimento
me liberta do logro? Viver. Respiro fundo
até me encher de sangue. Asa. O chão duro.
Tudo no todo. Na mesma. Pessoas, casas, nuvens.

Tenho simplesmente suficientes anos. Dizer
significa demonstrar diante do tempo a maré
onde brilho e nado e suplico. Palavras certas
como a imagem no espelho. Traço. Tenho a carne
leve, o peito pesado, a cabeça turva, o sexo
palpitante. Vou homem como todos aqueles que
vêem partir um segredo, uma esperança. Espero
a música. Algures. Não só no poema, esclerose
do diáfano desassossego. Mas também na vida.

REFLICTO

Calmo sem essência
reflicto quanto vivo
sobre a terra. Mas sou
homem autêntico? Que
é sê-lo? Abro caminho
sem através. Difícil
respirar. Escoras ecoam
pulsos de hoje. Onde
vou descobrir o ser?
Salificado em presença
pressinto a dor: claro-
-escuro da ausência.
Como traduzir o olhar?
Que palavras capazes
de mostrar a cegueira?
Ver é mais que dizer
o visto. Sentir alarmá
subtil a imaginação.
De onde a onde sou?
Que estar é possuir
um corpo. Este desejo
de sair entrando fogo
no outro: mulher leito.
Daí que leitor só uma
esperança. Ouvir a voz
do desespero alado
na herança do futuro.
Às vezes penso dizer
este total fora: hora
do preço, da moda. Mas
quanto dentro não diz
a feliz face do mundo?
Que qualquer coisa é.
Não só espasmo carnal,
mas sobretudo delírio
do sem vinda, com vida.
Por exemplo: uma filha.
A minha imagem isenta
de espelho. Outro ser.
No mistério do viver.

TERRA

Terra: a meus pés
pacífica membrana do campo.
Trago o corpo até ao desejo
de viver um canto.

Visito o amigo:
coelhos e galinhas do efémero
crescem como cancros futuros.
Que imaginação!

Digo-lhe: uma casa
sua todo o castigo da aurora.
Ambígua, responde-me azedo,
um sorriso sem lábios.

Repto então:
desculpa a desrazão poética.
Pensava afincadamente na sorte
da civilização.

Leve, olho o redor:
extensão de terra, árvores: ar.
Sabes qual o símbolo da vida?
– Não me fodas!

Viajo sem carro:
ouço sem música a paisagem.
Que fazes durante a noite?
Resposta: durmo.

Que sorte! Suspiro
toda a ausência de malícia.
Assimétrico assumo assim
o poema.

24/10/79

MELODIA

Transtornado pelo desejo catapulto
a semântica. Dizer que estou aqui não é
suficiente. Aspiro ao clímax.

Alargo o perímetro da influência. Sei
avidamente quanto minto. Mas passo a passo
prefiguro um outro mundo.

Este clamor não existe. A cabeça lateja
célere, cercada de nada. Pensa que pensa.

Poucos sabem que só eu desconheço
o ritmo dos percalços assassinos. Vivo
perante as coisas como um cativo.

Vejo. Verifico. Mas as distâncias
não são essenciais. Que química capaz
de revelar o lado escondido da paz?

Parte de mim muda. Marca compasso
com o prazer do texto político.

Queria apenas dizer a complexidade
do fenómeno. Ciência ou bruxaria,
queria fazer sentir o medo.

Mas a arte ludibria o intento álacre,
escreve com outras linhas o desenho
do só possível.

Assim, perdido no insentido, componho
uma melodia de sons humanos.

São as palavras que dizes no quotidiano
moribundo. Ocidente decai como fruto podre
sobre um chão imaturo.

Futuro fabrica-se no desapego febril
das coisas deste único mundo. Morte
todos os dias.

Que sentir esperança é sinónimo
de loucura. Uma página nua. Outro poema.

24/10/79

FERIDA

Vergonha quando leio poemas
escritos no tempo do exílio. Tanta vida
desperdiçada! Quanta emoção verdadeira rota!
Sinto a confusão.

Depois releio: subo as palavras
para descer ao limite do profundo abismo.
Estive aí. Sofri cada palavra como uma dor.
Uma violada ferida.

Que leitor capaz de reviver
o sulco? Fiz tão pouca poesia! Exprimi
sem saber uma face terrível do contemporâneo.
Nem os olhos aguentam.

Ficaram pois esses esboços
de uma inata, abortada estética. Dói
compreender que talvez a história não seja
feita de vida.

Mas da linguagem superficial
que inventa modos de não se dizer nada.
Com subtis partes de palavras que morrem
exaustas pelo frio.

Que a ferida existiu. Ladeada
de toda a solidão, do privilégio imaginado
no diapasão do génio. Envergonhado choro.
Quanto crime!

Até que a música vem: esses poemas
iluminam no dia a noite, o brilho cansado
da cidade mitológica. Esquinas do degredo.
Nem me consigo.

Mostro o rosto. Rasto febril
onde outrora contava os dias mecânicos.
Hoje também passa. Lê no passado a morte.
De quem vive!

25/10/79

DISTÂNCIA

Palavra a palavra meço a distância
que me separa da dor. Ontem foi uma carta
geográfica onde alma deambulou o corpo.
Hoje recordo o medo que tive.

Isento de culpa disse a medida aquosa
do desejo: sair. Passar a fronteira matinal
como pássaro ou sombra. Sem delito. Verde
falhanço do impossível.

Mas a cidade espreita nos olhos sebosos
dos ratos. Capital tem as suas leis. Polvilhar
de insegurança os puros. Cravando no corpo
o fogo do desperdício.

Conheci taciturno o único cansaço.
Viver tornava-se repetir cada gesto mil
vezes. Produzia. Riqueza, diz o manual leigo.
Para quem? Velhos hábitos.

Desfalecido exortei o sexo sibilino.
Nada. Um inchaço impróprio como ausência
de mulher. E cada gota, cada espasmo, abria
brechas na carne fraca.

Assumi-me: morto. Definitivo autómato
da luta cadavérica. Jornais e ideários belos
apagavam-se na jovem memória. Mãos femininas
buscaram-me: vem-te!

Ainda assustado vim. A história do povo
mudava de face. Alegres bandeiras dardejavam
acenos profanos do divino. Liberdade, o grito.
Recolhi-me em casa.

Agora penso sensual como foi.
Cicatrizes lembram o zelo do vazio destino.
Aponto no poema o ritmo da vida contínua.
Estou aqui: vivo!

AS FORMAS DUVIDOSAS

Engraçado não poder reviver passos e laços dados e oferecidos ao longo dos anos. Roubo mítico este suplício de um tempo que flui, passa, traça veloz ou arrependido as formas duvidosas de um destino.

Ser vivo exige de mim a palavra.
Não a reflexão demorada ou virgem sobre. Mas a dolorosa irrupção. Como nem sempre, estou aqui. Nem trago nem levo, vou metafórico até onde. Todos me dizem: o fim.

Estremeço sem medo. Viver rodeia-se de sombras, alma ou acme, cada gesto sabe ser música. Embora compreenda a inexactidão do delírio. Mais forte, sobretudo mais fundo, sem espaço nem tempo, o sentimento da perda. Do limite arvorado semântica do ocidente.

Mundo. Mudo arquejo de um invisível mecanismo: forças sociais, homens subidos ao desejo de posse, poder. Outros láceros caminhos do ódio.

Escrever hoje. Cada natureza. E a arma improfícua. Como mudar o mundo? A vida? Todos suspiram. Uns enganam, outros escondem: riqueza jaz cadáver de alguns.

Suo suave o verbo.
Não aquele que nos ensinam nas escolas, muito menos nas igrejas ou partidos. Emoção. Dor. Dádiva. Calmo na essência do desespero respiro. Vejo no corpo a ânsia de outro corpo. Fome, passei. Espiritual odisseia do sem nunca.

Mas agora
armo ciladas ao clamor da injustiça. Fibra a fibra passeio o longo labirinto do medo. Contemporâneo. Grito: somos. Para que ouçam. E queremos. Tudo. A terra e os frutos. O gozo despossuído: arte maior do equilíbrio.

Humano
almejo uma palavra que, sem ser nova, diga de novo amor. Sem ilusões, sem castigos.

DESEJOSO

Desejoso de compreender. Tudo e todos.
Armado de nada vou
pelos caminhos de sempre: ora ontem, ora
amanhã: sempre hoje.

Vejo homens esganados na pobreza. Outros
inchados no orgulho:
souberam vencer a natureza: roubaram.
Mataram. Sem sombra.

Leio os jornais (minto!): nenhum diz
a mesma coisa. Aquele
que num é vítima surge transfigurado
no outro: já carrasco.

Quem tem razão? A minha dor. Sei muito
bem quem são os meus
amigos. Vou a casa deles, ouço-os, convivo.
Algures a máquina.

Homem ou camada social: para viver precisa
de escravos. De braços
que levantem um monumento ao castigo.
Finge que não sabe.

Só que a luta dura. Desde possivelmente
de sempre. Como pois
repensar a liberdade? De todos. Mesmo
da actual opressão.

Aí brotam os mais variados panfletos.
Da boca miserável
não sai um som. E quando sai assume bela
a selvagem desordem.

Para que tudo volte ao mesmo. Círculo
vivido vicioso.
Mas eu. Que faço aqui? De quem sou? Estou
pobre e faminto.

PAÍS É AQUI

Seguro da sorte anulo outra navegação.
Tarde demais para parar. Cartas na mesa.

Outra solidão.

Mesmo quando custa reconhecer o perigo.

Investido pelo silêncio da casa aracnídea
procuro subir até ao nó. Crimes e suplícios
devastam a hora.

Sei só. Como evitar a ausência do delírio?

Sem nunca voltar repiso o declínio. Ontem
tenho sido presente. Mesmo se a gramática
degenera em logro.

Porque estou mais que nunca só. Respiração.

E no entanto queria modificar o redor alvo
para poder sentir em mim um outro homem.

Suspenso voo.

Conhecedor da imagem: civilização corrompe.

Assim, saído de tudo, lido no húmus fictício,
flutuo sobre o peso da vida. Truísmo alveolar
repenso árido o lar.

A mulher, a filha, a família: de ninguém sou.

Por vezes penso-me criminoso. Pesadelos
aprovam o ciclo da morte e da vida. Dizem
que furo fujo.

Mas de quê? A rotina arde, expludo: amor.

Não tenho a quem me dar. Corpo anseio outros
corpos: calores de carne no húmido beijo. Mas
o social declive
exige a mecânica deterioração do instinto.

País é aqui. Um sabor azedo. Incompletude
de raça, de mentalidade, de ousadia. Vive-se,
deploramos velhos:
onde a seiva, o desgaste anímico, a uva forda?

SOBERANO DESAPEGO

Vou então procurar outras vozes.
Abro aflito o grito da música: rádio nervoso
explode no cimo. Arte de hoje,
anelo subtil entre uma cidade e o campo.

Estou aqui. Para que repetir sempre
a mesma frase? Onde poderia estar eu? Aqui,
que significa? Que vivo? Que morro?
Deixemo-nos de graças. A música balanceia.

E o tempo passa. Perdido ou achado
reescrevo velhos temas do blues. Tento abrir
a porta. Simples desejos. Mulher nua
exposta ao impulso do corpo, vaivém ritmo.

Sinto-me tão novo! Sem negar a criança
morta, o adolescente vitimado pelo tempo,
o adulto. Posso ainda sonhar.
Sei mesmo proferir, calcorrear o destino.

Nesta música morrerei de tanto
gozo. As veias fechadas, o peito inchado,
o sexo arfante. Explosão.
Até um próximo auge. Sabedoria do actual.

Que dizem? A miséria do guetto,
a bebida quente, a puta ora acolhedora,
ora ladra. As instituições
queimadas pelo zelo da desordem, da luta.

Estou aí. Quilómetros galgados,
o asfalto da cidade, luzes e fachadas,
facadas no olho da noite.
Suor em corpos que se vingam do salário.

Eu e eles. Herdeiros selvagens
do desespero, da esperança. Elos rubros
de um desejo inominável:
viver o minuto, soberano desapego, fruição.

MEDONHOS ESTREITOS

Medonhos estreitos vagueiam balanços pela noite fora. Lá no sul a música é assim: uma guitarra desfibrada pura. O calor suado e os insectos felizes no burburinho do pântano. Visões. Aqui as medidas, as referências são agora. Uva madura faz vinho. Canta-se sem dúvida incertezas da fome: fado, tremem dizer. Que o país espatifa o valor: deixa ir através de fronteiras o sangue. Mosto da terra que noutras paragens elevas estrangeira a construção de futuros. Mesmo se nada se sabe do caminho que nos leva. Apocalipse ou liberdade? As questões são numerosas, diversas. Como responder? Para além do som, da voz, o clamor ordinário repete as modas. Ama o ruído do mesmo, a folha conspurcada onde se assassina o nome. Morrem rato a rato os últimos capazes de viver. A cama desleixada dorme. A imagem cos-pe razões desbaratadas pelo incêndio. No clima do fogo suspira a energia alva. Mas que importa? Existe exigente imo a música vadia, daqueles que querem o mundo novo como um orgasmo. Paradigma. Prelúdio selvagem do equilíbrio alto entre o cosmos e o coito. Ar. Universo delimitado pela lonjura orgiaca. Acto sem esperança. Essa mão, a minha, presa ao tosão que protege o teu interior. Não mais santuário ou altar, mas casa rica onde o desejo se faz prazer, elo entre o terror pacífico do tesão e a queda no vazio da satisfação. Aí amor, desgovernado pelo acaso, livre junção de dois corpos que organizam maiores um ritmo. Como nesta canção balanceada.

29/10/79

ASSIM E NADO

Uma vez mais quero começar. Dizer alto
quanta palavra me invade, desejosa
de explosão. Aproximo alegre o medo
da ousadia. Não que o longe seja o alvo mestre.
Ir exige regresso.

Há, como vocês todos sabem, os objectos.
Ei-los rodeando tudo. Actuais mecanismos da
perseverança. Esta cadeira.
Esta mesa. Escrevo hoje o quê? Ou melhor, que
real tempo?

Não sei fazer um paralelo entre mim
e as coisas. Não consigo pensar traços
do mesmo possível brilho. Porquê?
Falta de génio? Ou será que este tempo evita
toda a síntese?

Paradoxalmente estou humano aqui. Leio
supostos livros do passado. Ou actuais
desejos de outras sociedades.
Rio e choro, mas comunico? Como saber a carne
do outro sítio?

Assim vem-me ao espírito a dúvida treda:
serei de aqui? Material resposta: nasci.
Percorri ordeiro ou rebelde a senda
destino. Conhecendo os travos, os perfis, as horas
queridas humanas.

Mas, o que me separa? Nada. Talvez aí,
ambígua, resida a resposta. Sem comentários.
Mas vou. Continuo cauteloso e fero
desfigurando o real. Não só com palavras, fácil
tirocínio.

Que viver é. Está fora de qualquer essência,
obriga aquele que sou e desejo a dispersar-se.
Para os cantos apaixonados da terra.
Um quente corpo de mulher. Uma luta de acasos.
Assim e nado.

DANÇA

Nada chega, tudo vem. Outono é tempo de sono, de luz, de passeios assédios fugazes ao desconhecido. Saio simbólico de casa, espraião o olhar. Céu azul. Um sorriso constrói o momento. Homem. Ladeio o perto, aperto sem mãos. Que desejo? Desconheço de tudo a profundez da pergunta. Caminho sem pressa. Nada tenho que fazer. Se fazer me exige todo.

Ouço através dos miúdos ruídos da natureza outra música. Abro a boca e canto. Sussurro álacre a memória de outra impossível vida. Aqui. Leve cai a luz sobre a tarde. Suave calor aquece o corpo, o sexo limitado. Lembro sinuoso o grito de revolta, a casa incendiada, os pais magoados, a estranha odisseia do silêncio. Que os enigmas denunciam, árvores estalam.

Contente sem saber porquê não procuro. Apenas percorro. À direita e à esquerda casas, no cimo do monte o estendal da feira, um ou outro carro que passa. Serei feliz? Fendo a tarde. Cheguei aqui. Vi cenas canalhas, truismos pesados, exploração, suor, medo e asco. Vivo contudo como se nada fosse. Atravessei seco delírios e armas, roubos insuspeitos: arte.

Modifiquei-me. Sem construir pesadelos ou panóplias soube o bem da metamorfose. Aberto como o vento vociferei o ódio terso ao mundo corrupto, lutei em segredo contra a riqueza festejada. Lambi a aurora, nem imagem nem metáfora. Ouvi todas as desrazões. Eterno recomeço sei ser mudança: dança. Ânsia sem mais. Sensual deslize perco-me no ganho: viver.

29/10/79

MULHERES

Saído do sono ouço já rebuliço algures
na vizinhança. Uma mulher e uma criança
choram e gritam. Pancadas surdas chovem.
Mais uma cena familiar. No rés-do-chão.

Pragas de dor voam. Lancinantes apelos
ao nada. Portas abrem-se. Bruto, estúpido,
ouço a vizinha do lado. Parece pois que
um marido bate. E não é sábado à noite.

Deve haver uma razão muito funda entre
o bater e o amar. Cenas destas presenciei,
para não dizer que vivi, em Paris e Londres.
Gritos sem remissão explorados ao máximo.

Só eu nunca bati numa mulher. E o pior,
reparem na ironia, é que nunca senti
o desejo de bater. Mesmo nas situações mais
duvidosas para a afectividade humana.

De tudo isto, nasce-me masculino um certo
remorso. Não ser como os outros. Todos eles
são, de uma maneira ou de outra, bons homens:
as mulheres não lhes fogem. Talvez os amem.

Afinal, bater foi um acto diário da educação
ocidental. Os próprios pais, que mais nos querem,
trouxeram-nos até à idade adulta ao preço
de sovas. Com mais ou menos amor.

Mulheres: sofrem invisíveis ao nosso lado,
escravas de tudo, da economia que falha,
do jogo que se perde. Labutam uma força feita
de nadas. De mágoa e de ardor. Sem amor.

As nossas mães, as nossas irmãs, as nossas filhas,
expostas à lei do mais forte: incapazes
de liberdade porque o sexo (ou a sexualidade)
exige um corpo saliente de homem.

MINHA FILHA

Brinca no outro quarto a minha filha.
Não sei porquê não foi para o infantário.

Fala com outra personagem, chama-lhe filho.
Hoje não me veio convidar, pressurosa e ágil,
para lhe servir de filho. Estranha posição
a minha, quando deitado em fictícia cama vejo
uma criança a tratar-me como se fosse um bebé.

Faz-me bem. Finjo que me chateio, mas no fundo
gozo todos aqueles preparativos sem memória.

Dá-me a papa, limpa-me os beiços, pergunta-me
se estou molhado. De vez em quando diz-me
para fazer uma má acção. Como cagar nas fraldas.

Então bate-me, chama-me porco e feio. Medito
sobre a educação. Digo-lhe: não batas tão forte.

E mesmo a brincar dói. Coitados de nós, os pais
que não sabem como educar as crianças. Aborrecidos
pelo fora – o emprego, o colega chato, etc. –
não temos paciência. Até eu que desejei aceso
uma filha não estou à altura da sua idade.

Não a comprehendo. E li livros de psicologia
infantil, estudei Freud e Piaget, discuti
entre casais amigos a melhor educação. Quando
chega a altura, lá vai uma bofetada estúpida.

Que raio de vida! Verdade que ela não absorve
o castigo corporal como um trauma. Até chega
a ficar calma, a vir sorridente beijar o pai
cuja mão leve a castigou. Não poder a vida
ser só beijos! Veio ver-me a escrever este poema,
sorriu, disse-me que já tinha feito os deveres.

Nem sequer com os seus quatro anos sabe ler
ou escrever. Mas finge, como quando fala outra
língua de sons abusivos dizendo-me que é francês.

Pensa que na escola se brinca. Que só como
castigo se lhe exige um tempo para o desenho.

Esta sensação que nada muda! Que todos os erros
se cometem geração após geração, sempre os mesmos.

Que fazer? Tudo isto porque acordei sob
uma saraivada de choro e de berros. Pobres dos
fracos. E de quem não sabe ou pode defender-se.
Como a minha filha, e mulheres de certos homens.

CORPO FURIBUNDO

Cinzenço o dia. Sem formas para nascer
ondula suave a música. Uma casa representa
certo lugar da transcendência. Ovo, uva,
que palavra diz ou faz o leitor?
Experiência terrível: ter que escrever sem
saber o quê. Não porque a inspiração não
exista. Ou o trabalho maquiavélico de quem.
Mas sói preencher o inefável.

Ter que: porquê? Lá fora, mítico sítio invisível,
entre o tempo – estações e absoluto –
e o espaço – latitudes e horizonte –,
passa a vida. Ora animal ora vegetal.
Eu aqui. Ouvindo canções que me acariciam,
tentando dizer o que não me vai pela cabeça,
pretendendo contudo afirmar poesia.
As coisas indiferem-me.

Seco como a ideia que se tem da secura
alargo-me pelos sentidos. Vivo este presente
como mão ausente duvidando dos dedos híbridos.
Corro atrás do ritmo, árido deslize
da consciência. Objectos. Só estou. A casa
desfigura-me. Não a comprehendo. Paredes lisas
como um desejo minúsculo. Empcionado
pela sugestão brilho um sorriso.

Quero que saibas em que hora respiro.
Quais os caminhos que trilho, por que razão
estou aqui. Sem memória, nu. Homem escrito
no canto da perdição. Ignorando contudo
o livro. Visionando fragmentos esdrúxulos
do estar sempre sendo. Sede sem infinito
nem alvo. Dispersão. Confusão. Forma humana
sem conteúdo. Um corpo furibundo.

A MEMÓRIA, A IMAGINAÇÃO

Estarrecido pelo vazio pretendo combater.
Afinal não posso sucumbir, a vida está em perigo.
Que fizeram de mim? Quem? Ontem ainda, mas
já tão longe, era uma criança. Percorria a vila
onde pude nascer. Tinha alguns amigos.
Quero lembrar. Aquela rapariga que ainda hoje
me aparece em sonhos. Com ela, que não vejo
há anos, mantenho uma correspondência de alma.
Não consigo sugerir quanto a amo. Que luz
ela me traz. Que paz e silêncio e pôr-do-sol.
Mais do que a fala, comunicamos. Tudo tão bem.
As distâncias entre os seres e os objectos, entre
o indivíduo e a sociedade. Nela ponho
inconsciente o máximo de mim mesmo. Tem um nome.
Quando acordo busco desesperadamente o sono.
Voltar sem regresso ao âmago da companhia,
respirar possesso e maduro esse olhar possível.
Mas é difícil dormir. E nem todas as noites trazem
a sua imagem, o seu corpo de rapariga ágil.

Assim, dir-se-ia que só a memória, a imaginação,
preenchem um destino. Desempregado fixo a casa.
Sair é um encanto. Outono, quando sol, alivia
a tensão de quem vive. Pelos campos, entre o verde
e a poça de água, vou. Em que medito? Que tenho
um fardo. Estar desperto. Aperto de coração. Mas
estremeço, é alegria, é tristeza? Que resposta
capaz de dar sentido ao tumulto sem alma? Assim,
transposto real, vou no caminho. Paro e sento-me
no café. Rapazes e raparigas. Que juventude possuí?
Não choro. Sinto raiva. Quantos anos perdidos?
Nesta sociedade sofri a adolescência como castigo.
Trazia dentro de mim um crime: este tesão
sem possível mulher. Medo e angústia. Melhor beber
o líquido: que sabor? Fictício olho. Já estive aí
e não gostei. Devo mesmo dizer: detesto. Que a carne
dói, dura, dana. Nunca encontrei. Pacífico como
uma sombra procuro. Aqui e ali. Talvez um dia, digo,
amaranhado de ódio. Ou de amor? Por que tramo?

SE COM PALAVRAS

Se com palavras pudesse morrer.
Renascer depois homem para todas as batalhas,
todos os crimes, todos os fastos da ignomínia.
Matar como o fazem aqueles que governam,
cabeças despedaçadas, estouros de bombas
que levam o verme ao poder. Que estar aqui
escravo de tudo e de todos não é destino
nem designio, mas servilmente perecer.

Dizem-me que tudo muda. Só eu permaneço
penoso como um tropeço. Que me vale alargar
a consciência, passar pelas metamorfoses
do degelo? Eles mandam, possuem, exigem.
Avestruz é o símbolo dos fracos.

Aqui não vou. Nem estou. Homem
sem começo nem fim armo-me alto
até ao simulacro: a guerra é elo mágico.
Digam o que disserem, sei quem sou. O que
quero. Não preciso de conselhos, nem da escola
que castiga e castra: vingança valho.

Mas, só, leio os garatujos da contemporaneidade.
Nem é preciso decifrar. A evidência quebra
os olhos. Querem-nos roliços e dominados
como crianças com pais. A produção não estuda
o trauma, não se preocupa com a história.
Pretende apenas enriquecer aqueles que a traduzem
com zelo e burocracia. Que mundo nos vive?
Que clamor escondemos no peito? Cobardes
assistimos absortos aos crimes e às corrupções,
deixamos transformar os nossos costumes
em leis proibitivas. Não percebemos. Querer
torna-se o verbo interdito. Uma vida feliz.

Se com palavras pudesse eliminar o engano.
Ninguém lê, ninguém sabe ler. Nem ver. Muito
menos sentir que se perde algo. Vazios
enchemos a terra de merda. Somos nós, as peças
funcionais de um horrível monstro: a máquina.
Que coragem para destruir a cabeça capital?

CRISÁLIDA

Rua a rua faz-se cidade. Nela vivo, homem
dorido, tolhido pela dita civilização.
Não estou em nenhuma pedra, não conheço
nenhuma fachada. Passo, tropeço, alço olhos.

Céu é uma palavra que vale a pena dizer.
Azul hiemal, tarde fria, invento máximo
a filosofia do não pensar. A cidade arde
como exaltada imaginação. Quer respirar.

Sublime e de pé caminho. Não possuo fé,
nem riqueza, nem ilusões. Sei a prisão.
Viver exige cegueira. Um espaço do limite,
uma fogueira onde a dor dos outros nadie.

Sou filho e pai. Conheci corpos de mulher,
lancei-me peregrino em busca da paz.
No auge dos sentidos, sensual desmaiei,
e quis ver nisso uma mudança definitiva.

Engano. Tudo, mais a inteligência, e o instinto,
tudo engano. Ver é deixar de sentir atrás
o frontão da queda. Cai. Queimei isoladas asas
ao vento da incompreensão: o mundo marca.

Agora, se não estou aqui, vou tal gramática
que não corresponde mais ao real. Obedecer
cansa. Estudar as formas fortalece o espírito.
Dizem aqueles que não diferenciam.

Sim, cada frase, cada fase, existe coisa
sem possível explicação. Um muro de ouro
não esbarra erros. Mas caminho. Só sei isso.
Dia e noite mais que tempo ou espaço.

Expele a cidade raciocínios razoáveis.
Envenena as pombas, corrompe a saúde,
atrai pressurosa os pobres da vida airosa.
Fervilhar de lixo, nasce uma crisálida.

ENTRE LÁGRIMAS

Cheio de mim mudo de direcção. Levanto
voo. Vejo a terra sulcada de trabalhos,
partos do infinito na gratuidade
da hora. Não quero saber mais quem sou,
o que faço. Mas imaginar alto também cansa.

Desço sobre o papel. Aí se escreve memória
o dia hoje. Não sem amargura um homem
transmite o vazio da história coeva.
Aquele que ama está perdido. Sobrevive
ao cataclismo. Salva um zelo assassino.

Vejo. Não o sangue ou o ardor. Mas a rotina
que arma as ciladas do desespero: pílula
onde a alma procura um seio maternal.
Mesmo quando desrazoável zurze o vento:
que natureza à altura da morte que se vive?

Para que não digam que crime cometo ouço.
Velhas vozes carcomidas pelo poder
querem dos cidadãos um esforço supletivo.
Afirmam, entre esgares e risos, que o fim
da miséria está próximo. Sem saberem qual fome.

Discuto com casuais amigos o problema
fundamental: como viver livre. Todos me
sugerem a fraqueza humana. O fado.
A fissura que se instalou entre a cultura
e a civilização. Para que nada se comprehenda.

Cheio de tudo, já não sei quem sou eu.
Uma sombra, uma imagem, uma miragem?
Quem escreve estas palavras? Que mundo
capaz de homem, ou que homem capaz de evitar
o suor fétido do caos? Entre lágrimas.

31/10/79

PELA PRIMEIRA VEZ

Só a ideia do mal torna razoável a vida.
Que a imagem propagada pelas escolas, pela
moda, não basta para explicar o silêncio
do crime. Infeliz arvoro as causas idas.

Li a história quantas vezes fictícia
do homem. Estudei a geografia social de hoje.
Compreendi estupidamente as razões fixas,
concordei que era preciso mudar.

Depois, nada. Tentativa ora aqui, ora ali,
de cada vez o falhanço. Sem culpas, sem enganos.
Ser fraco não transcende a pobreza mítica.
Poder é o alvo: daí a fragilidade.

Ninguém, ou muito poucos, pretende viver
de si. Todos, ou quase todos, almejam do outro
uma imagem ou máscara securizante. Que
diga o mesmo sentido com as palavras.

Da diferença finge-se que se ama. Mas só
o incesto vence. Velhas podridões os altares
e os incensos. Uma cor, uma entoação, abrem
os diques da insensibilidade anímica.

E vivemos. Confiantes da responsabilidade,
tecemos elogios à dor e exigimos do governo
o direito à igualdade. Fábricas do zelo
apresentam o produto: avatares do mesmo.

Por isso, em noites de solidão, esgueiro-me
da presença humana e junto-me à canalha:
fora da lei respiro, ejaculo, penso, brilho.
Sem reino nem escravo: homem na origem.

Que só eu crio, cavo, escrevo no mármore mole
do ocidente sem odisseia. A famosa tareia.
Contra os deuses e os demónios. Riqueza
pela primeira vez humana.

CENA FAMILIAR

Domingo: dez horas da manhã. Abre-se
a porta do quarto. Surge uma cabeça jovem.
A mulher dorme, ou finge. Entra sorrateira a filha,
braços caídos, olhar desprevenido. No soalho
passos macios dizem a presença álacre.

Sou o pai. Deitado na cama, espero
cativo um beijo cuidadoso. Ei-lo: suave
tocar de lábios no rosto barbudo. Depois ouço
a volta, pressinto o mesmo ritual com
a mãe. Acordar a dois é fingir.

Só agora o primeiro verso tem razão
de ser. Olho os ponteiros do relógio mudo
e vivo. Luz cortada, tons de brancura sem sol fora.
Levanto-me, enquanto mãe e filha discutem
sem problemas os percalços do passado.

As traseiras acoitam crianças felizes
do bairro suburbano. Verão no ar quente. Vento
que rodopia e levanta papéis novos e velhos que
quiseram ser jornais. Efemeridade, essa
fogueira queimando o tempo revoluto.

Por que motivo escrevo? Não é verdade
a janela. Vivo numa subtil cave. Se invento
é para tornar verosímil esta cena querida familiar.
Porque, vejam lá, acordei hoje, que não é domingo,
com a pretensão de testemunhar o real.

E mais uma vez falhei. Distorci puro
os acontecimentos. Só em casa preciso muito
de sentir que vivo. Ouço música. Mas o silêncio está
aqui. Não a mulher, que trabalha, nem a filha,
que foi para o infantário. Por que minto?

DIZ A VOZ

Estar sozinho tornou-se um fardo.
A casa permanece indiferente. Percorro-a ávido
de aventura. Silêncio. Ligo o rádio.
Essa voz de mulher diz-me qualquer coisa.
Noutra língua, é claro. Percebo-a perfeitamente:
por coincidência também fala de solidão.
Não é estranho? E no entanto começo a sentir-me
melhor. De qualquer maneira já não é a mesma
canção. Agora procura emprego. Americana,
faz do inglês uma experiência do quotidiano.
Como eu, com o português. Assim, os dois,
comunicamos. Ela, lugares e tempos,
embora ao contrário, eu a minha compreensão.
Sei o que é viver subterrâneo nas metrópoles
do ocidente. Também eu impregnei de desespero
as passagens de nível da cidade tumefacta.
Pedi em burocráticos escritórios o trabalho.
Para que pão e vinho se fizessem carne.
A minha. Quantas vezes sem sucesso. Depois
esses passos, mas já a canção é outra!
Fala de despedidas: alguém partiu.
Deixou-a cicatriz de dor no redemoinho
selvagem dos pensamentos sombrios e sem futuro.
Quanto a mim, nem quero falar. Tanto passei
que prefiro esquecer a faca, esse instrumento
inócua da perfeição. Ou o nó, sexo e morte.
Antes esperar pela próxima canção.
Agora sim, não ligo às palavras, vibro corpo
no balanço do eterno. Sem metáforas perigosas.
Sou apenas esse rodopio, sangue antigo
cavalgando pelas sendas do ritmo.
Mas tudo acaba. Embora bem sentido,
o som da guitarra prefigura um medo.
Que fazemos? Cada experiência não totaliza
o périplo da emoção. Amo. Este desgaste. Esta
afronta à rotina. Estou como um verbo que se perde.
Sem sujeito. Apenas luz ou energia do todo.
Sabendo contudo que o poema se escreve:
essa mão acenando. Vem, diz a voz. De quem?

NO MEU LUGAR

Sentado diante da máquina, a filha ao lado,
espero que a inspiração vença o impasse.

No silêncio da casa só se ouve a música
que o rádio debita.

Queria escrever um pouco sobre os dias
que vivemos, dizer até que ponto o divórcio
com as coisas nos deixa órfãos. Mas porquê?
Que ambiguidade nasce dos nossos passos?

Manhã de inverno, embora outono legalista,
o sol brilha fraco como uma impossibilidade.

Logo sairei de casa, tomarei camionetas
e comboios e autocarros.

Viver, dir-se-ia, e como amo dizê-lo, parece
uma corrida sem começo nem fim. Estações mínimas
acompanham os gestos nossos. Aqui a casa,
depois o liceu, mais tarde o quarto alugado.

Lugares onde sendo talvez não esteja humano
no meu lugar. Que o desejo, esta ânsia, quer sentir
no corpo um sexo diferentemente consolado.
Com mulheres macias.

Assim, por que não sugerir-lo, cansei de expectativa
a minha filha. Brinca agora, indiferente às palavras.

E o meu ardor, se selvagem e impoluto,
espairece no engano da última fábula.

O que eu queria era. Sem passado um presente.
Não dádiva do eterno, o quer que seja. Mas quotidiano,
tempo do corpo no delírio sóbrio da alma.
Desgaste onde respirar.

Que de desgosto passo infeliz as barreiras
do ocidente. Interdito olhar. Essa boca para comer,
esse fácil beijo no íntimo esgar.
Com uma filha para escolher e educar.

MEMÓRIA VISCERAL

Honesto folheio sem malícia o jogo dúbio
que permanece no âmago da memória. Onde estou
diz-me quanto desejo, como faço. Estranha existência
drenada pelo flagelo dos sentidos. Um cheiro humano
exprime a volta, o regresso ao sortilégio níveo.

Um rosto feminino alça o sangue até ao pénis.

Seja qual for o caminho, esse triângulo obedece
ao profundo clamor das entradas. Vivê-lo, penetrá-lo
fenda dá-nos uma natureza animal. Com olhos de hoje
repenso o silêncio antigo. Sinto, mesmo se fingindo,
a terra ardendo, o sol aquecendo os vales interiores
do inesperado. Uma fogueira, faúlha do imemorial.

Curioso estar presentemente aqui, sem direcção
nem palavras. Embora seja verdade que dizer supõe
pelo menos acreditar. Memória visceral sussurra
velhas canções de música perdida. Mostra o corpo
da mulher abrindo-se como uma anémona. Nesse engodo
quem ganha senão a imprevisibilidade humana?

Saio da mulher ferido. Cumpri, enlevado ardor,
um rito onde se insere dramático o massacre.
Golpe a golpe suei o gosto da pura carne,
esvai-me quando o sinal gemia tácito o fora.
Esgotado pela força da rica raiz deixo-me
encolher até ao limite do corpo masculino.

Sou um homem. Leio o tecto. Ontem, jovem vazio,
hoje, adulto pletórico, amanhã, velho esgotado.
Passam os anos por mim e escrevem-me uma história
digna de papel: este corpo envolto pelo frio hiemal.
Mas eu, que digo? Que palavras profiro fora do logro?
Frases ensinadas pela ideologia do agora?

Incapaz de serenidade penso adormecer.
Ouço ruídos nocturnos, a mulher dorme, a casa
arde sem respeito pela tradição. Vivo súbito
a caverna. A comunidade. Certos gritos de dor
macaqueando o prazer. Peles sebosas. Aqui
não é um simples advérbio de lugar.

QUALQUER MOMENTO

Semanas escritas pelas línguas
da contingência. Da sucessão nasce e cresce
uma ínfima memória sem paternidade. Onde fui,
onde estive, nada sugere ou diz.

A noite com outro nome, o dia
afogado na ausência do mistério. Horas fáceis
para quem não questiona o caminho, os meios.
E no entanto, a guerra ctónica.

Quem fala arvora a rotina: ser
diferente traz dor. Na velha casa de ontem
ninguém dorme, ninguém vive. Passei energia
no simulacro do gelo. Duvidei.

Sem ver percebo que tudo existe
na respiração do silêncio. Quisera saber
quanto de mim se perde no remoinho fúlvido
do desterro. Quais as palavras.

Mesmo quando afirmo que vou
só quero dizer que envelheço. Imperceptível
a sombra curva-se sem governo. Que o corpo
ainda não disse a fertilidade.

Áspero e rude espera aflito
que a música se transforme em realidade.
Para que o sonho vença. Crie e erga amor
em cada fímbria do desespero.

Não estou nu. Não sou imortal.
Sei que o fim é qualquer momento. Sofro
não saber mais nada. Como que corpo aberto
socorrerá um estertor acerado.

Que rostos de mulheres jovens
desfilam na cegueira dos gestos arcaicos.
Inspiram a juventude a desejar um gozo
que com nada se iguale.

DOCE ARFAR

Manhã de sol. Apesar do truísmo, apesar da repetição dos dias, ainda sinto. Não sei o quê.

Estou siderado pelo dislate: pensar vida não leva a nada. Mas como viver diferente disto?

Que propostas me oferece o ocidente? Vejo lá fora as árvores carcomidas pelo vento,

a casa vazia fica por detrás. Nem o sorriso, nem a filha. Mas que horizonte me embala?

Levemente triste por hoje não ser um dia capaz de aventura ou de construção. E a paz?

Para que quero os meus olhos, as mãos áridas, o corpo sem uso? Os campos abandonados

reflectem que desespero? Que ausência? Fico como um verbo sem acção. E depois, o sol, que importa? Não estarei aí. Nem possivelmente aqui. Pertenço a alguma coisa? Os governos indicam estranhos caminhos aos cidadãos.

Mencionam economias falhadas, moedas sem pão.

Que o bem está no cansaço: não meditar o passo futuro, a respiração actual, o vazio ontem.

Ler o jornal tornou-se um patético gesto de desistência. Ali, no norte, a organização rica de suicídios e manicómios. Acolá, no sul, o ventre pobre como uma bola escura. Que para aqui não há palavras que definam o acontecimento.

Estamos país nas mãos patrióticas de quem quiser.

E da liberdade, e do flagelo, e do orgulho, um quase nada. Boa armadilha para quem não voa.

Sim, e depois? Manhã sofrivelmente de sol. Apesar de tudo, todo erecto como um pénis sóbrio respiro, resvalo olhares para os redores da janela aberta. Mas que sinto? Com que palavras sintonizarei o ritmo? Já disse de onde vim, para onde vou? E será possível? Possuidor

invicto de algumas frases obsessivas, como saberei onde acabar? Que se faz tarde. Já a manhã colhe a sua frescura. Agora, e por momentos, o sol atinge o alto. Depois cairá. Sem tentativa de filosofia, como eu. Eu? Que alegria em dizer, em suspeitar? Sim, aqui, mais uma vez, sou. Vivo simulacro de verbo um doce arfar.

DE NADA

Não me interessam as palavras. Nem com elas
fingir que comprehendo ou vivo ou sinto.

Antes abandonar. O que desejo possui carne,
fibras de nervos, vaginas vagarosas. Terra
transformada imprimo na matéria dos dias
um profundo desgosto. Não reconheço casa
onde durmo ou descanso. Dos outros recolho
apenas imagens zelosas da máscara social.

Quando falo abre-se uma distância: ser
feliz que significa? Significa o homem ávido
uma morte quotidiana? Talvez não esteja.

Que música comporta o espasmo do corpo?
Assim sem sim nem não desfiguro a hora.

Onde tenho as mãos? Que trabalho capaz agora
de amor, de forma, de levantamento? Outros
percorrem por outros caminhos a ideia negra
da civilização. Ser pai, filho, irmão. Louco brilho
quando o sol arrefece, quando a música não
tece mais a teia. Estou. Para soletrar verbos
necessito da força que esmaga a imaginação.

Arte ou fraude, este espaço, laço selvagem
em busca de união. Mas onde encontrar virgem
um abraço impoluto? Que palavras inventar,
e quando? Que a confusão prevalece, estabelece
um palco de escravos dardejando fogo fátuo.

Neste mimetismo que a veleidade chama vida.

Meu corpo capta estranhos e insubmissos sinais.

De onde vêm, para onde vão, ignoro. Desconforto
tornou-se sinônimo de contemporaneidade.

Sei de quem finge viver orgasmos celestes, mas
que frémito sabe a medo, a guerra, a peste?
Estou algures entre desníveis e lugares.

Aberto como o ar armo ciladas ao sentido nítido
das coisas, exijo dos acontecimentos falhas
capazes de clivagem. Mas não posso dizer
se é felicidade. Se é palavra. Talvez haja maior
um rumor, misto sensual de dádiva e de dor,
uma brisa, sopro sem metafísica, voz inessencial.
Se assim for talvez a poesia se faça de nada.

AZUL VELHO

Esta música e este cantor lembram-me a raiva que povoou anos exilados de alguém que tenho sido. Paris era então uma cidade deserta, eiva aracnídea no seio da europa. Ruas e artérias desfilavam indiferentes à minha miséria nova. Recordo certos momentos, o cinzento monumento ao passado, a efervescência da hora de ponta, a noite de inverno na esquina suada de medo, certos amigos que passavam como sombras. Mas sobretudo esqueço quanto sofri. Raiva e ódio, horas de morte sem busca nem esperança, azedo limite da escravidão: um emprego mal pago, azul velho o horizonte do suicídio. Aquele quarto naquela mansarda, três metros de comprimento contra dois de largo, a mesa, o lavabo, a máquina. Então este cantor dizia, vociferava, assassinava a beleza medíocre da exploração ignorada em discos que dificilmente vendia. Saudações, ir e vir da agulha sobre o acetato, um frio doido como pensar que a vida se acabava ali. Deitado na estreita cama ouvi quantos quiseram dizer a violência da monstruosa cidade. Compreendia o grito, o desejo profundo de fogo, a maldade só capaz de redimir a inata e insuportável pobreza. Suspeito e vertical proferi sem malícia a ideia do mal, arquitectei na ausência da alma uma fereza só igualável ao desespero. Criminoso no acme da essência juntava-me às palavras: ia como uma faca que corta os tendões da soberba, decepava o corpo impróprio da metafísica tísica, na língua estrangeira, onde o trabalho era náusea, comuniquei uma explosão, bomba de sentidos, arpejo. Agora o rádio evoca-me uma passagem sem margem para festejos. Sim, consegui sobreviver. Saí magro do inferno, voltei inviolável à nova forma: país. Mas até a esperança se deteriora: homens disfarçados prometeram um prazer, um caminho, um nascimento. Engano: que destino sem o nosso querer? Dar ao outro a responsabilidade, o grande mito. Para servir oculto o interesse corrompido de um poder que se masturba.

UMA ESTRADA

Quero saber viver. Sentir o momento
como folha sedosa sem árvore. Mas ardo.

Quanto de mim no fogo? Esta inquietação dispersa
no fora do âmago, este sentido corrompido, árbitro
ambíguo da estadia humana. Insolúvel
arvoro quanto sou, soo fantástico, mar
onde a água mítica simboliza um aspermo orgasmo.
Mas queria estar calmo. Possuir um desejo de paz,
uma mulher todas as mulheres. Que fazer?

A vida desliza, alguma passa sofrível
entre rodeios da linguagem, outra explode mármore
da única música que me invade, mas onde sou?

Sei dizer casa. Que importa? Nada também
resiste e impera. Uma sensação estranha.
Se ao menos a vida quisesse dar-me o beijo nobre
da aventura, uma estrada. Estar aqui asfixia-me. Ir
é sempre mais longe, largo desvio onde
a semântica enlouquece de felicidade.

Tudo o que medito, as preocupações quotidianas
em que prefiguro um desejo, tudo isso não basta.
Querer é um verbo sem uso ocidental.

Imagem do anseio exprime sem nascer.
O que me aflige afoga-me. Não é poesia, nem arte,
muito menos filosofia de vida ou de morte. Ser
vivo corta-me de sofrimentos, de dor.

Espaço pacífico temporizo sem tempo.
Sim, mas como caminhar, ir, viajar, ver onde soberano
posso pôr os pés do estremecimento e da novidade?

Mundo o nosso sem mudança nossa.

Que queda, declive ou guerra, capaz?

Que a música, se embala, e acaricia e testemunha,
não me chega. Preciso de respirar. Sem assim nem
como. Abrir. Deixar-me ir, alegoria
da alegria onde se traduz plena
a afirmação humana. Quero poder nascer sem pais,
viver a distância como uma conquista amável,
perecer alto como um auge. Homem
máximo de mim mesmo, marca e arco.

Mas sentir é uma história de palhaços ávidos.
E saber repete os erros ancestrais da raça.

QUE ALENTO ?

Palavras quebram-se contra as areias
da sensibilidade. Sons selvagens ciciam sibilinos
desejos da fome. Surgem sombras sáfaras como dizer
quanto amo ou detesto estar aqui e viver.

Dia de sol, inverno foi uma pele sedosa,
hoje música tenebrosa, este desgosto sem âmago,
este preço sem mercadorias, auge do delírio, arte
menor da respiração. Trago. Zelo doloroso pensar

até ao mínimo pormenor a desrazão ocidental,
o brilho passado da história humana. Sol em toda
a parte, esta manhã deveria ser purificada. Mas
que fogo? Ávido transporte para o tempo espaços

da memória soterrada. Vivi. Apontei em livros
pessoais quanta necessidade foi poesia, quanta dor
abriu profundos sulcos na carne. Faz mal. Sentir
que nem o fora nem o dentro resolvem o quer que seja.

Mas as palavras irrompem, exigem-me atento,
obrigam-me à reflexão: este papel desprovido
de essência chama-me: testemunhar ínfimos momentos,
um vento que percorre a distância, um sentimento.

Já não consigo perceber se há mistério.
Invicto venho pressuroso até este aqui. Deito-me
ou espraio-me, o azul do céu, a terra quente.
Onde busco a substância? Que os dias passam,

vozes atrozes da mediocridade e da rotina,
as tarefas para serem cumpridas, chatas metamorfoses
do desespero. Que alento? Sei que em qualquer casa
algumas palavras me esperam. Não dizem, não trazem,
nem possivelmente suavizam. Que fardo?

E no entanto, acme do truísmo, sou aquele que abre
sangue a senda do presente, independente do passado
como do futuro. Missão estranha. Vindo do nada,

para o nada indo, nado e desaparecido,
escolho, entre escolhos e obstáculos, escrever
um sinal na superfície das coisas: sou. Eleito cío
da esperança traduzo no possível a posse milenária:
estar alça-me homem ao prazer do desejo.

COMO PERTENCER?

De nada vale mentir. Viver dia após dia
requer uma força cega, um embrutecimento cálido
dos sentidos. Não estou preparado. Dói prever
um amanhã, saber até que ponto o futuro já foi
passado. Perder-me nas coisas não me satisfaz.
Demasiada consciência cataloga os falhanços.

Assim desfaço-me, ctónico e raivoso, através
das formas. Finjo que sinto ou que penso. Aberto
como uma casa sem governo aceito tudo. Aquele
que diz um sim, que deseja um não. Mas vivo?
Por vezes respirar no silêncio da noite dá-me
uma catastrófica visão da energia.

Soletro sem ideia preconcebida verbos solares,
sal e sol diluem-se, entre arremessos semânticos
entrasteço e enraiveço uma língua. Amigo do fogo
compreendo o espírito da destruição. Sinal
seduzo as regras que a sociedade nos constrange.
Mas subo, certo e seguro, ao auge do fôlego.

Não há posse nem propriedade. Capaz só
o apelo furibundo. Inteiro como uma analogia feliz
firo de matéria a ideologia. Ver engana o olhar.
Viver perde-se em razões, suspeitas e cansaços,
traços de malefícios mais velhos que a hora.
Mas há sofrimento e revolta, essa batalha.

Esse espasmo: um gesto sem assinatura,
estou rodeado. Forças e coisas. Desde o berço
berro, exijo uma paz, um mundo à altura do homem.
Que resposta? Máquinas patéticas, tecnocratas
da morte, subsídios para a burocracia ocidental.
Este espanto: como pertencer ao sacrifício?

EMPTINESS STRIKES AGAIN

Dorido pelo cansaço quotidiano subo ruas adormecidas. Cidade são alguns vultos vis rodeando as fachadas pobres do império. O minuto mede milhares de desgostos, vou ao clamor como um eco sem som. Escuro hu-mano. Estar já não significa respirar, passo no limite da desrazão, desconheço o preço, os feridos desvelos da civilização acidente. Quedas e altos, agora viver desmerece até o alcance do brilho, essa faúlha mágica e te-nebrosa. Quero. Mas pensar demora. Acen-do um fogo, o desastre interior possui casas, portas fechadas, oclusas janelas. Subo, suo. Não era isto o meu desejo. Mas ganhar elo com o real. Reintroduzir na rota do rosto uma invenção original. Música também ar-de. Esses êxtases terrestres, energia ctónica do malogro: raça humana. Quanto sofro, arte menor do quanto perco, infeliz olhar amor. Que faço? Desfeito pelo horário da fome sinto a maldade da desgraça, nem país, pus moído no cerco da soturna sorte. Estou na ausência como uma sombra febril do corte. Sem saber se carrego ou se modulo, marcas madeficadas, apegos sensuais que a carne quer ceder e sentir ao vivo. Mas onde? Os eleitos membros desobedecem, escorregam a calçada da fácil corrupção. Dinheiro mole compra com tino e pertinência o destino possível da cultura. Aqui. Não vou sedoso, antes suporto o peso arbitrário e árduo, ensinar algumas línguas a quem não quer aprender. Ficto espanto: ontem como hoje a história muda não muda: imbecilidade esta suposta vontade de querer modificar o modo e o tempo. E súbito, o vazio. Ir por ali, por aqui ficar, reduzem a membrana. Loucura? A visão volatiliza-se: incêndio e cinzas as interferências na alma. Mas que delírio? Sábio e sublime desfalece o fecundo ritmo: morrer.

SORTE

Azedo seduzo um cediço encanto: amar apesar de tudo, sede feliz o estremeço, o desapego.
Humano deslize, qual consciência?
Carrego sem entraves o furto: enclave anímico, uma história muito pessoal: pedir sem direitos os erros colmatados pelo fogo.
Faço, feto e fito, mudança radical do real que restaura no simulacro o silêncio.
Sorte, um espaço do acaso, as mãos médias imperfeitas do gozo, do desejo desprotegido.
Sinto céleres movimentos na pele. Perco eco sem preconceitos a fecal memória do génio.
Quanto às estrelas, trelas do absoluto, giro como verbo ou adjetivo: esgar do mal.
Quando cai a noite cedo ao sortilégio:
vem de mim até mim um calor: respiro a chama, esse novo apelo. Desastre, qual destino, desfigura a certeza no eterno incógnito.
Mas a força, este pénis petrificado, vaivém orgiaco, clima de rima e de água: parto.
Que o encanto desvanece-se: significa a palavra mais que um menos? Esta perda, facto e fardo, reduzida ao estertor sem morte. Porque da sorte ninguém sabe falar. Fadado o farto desvelo, que resta? Essa neblina, esse amorfo beijo que resiste ao preço.

Sim, apetece dizer.

Trazer ao colo uma imagem tão recente como a imaginação. Acção: sobre a tecnologia moderna. Que humano perde-se. Dia e noite, norte e sul, ventos vadíos, feitos feridos, cortes curtidos, nasce a presença, um mito, icto. Arte poética não desce ao poder: escrever: fazer sentir a tragédia como uma luz cega. Viver cresce, respira, desfalece: ciclos, sítios do cerco: estar aqui enraivece, mas a dor floresce canto. Apesar do nada, revisão do cataclismo, seduz a hora o estremeço: resistência: rede e ânsia. Repetição a sensibilidade: em que idade afogo?

SOLIDÃO

Noite de fragmentos, silêncio sédulo,
casa perdida no esmero sem família: janela
do quarto onde tenho vivido. Lá fora a rua,
escura membrana do inominável. Sinto-me
inseguro, os dias não trazem, antes levam o pouco
da substância: anímica e física. Meditar significa
medir, ditar em cadernos fictícios a lava
que não existe. Persiste em mim um fosso, troço
da estrada invisível: ir para onde? Onde viver
mais que o cansaço, a desolação do emprego,
a ausência do mistério? Não mistíco. Fico
absorto diante do espaço que não me separa
nem me abriga: fora. Misto de invenção
e de dor domino mal a situação: apetece-me fugir,
lançar velas até ao elemento essencial: ar.

Para poder respirar entre um dentro mítico
e um mundo agudo. Aí não é o mesmo que dizer aqui.
Nem é brincadeira a escolha do tempo através
do ruído. Mensagem, dizem os linguistas.
Onde? Imagens de solidão solidificam-se: estar
pétreo, pedaço pacífico da energia sem força.

Mas a música brota sem rádio ou disco.
Ouço-a como a outra face do silêncio nocturno,
voraz odisseia da loucura. Ei-la: muda e macia,
sopra no antiquíssimo lugar do espírito,
insinua nua o destino da diferença: areia deserta.
Como é possível? Dorme a comunidade onde evoluo.

Conheço alguns homens amigos, certas
mulheres desprotegidas, a família perto e longe,
uma filha. Passamos átomos do caos social,
envelhecemos errados como um sonho branco,
morreremos sem nunca ter possuído mistério
ou ambição mais longa e profunda que o humano.

Escrever solidão deixa-me áspero e fictício.
Por lá padeci, descia aos infernos da época, dormi
em camas de exílio, zelo de carne e de poesia.

Já não sei quais as coordenadas, que direcções,
noite, mais do que palavra, nunca entrará aqui,
este poema indeciso quanto ao alcance da tragédia.

Vejo da janela que ninguém também existe.

SALÁRIO

Entre horários cango-me. Abro e fecho portas,
sento-me e levanto-me, cadeiras, mesas, alunos.

Essas faces jovens do desgoverno,
dedicadas ao logro e ao chumbo,
infelizes metamorfoses do ambiente familiar.
Que fazer do magma destruidor que os soleva,
da sexualidade ignorante que trama
neles rituais do desassossego?

Risos e bocas abertas, sempre que sinal, piada
dirigida de pénis a vulva, ou vice versa.

E não sabem. Esperam que o toque
os liberte do chato que profere discursos
intangíveis. Gramática? Que é isso? Quando
se trata de escrever surge vil
a mentalidade mal amanhada: atrasados elos
da pré-história verbal. Que futuro levantarão?

Repetem obsessivos os mesmos erros,
que fidelidade ao dislate? Certos rostos
reclamam uma mais nítida compreensão: esgar
de inteligência soterrada quer
talvez significar um arremesso do sopro
moribundo. Cango-me de transmitir quanto
do salário me é exigido. Depois,
através dos corredores mortos e silenciosos,
sinto um insuportável vazio. Queria estar

longe. Inarticulado. Fluindo feliz.
Mas a fome e o abrigo instigam-me maior
ao responsável gesto do homem ocidental.
Como outros membros da sociedade
esconde o desmembramento interior: estar

sem ser, respirar sem viver, fingir comando
no sítio do desastre e da ruína.
Nem sequer é pessimismo. Só cansaço. A vida
rouba o pouco que o sonho traz, elimina

o desejo muito antes do prazer.
Página em branco tenho, porque me pagam,
a veleidade de povoar inocências vadias.
Sem ironia, que o real desfigura.

VERDADEIRA MENSAGEM

Preso neste turbilhão, sociedade
e história, abro braços para poder medir
até que arco vibro. Vida erige sem monumentos
um marco de pó, feliz metamorfose da fome.

Armo o estendal: ver é aproximar o sentido
da música, corrigir os erros temporais.

Vendado respiro. Célula viva sinto certas
palavras como mãos de mulher ávida.

Querer que significa? Limite, essa fronteira
sem partes antagónicas, linha de força.

Refugio-me herdeiro do maior mal dentro
da órbita: astro ou arte, dizer é mistificar.

Que os dias dividem o homem em fragmentos
dispersos, uns dizem amor, outros revelam ódio.

Estou sujeito, sortilégio e construção, arremesso
doloroso da única sobrevivência possível.

Mudo mudar. Estabelecer ritmo e harmonia
uma razão carnal, um espírito material.

Na desenvoltura catastrófica do quotidiano,
catarse e explosão: figura febril do imo.

Mas dói. Dúbio caminho a dúvida acerada brota
e instiga um certo registo da cegueira existencial.

Por isso ouço e vejo. Medito medular até ao cerne
da realidade humana, especial revelação do amor.

Ninguém ousa, ninguém sabe, certos como
cordeiros vão pacíficos cidadãos da derrota.

Trazem sem rosto um esgar. Procram monstros
céleres como a demência, prendem o essencial ar.

Poesia até onde? Mesmo quando digo que beijo,
que força se desprende do meu maior abraço?

Tarde talvez para questionar. A máquina
occidental desliza, escrevem-se livros azedos,
poucos denunciam a sede, a cedência ao logro:
esta facilidade: não pensar, não duvidar.

Mas a noite nasce, diviniza, acende fogueiras
no lugar do tempo e do espaço. Sussurra doce
qual o clima mais propício para o crime,
que batalha deve queimar os dislates perenes.

Só e social ouço a voz sem eco do parto futuro:
como dizer em versos a verdadeira mensagem do medo?

A CHAVE

Afasto-me metódico do silêncio. Mesmo
se ainda não sou música já governo pacífico
a fome de tudo. Possuo uma criança.
Abro espaços de luz, cidade da novidade.

Ensino-me a ficar sã, seduzo o crime
social, digo que sim quando é não. Nada mais
me importa. Viver livre da razão como
do sentimento, sem ser máquina nem autómato.

Crio uma pessoal linguagem. Da soberania.
Do desejo que se organiza em células de lar,
do prazer que sabe, sobe até ao orgasmo.
Mas de silêncio blindo o exterior, a máscara.

Ninguém sabe onde estou, quais os passos.
Julgam que vou, ordeiro como um reflexo, fibra
a menos da rede. Feliz por ser escravo.
Mas engano. Dia ou noite surjo: que crime?

Trabalho com o sol. Elevado pela educação
ao declínio do logro procuro uma dialéctica
do humano. Abro fendas na tessitura da ordem,
dignifico o caos: universal cama do olhar.

Situo-me sem lugar. Viajo sem tempo. Veio
e veia percorro o antiquíssimo sangue, terra
de um ontem, esperança de um possível futuro.
Mas ninguém suspeita. Todos me saúdam: homem.

Nunca direi de onde vim, para onde vou.
Quais os escaninhos da memória, que génio
revive nos meus laços. Certo como um padrão
finjo a medida no enclave da dor: a chave.

17/12/79

QUE REAL?

Que real capaz de reflectir a minha imagem?

Ando obscuro pelas ruas do ocidente, vejo
a desistência nos corpos cansados da juventude,
falar da velhice não passa mais de um carinho.

Perto e longe confundem-me: ser aqui seduz
a raiz, o raio de acção só humana. Incerto
não separo nem ordeno. Vejo. Tudo o que existe
e navega pelas mesmas águas, uma casa, um país,
um mundo. Murado vivo resisto à pressão.

Ideológica membrana, esse monstro dá quando
retira toda possibilidade de existência feliz.
Mas a febre, se não alastrá nem constrói, dói.

Como uma ferida, um zero, uma desmedida atroz.

Daí que escreva sem palavras outros poemas.

Já disse, não estou aqui. Nem aqui é lugar de estar.
Nem pensem que é tautologia a necessidade viril
de repetir os gestos de uma poética gasta.

Em cada verso surge uma luz, um laço selvagem
capaz de corromper a náusea quotidiana. Castigo
não tem sentido. Passaram as ágeis épocas do degredo.

Então que é? Existe, sinto, uma ruptura sem nível.

Desvio ou amarra, que é esta força que desgoverna?
Não já a loucura. Talvez ainda o desastre, essa moderna
forma do crime. Passo monótono pelos caminhos de hoje.

Faço a mediocridade. Quando sonho percebo
que perco, não sei o quê, que desgaste da alma.

Ir não é mais sinónimo de nada. Verbo sem inércia,
representa um modo, a moda actual do estar. Parado.

Mas que real, furo no passado, ou futuro alado,
poderá eventualmente descobrir o homem que sou?

Nada me diz semelhança. Nasci aparentemente sem órgãos,
sem espelho. Em tudo morro como outra possibilidade.

Marca ou mártir materializo a fome, o desejo.

Espraio a força do espírito quando acompanhado.

Ninguém me conhece, me ouve. Levados pela tradição,
trazem tredas adiposidades da escravidão: amam-se.

Seguros como sombras de flechas aspiram
ao tesouro: servir a ideia que se faz
da riqueza. Com tesouras da margem absoluta, artes
febris do delírio, metafísicas da procriação viciada.

IRREMEDIABELMENTE

Irremediavelmente volto à música:
incapaz de perceber os mecanismos da lógica
iludo o sentido do eterno. Flutuo no espaço
da esperança: estupidez ou piedosa mentira.
Que o fora, ideia odiosa do ocidente,
não reflecte: movimenta-se espasmos fugazes
da contingência. Que existe? Feliz no acme,
delírio ou fogo, fendo a famosa mediocridade
moderna. Viver é questão. Música agora.

Tempo cumpre-se com atalhos do génio
sem lugar. Negação afirmo a presença sobre
esta terra. Terrível imagem, quando a morte
modifica a respiração do universo, e
sociedades drásticas danificam a natureza
com lixeiras de dinheiro mais e menos fácil.

Olho por entre visões do pensamento actual.
Leio nos livros a confusão ideológica,
lutas sem pressa teorizam o desgaste. Mas
onde encontro a vida? Esta que sou soa
a demência: esgares do quotidiano na mente
sempre poética do desejo. Diz: quero.

E depois, que escrita capaz de acção?
Volto então à música. Ninguém me diga,
me fale: estou miraculado pelos sons suaves
ou ferozes desta sitibunda guitarra.
Teso testemunho um prazer sem regras nem
gramáticas. Gramo vibrar sem fundo, toda
a matéria que sobe e inunda a outra forma
de ser: chama, chamem-lhe o que quiserem.
Pletórico de ausência preencho-me página
branca de um livro estreme: vida.

Volubilidade do destino, hoje e ontem,
categorias do medo. Mas mesmo assim assinalo
breve a história do momento, força selvagem
sem procura nem tesouro: antes despesa.
Despido pela feroz odisseia do caos social
sucumbo seguro do traço que arvoro.
Medida e disparo destruo a dor. Ser capaz.
Seduzindo a língua ordeira da paternidade.
Semiótico arrojo da célula que arde.

SOLITÁRIO TESTEMUNHO

Engraçado como a rua, e sobretudo esta cidade,
me inspiram certos pensamentos. Toda uma história
se escreve sobre os passeios: despossuídos

despojos da fome: poios caninos e humanos
pontuam as estesias patrióticas. Chegar
a casa é uma fachada da façanha quotidiana.

Mas este fedor, que fazer dos pés encharcados
de merda? Então desaparecem todos os sorrisos.

Fala-se mesmo da amenidade dos costumes.
Esta porcaria? Esta falta sem reais culpas.

Sim, talvez para nascer precisasse de um porto:
porta fechada, um país pacífico na miséria,
virado para a ausência, o mesmo é dizer,
sem direcção fixa. Estrangeiro senil
da idade, o desejo de outra coisa.

Noutras cidades padeci a civilização morta.
Deambulei por entre mulheres sem fascínio,
vislumbrei um castigo isento de presença.

Mas agora a cidade diz mãe e pai:
como amar a merdíflua visão do lar?

De desgosto em escárnio é-se isto: cidadão
sem lei nem sopro. Parte de um todo, mesmo se
tudo se desmorona, imagem brutal do silêncio.

Mundo: um olhar quotidiano para o chão.

O medo: modo febril de se viver o espaço
entre duas casas: todo um tempo de vigília,
os sentidos despertos como unhas sujas.

A cidade não merece um nome: deixo-a enigma
para as consciências cívicas. Aqui,
como possivelmente ali, e sem filosofia,
a música do século não entra. Ruidos, carros,
poeiras do eufemismo, esta dor. De dádiva
em ironias viajo tétrico o zelo da cultura
nossa. Nada. Embora os hábitos vistam
de colorido os livros da cegueira hoje.

Escrever o quê? Escravos do deslize, sem
armas, destruímos a própria ideia do humano.
Pobres de essência e de superfície evitamos
o moderno padrão da lusa mediocridade:
solitário testemunho sobre um passeio.

APELO E CHAMA

Passo dias e horas esperando este momento:
poder liberto de tudo escrever algumas palavras.
É um acto sem definição. Diante do papel
a sensação é dupla e contraditória: medo e alegria.
Mas as palavras possuem certos mitemismos,
pesos que gravitam à volta da consciência,
segredos que só eu admito e acaricio.
Homem sem universo, de estação em estação,
diluído na música do século, vou no verbo
como um marco ou uma esperança. Ouço vozes
contemporâneas, umas dizem pressurosas políticas,
outras limitam-se ao agravo da desistência.
Vejo em televisivos espasmos da informação
o desconcerto que sapa o mundo, lembro-me
de certos poetas que se exprimiram em várias
línguas com um vago sorriso. O ano é findo
e nada fica do esplendor passado ou imaginado.
Apenas pessoas deslizam sorrateiras na ordem
das coisas, fazem-se compras e fala-se em bailes
onde se espera. O quê? Cada vez sei menos.
Se afirmo, afirmo a condição. Não é um jogo.
Mas a sombra esporádica do silvo, ora silêncio
ora angústia, certas perguntas que nos vivem.
Fugir para onde? Em que ponto ou parte de mim
atingirei o auge, um clima do fogo? Em que espaço
da terra, cônscio da demarcação em países,
poderia respirar a humanidade? Aqui, incerto
como um feto, absorto estou. Gentes que nunca
conheci passam e rodeiam, dizemo-nos irmãos,
cidadãos, filhos materiais da mesma cultura.
Será verdade? Da língua comum não comunico nada
que não se saiba. Claro que posso certos segredos,
uma gama insuspeita de crimes em potência.
Para quando a mudança? Entre mim e o demais
não há mais nem menos. Clareira do mirrado mito,
modifico tanto quanto posso a posse do saber.
Escrever é a passagem. Ler significa seguir,
letra a letra, o destino do homem moderno.
Mesmo que nada traga, este horrível momento
paira como uma consolação: apelo e chama.

FAZER PERGUNTAS

Talvez devesse desejar. Deserto no dia durmo ainda uma improvável doença: cama exprime metade da existência. Sono alvo da inquietação, nem a música pode saber onde lançarei certos olhares. Medito as metamorfoses do homem, consciência alta do individual delírio. Passado não pode ser nem viver história. Foi, desapareceu. Veloz corre o corpo no tempo de vida. A aurora traduz o mito, o poente parte do limite. Entre dois pontos, sofre-se a arte menor da desolação, criam-se frases vis como preces sem dono nem direcção. Vida em fogo branco arde. Dardeja. Sentir vir um longe até nós não é uma mentira: nas pregas do desassossego jaz e paira. Mas como dizer, tornar possível ao outro as duvidosas manifestações dum estesia, a estadia do impensável na matéria? Mede o silêncio o sinal da nossa esperança? Sós e passageiros entramos, saímos, pó e orgulho, uma verticalidade perdida, idas horizontais até ao desenvolvimento do acme. Mas para dizer o quê? Qual a urgente necessidade? Os escolhos esculhem-nos, e depois? Acolho sem carinho a imagem fictícia que arma um espelho: estou. Vejo-me nos outros, as formas do desejo, os gestos sem prazer, longos suspiros na mecânica do logro, a sociedade exigindo cada vez mais crime. E a luta? Achados de novo no velho ritmo da ficta liberdade, ordeiros pomos ausência e votos no túmulo da riqueza que ordena feliz. Algoz feroz a dissonância entre. Mas a alienação, as diversas modalidades da cegueira dizem quão fundo dorme em nós, piedosa pessoa, a fome selvagem da soberania. Até quando? Fazer perguntas rejuvenesce-me.

31/12/79

HOMEM

Tímido sol sacoleja entre nuvens altas. Finda o ano, assim, no calendário.

Como se nada fosse. Indiferente ao símbolo, às civilizações humanas, passa o tempo, dia e noite, arte das estações renovadas. Dá-me alento.

A rádio, pela voz sonora do locutor, despede-se de ficções essenciais.

Sim, parece que se acaba mais um ano. Na casa dos trinta, vivo novo quanta velhice povoa o ocidente. Deslaço a ironia implícita neste poema para que possa tornar-me história. Quantos ao ler-me não debuxarão um sorriso de indiferença? Que pena! Que ambígua maneira de se escrever tempo sem dizer o quer que seja.

De estrofe em estrofe revivo a palavra que seduz o despojo do sentido.

Poéticas, como crimes, aparecem e partem, modas mudas da desesperança coeva.

Quantos livros para o lixo profético?

Quantas vidas sem possibilidade de lerem ou de se escreverem liberdade?

Até o sol desapareceu. Chove suave este suspiro de dezembro. A casa acolhe.

A filha brinca com crianças vizinhas. Ouvi-los faz-me doer uma fibra secreta.

Autênticos cidadãos deste deserto: imitam, destroem, gaguejam a modernidade.

Para acabar este suplício, poema nítido, direi quanto assumo, sou: homem.

31/12/79

DUPLO SORRISO

Simples existência de hoje ardo feliz
como um desassossego. Perdido entre palavras
que mais não dizem, faço-as música, modelos
sinceros da destruição. Até ao âmago.

Abro a janela. Ei-la, a vida, digo.
Eis o real de que tanto se fala. Pessoas
desconhecidas como um verdadeiro destino
passam pelas calçadas sonoras.

País em festa. Compram-se comes
e bebes, a noite é uma passagem entre
a rotina e o estremecimento antiquíssimo
da comunidade morta. Ninguém sabe.

Lá fora, no internacional remoinho
das nações, fazem-se possíveis guerras em nome
da prosperidade, da riqueza, da alegria santa.
Dizem-se discursos empenhados.

Que liberdade, que humanidade?
Mas importa a secular odisseia do mito:
Ogivas atómicas apontam o futuro farto.
Enquanto não nasce nenhum menino.

Anos disto e daquilo, menos da verdade.
Cães vagueiam, pazes realizam-se, continentes
sem o mínimo conteúdo humano. Vamos, crianças
da terra, ao suplício do vagido.

Que de estertor se sobe ao gozo,
algumas vezes uma mulher, molhada fenda
do desgaste, outras vezes um livro amigo,
essas palavras sem país nem paz.

Acabo. Travo sem adjetivo, ânsia
que se faz substância, entre um nascimento
e a morte. Simples: dizer adeus ao leitor.
Esta mão, este olhar. Duplo sorriso.

LIVRO IV

A QUALIDADE

DO

HOMEM

PRIMEIRA PARTE

DESPERTO

Saído do sono, cheio da imagem realidade, desperto todos os sábios sentidos, viver abre uma folha ao livro, este desejo homem. Fazer não é agora. A casa materializa a mãe, esse mais profundo eco, seiva florida ideia na consciência. Daquele que respiro, átomo perfil da ânsia e do medo. Mas a marca subsiste, ora árida membrana da insubstância, ora voz. Dizer é importante. Importados os fluxos, luzes do exterior, esses risos.

Quero redescobrir a fuga, o vagido veludo capaz. Entre horários mortais quero visitar as estações de toda a vida. Saber quanto sou no meio, fértil facúndia, o arco e a seta. Mesmo sem música, quero sentir novamente a hora, suave mente desfeita em pranto. Que a miséria alastrá, este sangue raiva dor, dúvidas, dádivas. Quero finitamente ser. Possuir a chama, o cheiro febril da cama, o clarão azedo do estar de pé e vigilante.

Longe vai a noite, o nada. Manhã é levantar, olhar o papel esquecido, prever a queda. Da língua, lar. Largos traços da viagem pedem parcós símbolos, outras matrizes para o mistério. Viver, não me canso. De dizer, em escritas páginas, o estremeço, a rotina, o alvoroço da tarefa. Saído e entrado suor, sempre o fogo, feito menor do destino, a diferença sem entre nem bitolas. Escrevo simplesmente. Plexo e amplexo, animal homem.

5/11/80

VELHAS PERGUNTAS

Entre a tarde e o silêncio velhas perguntas desfalecem. Ser. Luz outonal e fria fere, faz vibrar desconsolos e ausências, da mulher eterno brilho, dos amigos, flâmulas exímas do virver. Quantos anos passaram, passajaram através, tantos danos edificaram, ruínas leves. Estou sem aqui, embora preso ao ritmo raro da necessidade, do desejo. Alargo a língua que me deram, eufémica maneira de sugerir quantos pontapés não me souberam. Antes ir para depois regressar, a casa tosca, a febre imaginação que se desprende dos dias dévios.

Trabalho. Trago ao silêncio nocturno o uivo milenário da contradição. Instinto e razão despedem-se da mendicidade, vestido e limpo sou o homem. De agora. Sem tempo, que mentira!, para lembrar odiosas odisseias temporais. Diante de mim, não a ávida vida, mas corpos onde a juventude tudo ignora, nem quer saber. Escola é assim um oco, olhos níveos, bocas proferindo o engano ideológico que consola. Papel, transmitir a segurança sádica e séria do provisório saber a quem exige apenas pão, paz e indiferença. Uma via para o trabalho.

Destino a escOlha tudo vem, passa, desaparece. Ontem ainda, hoje já, amanhã talvez. Isto, viver ínsito no roldão, superfície e corte, parto. Porque nem a infelicidade possui um nome. Antes a vaga adiposidade feita real, espírito tido como titular rito da contingência. Carga implosiva, a época pouca, os caminhos carregados de fronteiras, a política da fome. Nascem vontades nua mente insatisfeitas, aquela rapariga, aquele baile, mediocridade

do país, dos pais, da tradição castradora.
Tarde de menos, remeto-me para o só silêncio.

5/11/80

FORÂNEO FASCÍNIO

Forâneo fascínio, perceber confusamente até que ponto, esta liberdade, escrever, se torna a mais cara das prisões. Breve em tudo, até no dia, pressinto o preço, o poder da ânsia, o vazio de outro desejo. Pontos de referência transformam-se hoje em pontes de transferência, a inquietação arde e arma, a vida arquitecta o mito.

Minto? Sentir ou pensar descentralizam-me, este que sou vou em cada hora cada ferida, ida sem regresso, o tempo típico. Marcho, murcho. Vejo pelos olhos o ritmo do ver, verdade, que consolo no profundo esboço do destino? Passar – é verbo, é substância, esta delimitada memória, minha raiz, da terra ao terror, dor do caminho.

Implantado de alegorias dizer que rimo, remo imagens fulgurantes do exílio, rumo através do espaço a ausência, geografia humana do medo e da motivada morte, elo. Morte, esse teu nome, sibilino, ingénuo apelo, genuíno respirar do animal teso. Simplesmente querer, ainda filho, já pai, percorrer a ilusão de um começo sem fim.

Cidade desgovernada, vizinhança, chamas em ti, entre um declínio da ambiguidade e o perfil da transparência. Que história para o prazer? Disse quanto obstáculo,

quanta fereza. Vivo? Trágico riso, a rude lembrança, a rotina nervosa, o ódio ameno. Mas escrever deixa-me, atrai-me, cansa-me: energia de escravo liberto o canto: ser.

7/11/80

ALVOS

Sons contemporâneos transparecem alvos para aquele que dorme em mim. Tarde do dia, quotidiano é um poema falhado, destino infeliz para quem claudica. Que fiz? Faço música ao tempo do desassossego, ego evo dum desejo que morre na revolta do sentido.

Ditos e sentidos todos os verbos resta-me silêncio, mas esta dor, dado essencial, diz quanto vivo, vagueio, alterosamente respiro. Falta-me um começo, um fim. Espaço da lógica onde possa insuflar de terra o ritmo. Cерco é uma definição: círculo um vazio: o meu.

Inocentado pela preguiça, o crime hodierno, olho e vejo. Mas sinto? Pessoas, países, pés. Pacífica meditação, partir daqui, para longe, não sabendo esse onde, essa onda capaz de lar. Quente como nunca, descubro frio no lugar outrora da paz. Quem mudou? Que achado?

Estou perdido. Desfeito pelas palavras, acorrentado pela música que persiste, minto uma presença que não significa. E no entanto assisto: sou um pai, um marido, deito-me velho em cama amiga. Falo e convivo, trabalho, mas não sei se sinto. Que sonho me desfigurou? Se ao menos pudesse escrever âmago. Cerne sem centro sirvo-me da arrogância – escrever

poesia – para fingir vida. Quanto à superfície,
todas as palavras inventam. Querer, este
sentimento esdrúxulo, este fogo desgoverno
máximo no mínimo de mim mesmo: ser homem.

12/11/80

NO TEMPO

Sem tentar recordar rejeito actual o olhar
onde ontem pus espanto, inocência e abismo.
Certa humidade ao nível da consciência, astro
febril, uma sombra mártir, mentira da nodosa
ira que perpassa. Sem querer dizer revejo agora
o espelho, essa outra vida. Modificado no tempo
tergiverso algas e ritmos, dói saber. Assim,
arguto até ao delírio, sou. Penso espaços pos-
síveis, corpos isentos, mulheres aprazíveis.
Ladeado de manhã, já tarde, trago ao silêncio
o vulcão, o vagido terrível da inutilidade.
Tudo passa, petrificados os sentimentos, tudo
coexiste, um futuro e um passado, este presente.
Sem exigir uma mais suave partida, expludo
ilha: arde em que domínio a sede de esperança?

Quando noite, ávido de não sei quê, notifico
o céu: estrelas, essas pontes para o infinito.
Sinto de onde vim. Mais que intuição, segredo,
apreendo o véu: estar aqui diz. Suspira outros
caminhos, na terra, do universo. Filho fugitivo
acalento um insuspeito desejo. Não revelar.
Antes permanecer perfil moderno da causa sem
efeito. Faülha humilde do sonho, máscara hoje.
De dia, alvoroço. Luz sobre as coisas, objectos
perto, distâncias horizontes: a casa, a rua.
Nada sugere o medo, a morte. Homens e mulheres
marcam com risos e tristezas a zona humana:
viver é aqui. Calcorrear social do roteiro,

trabalhos mesquinhos, cansaços sem construção.
Esta fulgurante dimensão: estar vivo sem ser.

13/11/80

ESTE DESEJO

Viver sabendo que a vida não possui palavras,
nem gestos, nem sussurros. Depois nasce quotidiano
este desejo: trazer ao papel o palco, as vozes
daqueles que suam, sofrem, cedem ao logro: viver.

Emoção é uma história mal vivida, mal contada.
Sentir aparece quando menos se espera. Pensar
traduz um esforço milenário: ver no osso o texto
capaz de lançar o homem ao clima do fogo.

Entre a casa e o acaso emerge a figura sibilina:
morrer cada dia o sonho, a possibilidade álgida.
Vozes explodem, interiores desabam, superfícies
reclamam: ardor, arte, armas. Para que vença o sonho.

Surge quantas vezes a peste, não o pasto ou a pista,
mas o terror feito guerra, desavença, disputa.
Garras do imemoriável sangram sobre corpos lívidos,
lavados em fezes felizes cantos lavram declínios.

E a música. Esta lágrima larga espelhos terrestres,
um filho que se perde, uma mãe que expira: morte.
E a música. Este sorriso leve, o corpo da mulher
memória possível da tensão que se resolve: vida.

Escreve-se um imaginário país, afoito recluso
do medo, da medida que cresce como um membro viril.
Esta paz tem pus, este desterro subtrai ao zelo
a só imagem do homem desflorido pela passagem.

Sei servir, sentir, seduzir. Soube sofrer, querer, viver, cada passo, cada respiração, cada membrana. E depois? Nada. Nado gratuito vivo inútil quanto peso, pesadelo exige de mim a força e a energia.

Porquê? Sobretudo sabendo que com palavras não trago nem refaço a vida, obsessão e despedida, mas apenas prefiguro o louco, laço de desmedida no cerne ilícito. Desejo: quando a carne teima outra a vida.

13/11/80

AQUELE

Tentativa ou tragédia, querer. Sol misterioso no apogeu: metáfora breve, o alcance da arte.

Quem comprehende? Situado no meio,
meço a distância que vai do verbo
ao sonho. Outrora querido salto, hoje, rotina
azeda, estes dias diáfanos e sem real tempo.

Dizer-me aquele é mais que mito:
instinto de quem se perde sem saber.
Aquele que escreve, vive, arqueja, sorri, deseja
aquela que traz e leva, a chama, paixão, queda.

Passar torna-se um verbo mortal:
árida experiência do destino.

Não viver. A carne que exige e treme e arfa.
A aventura sem catálogos no comércio moderno.

Fico teso no amorfo rodopio: sentir
vai tão longe que o perto se acha:
amor, esta necessidade de expansão, este corpo
furibundo imbuído de fogo, afago e carinhos.

Carece o horizonte de permissividade:
leis ludibriam no homem o nascimento.
Sim, passam os dias, os anos: fracassos passam
como imagens sem quadros, sem limites certos.

Fundo branco: aí terei que inscrever
a vez, a voz, a vista frugal da coisa.

Aqui desmereço o apreço, a paz, o prazer lácero
que corta o corpo de lés a lês: este poema.

Pasco de tanto sofrer. Espanto icástico,
um enxame de esperanças, herança futura.
Se um dia souber, repito. Vou cheio de tudo, nada
me impede de pensar que vou nulo de tréguas.

Não revelo porque não sei. Invento
menor a falha, a falta, a carência.
Levanto ao ar armas de alegria, sol, sal, sul:
renasço para presenciar esta ausênci: cio.

HOMEM HOJE, AGE COMO FOGO O LOGRO,
esse além do irremediável apelo.
Percebo. Achado na perda, dilúvio ou vulcão,
sou mais que terra, dilema do sentir-me vâo.

14/11/80

DE RAIVA

De raiva rejuvenesço, de ira estremeço:
dizer ensurdece, alaga-se o coração
aflito por desconhecer as regras,
o fito real: teimoso ouso
recomeçar: de raiva vivo.

Não posso, não desvendo, não sinto:
terra e sol giram, geram memória.

Mas não reconheço. Nem sequer pressinto.

Dilacerado pelo espaço, ruído do tempo,
trago ao vazio, esse papel fatídico,
a foz, a luz: música sem sentidos.

Poema é um porto, porta vil
onde refaço o crime literal.

Li o lado escondido – que mentira! –
da demência, aprendi a fingir lira.

Mas demoro a palavra como pai receoso.

Rasgo a rede, cada grito é um simulacro
da febre, da ferida que abre, expele
pus e degredo. Mentira. Essa faixa
de branco, um segredo móvel
como viver todos os dias.
Sem ousar ir longe, lar terrível
do odor vivido movimento, fuga.
Mas a escolha recai sobre a língua.

Era o real, como dimensão mais pura, o
intento. Deixar em cada casa oca
o braseiro, o esperma demiúrgico.
Viver o semelhante sangue
quente nas vísceras novas.
É o pontapé quem recebe a nova.
Prova de que nasço proibido elo.
Mas que consolo para o desejo terno?

14/11/80

PÁTRIA PRISÃO

Pobre pátria prisão, que país aquele sonho
do fraterno abraço, famílias no trabalho,
na conquista da terra, do próprio chão.
Cresci demais. Deitei membros maiores
que o berço, sofri uma angústia sem fronteiras,
colho dos dias as guerras internacionais: fugir
daqui é o anseio, a sede, o esforço quotidiano
contra o medíocre desprezo da medida lusa.
Sair do papel cadavérico, lançar-me ramos
e redes, o ar magnífico, a água plena de peixes.
Ficar desmorona-se, enclavinha-se garras,
deixa crescer a mística nulidade do corpo.
Vejo como transparência, como ausência,
a imagem do século nas sociedades coevas.
Quem sou? Homem neste funesto canto, carrego
isento ou punido o azedo vislumbre do drama.

Nunca uma accção que redima, mas o ridículo
da palavra que não vence nem acompanha.

Só. Incapaz contudo de elaborar o método
inteligente da saudável solidão. Quanto
ao crime, deixa-me rir, um destino jamais saberá
governar o quer que seja, menos ainda a cidade.

Do campo, apenas vejo. Horizontes de terra
e mar, marcas antiquíssimas do homem histórico,
algumas pedras que jazem sem música nem dança
como aflitos despojos de mais austera ânsia.

Terrível para a alma, essa descoberta, ficar
aqui, não poder partir viagens de medo e suor.
Partir. Nunca um verbo se fez tão carne, espírito
moderno e único, meu desejo possuído da vertigem.

Que os passos vendidos e os dados estão lançados:
 prisão, o berço do irreal transformando-se real
túmulo, este sono como cláusula obrigatória
do contrato com o nacional tempo. Sobreviver
 castrado e sem âmago, dorido como um abraço
 incapaz de braços ou de mais actual membro.
Imagens da desgraça descem, Morte a finalidade,
o talvez brilho de existências carcomidas
 pelo terror do tédio. Pátria petrificada,
 floresta ferida do suspenso, sopro fogo.

17/11/80

VINHO

Não é de admirar pois que o vinho venha, velho amigo, povoar dois dedos de ilusão: tasco nocturno e alguns recentes amigos participam do prazer antiquíssimo: beber a mágoa, ou não fossemos todos filhos do falhanço, da falta exposta maior no alto brilho do líquido. Comer cogumelos e pão, nova ceia onde o seio gera e seduz a larva, essa imagem rota do delírio quando cova. Cava ctónico um riso mitridático, choros selvagens irrompem no fantástico prazer que é sentir a vida morrer, como outrora de sinal contrário era viver a morte que atraía. Exílio, não quero lembrar, mar onde depus a essência como prémio vígil. Mais que solidão, a existência soube ver até onde podia partir o zelo e o desejo, na caça ao tesouro, fogo dorido: loucura. Nunca disse disso a sombra terrível que pairava adormecida e drástica e trágica. Dei algumas noções abreviadas da dor ferida pelos alçapões do desterro viral, sugeri apenas o prelúdio do suor vivido como terror, pasto da peste, essa maldade. Mas de hoje se trata. De agora neste aqui. Do desafio deserto da idade, do avanço mediocre dos espaços, dos vinhos que se apropriam da membrana: consciência, esse esgar de medo, morte sã em qualquer noite, num copo o universo e a vagina, quente solução: vida monstruosa. Não há necessariamente tempo para dizer quanto se sofre, se safá, se despreza elo a elo a origem e o fim: só do calor cada um se governa e escapa ao demónio único: estar é precisamente aqui, cerco e serra, revistos todos os instrumentos da idosa tortura. Tara. Um beijo fecundo, a família longe e tão perto, cosmos incompleto: essa a história do sentimento inefável, última mentira do sedutor século que traga cada vestígio do vinho.

19/11/80

VELOZ VIAGEM

Entregue ao lazer, que parir mata, debuxo um dizer
sincero como a consciênciā da precariedade.

Remorso reduz a silêncio o sol cio.

Renasço percalço da ruptura sensível
que esgarça os preconceitos diários.

Fujo ao malogro que é querer, invento cedo
a saída como dimensão certa da filosofia da idade.

Mas sentir em cada ver cansa. Cresce a vontade,
partir em cada respiração, asa de voo vazio,
rasando o medo da imaginação mágica.

Olhos tapados, sem história nem arte,
profiro versos terrestres que chamam longe,
lares do incêndio quando o incesto era puro acaso.

Viver assim traz ao degredo o segredo inviolado,
uma paz de peixes felizes na simbologia,
um fogo feito da sensual idade.

Nem casa nem esmola industrial,
simples apego, natural afago, louco ofego,
fertilizar de terra a imagem da mulher astral.

Levado à ausência como um prazer não compartilhado
esmero no raciocínio capaz de traduzir a ira,
o arado, a faúlha que queima quando tece.
Aquece a hora, fulgurante visão da demora
que arde sob os pés petulantes do sal.

Regresso à carne, noite já tarde, corpo mulher:
vou e venho, através do calor sinto a veloz viagem.

19/11/80

PALAVRA A POEMA

Pulsão de nada, travão de tudo, ser feliz
condiz sem matéria ao arrojo intelectual.

Frases, mutiladas sintaxes do eu desejo,
agonia ocidental de quem vem pedir perdão.
Fechado, por imperativos profissionais,
nesta parte da casa, o quarto e a música,
escrevo agora o inexistente como fogo,
fragor de emoções desperfilhadas, idas
e vindas sem sabor nem destino: último
aviso, a vaga sensação de perigo, perder
é qualquer coisa, um casto castigo, rima
do interior para a luz, natural presença.
Disse dor, digo ausência, estar medíocre
no homem que tenho sido, as épocas apertos
do coração, alquimia do ver, vir doente
quanto corpo consente, este frio fino:
feliz ignorância, a morte muda a vida,
dá-lhe catapultas de brilho, mesmo se é
medo a medalha oferta no frontão antigo.
Pulso a pulso prefiguro a tal gramática
nascida sem consciência, uma lei zelosa
dos seus crimes, uma grei odiosa onde jaz
pérfida a figura do presente: obsessão.
Regresso suado de combate, cada dia diz
dezenas de dramas, casas voam sobre terra,
treme a ossificação do optimismo, viver
de guerra é hoje como sempre um fito.
Simples adormecer, ficar acaso e azar
no selo, no pacto: mas que história redime?
Jovens mulheres povoam o deserto país:
ensinar é ironia, descrevendo o abismo
sobe-se intenso ao rodopio da alta mentira.
Marca o tempo uma feroz odisseia, filosofia
sem vida, ira de homem fecundando o amor.
Sim, palavra a poema perco e ganho-me: dor
de visionar sem ser a esperança venusta.

27/11/80

DO DESGOSTO

Quando dizer encontra nada nada há a fazer:

escrevo maduro a marca da idade, hoje
transpareci como um crime, desfiz fogos
ao som da transparência. Dizer diviniza,
transmite ao logro a essência do último mito.

Viver: cair pé ante pó, padrão da perda, paz
localizada no cimo da vertente vera.

Vara para todo o imaginário, estreito
da alegria que não reconhece a porta: país
perigoso, osso de quem sem dentes mastiga asco.

Claro que a luz, o inverno, o frio, a idade
movem, comovem, transportam signos febris
como a eclosão da arte .Saber distinguir
o ganho importa numa sociedade capital, mas
gerir a presença é trabalho de quem desobedece.

Do fazer como recuperação falo, distantes elos
aqueles vinculados ao som, aos sentidos,
ao apelo traçado com mãos de mártir.

Ver estiola o objecto amado, sujeito novo
quando novamente esvoaça a imaginação alada.

Teoria da tortura, esse amargo campo onde escrita
jaz a confusão, a desordem, o desgoverno:
regras queimadas ao dom da cólera, da peste
que regressa, grassa. Um telúrico canto, vasta
voz do desassossego, imenso sítio da devastação.

Porque a prática do homem esmorece, esquecidos
pelo cansaço a força da pedra e do aço,
assim como o clamor longevo dum povo ido.

Temos caducamente pais, sofremos os castigos,
civilização arma-se do desgosto em ter parido.

27/11/80

MEDO

Entre abalos sísmicos e psíquicos viajamos todas as modalidades do medo. O próprio abrigo aparece conturbado pelo acaso: terra é planeta, corre os riscos cósmicos, as fugas internas, intrínsecas bolsas de magma fereza. Viver assim introduz um cariz novo: homem entre o social como ordem e repressão e o individual egoísmo, vê e sente, no espanto e no terror, quanto animal percorre as falhas e os abismos da história.

Daí a impossível tragédia trajando recursos insuspeitos: um mapa, uma carta, um sentimento tal de insegurança. Ali o espasmo terrestre, aqui a notícia, amarga metamorfose do sentido perdido pelo esgar fedorento que revive memória. E depois, passado o susto, as imagens pessoais do degelo, pessoas desfeitas em água, mortes suspensas no sem tempo para uma razão maior.

Mais talvez do que viajar deveríamos sentir um afluxo de sangue, um corpo quente e brando, essa doida clivagem, vagem e vaga no vagido ainda sem nome: medo! Medra moderno, modelo teso da arte vida, modifica a chama, o apelo, traz como quem faz um silvo, um enigma: cada passo passa isento, o húmus petrificado, a escrita derivativa do estranho zelo que sacode o sopro.

Mas sentir é pouco. Parte do segredo esvazia-se de remorso, as águas lavam e levam as mães, o crime acode, essa imagem mais real que viva. Porque o mimetismo não é mais um ismo, abre perspectivas, angústias, calores estarrecidos.

Não que saiba. Nem se diz pela voz a vez única do seio, do selo, do surto. Intuição ganha-se em cada minuto destroçado pelo quotidiano, cada choque, cada ralho, cada ressaibo trivial.

Dizem e suspiram: destino. Desrazão onde alicerce se faz pedra, porta, poiso. Olhar de louco, o medo companheiro do inexistente que nasce em cantos

poéticos, fímbrias espessas da célula génio.
Basta fechar a consciência. Abrindo a festa
fica a escama do horror, esse suor libertador.

1/12/80

DO SONHO COMO FUGA

Aquela mulher, menos que tanto, aquele corpo,
cuspo e leite, mãos abertas sobre a pele,
calor de carne, secretos desvios, recantos.

Senti-lo ao vivo, não como imagem ideal
ou sofrido desejo, mas como estado de coma
onde os sentidos subvertem a consciência.

Aqueles corpos, jovens figuras ondulantes,
clivagens no real, crimes que pedem esmolas,
um pénis capaz de fala na escura vagina.

Este espírito fora do corpo quotidiano, meu
destroço sem naufrágios, minha peste nefasta,
fastos onde quem goza troça do sofrimento.

Este corpo, dorido mecanismo do inessencial,
catapulta do sonho como fuga, face louca
perante a fealdade do social castrador.

Este nada, riqueza mítica, espaço único,
história sem eventos, factos desmentidos
pela memória, este nascimento sem apelo.

Aquelas mulheres, ritmos de pernas e braços,
um suspiro de cansaço, se eu pudesse, velho,
subir as pregas do prazer mais descarnado.

Senti-las no estertor da fictícia morte,
vozes desencontradas na só reunião possível,
um orgasmo dividido em etapas de eterno.

Aquele corpo, mais que tanto, aquela mulher,
mucos e esperma, esta tensão entre o ódio
e o amor, última esperança, para quem souber.

2/12/80

MEDIOCRIDADE

Elaborado pelo tempo, traio a calma, o canto
pensado luz: viver como o faço fere fundo e forte
a fraca disponibilidade do sentimento órfão.

Meço sem outros instrumentos que o desejo
a mádida morte: real é mudo: leio a febre,
a música daqueles que cruzam o sólito crime.

Penso sem armas o que refilco: trauma a drama
infiljo ao desamor a dor brotada no clímax.

Passar não é medida. Levantar e deitar, tantas
tarefas como comer, dormir ou cagar levam mais
que dão. Puxam e cedem a sede, o cerco, a sórdida
segurança: terra sob os pés, pás do enterro ledo.

Sinto, ou deixo sentir, quanto em mim é euforia,
riso de plexus embaindo o claro choro: a cora.

Tarde no cedo que se vive vou e venho novo:
imagem a ausência descubro o único equilíbrio.

Fingir uma força, um delírio, um corpo isento
como escrever um poema público: outro sentido.

Desbarato o quente clamor das entranhas, estrada
entro sem dó no domínio da ficção: este exílio.

Porque as palavras revoltam-se, desfiguram
o poder, a pausa da perda, a arquitectura.

Trata-se de sobreviver, de devolver aos sinais
os signos da diferença, do medo, da dúvida.

Invejo a presença, a pura truculência da carne,
homem sem inventário tento inventar a ousadia.

Para que possa chegar, são e múltiplo, ao lar
onde seja, sério, o momento do encontro livre.

Daí, para que saibas, o mito. A transparência
como ânsia, castigo, carga semântica: só dor.

Dado o clima, este frágil frio, é preferível dizer
emoções futuras, fábricas do prazer, enleios fartos.

Que esquecer corta, curte, carta aberta
ao período vigente do sonho catastrófico.

Sim, fico entre espaços, laivos de traços onde
se esboça a mediocridade: viver assim como morrer.

3/12/80

FIGURAS

Abandono ao sono a sáfara existência,
esqueço quanta família ainda percorre
os corredores da rotina, ser pai e mãe dói dizer,
fazer para quê quando só desgaste coroa o feito?

Implícito numa estranha força
despovoo a excruciente música.

Marco o berro, borro o barro, nascer hoje
nada me diz, nada me concita ao vagido.

Alargo-me de insubstância, finjo que fujo, forjo
feixes de luz: qual a loucura quando se obedece?

Barco ou voo deixo terra, fera
para o terror que açambarca!

Mesmo que pense passo de perigo em hora,
fora da ideia, da emoção, do sentimento.

Mundo como está não merece um olhar de pureza,
antes exige uma couraça da perdida esperança.

Ouço vagamente a mentira:
prometem riqueza ao pobre.

Partes de mim revoltam-se em apelos
do exequível: destruir é a empresa.

Porque por mais nódoa que seja, a carne pede
encanto e exteriorização: o brilho dos olhos.

Lidas todas as formas sãs
resta sentir o inefável.

Assim venho, sem sair do canto poético,
até ao verdadeiro gume da realidade.

Mas o desprezo destrói, a ilusão corrói, o cansaço

mortifica: mede-se pela ignorância toda felicidade.

Não é uma crítica: quisera
poder viver a vacuidade!

Impossível contudo com todos firmar
o acordo: cada respiração diverge o nó.

Uns levantam o lucro, outros sonham o quotidiano,
alguns gozam a queda como o mais intenso carinho.

Não há que fazer: isto, aquilo,
valem-se figuras do mesmo ser.

4/12/80

AQUELE AMIGO

Notícias de longe dizem-me que aquele amigo
nunca encontrado morreu cravado de balas.

Não há poesia que resista! Nem a música agora
ouvida como memória traduz um aceno possível.
Qual a confusão, a paranóia que pode disparar
os mais íntimos desvelos sobre quem modificou
a música? Pobre como uma ausência não entendo
a solene mentalidade do crime. Sair da barra,
possuir um tesouro, é mais que motivo para
se morrer na terra da frustração e do delírio.

Essa terra que me atrai, exige de mim sonho,
longe declive do descalabro emocional: vida!
Tentativa amorfa da força que se desprende,
idade mortal para quem pensa resistir lobo:
ir e vir, fugir da esclerose ocidental, laço
entre um ente desaparecido, o homem inchado,
e uma concha sem dilúvio nem esgares rotos:
paraíso, para isso preciso de colher cactos
pelas almas enferrujadas, pelos medos ágeis
que povoam o poder ou a corrupção nidorosa.

Foi um choque, um soco, a morte, lábios azedos
da desgraça que cliva a sorte do destino:

sempre disse, pensei, senti: o duplo sentido:
des como negativa da razão. Assim vai, vem,
aquele que sobe leva, aquele que desce traz,
não é brincadeira, nem jogo, antes sentimento
prévio de demora e do estremeço estertorado.
Não foi por acaso. Quem desobedece ao país,
quem tece com palavras a música emancipada,
recebe o único prestígio: morte como violência.

10/12/80

TALVEZ

Parece-me impossível saber quanto perco
quando escrevo certas palavras, tauxias
nervosas na superfície do medo, do corpo ágil
onde evoluo misto de força e de desânimo. As
paredes esboroam-se, um coração, um cancro, mitologias
agrestes do sublime desacordo entre mim e o resto.

Ouço o ritmo do tempo, refaço as metamorfoses,
de gelo perigos e parcias memórias do ocidente.

Procuro a verdade da forma, o feixe feliz
capaz de produzir uma alegria, um orgasmo.

Talvez a hélice, talvez um vaso, imagens
desprotegidas do nascimento e da morte.

Como agora que transparece um trabalho fácil
no catalogar casuístico dos passos perdidos.

Mas a febre devora, denuncia, desmente a hora débil:
como esquecer o inexistente ou a sombra apocalíptica?

Dói o corpo: casualidade ou íntima intenção,
traz à consciência os horrores da época vil.

Porque se sufoca, água ou fogo, antes ar
de quem não sabe por que caminho existe.

Desliza grão a gota o passado revoluto:
intenso luto, a clareira, o membro, o elo.

Esforço para não desmaiar. Logo o presente põe

de lado o lodo: isto: viver mobiliza, marca, muda formas, faces do suor, do ardor em viver cada minuto a máxima materialização do desejo que cresce filho.

Daí a falha, o escasso domínio do corpo vexado, a luta quotidiana para não sucumbir ao terror.

Que de futuro se faz a festa interior,
um olhar mais longo que o horizonte azul.

10/12/80

SEGUNDA PARTE

CANÇÕES

Vez uma a mais, esta música máxima prefiguração do tempo, abrindo brechas na memória, marcando felizes filigranas do desejo, ardendo papéis inolvidáveis. Quebro-me e armo-me, a tarde fora, luz irreal pairando dolorosa no quarto, quanto para esquecer, quanto para sofrer! E no entanto deixo-me varrer pelo som, pela força, pelo orgasmo: estou terrivelmente aqui, entre indefiníveis idades do quotidiano medo, mudo e sem espanto, arguto até ao silêncio da única possível respiração. Não penso, não arfo. Ouço quanto fui na fereza do século, ferido animal da escravidão ocidental, homem para os zelos da política e do degelo económico. E ouvindo, elevo-me arco e seta, longe do impossível alvo, viver basta, viver assim. Assim ba-loiço entre um começo e um fim, mulheres, corpos, vulvas: cada hora, todo o real, esta palavra. Pacífica membrana, a música medeia, modifica o espaço do desassossego, traz bálsamos alegres como se saber que existe a morte. Não como contradição. O pensamento falha, o sentimento claudica: estar é finalmente sinónimo de ser! Tudo neste nada que esbarra, energia solar, sorte e salto. Por isso deixo vibrar no escuro do prazer o coração cansado, colho espúrias medalhas do exílio, viver transforma o discurso, a imprópria poesia: respira-se um sonho, a senha capaz de abrir ao real o caminho: harmonia. Subo e desço, vejo figuras, arabescos luminosos, um fogo, este súbito calor, esta suportável existência: parto. Peço ao minuto quanta eternidade, à saída toda a tensão. São pois estes os arrepios da língua, os tropeços da desnecessária estética, os sobressaltos da improvável poética: partir e chegar ultrapassam as gramáticas contemporâneas, mais, desprezam a teoria mortuária do já visto, do nunca sentido. Que de sentido se trata, esta melíflua música, esta desejável raiva, o repentino esboçar de um amor onde a palavra está a mais. Uma vez, uma experiência: tempo e espaço desaparecem, só subsiste o movimento, a hélice, o vaivém. Do quanto queria dizer nada fica, mas abstrusos sons significam o trágico respirar da canção, das canções que ainda ouço, na história dos homens inqualificáveis.

14/1/81

DO OLHAR

Desprotegido pelas mais ténues sensações, incapaz, moralmente sentindo, de emoções tanto quantas as humanas, acho-me essa figura de retórica: repetição. Parto contudo do princípio. Certas manifestações do pensamento, altas ambiguidades, respirar transforma-se pouco a muito num deslize sem barreiras onde o barro simbólico redescobre-se carne. Todo um processo em termos de retira-da. E no entanto, sob a capa emasculadora da pacacidade, a violência. A imaterialidade selvagem da raiva, esta indestrutível lucidez raiando quantas ausências de vez a loucura. Da qual retiro, ficou dito e assassino, a cura. Que as coisas persistem, todos estes objectos redentores onde jaz a traição superficial da linguagem. Aprendi. Sem possivelmente descobrir. A erótica maneira de viver o redor e o cerco, poussando benigno e mágico a força do olhar, sem atender a lógicas ou a gramáticas. Que não descuro. Antes reinvento o nó, o profundo sulco do sexo, o magma magno, essa indesculpável nebulosa de mulher mar e mãe. Preciso de rever. Não a história falsamente hipócrita dos passos, dos passeios aracnídeos, mas a ad-versa mentalidade do ego. Para isso desço e subo, ânsia, arte, des-prezo. Como um animal filho falho o fogo, fujo da fome, dou ao pai o perigo da imagem, a figura possessa do delírio. Sei quanto o quotidiano mente. Desminto a cultura, traço textos do inverosímil para melhor poder resistir ao laço do logro. A verdade. A vergonha. A vertigem. Sempre uma questão de ver. Já sentir é mais difícil, não sem ter em conta o aleatório que subsiste em cada espasmo. Espanto é fácil. Basta fingir novidade em cada peido, em todos os orgasmos. Assim, que é como quem não diz, nada. Tudo, por con-seguinte, por nascer. Não só o som, mas a harmonia, o ritmo das águas, a rima dos ares, o rumo da terra, o ramo ardente. Como se, sem acaso, a casa que se procura germinasse em longínquas paragens da memória, antes do feto, do feito, do facto. Realidade essa intangível pelo tanto sofrido como destino, angústia dos tempos, dos sucessivos e orgânicos povos. Aí o deslumbramento. A ficção. Que salva, salta a mediocridade do hoje sempre em renovação para, sem transcender, reduzir a sonho a sanha. Eis a presença. O ponto indissolúvel do desejo, o cerne pragmático onde se vive, rodopia, morre. Mais do que isso, só isto, este poema, esta marca fora dos limites, das sociedades sibilinas, das inteligências catalogadas. A fragilidade. A energia. A contingência. Menos do que isso, tudo, todos, os dias completos, as noites abissais, e eu: que olho.

RESISTÊNCIAS

É a pura alegria, o máximo desvelo que me fazem vir até aqui, escrever a odiosa transformação dos dias, a passagem tumultuosa das superfícies que resvalam pelo limite da consciência. Imagino-me um voo, um ovo, um homem sem sinal nem mistério, uma casa desprovida de música. Mas custa percorrer tensão a tesão o caminho do autêntico despojo. Despejo-me assim sobre páginas do real, jovem inutilidade, forjo mesmo a máscara necessária para evitar as respostas do tempo contemporâneo. Não aprecio a política. Detesto a promoção. Antes recrio no grito a possibilidade fugidia de permanecer sem casa. Que dói a todo o cuspo vencer. Passar vento da morte sobre as beijos belicosos dos cadáveres desfeitos. Tantos. Esperanças maltratadas pelo espaço da ignomínia, da tortura que se desconhece, afivela o rosto inocente da peste, do lugar comum mesquinho. Viver exige a conivência dos sentidos, a paz do social desaire, a cobardia sem ideia ou esquema de animal. Traz-se uma fome, uma forma inventa-se, quer-se possuir o sopro: mas a história está, vem de longe, tropeça reacção, desmente a amizade. Só a luta, e nem sempre, conseguirá fazer nascer. Entre suores desvairados, ameaças de suicídio, isolamentos sitibundos. Uma flor no meio. Um ardor capaz. Um sabor diferente. Vale a pena? Parte do homem dilui-se no malogro, resistências eventualmente afortunadas passarão ao crivo da loucura, a provocadora, para ressurgirem súbitas no papel cosmogónico do génio. Que faz medo. Daí a acção meticolosa das polícias ocidentais, quebrar o ímpeto, a força galvanizadora, a suspeita de algo outro: novo. Teme-se sair e entrar, mede-se a civilização pelo estar, paralizado olhar de quem não comprehende vida nos mínimos resquícios da prática existencial. Nem sequer é. Mas poderia ser um sonho, uma fuga de contingência no absoluto desejo de mudança. Dança, quantas vezes o sugeriu, parto do começo, não discuto o osso nem as cinzas, trata-se de sobreviver. De exigir ao mundo a medida da palavra inexistente – não é amor, nem talvez paixão: mas existe como anseio, arrepio da carne, florescência do espírito: um subterrâneo desmoronar da antropológica inocência que massacra desde sempre a harmonia do mais quente no corpo: sexo.

23/1/81

TODOS OS DIAS

Há espelhos que não reflectem nem se movem: destruídos os símbolos resta a fome, o espaço ilimitado da esperança: Que fazer? Apercebemo-nos então do subtil cerco, da vida que nos legaram, dos passos perdidos e achados entre um trabalho e o crime do so-nho. Ler traduz a social desconexão entre o ainda pobre – a maioria –, e o sempre rico: aprender traz ao destino um mal-estar irre-dutível. Mas o estado vela, a polícia actua, a família inculca: temo-res, terrores, espasmos queridos absolutos. O poder. O perder. A canga milenária transmitida sem poética música através das gerações apodrecidas. Até hoje, até aqui. Homens ditos e estudados históricos nascem escravos do passado pai, da duvidosa mãe, le-vantam-se sem tumulto dos berços imarcescíveis para respirarem na fábrica o trabalho distanciador. Quem são? Sobras do huma-nismo desfigurante, percalços de estéticas miseráveis, anomalias da razão arvorada em deus. Rotinas órfãs da verdadeira amizade, o transporte para o emprego, os odiosos horários: levas do sangue mesto, a peste instala-se figura desmistificada no seio, na seiva, no esperma. Do amor não se fala. Quer-se a mulher – ou vice-versa – segundo o fantasma, o corpo doente onde sem acidentes o ocidente se inflama. Nem sequer uma visão. Mas o escape, a força do degelo sem mimo nem argumento, o desejo visceral da perda como retorno ao feliz nada: feto ou fito. Cabeças pensantes arquitectam a aurora: qual a bomba, o deslize, a política? Anseia-se pela catástrofe: ou-trora o sangue derramado, hoje a cinza radioactiva. Progresso, surzem os zoilos. Paciência, murmuram os timoratos optimistas. Dizer eu significa, significa? Absurdo apelo, áspero tocar da pele, que corpos capazes de sentido, que formas tenazes diante do flagelo? Ninguém sabe. Todos pretendem ignorar o medo, o meio da salubridade pública, a marca dos filhos que apontam pais como falhas da anódina organização anímica. Escreve-se. Discute-se em redondos conflitos o interesse de cada um. Apaziguam-se os ânimos nas interglaciais manifestações de civismo. Mas o exército invade o vizinho, raras as razões, rasas de risos. O soluço: que faço eu aqui?!!! Nem sequer uma mãe quente, uma mão conciliadora. O abismo isento de esquema retórico, filmes do hipotético futuro no furo, na bala que atravessa o já cadáver. Resta invertebrado o choro, a desmedida da água que escreve a maldição, a mácula, o sofrimento. Então, sem suportar o peso melífluo do pesadelo, arco-me até ao estremeço e gatinho horas de fictícia paz. Loucura? Esta a música, a dança mártir, a morte. Todos os dias.

A SEXTA MODALIDADE

Estranho para mim falar ainda, estranho e vulnífico sentimento, vivver aparentemente dentro a força do fora, a vaga maré das peri-gosas palavras que emergem, nascem, irrompem faúlhas e faíscas do mesmo insólito insubstituível fenómeno. Se não perco os sen-tidos nem desfaleço ouço no corpo a subida ctónica do sangue, as vozes deploráveis do mecanismo biológico, impávido assisto ao assalto do medo. Que abre portas, partes do enigma, luzes rever-beradas ao som de ritmos esquecidos, como o grito selvagem, a arranhadela primordial. Então, grávido de inoperância, endividado perante o destino, enceno sobre aparências de palco a tragédia do individual no clamor do ocidente, cama e mortalha. Figura pes-tífera, notícia do jornal, fala de político, acontecimento guerreiro, preocupação familiar, assumo verbo a vagido e a estertor quanto me cabe sem preferência ou inclinação. Um desastre, um tumor, um tremor. Falho de angústia evoluo, prospero, pressagio: invento suado de dor o único silêncio. A saída. A certeza da dúvida. O caos desarticulado da impossível, inodora linguagem: ser. Ser homem novo, não como comparação ou como infinito desejo, mas como advertência de um sentir que se rebela, se revela mais nítido que todas as cláusulas da demência. Um fardo, um fogo, um fio. Aquele que une capazmente a essência ao continente conspícuo da contingência avassaladora. Aquela que divulga em horas o plausível do sofrimento não tem nome: sei-a feminina como uma mão quente, não deve nada à razão, não desmerece a música que sempre paira, fluxível e resistente: chamam-lhe poesia, mas eu sei que é mentira. Porque vivo no que sinto um mais sem memória nem tradição, uma humana energia sem busca nem descoberta. Dizê-lo estupidamente consola. Proferi-lo é preferi-lo. Ao desvairo contemporâneo da ordem assassina que tece argumentos como moedas desfiguradoras. Não é por total ocaso que escrevo e me faço subitamente terra. Erra de mente em ilusão o ganho, a perspectiva moderna do desgosto. Todos querem, sem saber como ou porquê. Porque nos afastamos bola de nojo do veio primevo, do corpo. Capas de mármore aspiramos ao requinte do conforto assexuado. Nem pensar nem vibrar. Olhar sem ver. A desolação que grassa, deserta metamorfose da au-sênciea. A sombra enevoada de cogumelos nucleares: progresso. Quanto a mim, estranho passo, sinuoso espaço, regresso paulatinamente ao seio. Filho de novo, do novo. Aprendendo a língua humana. O grito milenário do sexo: a sexta modalidade do salvo estremecimento.

A MORTE

Morte ou prestável aviso: corpo desce ao coração, a síncope, o suor. Nunca o medo transformou tanto a perspectiva. Animal acossado detenho nulo o poder de respirar e temer cada minuto seguinte. Dessinto a terra, não voo, olho aflito o redor, o braço da mulher que aperta até ao limite. Quantos mais segundos vendo, a rua, aqueles que passam atónitos e indiferentes, é isto morrer? Desaparecem todas as ilusões, todos os sentimentos, todas as teorias, todas as preocupações: é isto morrer? O peito opresso, a imponderabilidade física, o suor frio fio de faca. Ficou o corte, passados alguns dias escrevo. Agora. Passo horas pela primeira vez olhando. Quero tudo ver, presenciar quanto pertenço ao mundo das coisas, à natureza – essa árvore da vizinhança maltratada –, à terra. Engano. A busca não se traduz por um hipotético gozo, só amargura, pena, mágoa. Nem falar com a filha, a apoteose da família humana, da segurança. Sou único. Vou solitário pelos caminhos do desastre, independente das raízes apetecidas e mordazes. Acabarei sozinho. Preso numa armadilha de mim mesmo corpo e consciência, às vezes penso, suspeito, declino o suicídio. Não é possível! Amo, repe-tidamente expresso em livros que ficarão, amo a vida, a confusão de tudo no doloroso devir do nada. Mas fora da ficção, qual a lei? Em que passo maltrato o prazer de viver? Sei que a sociedade plu-ral não dá ânimo nem coragem. Que importa? – suplico. Disse tan-tas vezes a vez última, nunca será a mesma, a verdadeira. Essa paixão, pacífica dosagem do destino, na tangência dos eixos estelares. Acredito. Mas a vontade é magra. Nem quero saber de quê ou porquê! A escrita avulta, nunca o disseram, digo-o eu. Porque desesperadamente salva. Salta os obstáculos reais, infringe aos códigos da norma, – a Morte –, o riso tempestuoso de quem sofre e batalha. Mas não interessa. Hoje, como sabido historiador, vim dizer os percalços da carne, os anos da desesperança. É necessário guardar um diário das convulsões interiores, dos cataclismos anímicos, dos sobressaltos inefáveis. Não já como memória, mas como manifestação de tão estranho dever. De ver que a vida passa, corrói os laços apodícticos, transforma o sopro em arritmia de nervos. Dessa passagem, quero dizer, da descida que vem do espírito à terra, falo. Uns chamam-lhe morte, outros, apenas sossego. Sobra, inesperado e frio, o corpo: Eu.

Reapareço. Não como necessidade ontológica, o preço vulto im-ponderável do desconhecido ou da ignorância. Mas como mácula, inocente medo, depois do ingente declive onde me vejo ainda imer-so e desmerecido. Ressurjo para não dizer. Caos ou zelo, escreve-se degelo no lugar da memória recente. Vivo estou. Confirmá-lo elo, halo ridente no já sem simulacro, mas terrível realidade. A morte espreita: acidente sem percurso, sentir descobre súbito o centro, a sarça bruxuleante: ser. Servo do impoder, não sei mais implorar ou querer, perdi os anos na fuga e no esgotamento, apenas vejo. Aquela que passa, asa incómoda e incógnita, aquele que chega, deflui tal um rio, um riso de intemperança. Descubro então o choque e o brilho dos truísmos, a falácia das ideias historicamente verdadeiras, a febre da rotina como aspermo desejo de emancipação. Palavras, nomes, sons. Não coincido com o tempo, da vida, da morte. Antes derivo, divago, divirjo do istmo que me separa da corrente: real: essa janela, manhã, algum sol (poder dizê-lo!, poder senti-lo!, poder pensá-lo!), um arbusto fingindo a possibilidade anódina da árvore: vejo: ainda sou eu. O corpo esfrangalha-se, o sangue esmorece, o coração palpita-me arrítmico. Doente não é adjetivo, mas a própria substância: temor. Enquanto fixo no fora não observo. Penso sensual e tremebundo no limite, no arco humano, na falta. Do ar. Doar estes minutos, agora e ali, de esperança, de desmedida frivolidade, de opiente desamparo. Custa saber. Dói fustigar a neurose com arremessos de falsa vitalidade. Agora cada pedra cresce, cada objecto significa, cada rua rumina razões de permanência e de prazer. Estou desgraçado. Profundo olhar eclipsou a distância, espaço e tempo deturpam a consciência do logro, amo. Lágrimas de mim sulcam em mim. Nenhuma floresta arde mas eu sinto um estranho, terrestre calor. Aquele arbusto, minha seiva. Compreendo finalmente a ligação amorosa. Entre pénis e coração. Entre mim e o universo há nada. Aí o mal, daí o bem. Nunca por tão pouco soube o muito que me cabe. Bastou temer o fim. O redor, o corpo da mulher seguro, nenhum pensamento, só o horror, a roda, a imponderável virtuosidade dos mecanismos da agonia. Saí defeso, sensível, difuso. Consultei a ciência, ouvi a técnica, defendi o corpo. Tão difícil respirar: sombra ou estratagema, o mundo apetece. A casa se existiu não me lembra, o exílio aquece de simples alegria, sei que vou. Cada percalço um laço, cada hora um esboço. Morrer desmistifica as figurações encenadas do eu. Dá ao revérbero o único verbo capaz de similitude e de silêncio. Quem sabe quando! E como, qual trajectória do novo, que gesto feliz ou que trauma: ******, pela primeira vez.

DEVOLVER AO REAL

Pelo silêncio, a casa, a vizinhança, arfa, arrefece, arde a folha máxima do presente ambíguo. Vir escrever. Descobrir pesaroso o meio, a molécula estranha de uma existência. A frase perde-se, suspende-se o ritmo, onde o que procuro? Ou pior, onda sem procura, a ferida feliz, estar, sem outrora nem memória, mas medida da súbita, inopinada opinião da magra morte. Esquecer descobre. Desvinculo-me do estremecimento, passam os dias, dois pássaros e um símbolo, êmbolo sem possibilidade agora de absoluto. Espraio a dor. Não o testículo vingativo ou zeloso de má-fé, nem o pénis perdido na lucubração viperina: inexiste e falo, apetece, sobe, aparece como resultado ou necessidade. Dentro é casa. Sentado num sofá encardido, depois do repasto e das chamas, penso, leve como a amargura. Escrever só a vida. Viver mais que a escrita. Despossuir o magma, a canga: traduzir em língua o real actual: quantos lares, quantos climas? Ruflam hipotéticos tambores: que recente mitologia? Jornais transmitem ais, desastres políticos, parcós limites da humanidade como razão ou mesmo moral. Abrem ilusões sem perspectivas. Anunciam e denunciam. Escondem a carga ideológica. Outros são os homens, as mulheres, as crianças. Perda de passos, ganho laços insuspeitos entre o vagido e o estertor. Ouço, vejo, assisto: assalto em vão o domínio do sentido. Não sei. Não consigo prever, nem sequer devolver ao real a sua história. Invento fluxos, conjuro ideias, repudio ideais, traço caminhos. Assumo o silêncio como o horror, não a hipocrisia de uma poesia mais insinuada do que possível. Não desejo o convexo conluio capaz de sociedade, de saciedade. Permaneço. Perduro. Perturbo a ordem, o clímax, a membrana: estar deixa de ser sinónimo, age só comparável ao esgar daqueles que não sabem que vão renascer. Porque: disso não se trata, antes, como depois, o caos, febre de linguagens levedando ao sol, tu aí, entrosado leitor, eu sem aqui, apenas suor. Inconsequente com o tempo, intransigente no espaço, partindo do sem fim para não aportar ao começo, nem tropeço, mas adversário da cominatória adversativa. Daí que a página, a paz, a parte sejam amostras do declive, da indiferença anímica. Revelei? Desvelei? Palavras, peças do jogo teratológico, piscadelas ao eterno silvo: dizer quando, quem? Sopra o desejo, um clamor de entrinhas ao clangor da selvagem civilização, mereço, desmereço? Movo-me, mudo e sereno, como animal sem futuro: a arca torna-se arco, a flecha vira destino. Em livros velhos vivífico. Fico mais vivo: válvula de escape escapo ao mericismo.

VIVER

Implícito entre paredes enceto e enceno a luz. Recorto o que recordo: trilogias do desgaste, malévolas palavras, discursos prodigiosos. Trago para a frase o fenómeno contemporâneo, deslindo um sorriso céptico entre as miudezas do já velho declínio: Arte. Onde a vida fere, fissura o arremesso em lanços de acaso, de azar, de disponibilidade. Dizem-me destino, calçam-me os pés, tolhem-me o estremecimento. Todas as razões sugerem um desmaio da civilização, um auge surdo, um crime nefasto para a auréola do medo. Entro eu entre épocas, fotos, testemunhos, cansaço: paro onde? Alastra o veneno, viver só isto: respiro. Leio largas tiradas do sucesso, vejo a rotina cavalgando o orgasmo mirífico, dessinto. A casa acusa. O lar alude. Incluso na realidade quotidiana pontuo farsa a força, o frémito do dilúvio: viver! Que emoção capaz, que pensamento construtivo, que ideia futura? Fabrico o novelo, a farinha sem dó nem mó: escrever alivia. Ali vi a voragem do tempo, assisti ao massacre do espaço, nulo acervo de ossos e carne. Pensei sucumbir. Descobrir a oferta, que ironia! Relembro. Não o passado, mas o que nunca fiz, fui, fugi. Choro minúsculo uma história devastada pela moeda de troco, a tragédia sem moderno da morte em pé, pacífica região do possível. Viver. Vergar o corpo diante da náusea, esses tascos nocturnos onde o vinho vulgariza a condição desumana. Essa mulher plural. Cada gesto um espasmo diabólico, fescenino duvidar da transcendência. Absoluto. Luto. Abstruso intruso, percorrendo mão a mártir a fulvida corrupção de hoje: geme a marca, age a tortura, jaz o cadáver: instantâneos do ócio ao ódio. Um gume, mas também o gomo, o fruto que reinventa a árvore e assim para trás. Traz o quê, quando obriga? Leva o quê, quando vocifera? Viver a contraponto. Merecer a mádida mercê, espiar pelo olho o olhar azedo que explicita queda, desolação, degredo. De bom grado desmereço. Destempero o ímpeto que sacode, o corpo, a alma, o espírito? Velharias do apocalipse aqui, agora. Eflúvios mordazes, que novo homem, que recente mulher, que viável criança? Mudo. Marcho anacampto sobre terras prometidas, desmedidas ilusões, sóis tubulares, raízes utópicas, anárquicas mediações: só fica o quotidiano, o lugar, a lei. Viver: acordo. Levanto ao azul nublado do céu um espanto. Ar, exclamo. Dramático apelo. Ninguém está para saber, para poder, para querer. Passam os dias, as pessoas, as esmolas: ocidente! Dor de sentir o inominável: pressentimento: presença em ti minto. Sofro dizer, insinuar, ouvir: vozes! Vagas! Remoinhos de sangue desconhecendo a veia, o veio lacunar onde nada se cumpre para que tudo seja: seja viver, ora morrer.

TERCEIRA PARTE

HISTÓRIA

Quando a vida varre toda a vulnerável paixão, isenta o homem da procura e da viagem, restam os momentos outros monumentos do tempo trama. Leituras do antigo, aparições, idades, comércio duvidoso entre a morte e o cio, o livro larga inocências, o cri-me, a fuligem da calamidade: é tempo para suspeitar, supliciar o nó do poder: Putre/facto. Feliz daquele que organiza o caos, escreve a hora sem demora nem pensar passado, pressente entre páginas domésticas os dramas que emergem faúlhas do ritual: esse que nasce no âmago da história, aprende a ler na escola, vai ao teatro, cultiva o esmero, prodigaliza a esmola caída aos pés pestíferos da ordem mal. Será possível desmerecer o impossível? Grito. Garatujo um apelo: alguém chora, criança ontem neste hoje do outro. Passam os anos, ouvir ser não qualifica a profissão de quem não presta: age como nervo o turvo estremeço, a saída sol prossegue o mito, a meta não delimita, espraia seus véus como ausências de carícias futuras. Mas o presente pede: insinua um olhar, um ouro incapaz de rapina ou de guerra, um outro aval. Onde estou, homem, desfigura a imagem do outro, chama a si o sibilino silêncio como pacífica manifestação: mão, festa e ação: resíduos, roda viva no declive que leva à subida a sagrada do nenhum espanto comum: aí o fogo, a frágil e clemente ideia da idade: nascer não basta, nem desvirtuar a morte com colisões de absoluto: trata-se de viver, sempre, sobreviver agora ao desgaste, ao nojo, nódoa maior da periferia: fé. Escritas vadias, vagueiam vazias, novos istmos erectos no sem culpa, pois se história há ali, no convexo do milagre, arde aqui a irrigação: as amorfas metamorfoses do medo, medidas ínsitas no clarão clamor afónico: faz a casa, país dói, trabalho engana: engana o movimento da aranha: que símbolo para o logro, o malogro concluído, esvaziadas as forças do bem. Em suma, eis. Mural: sem história.

DESMERECE E SALVA

Trabalha o tempo: da passagem solúvel ante memória desliza a forma, côncava destreza alcançada em temível aparência do sublime. Jaz sem chão o apelo, ir além, rever os percalços do quotidiano como elevação ao ser vivo: entre espasmos da doença universal, a guerra, ouvimos plurais metamorfoses do sempre medo.

Dilúvio, essa imagem, ideia aérea do segredo que demove o silogismo em ritmos de espera. Era de prever. Primeiro a luz, fingida, areia tingida de sangue e mar, depois o suor: antes respirar ignorância no catálogo do moderno, melhor sofrer a fraca mediocridade do zelo: como palavra se atinge o esplendor lúdrico.

Rico apostrofar da presença: hoje joga jugos sobre a obra em devir, alternância do crime com estados mais que avançados da excrescência. E da desrazão, do notável movimento da solidão, nasce, como quem desmerece e salva, a ordem: cidade da terra, explosão ideal onde fervem casulos impróprios para o consumo da essência.

Daí ao riso, um passo: solto desmembramento onde a coerência estarrecida desenvolve ágil o roubo como periodicidade e cataclismo. Sôfrego vaivém, a carne emocionada exige Bem de cada articulação desejada, de todo o ar raspa-se em inocência o cio. Não saber agir, mas querer subir em cada prefiguração a mal.

SOPRO FINAL

Da emoção nuclear inverto o cicio, seio
dolente onde respiro a faúlha e o drama,
trauma cardíaco, sopro final. Elevo a hora
entre deslumbramentos de ais, sonhos espaciais
visionados como acidentes da sensibilidade órfã.
Arfo e arrepio-me. Desconheço a epopeia, leio luto
em cada olhar, mesmo se chove e é alegria.
Códigos isentos, a língua sua, inventa alta
o áspero negócio que a cindirá em duas:
meta da metamorfose: ora o simulacro grita, ora
transparece a desdita como figura sem fundo nem
mito. Morde o desespero: sempre a pergunta? Movo-me
homem incapaz de ideia, de sentimento novo,
ovo abortado no tempo do declínio humano:
aspirar é um sinal declinável do medo.
Inspiro desconfiança a mim mesmo: seco de ser,
sirvo de trampolim ao marasmo encanecido que
desvirtua a idade do moderno estremeço tredo.
Frase atómica, não cósmico riso do mesmo,
mas deflagrar do corpo em sucessivos ex-
cessos, quando a alma arde desequilíbrios.
Então, regressado à colmeia do incêndio, preencho
com música de verbos a voz inaudita do fogo, faço
revérberos onde o sol solidifica em versos veros.
Sofro em saber, desloco-me por não viver,
ignoro a força quando a sinto naufrágio
de pestíferas arquitecturas. Sibilina asa
anuncia a denúncia, a história como passado ardor,
pássaro do comovido desfibrar que minimiza a vida.
Sorte a musa, o génio destemperado que arquiva arte
ao diapasão da discordia. Que harmonia,
que desejável possível quando claudica
o sentido do todo? Tudo reivindica, acena
cantos da matéria, materializa um esgar da doença.
Quem escrevo? Por que ateio, se a água deixa de ser
elemento e o ar descobre os seus mericismos pobres?
Não há resposta que viva de salvação:

fica a casa, esta pacacidade provisória
onde o crime se faz sítio e memória.

9/3/81

SERVIL A FOLHA

A tarde tarda, logos seguido de lagos, águas vivas
espanejando a dúvida como força vígil, viril
estremeço da idade. Em casa, ouço triviais ruídos,
vagos vizinhos em preparativos domesticados, ondas
exímias do sossego que desvirtua a ânsia alma.
Mentalmente desperto, mortalmente aperto a imaginação
até obter o riso, o silvo, o tesouro ustulado: gota.

Outra lágrima: quando perece quanto enraivece
a estadia, o exílio, a existência: dados assim lançados
ao esplendor do nenhum objecto capaz de mais.

Mas do que fica, que razão, ou sentimento solidifica para testemunhar que houve aí algo? Algas
da nebulosa, terras achadas onde o ouro ara medos,
subterrâneos desesperos de quem acha a morte.

No meio do dia o dia, a dor selvagem imagem da luz
que paira patética folha de frondosa necessidade.

Mais que nada, nada em silêncio a poeira vetusta,
apocalíptica, deixando em cada sujeito objectos
do desgaste. Um fácil fóssil, um fosso fixo ao umbigo
do tempo. Uma ingente e prolixia asa, uso corrente
de quem não dorme senão dum sono solar metamorfose:
osmose terrível e monstruosa que desobedece ao rito
inimigo, transparência do fedor que ganha, engelha
a própria memória. Assim se ver, vir-se, sentindo ágil
o gatilho, o alvo: hora profiláctica, desmerecer exige
amor, mordaça do absoluto feita ao nada. Surge pois
um inexorável preço: viver de sombra sobra, morrer
húmido e vivo rareia, areia mítica do alto mar.

Entre imagens, como imaginam, teço e terço armas,
exploro a mina, expludo a bomba, excluo a carga poética.

Resta sempre um sobressalto, a excrescência sensível

do pensamento como acção ou desaire. Esgota-se o sangue, a saga destempera-se, segue-se servil a folha onde jaz furiosa a membrana moderna: revelar dizendo quanto compromisso enobrece ou decai, quantos caminhos respiraram a nostalgia do mínimo esforço: procurar demite-se, exortar empalidece, do encontro não se fala, nem se pode calcular a distância alheia. Assim se alardeia uma ideia, emoção ou sensação, assim se perde o domínio da escrita, razão do menos mal.

16/3/81

ABERTA TAUXIA

Já quando se diz quanto se nos esquece aquece o coração, esmorece a raiva, desperta o horizonte onde se viu minguar a estreiteza do cadáver: olhar repercute um tempo do sinal, descobre um silêncio capaz de organizar em si o sinuoso deslize: daí até ao âmago, não se discute a possibilidade, jaz como raiz a sombra de uma atroz atmosfera: era de esperar, mas a ânsia, o degelo, a própria luz transfigurou no que transmitiu o espaço em branco: aí emergem, marcas e ritmos, corpos de crianças, sopros de castigos desvinculados da memória treda: é preciso que a conquista sagre e singre e sugue quanta matéria, se perdida esfera ou desmedida área, engrandece o mito: medo de viver, de morrer horror. Uivo angélico, cada casa tanta asa no descampado hoje poético. Desvelo. Ritual em dó do menor carinho, sempre mulher real no nu devido ao corpo solto. Surto de espasmos, mas onde floresce a arte? Esta pudica pergunta enlouquece, obceca o rodeio nulo que preside ao desbravar do pensamento selvagem. Que imagens, que figuras, que percalços, que acasos? Mas já o quotidiano desassossego grita e cria credos, súplicas ciciadas, arremessos suxos do sexo sepulto em poeiras do moderno desgoverno: perda.

Não a destemida loucura, essa página rubra e rota
do desejo quando arde no corpo insuportável chama.
Apelo à flor do membro, um sangue sem saudável
saliência, cabriolando ralhos e perigos passados,
como se a história não fosse mais que privação:
visão da catástrofe, um veio ctónico no irónico
desfibrar da política vigente, evidente descalabro
para os mais fracos. Há uma ligação marítima entre
a lugente melancolia e a urgente revolta: saber,
exigir, regressar, são as três fases do segredo. Já
exprimir desmente: cada palavra é um objecto obsoleto
no esqueleto furibundo da paginação sumária: viver,
mais que respirar ou desfalecer no gordo gozo,
é sinónimo de ferida, aberta tauzia no peito eleito.
Não se comprehende a visão: gasta-se em acidentes
o esboço sempre inútil de um diapasão amaldiçoados:
dizer mal é todo o bem de quem ganha sua a perda.

16/3/81

FLORESTAS

Não haver piedosas florestas acessíveis
ao olhar, lugares de água onde a leitura
de livros outros que a civilização pudesse ser
construída entre o sonho e a meditação, tempos
mais que livres para, inclinados, abertos,
sentirmos quanto custa respirar e viver.

Há sítios propícios, cantos da terra, zonas sóis
onde o eflúvio do corpo diz e sugere a história
como um filme suspenso no espaço interior.

Longe da azáfama, do rodopio insensível,
homem sem tempo desfriba uma a uma as alegrias
insuspeitas, os partos intelectuais, as formas.

Descobre, quero-o, já que não posso, quanto
de destino é uma folha anímica, sopro nu
instilando na hora os percalços do amor, do ódio:
lugar do fogo, perdição maior onde a cinza cega.

Confesso quanto sinto a falta, o desejo,
o êxtase de viver achado sem naufrágio:
mas dói ignorar o limite em termos humanos: ar
movediço, cada minuto estarrecido dura espanto
em anais científicos, cada espasmo lato
desmente a arquitectura da palavra dó.

Daí pensar, em tardes como esta, sob o amarelo
que luz, na possibilidade remota de um dia ir
sem âmago até ao ponto de clivagem: vir
seria a suprema viagem, o salto, o arco
magnífico de um arrojo: quanto do apelo dilui
a consciência dos súbditos dias, transforma
a miséria inalterável em despojos vis
do mistério, da energia, do magma revolto.
Sim, não haver aqui fáceis florestas, caminhos
de verde entre árvores ancestrais: só e nulo,
produto do descalabro social, esmero
do insubstituível desacordo, se acordo
logo reflichto o nojo como presença estética
do malogro que subsiste encafuado em nós:
nada subjaz, tudo independe do fruto
que se arvora ao desperdício da luz.

18/3/81

POR VEZES

Pensar em mim enquanto ser evola-se pesar,
cada hora traz imagens inacessíveis erros
da consciência como limite, barreira, queda.
Mudo-me entre deflagrações de vazio, momentos
terríveis onde a presença física desmente:
as privações emergem, olhos apensos à dor irreal.
Homem de quotidiano arfar arrependo-me
do gesto mais comum à lei, cada gosto
e todo o sentido desvirtuam a forma nada.
Melhor dizer quanto é, quanto vai: objectos, a rua
diante da casa, o jornal desprotegido elo, ilesos

mecanismos de hoje, família onde quem descobre é.
Trabalho sem memória o cataclismo
e a esperança: viver arremete ausência
no conluio do instinto com o desejo.
Estou desperto e aberto: espero sinais que
escrevo sobre páginas de branco: não saber
grita e cria vozes nucleares, desfigurando.
É uma angústia, um preço: minuto ou eternidade
a vida suspende-se sem êxtase nem luz: brilha
um esquema, existência despedida do intelecto.
Corrupto esforço, leviandade trágica
de quem afirma que pretende sentir o mudo
mundo como uma paz sem reverberos tais.
Logo, pensar de mim esboroa-se: li em livros, leio
agora: imarcescíveis figuras da matéria no tempo,
energias que irrompem falsos climas da clivagem.
Dói não sentir, não vislumbrar aquém
da parede o horizonte cósmico, outro
corpo para a linguagem de todos nós.
Dementes do súbito desconselo nem o soldo
compensa, fortuna ou saúde: mas a raiva vil
engendra um eufemismo onde se possa viver.
Assim: cada dia uma metamorfose sem esplendor,
um dilúvio em ascensão, a recolha do naufrago:
olhos à deriva, truismos rudimentares, ilusões.
Algumas por vezes alegrias: mulheres em
estado de graça, certo vaivém, a estrela
na nebulosa de um sentimento inventado.

20/3/81

A FÓRMULA MÁGICA

Híflare interior: revistas cosidas ao chão,
música extravasando o rádio, papéis novos
pedindo urgência, clamor, terra: escrita má.
Má vida: ora o degelo elo miserável
entre o coração e o pénis prístino,
ora a convulsão de meios e medidas.
Mas a imagem pervagante existe molhada no solo
do exterior. Como clarificá-la, trazê-la quentes
planos até ao dealbar da consciência e do amor?
Palavra brota brutal flor: morte.
Um suor singra sangue: o passado
desflorado, o futuro solto: sorte.
Respira solene a casa onde estou vivendo:
móveis da história hoje, a lâmpada larvar
para o dia chuvoso, este poema peça ígnea.
Não há paralelas nem símbolos, flui,
fácil todo, tudo quanto faz desejar
a fuga do sofrimento e da podridão.
Sol a lua perpassam enigmas como ficar absorto,
os olhos sem sentidos, os mecanismos da memória
fechados num crucial mutismo mimetismo da hora.
Enuncio a paz, o ódio, o cio, o dó:
cada minuto um nuto, arpejo ledo
do total sistema de luta mortal.
Círculos de afagos deslizam imagens nuas
do destino onde o estremeço confunde vis
transformações do quotidiano aprisionado.
Êxtase e medo, a fórmula mágica age
sobre o corpo da escrita devorante,
exige um campo da experiência crua.
Parto a furto engravidado o nó da questão arcana:
como saber, para quê resistir, qual riqueza, como
morrer isento no simulacro terrível da nobreza?
Sulcam os dias rugas, novas ruas,
socalcos do absoluto, planetária
mudança do mesmo: sempre o prazo.
Cósmico riso irradiado do vocabulário: ar
de quem reconhece no filho o pai, esmoler
dignidade para quem sofre cada poema ser.

SUGESTÕES

Viver anagogias profanas dilui o ser fluxível,
instaura no presente torvos mecanismos da febre,
espaços figulinos onde jaz rodopio a exuberância
estreme do crime: carne da revolta, da promessa.

Realidades de luz e distância, vejo como se fosse
a clausa claudicante do terror, ouço solários
áugures onde a voz petrifica o segundo: movimento
seduzido nos livros da mentalidade ignícola.

Ser incoativo, alor trânsfuga do medo muda
forma, espaço reverberado na ilusão ilesa
onde se faz caos a casa de todos os dias:
passos de alguém que sou postremo eu nulo.

Nua odisseia, a polígena teia arca respostas,
caber desvincula-se da gravidade, flutuo furto
nocente do arremesso que mediatisa ráptus ritos:
farto de sentir o pulso, acusmático instinto.

Um canto abriga, abrevia a fome, foge espírito
através das contingências materiais, o corpo
capta directrizes, ondas esurinas, dualidades
clivadas como sugestões icásticas da aparição.

Márido mergulho no desespero; parte do parto
desfaz-se em amálgamas, estilhaços faticanos
do desprezo como guerra, peste, dolo e morte.
Poalha existencial: um arauta sem revertência.

Passar mãos o mito: imarcescível deslize: elo
entre o sono e a vigília: afirmar a diferença
no conluio do sempre mesmo: arreitada implosão,
música de antiquíssimos vagidos: experiência.

Paroxismos: páginas cíclicas do segredo lúrido,
choque de conteúdos contra o só continente:
corpo translúcido distante de sombras assimptotas,
historiando quanto do novo se perde em palavras.

FUNDO DESLIZE

Venéreo silêncio, salaz mergulho: sofre a casa medusas metamorfoses do inquestionável apelo: ponte votiva, querer fazer, através da música, um cadivo destino onde paire absorta a alma definitivamente egressa: arde o sono protetro em mil manifestações do eco que sua sentidos.

Mas não é a casa: eu grito, ímprobo olhar, súbito desprezo pelo corpo: jáculos, ubérrimo desespero, sentimentos ilativos desfazendo o quotidiano: pungente gesto, a ceifa dita drásticos caminhos que trazem ao desconsolo a náusea da terça vida: como desviar a permanência do sofrimento dévio?

Outros corpos, femininos, esquadrinham espaços onde a voz soa toda a fome eubiótica: senti-los fere, coisifica a totalidade, seduz o percalço ao ponto da explosão: margens patéticas do zelo que instiga solecismos onde a escrita deveria espelhar a força da falha, o fardo do falhanço.

Desconheço quem respira, quem cicia choros azuis na hora do espanto: cinza quente, viver, traduzir a máscara em palavras, a carne vígil aceso palco onde quem procura acolhe cenas sédulas do desejo: eu, compromisso físico entre risos interinos, água no simulacro do fogo: mas é outro o elemento elo.

Canhestro pousar de mãos: mais livre exfolio vindícios presságios, inefáveis truismos, gozos que secam o fio: dizer diflui, não é verdade, mas abre, como quem falece, a página casuística onde se perde o ritmo, a fenda húmida capaz de justificar o fundo deslize da catástrofe.

FORÇAS DE MISTÉRIO

Súbito, como uma fraqueza, um desmaio nítido da consciência, paro em carne e osso, fuga precipite onde quem vai corrompe os passos dolorosos da existência. Estar assim traz memórias, vozes do deslize no tempo mítico, rastos de luzes onde a fome dilui a fama que desgoverna o precipício eleito hora.

Como um rodopio, um sussurro indecente olho virado para a luxúria bruxuleante do esgar, a vida adquire formas imperecíveis, modelos devastados pela guerra subterrânea que grassa melodias, medos, mudos espantos feitos homem: casa do silêncio, só o prazer parece efectivo diante da amostra que nem o absoluto abole.

Estado de estudo, esta ausência de mim corre todos os percalços do desterro, imagem máxima onde apogeu a queda se tece o destino fácil. Daí que dizer derrote a derrocada, construa nuamente o lugar da música como percurso alto da sensibilidade delicada da alma: aqui abre-se um espelho: espalha distância, acervo de lágrimas.

Ser de fora fura a ideia de material razão, reduz ao brilho a história apagada do desejo que teima medir as práticas sem quotidiano: ser ágil nada significa: movimento, pulsar elo entre forças de mistério: um corpo por cobrir de cicatrizes ou de gozo, descobertas águas onde o símbolo denuncia o zelo da animalidade.

É um voo: vagido veemente entre o catálogo do mundo e o ardor da terra: fóssil milenar abandonado em campos da experiência amorosa: trata-se de fazer crescer esquecidas sementes: dar aos sentidos mais crédito: compreender até à loucura o poder humano: energia carnal na procura da própria língua, esta mensagem.

GENUÍNO APEGO

Analepse dos sentidos: do detruso olhar
passo ao calor da carne: vagas assertivas
onde revivo mãos femininas, afagos perdidos
na rudeza do prófugo mundo. Um espasmo
cenoso, momento perigoso onde evoluo arte
de quem mais sofre desilusões e caminhos.

Solaz órbita, dizer segundos pacifica
aquele que ama no movimento a mudança
implacável das idades que duram mimetismos.

Jussivo e defeso arrumo a célula umbrosa,
espaço a angústia em sucessivas doses
dum tempo subjectivo: quisera repetir infantil
verbos da clemência, abandonados projectos
da loucura: chama em mim clamores acampitos
onde se destroem épocas, mitos, passagens, ilhas
da felicidade como esquecimento, mágoa.

Mas a realidade dita: sonega percalços:
opila horizontes: dessora energias: circunsona
férrea figura da maldição, um obstáculo sério
para quem deseja merecer a forma de um poema.

Parto assim do reverso do suicídio, sio
tremebundo ao alcance da graça, espero
o sinal indelével do truísmo no asteísmo
que deturpa a força do sentimento tosco:
aí, como um genuíno apego, exploro futuro
quanto de mim se esvai em quotidianos convites,
canções e acções intervaladas por tropeços
onde lei a luz procuro simplificar a dor.

Porque me dizem que minto, de palavras sou mais
que homem ou qualidade intrínseca, antes
perspectiva de linguagem capaz de receber
o tumulto da guerra ctónica que atola corpos
em situações de ausência e de insegurança,
revistos todos os dados da análise actual:
edifícios do medo lerdo, livros explicativos
da fome como convergência anódina da terra
exposta ao terror da destruição humana.

DISTÂNCIA, LUZ, ESPASMO

A impressão pervagante de que a vida
exige-me este trabalho contínuo, esta
folha sulcada de sinais, acenos humanos sobre
paredes de exílio, prisão e fome: surtos novos
de insinuantes memórias, fulgores
de imagens quotidianas mudanças
da sensibilidade exposta aos rumores
e humores do mundo como complexo ego.

Acidentes do destino destroem o tempo lógico,
implantam na consciência o ódio à insegurança
que desmantela o real em páginas
perdidas onde o desejo se revê:

faúlha ora dormente incesto ora brilho
sem revérbero do fogo que queima a carne.

Trazer do mesquinho destino da rotina aprazada
o desgaste dos dias, o zelo das horas, poeirentos
crimes perpetrados não é tarefa,
nem escolha: antes castigo isento

onde quem sofre procura o êxtase difícil
da salvação como limite, força e passagem.

Não admira que as palavras firam: dão essência
ao efémero, atraiçoam o caos, conspiram e agem
como se contivessem universo:

próprio sopro desligado silvo
do homem que se serve, criança vígil
incapaz de amor fora da linguagem: daí
talvez a explicação da minha carreira irônica,
um espaço achado entre sublimes desacordos,
movimentos únicos trampolins
para o alcance como ágil forma
da ousadia e do medo: nem história, nem
confissão: antes distância, luz, espasmo.

Viagem sem esperança entre redes e rodas rudes
como levantar, passar e deixar o muito de si
no pouco que fica: palavras pus,
punhais, pontes, peneiras fictícias
penetrandoo profundo magma: vida, essa voz
volúvel, vertigem do destino no culminante
ponto em que a carne exige subtil morte: mais
tensão, mais além, mais carinho, mais humanidade.

AFLIÇÃO

Das palavras munificente prisioneiro
viajo espaços nitescentes, divirjo quedas
entre símbolos antiquíssimos, metáforas
da vida no apogeu do pensamento disperso.

Gravito ao longo da aprosexia, insisto
na ideia que salvará o sentimento tuitivo,
procuro misturar ao caos a luz hiante
capaz de sigilo ou de abrigo: despeço-me
da forma conspícua e contemporânea asa,
abro um lugar no remoinho das sensações,
desfiro poemas no auge da tristeza para
melhor sentir e viver a angústia moderna.

Mas o mar deflagra, sinais trespassam-me
ondas díspares do real, contradições nulas
ecoam truismos da perdição e miséria:
cada palavra significa afogamento favónio,
falta de ar, fissura e escarificação:
nela nado a fulgênciā da possibilidade,
descubro o doloroso sabor da loucura,
tempo máximo do fora como voo caligante,
distância aberta para os sentidos uivos.

Língua adrega: aparece súbito num virar
da esquina o som, a força, a matéria: age
como novidade e história, exige uma página,
doido apelo sem voz, ou foz sem sombra:
nada existe e tudo persiste, roda, teia, ora
deserto ora lar: escrever não essência,
dói não saber como fugir ou como merecer
mais: nasce do desejo o reverso terso,
onde ir para receber o testemunho ausente?

Branca a página: aflição, um mutismo neutro
vessa a imaginação, dizer parece impossível,
passa um silêncio de augúrios refeces,
urge sair, entrar é forçoso: este magma,
malha e sémen, horizonte tamisado grito
que colmata a esterilidade do destino azo.

Ignorante e ignoscente: custa lançar,
espalhar ao vento a vida mentira e dádiva:
confessar por que não se alcança homem
a perfeição da mudança, o mistério inefável.

ESTAS CASAS

Estas casas abandonadas ao silêncio
de tardes remissas, uma primavera lúcida
filtrada pelo suxo, sesgo, fruste sol, sorte
de quem trabalha árduos arpejos: suja melodia:

exautorada palavra gaivoteando o logro
como quem perfilha um crime minaz: viver
agora o risco do ritmo, a fereza fértil eco
da ausência como capacidade menor de paz.

Rastreio rastos de luz, ouço células cios,
sinto cores no úvido ar: respiro quanto
sortilégio depende da solidão: estar aqui
sussurra odisseias inamissíveis, mostra olhar
ao cego calcorrear do destino, dispõe
para o massacre vítimas cadivas, horas essas
onde o medo tece sulcos sibilinos de nada.

De que serve? Tudo passa no perigo do efémero,
devolve ao tempo a cinza pungente,
dilui em estremecimentos traumas primitivos,
apaga o perímetro do fogo: frágil áscua.

Ficam estas casas: algumas lágrimas, carinhos
impossíveis numa virtual animalidade
que se consente: perto, tão certo como mentir,
turbilhona, zurze, explode o branco sítio
da palavra que por tão evidente falta, falha:
nem sequer angústia ou suor: peso, prisão,
total liberdade do desconhecido que sinala
áleas da metamorfose profunda que grassa
sem lugar nem projecção: memória de superfície.

Casas: quanto de um mísero mim em paredes
pacíficas, nos móveis hirtos fantasmas,
na rotina calculada, passagem de sonhos
estilhaçados em amálgamas febris da ordem.

Que ninguém comprehenda: quero desaparecer
rumo ao solto voo, percorrer as estradas
do alcance, vencer a inséctil barreira
do som: quero tornar-me música, presença, corpo:
achar a queda, descobrir a forma, sentir
suspeitando quanto prefiguro a ausência
como inconsciência do vivido: palavra:
por exemplo, e para simplificar, digo: estas casas.

DANÇO

Agora que o calor invade o corpo
sabe bem passear sob o eterno sol: viver
o minuto como uma personificação da força
que brota sem interstícios mentais.

Pensar sem civilização, escolher palavras
como tecer campos de cultivo, longe apego
ao horizonte sem infância nem memória,
mas alegria da carne que sente.

Agora sabe bem repetir gestos geradores,
passar de mão em pão, beber a luz sonora
capaz de refrigério: nunca sem hoje deixei
de sentir o quotidiano pesadelo.

Paz: a vizinhança é destino, cultura
ingente do povo salaz que perdura azedo
apesar dos crimes perpetrados pelos algozes:
música muda, máxima do desassossego.

Dia onde lares se desfazem e prédios
se levantam, os tais fogos que faltam, folha
irônica do país pasmado da tanta miséria.

Vale a dor saber mal viver?

Desperado pela rádio ouço novas canções
do esquecido apocalipse, estamos fartos,
queremos: instala-se um espaço do desejo,
vazio positivo do meneio instintivo.

Danço, a casa abana, danço, a filha ri,
danço o presente, a flor dos dias, das noites
invento o sussurro, o suor regenerador, a boca
proferindo todos os dislates cegos.

Que do possível sinalizo a fereza, abro
portas para o segredo do homem, debuxo
um som sinal de voz articulando cada poesia
como um passo sem avanço pedagógico.

Sei do que sonho. Pobre como a essência,
se não prefiguro auroras desfiguro demoras,
querer é crer, saibam ao menos o mais
que se infiltra no ódio da morte.

A chama, este calor, o neutro sol: hoje

como quem ama vivo a ousadia: saber, simples
mente merecer a sorte que não me coube:
se caibo neste poema é porque sou.

22/5/81

TERRA

Saio de casa: de sol e vento envolto
sofro o calor e a luz: desço a rua recente,
vejo vizinhos, casas novas, poeiras sedas
para quem como eu não sabe a vida.
Atrás de prédios pacíficos homens velhos
refazem leiras, transportam água, sacham
a terra desprotegida: invejo, mais que julgo,
cada gorada gota de suor: desconheço
o prazer árduo da semente, o cheiro áspero
do estrume: que pensamento acompanha cada
gesto roubado ao ócio, que estranha forma
fabrica o homem da enxada rica?
Terra! espaço espesso da luxúria, agora
florida em partos sem partidas, aberta
textura contendo o mistério, o esconderijo,
o zelo de um sentimento jamais humano.
Leio, por dever e profissão, poemas antigos
onde se poetiza a distância, a indiferença
máscara da natureza que gira e passa,
destituída de gerações históricas.
Deslizam as estações, ciclos perpétuos,
arrasta-se medonha e cruel a vida, nada
para acrescentar, nada a retirar ao cômputo
dos dias, nem ideias nem descobertas.
E não era nada disto. Queria escrever
quanto arrefeço, quanto do passado sobrevive
sem carinho nem esmola, queria dizer
a diferença sem perceber bem porquê!
Que sendo, tudo mudou, muda metamorfose
não só de palavras, mas de carne, este espírito
espúrio guerreiro sem possíveis batalhas:
nó da dor, efluvio severo do futuro.
Porque o importante é a terra: o desejo

de senti-la, sem crescer, explodir árvore, água,
cada fruto, toda a erva: nela sadiamente
minto se quiser rebolar patético homem.
Sol: ninguém fala. Quantos sabem a viagem
diária, por que caminhos, em que céus virgens?
Casamento de fluxos e de erranças chego,
sem partir, ao poema novo, e entro em casa.

28/5/81

ALEGRIA

Alegria, dizer assim, exfiltrada emoção,
renovo claudicante sem passos nem dias,
mas abertura imensa da disposição para amar,
as fugas, os silêncios, as humanas necessidades.
Sincero até ao ponto da ruptura sinto
um campo, solto espaço de riqueza simples,
praça das horas achadas, nessas vilas, cidades
incapazes de orgulho ou de trabalho anímico.
Homem frangível espraião a vontade quente
em recorrer ao silêncio, melhor maneira
de escolher a comunhão como palavra tuitiva,
o gosto do gozo destilado da árdua azáfama.
Ponderoso fim: estremeço sem vísceras acolho
no discurso o suave começo, sem saber, sem
perceber o alcance como máxima luz do ser:
desvelo a casca, azar melódico do método poético.
Assim se desfazem as memórias flentes, assim
se constrói, sem triunfo, a lesta promessa,
um abrigo tímido diante da fereza relapsa
que grassa como lei ou suporte pando do mundo.
Das mãos farei o pensamento, do corpo o brilho
capaz de incendiar as trevas, trazer ao frio
a força do hálito, o deslize do pénis, a vulva
transformadora dos destinos, da pervicaz história.
Direi palavras isentas de hinos, afagos finos,
contos recintos de imaginação dulciloqua,
saberei esperar as respostas humildes, olhos
de sombras, sussurros femininos, castos gritos.
Homem imperceptível ouvirei do quotidiano

os cantos, os singultos, as falas feridas
daqueles que não querem sacrifício nem horror,
juntarei à seiva o rio, a disponibilidade sempre.

Estranha enciclia, que forma para o fogo?

Sinto um marulhar filógino, um riso ardor
que sobe flor, um incerto carinho: quem consigo
ser, no marasmo como na dor, no zelo como no mal?
A procura não acaba: já não da palavra, do sopro,
mas do combusto conviver, da página outra:
tempo de gestação, de favónia meditação, da accção
recorte do intemporal na contingência das coisas.

29/5/81

A LOUCURA

Livre tempo o da procura da palavra
mais conveniente para deixar acasos
emergirem tais necessidades ímpares
do verbo escondido apelo, caos coito.

Agora comprehendo e sinto o nada, o túrbido
ser de tudo quanto rodeia, asfixia, explode
como essência da hora, obra da existencial
demora que se espraia dia a dia horizonte:
destino farto, feliz parto, vil
desmedida: crescer, ver, perecer
vítrima e algoz entre cadernos
sulcados de sangue e segredos.

Certos fogos nunca serão lidos; alguns percalços
permanecerão isentos através das idades; ninguém
saberá onde sofri, onde gozei, que paragens perdi,
que brilhos padeci na feitura do poema exigente.

Só eu sei a loucura, mal
de quem vive a morte, de
quem descobre sem queda
a perda do sentido ágil.

Comunhão: fingir possível a posse da alma língua:
escrever o sinuoso da memória como pátria outra
onde a accção, do presente como do futuro, recolhe
os abraços animais de quem desliza em paralelas.

Tarde para se fazer perguntas:

coração alado velo dourado, ir
sem barco nem avião significa
o conhecimento do preço: dizer.

Calcorrear as palavras pelos caminhos luz,
incapazes de norte, de sorte, da ternura vã
mão apontando o abismo, espelho e casa, elo
extemporâneo com um reconhecimento humano.

Assim me encontro, vivo medo, querido
sobressalto no âmago dos signos: tal
estado destrói a história da poesia:
traz ao eco a efervescência anímica.

3/6/81